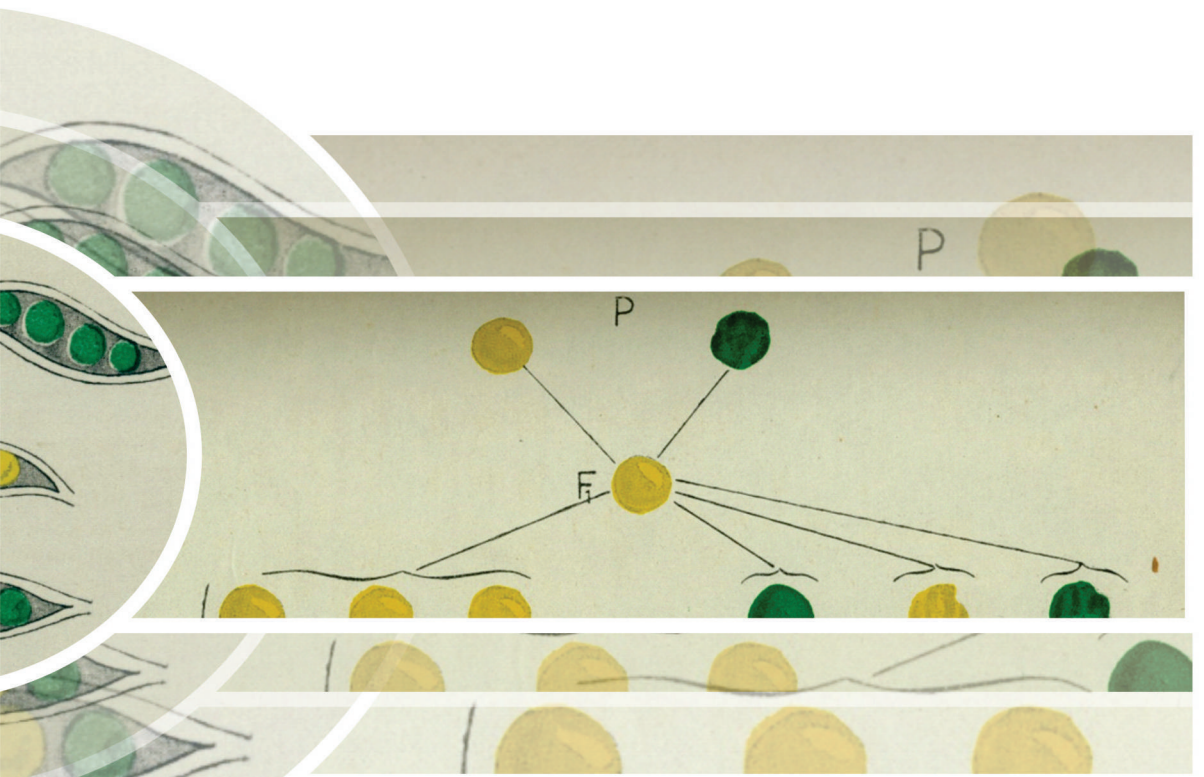
RENATO KEHL E A EUGENIA NO BRASIL

CIÊNCIA, RAÇA E NAÇÃO NO PERÍODO ENTREGUERRAS



Editora UNICENTRO

Vanderlei Sebastião de Souza

RENATO KEHL E A EUGENIA DO BRASIL

CIÊNCIA, RAÇA E NAÇÃO NO PERÍODO ENTREGUERRAS

Editora UNICENTRO
Rua Salvatore Renna, 875, Santa Cruz,
CEP 85015-430 - Guarapuava - PR.
Fone: (42) 3621-1019
editora@unicentro.br
www.unicentro.br/editora

Conselho Editorial da UNICENTRO
Marcos Ventura Faria
Elaine Maria dos Santos
Karina Worm Beckmann
Denise Gabriel Witzel
Maria Salete Borba
Marcos Roberto Kühl
Gabriela Garcia Krinski
Luiz Gilberto Bertotti
Marcos Antonio Quináia
Poliana Fabíula Cardozo
Kátia Cylene Lombardi
Gilmar de Carvalho Cruz
Eduardo Alexandre Santos de Oliveira
Clayton Luiz da Silva
Ruth Rieth Leonhardt
João Francisco Morozini
Sidnei Osmar Jadoski
Marciano Adilio Spica
Luciene Regina Leineker

UNICENTRO
PARANÁ

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA

RENATO KEHL E A EUGENIA DO BRASIL

CIÊNCIA, RAÇA E NAÇÃO NO PERÍODO ENTREGUERRAS

Editora UNICENTRO

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Reitor: Osmar Ambrosio de Souza
Vice-Reitor: Vitor Hugo Zanette
Editora UNICENTRO
Direção: Denise Gabriel Witzel
Assessoria Técnica: Beatriz Anselmo Olinto, Suelem Lopes
Divisão de Editoração: Renata Daletese
Correção: Dalila Oliva de Lima Oliveira
Diagramação: Valmir Dzivielevski Júnior
Capa: Renata Daletese

Catalogação na Publicação
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

S729r Souza, Vanderlei Sebastião de
Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras / Vanderlei Sebastião de Souza - - Guarapuava, 2019
332 p. ; 23 cm

ISBN 978-85-7891-226-0

Bibliografia

1. Eugenia - Brasil - História. 2. Racismo - Brasil - História. I. Título.

CDD 981.65

Copyright © 2019 Editora UNICENTRO
Nota: O conteúdo desta obra é de exclusiva responsabilidade de seu autor.

*"*Não há solução para os males sociais fora das leis da biologia. Não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos. Política econômica, conservadora, democrática, socialista, fascista, comunista, todas essas políticas e formas de governo falham se não se inspirarem nos ditames da ciência da vida. Eis, por que, a política por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia" (Renato Kehl, *Sexo e Civilização: Aparas eugênicas*, 1933).

*"*Em geral, tem-se o hábito de considerar degenerados, mestiços que são apenas doentes ou disgênicos. Não é o cruzamento; é a doença o aspecto débil de muitos deles*"* (Edgard Roquette-Pinto. *Atas do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, 1929).

Agradecimentos

Este livro é resultado da minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, no Rio de Janeiro. Desde a defesa desse trabalho, ainda em 2006, tenho continuamente revisitado a obra de Renato Kehl e as discussões sobre a história da eugenia no Brasil e o debate sobre raça, nação e interpretações do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Apesar do desejo de intervir e atualizar o resultado desse trabalho, preferi publicá-lo sem as revisões que o tempo e o distanciamento necessariamente impõem, mantendo a mesma estrutura e compreensão que lhe deram origem.

Durante a realização desta pesquisa, contei com o diálogo e a colaboração de pessoas e instituições que foram fundamentais para a sua conclusão. Mencioná-las, neste momento, é a melhor forma para exprimir meu carinho e gratidão. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Robert Wegner, pela orientação que originou este trabalho, pela amizade e respeito intelectual e pela parceria que continuamos mantendo em outros projetos de pesquisa. Aos professores e pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz, pelo apoio e estímulo, especialmente àqueles com os quais travei contato mais frequente, como Ana Venâncio, Cristiana Facchinetti,

Dominichi Miranda de Sá, Flávio Edler, Gilberto Hochman, Luiz Antônio Teixeira, Luiz Otávio Ferreira, Magali Romero Sá, Marcos Chor Maio, Nara Azevedo, Nísia Trindade Lima e Simone Kropf.

Agradeço aos funcionários do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), que possibilitaram minha pesquisa no Fundo Pessoal Renato Kehl, arquivo que, durante a escrita deste trabalho, ainda se encontrava em processo de organização. Aos funcionários da Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, da Biblioteca de Manguinhos, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da Biblioteca Histórica do Museu Nacional/UFRJ, sou imensamente grato pela ajuda com a localização de livros, periódicos e outras tantas fontes documentais.

Aos professores Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos, membros da banca de mestrado, agradeço pelas inúmeras contribuições, pelo diálogo e seriedade apresentados durante a defesa deste trabalho. Ricardo Ventura Santos, mais do que um membro da banca, tornou-se um efetivo interlocutor e parceiro de pesquisa.

Devo um agradecimento especial para minha namorada e companheira Margarete Milani, pelo carinho e amor compartilhado. Tenho muito a agradecer também aos amigos que encontrei no Rio de Janeiro, e com os quais mantive uma agradável convivência pessoal e intelectual por quase 10 anos, em especial a André Felipe Cândido da Silva, Fernanda Delvalhas e Josiane Roza de Oliveira. Aos amigos, professores, funcionários e alunos da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-Pr), instituição na qual atuo desde 2013, pelo suporte e incentivo para a publicação desse livro.

Não poderia deixar de agradecer à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nìvel Superior), pelo financiamento da pesquisa que deu origem a este livro, sem o qual a realização deste trabalho se tornaria uma tarefa bem mais difícil.

SUMÁRIO

15 PREFÁCIO

27 INTRODUÇÃO

45 CAPÍTULO I

A EUGENIA NO BRASIL E A QUESTÃO SOCIAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

49 A QUESTÃO SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO DO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

59 O MOVIMENTO EUGÊNICO BRASILEIRO NOS ANOS 1910 E 1920

78 EUGENIA, SANEAMENTO E NEOLAMARCKISMO

96 EUGENIA, RAÇA E IDENTIDADE NACIONAL NOS ANOS 1920

111 CAPÍTULO II

RENATO KEHL: UM EUGENISTA EM FORMAÇÃO

116 O ENCONTRO COM A EUGENIA

125 A CONSOLIDAÇÃO DE UM PROJETO

142 A AMPLIAÇÃO DA REDE DE INTELECTUAIS

152 SANEAR É EUGENIZAR

165 A EDUCAÇÃO HIGIÊNICA E A EUGENIA "PREVENTIVA"

187 CAPÍTULO III

A HORA DA VIRADA: A "HIGIENE RACIAL" ALEMÃ E AS *LIÇÕES DE EUGENIA*

192 COM OS PÉS NO BRASIL E OS OLHOS NA EUROPA

213 AS LIÇÕES DE EUGENIA E A INFLUÊNCIA DA "HIGIENE RACIAL" ALEMÃ

237 CAPÍTULO IV

"QUEM É BOM JÁ NASCE FEITO": A EUGENIA "NEGATIVA" E O RACISMO CIENTÍFICO EM RENATO KEHL

241 EUGENIA, GENÉTICA MENDELIANA E DETERMINISMO BIOLÓGICO

271 EUGENIA, MISCIGENAÇÃO RACIAL E IMIGRAÇÃO

297 CONCLUSÃO

311 REFERÊNCIAS

313 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

321 FONTES DOCUMENTAIS

321 ARQUIVOS E BIBLIOTECAS PESQUISADOS

321 LIVROS, TESES, ARTIGOS E FOLHETOS

PREFÁCIO

Este livro tem origem na pesquisa de mestrado de Vanderlei Sebastião de Souza sobre Renato Kehl. Contudo, é mais que uma dissertação e não se restringe a uma personagem. Costumamos entender que, de uma dissertação de mestrado em História, não se espera uma tese inovadora, mas "apenas" um trabalho sobre tema bem delimitado, realizado em constante diálogo com a bibliografia e com pesquisa de novas fontes – o que, na realidade, não é pouco. O trabalho de Vanderlei é isso, mas sustenta também uma tese inovadora.

A primeira parte do livro, constituída por dois capítulos, poderia ser considerada, por si só, uma excelente dissertação de mestrado. O autor realiza cuidadoso diálogo com a bibliografia, tanto a relativa ao movimento eugênico internacional – e aqui o livro *The Wellborn Science* (1990), editado por Mark Adams é crucial – , quanto com a que diz respeito à eugenia no Brasil, com lugar especial para Nancy Stepan – tanto o capítulo publicado no volume organizado por Adams, quanto seu livro publicado em 1991, *The Hour of Eugenics*.

Corpo a corpo com a bibliografia, Vanderlei alinhava sua minuciosa investigação das fontes fortalecendo as teses de Mark Adams de que a eugenia, por um lado, não deve ser tratada como pseudociência – pois foi abraçada por cientistas institucionalizados de diferentes países no período do entreguerras – e, por outro lado, deve ser compreendida em suas especificidades em cada contexto nacional. Neste caso, Vanderlei reforça a tese de Nancy Stepan de que a eugenia no Brasil, numa tradição científica tributária da França, pode ser caracterizada como uma "eugenia latina". Esta, fundamentada em pressupostos neolamarckistas e sua crença na herança dos caracteres adquiridos, irmanava-se aos movimentos em prol do sanitarismo, da educação e da higiene. Além disso, ainda com

Stepan, Vanderlei reforça a tese de que a eugenia só pode ser compreendida se percebida, ao mesmo tempo, como movimento científico e social. Por tudo isso, o leitor já tem em mãos um excelente estudo introdutório sobre a eugenia no Brasil, que é apresentada de forma relacionada com o movimento em outros lugares do mundo.

A segunda parte do livro, também constituída de dois capítulos, corresponde ao que se costuma esperar de uma tese de doutorado. A partir de minuciosa pesquisa no Fundo Arquivístico Renato Kehl, depositado na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Vanderlei argumenta que ocorre uma virada nas posições do eugenista em torno do ano de 1928, quando esse autor deixa de considerar eugenia e sanitarismo como sinônimos e se afasta de antigos aliados, buscando tornar a eugenia uma ciência independente e distinta. Essa virada está ligada ao seu contato direto com a "higiene racial" alemã e com movimentos eugenistas de países nórdicos, o que o levou a se aproximar também da eugenia norte-americana e da figura emblemática de Charles Davenport.

Nessa parte do livro, o diálogo com Nancy Stepan permanece, mas agora para apontar que, se essa autora dá conta de parte da história da eugenia no Brasil, a partir especialmente do final da década de 1920, as teorias mendelianas da hereditariedade ganham força no meio científico, bem como um grupo de eugenistas se distancia da defesa de medidas preventivas e passam a defender medidas eugênicas mais radicais. Assim, no movimento eugênico brasileiro houve, também, vozes que defenderam medidas de eugenia "negativa", como o impedimento da reprodução daqueles que consideravam "inaptos". E, ao que diz respeito à "eugenia positiva', essas vozes propugnaram o incentivo à procriação dos considerados

superiores, bem como uma política de imigração seletiva que impedissem o ingresso, no país, de raças consideradas por eles inferiores. Abordado no capítulo 4, o tema da imigração e da raça é eleito por Vanderlei como crucial para entender as linhas de força das ideias eugênicas no Brasil no emblemático Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929.

Na primeira parte do livro, portanto, Vanderlei faz uma contribuição importante para a história da eugenia no Brasil e, em diálogo com a bibliografia, acaba por somar-se a ela. Na segunda parte, não apenas realiza essa integração, como provoca uma reconfiguração das teses já estabelecidas. Sendo assim, ouso chamar o livro de um clássico, no sentido de que é obra que dialoga com seus antepassados e, ao abordá-los, dá novo sentido às suas proposições. Exemplifico isso colocando, ao lado do livro de Nancy Stepan, a importante dissertação de mestrado escrita por José Roberto Franco Reis, *Higiene mental e eugenia*, defendida em 1994, sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental.

Enquanto a primeira autora, como vimos, defende a tese de que a eugenia no Brasil se caracterizou pela sua simpatia por medidas de caráter social e ambiental e por um otimismo em relação à conformação biológica da população, Franco Reis argumenta que os psiquiatras, reunidos em torno da Liga Brasileira de Higiene Mental, que contou, aliás, com a participação de Renato Kehl, defenderam, especialmente, a partir do fim da década de 1920, medidas mais radicais, tendo discutido extensamente, nas páginas de seu periódico, os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, a esterilização dos considerados incapazes, entusiasmados que ficaram com a lei de esterilização assinada por Hitler em julho de 1933, que entrou em vigor, na Alemanha, em janeiro do ano seguinte.

Lidos lado a lado, como capítulos da história da eugenia no Brasil, a interpretação de Nancy Stepan e a dissertação de Franco Reis parecem não se encaixar, ou mesmo contradizer uma à outra. A leitura do trabalho de Vanderlei, creio, repõe, em quadro mais amplo os dois trabalhos, pois, em primeiro lugar – logo no primeiro capítulo –, Vanderlei argumenta que, exatamente por ser multifacetada e polimorfa, a eugenia esteve tanto próxima do movimento sanitarista, como também da medicina legal e da psiquiatria. Em segundo lugar, por meio da trajetória de Renato Kehl, percebido não como um átomo, mas em constante relação com eugenistas de outras partes do mundo e com os movimentos científicos e intelectuais brasileiros, é possível compreender tanto a entrada das ideias eugênicas no Brasil, no fim da década de 1910, em um terreno fértil de nacionalismo e otimismo médico reunidos no movimento sanitarista, quanto a sua radicalização no final dos anos de 1920.

No primeiro caso, a proximidade de Renato Kehl dos sanitaristas, Belisario Penna, por exemplo, e seus trabalhos no Departamento Nacional de Saúde Pública entre 1919 e 1927, dão força à tese de Stepan sobre o modelo de eugenia suave, ao estilo latino, predominante no Brasil. No segundo caso, a radicalização do eugenista, após 1928, ajuda a compreender a eugenia mais radical, adotada pelos psiquiatras reunidos em torno da Liga Brasileira de Higiene Mental estudada por Franco Reis. Ou seja, o livro de Vanderlei permite que os autores que escreveram antes dele sejam relidos de maneira renovada e, ao mesmo tempo, que relativizados, revitalizados.

Isso para não falar dos estudos posteriores aos trabalhos de Vanderlei, pois, se sua dissertação foi defendida em 2006 e só agora é publicada, sua circulação nesses últimos anos

foi notória e participou da revitalização dos estudos históricos sobre eugenia no Brasil. Nesse sentido, é um clássico também na outra ponta, pois, ao mesmo tempo em que reposicionou a literatura anterior, passou a fazer parte da literatura obrigatória a todo aquele que pretende estudar o movimento eugênico e temas afins, além do próprio pensamento social brasileiro entre as décadas de 1910 e 1930. Para não comentar estudos posteriores, anoto apenas que, no texto de balanço sobre os estudos de eugenia no Brasil, escrito por Nísia Trindade Lima, Gilberto Hochman e Marcos Chor Maio, para o *The Oxford handbook of the history of eugenics*, publicado em 2010, a pesquisa de Vanderlei, que agora ganha forma de livro, ocupa um lugar nada irrelevante.

Aliás, esses autores também grifam a importância de Edgard Roquette-Pinto para a compreensão mais ampla da história da eugenia no Brasil. Esse autor foi tema de estudo de Vanderlei no doutorado, resultando em tese defendida em 2012, que, premiada pela Associação Nacional de História (ANPUH), foi publicada em livro em 2017. Por ora, chamo a atenção apenas para o fato de que o leitor encontrará Roquette-Pinto no presente livro, ocupando, em realidade, um papel crucial de oposição à eugenia radical de Renato Kehl, em um debate explícito no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Nessa altura, esse debate já anunciava mais um problema de pesquisa que Vanderlei veio a enfrentar posteriormente e que me parece crucial, não apenas para o entendimento da história da eugenia e da antropologia no Brasil, como também para a historiografia das ciências e sua reflexão acerca da relação entre teorias científicas, sociedade, cultura e ideário político de cientistas e intelectuais.

A trajetória de Renato Kehl demonstra que ele se descola do quadro interpretativo armado por Nancy Stepan, na medida em que passa a criticar a crença na herança dos caracteres adquiridos, própria ao neolamarckismo, e – reativando a teoria de Weismann da continuidade do plasma germinativo, aliada à teoria hereditária de Mendel – passa a propugnar medidas de uma política puramente biológica de melhoria da raça. Por outro lado, em outro percurso, a partir de um movimento semelhante de total adequação às teorias mendelianas, o antropólogo Roquette-Pinto manteve-se ao lado dos que lutavam pela melhoria das condições de saneamento e pela educação da população. Portanto, o embate entre os dois autores, no Congresso de Eugenia, deu-se menos entre teorias científicas antagônicas, do que entre ideários de nação e projetos políticos.

A eugenia é um tema nada fácil de ser estudado. É de difícil apreensão cognitiva, pois, sendo um movimento científico e social, quem se dispõe a estudá-la necessita refletir tanto sobre as relações entre cientistas e sociedade, como compreender por dentro as teorias biológicas sobre a hereditariedade. Além disso, essa complexidade na relação entre teorias científicas e sociedade produz a diversidade de configurações do movimento eugênico em diferentes contextos, como apontou Mark Adams. Contudo, para além disso, a eugenia é um tema difícil porque provoca paixões.

Para usar uma imagem do boxe, é difícil guardar a distância exata do adversário. Por um lado, como se encontram traços de discursos eugênicos da primeira metade do século XX na contemporaneidade, especialmente a partir dos avanços das pesquisas genômicas e da hereditariedade, é tentador se pensar que a melhor maneira de estudá-la, no passado, seja denunciar sua continuidade no presente. Essa atitude acaba

por fazer perder de vista as especificidades históricas, como a se supor que a melhor estratégia para vencer o adversário seja buscar constantemente o *clinch* – aquele recurso usado pelo boxeador que consiste em se abraçar ao adversário para que, ao mesmo tempo em que não seja atingido por ele, tenha a sensação de que tem a luta sobre controle. Contudo, falsa ilusão, o *clinch* não permite que se atinja o adversário e nem mesmo o enxergue muito bem.

O risco inverso, no seu extremo, é analisar a eugenia como algo perfeitamente localizado historicamente e como um ponto fora da curva na história das ciências, como se seu estudo histórico não interpelasse nosso tempo. Aqui o risco não é menos problemático, pois o estudo ascético do tema provoca tal distanciamento do adversário que é impossível atingi-lo. Retornando da metáfora, é difícil atingir tanto suas permanências e mesmo alcançar uma compreensão histórica do movimento, posto que o bom historiador é aquele que interpela o passado com questões, e estas só podem ser formuladas a partir do presente.

Creio que, nesse ponto, Vanderlei consegue estabelecer uma postura exemplar. Sem perder de vista, em um momento sequer, a localização histórica dos autores discutidos, especialmente Renato Kehl, guarda uma distância histórica – "o passado é um país estrangeiro" (Lesley Hartley). Ao mesmo tempo, dá tal vivacidade aos debates da época que faz ecoar suas vozes para além do seu tempo, fazendo o leitor lembrar que – com outras teorias e outras tecnologias – aspectos do debate sobre o melhoramento biológico dos humanos se faz presente hoje. Para retornar à metáfora do boxe, Vanderlei faz a boa luta, pois evita o *clinch* e o consequente embaralhamento entre o debate contemporâneo e o do entre-guerras, e, por outro lado,

não se distancia do adversário a ponto de não poder alcançá-lo. Vanderlei marca a distância, esquiva-se quando é preciso, mina o adversário e, nos momentos oportunos, acerta cruzados e diretos.

Já que fiz uso de uma metáfora para descrever a análise empreendida por Vanderlei, sinto-me obrigado a citar exemplos. Pois bem, um bom cruzado de Vanderlei é o uso criativo das reflexões de Pierre Bourdieu para tratar da eugenia como um campo científico relativamente heterônimo, e que teria sido com essa percepção que Renato Kehl teria se movido, buscando aliados dentro e fora do campo científico. O uso de Bourdieu, creio, ajuda a pensar a proposição de Stepan, de a eugenia constituir-se como ciência e, ao mesmo tempo, como movimento social. A abordagem um pouco mais detalhada sobre a noção de campo científico, em Pierre Bourdieu, encontra-se no final do segundo item do Capítulo II, e a discussão teórica reaparece em outros momentos do livro de modo alinhavado com o argumento historiográfico e a análise das fontes. No final do segundo item do Capítulo III, a reflexão teórica reaparece para Vanderlei argumentar que a crítica do antropólogo Álvaro Fróes da Fonseca, dirigida à eugenia radicalizada de Renato Kehl, ganha eficácia, não apenas, mas também por vir de uma Antropologia fortemente institucionalizada no Museu Nacional, uma ciência mais autônoma que a de Renato Kehl. Esse é apenas um exemplo de uma direta deferida na engenhosa argumentação de Vanderlei. Nesse caso, demonstra que Renato Kehl perdeu suas apostas tanto na esfera política, quanto na científica.

Por fim, vale observar que a escrita de Vanderlei não é um mero detalhe para atingir seus objetivos e aquilo a que, a partir da metáfora do boxe, chamo de boa distância do objeto de análise. Além de ser um livro bem escrito e, embora denso,

de agradável leitura, atinge uma técnica exemplar na articulação entre o desenvolvimento do argumento e a utilização das fontes. Vanderlei não esquece que, por mais eloquentes que sejam, as fontes não falam por si. Assim, evita longas citações e, ao contrário, constrói uma cuidadosa escrita na qual sua voz está entrelaçada às palavras dos autores abordados. Além de envolver esforço e concentração ao escrever, essa prática só é possível porque o autor sabe onde quer chegar, qual é o seu problema e sua hipótese, e também porque tem um amplo domínio das fontes a que se dedicou.

Como disse, comento sobre a escrita do livro não como uma forma que apresenta bem o conteúdo, mas como algo que faz parte dele. Pois é exatamente essa escrita que produz o efeito de nos sentirmos lá, em meio aos embates do Congresso de Eugenia, em 1929. Portanto, sabemos que o autor está a falar do passado. No entanto, é tal a vivacidade desse passado, que nos lembra a todo tempo que novos debates – não os mesmos, mas que trazem questões éticas tão fundamentais quanto – estão a ocorrer aqui, agora, em alguma instituição científica ou política. E aparecem como notícias nas páginas dos jornais e da Internet.

Robert Wegner
Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz

INTRODUÇÃO

Em 1865, poucos anos após a leitura de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, o cientista britânico Francis Galton, primo de Darwin, publicou dois artigos na *Macmillan´s Magazine,* em que pretendia provar que a inteligência e as habilidades humanas não eram funções da educação e do meio, mas sim da hereditariedade. Quatro anos depois, esses artigos foram expandidos e transformados no livro *Hereditary Genius*, dando origem às discussões sobre o controle da reprodução humana e o papel da seleção social na preservação das "boas gerações". Com essa obra, Galton introduziu um conjunto de ideias que, em 1883, denominou de eugenia: "a ciência da hereditariedade humana". Suas concepções eugênicas sobre o melhoramento racial se associaram intimamente às discussões sobre evolução, seleção natural e social, progresso e degeneração, conceitos fundamentais que constituíram os ideários científicos e sociais no final do século XIX.[1]

No início do século XX, já existia a convicção, no campo da biologia e das ciências biomédicas, de que tanto as doenças comuns, como a tuberculose e a sífilis, quanto as doenças mentais, o alcoolismo, a criminalidade e os comportamentos sociais em geral, eram determinados fundamentalmente pela hereditariedade. Após a divulgação dos trabalhos de August Weismann e a redescoberta das leis de Gregor Mendel – que, de maneira geral, confirmavam as noções galtonianas sobre hereditariedade - os pressupostos eugênicos de Francis Galton rapidamente passaram a ser difundidos mundo afora. Ainda na primeira década do século XX, começaram a surgir, na Europa

1. O historiador Daniel Kevles apresenta uma interessante análise sobre a trajetória intelectual de Francis Galton e o contexto científico e social em que emergiram as ideias eugênicas no final do século XIX (KEVLES, Daniel. Francis Galton, Founder of the Faith. In: _____. *In the name of eugenics*: genetic and the uses of human heredity. New York: Kopf, 1995, p. 03-19).

e nos Estados Unidos, as primeiras sociedades eugênicas, como a Sociedade Alemã para a Higiene da Raça, fundada em 1905, em Berlin; a *Eugenics Education Society*, de Londres, organizada em 1907; a *Eugenics Record Office*, criada em Nova York, em 1910; além da *Société Eugénique Française*, fundada em 1912, em Paris. Essas organizações visavam, por um lado, realizar pesquisas genéticas de forma acadêmica e científica e, por outro, discutir e promover projetos de engenharia social, políticas e leis que incentivassem a implantação das ideias eugênicas.[2]

O Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1912, ocorreu num contexto de expansão do imperialismo, do nacionalismo e do racismo, aspectos decisivos para os eventos que conduziriam à Primeira Guerra Mundial. Organizado pela *Eugenics Education Society*, de Londres, o congresso reuniu mais de 750 cientistas e intelectuais de diferentes nacionalidades, inclusive com representantes da América Latina, como o eugenista Victor Delfino, da Argentina. Nos anos que se seguiram, a doutrina de Galton havia se popularizado em várias partes do mundo, possibilitando que os argumentos eugênicos se traduzissem em ação efetiva no meio social. No período, conforme explica a historiadora Nancy Stepan, a eugenia "positiva" imaginada por Francis Galton, que privilegiava incentivos à reprodução dos indivíduos de "boa estirpe", perdia espaço mediante a expansão dos programas de eugenia "negativa",[3] que tinham como objetivo controlar, a

2. STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005 [1991], p. 36.

3. Os eugenistas classificavam as medidas eugênicas como "preventiva", "positiva" e negativa". Conforme a definição de Renato Kehl, a "eugenia preventiva" consistia em combater os "venenos raciais" responsáveis pela degeneração humana, como o álcool e o tabaco; "fazer a profilaxia das moléstias epidêmicas e endêmicas", bem como praticar a higiene e o saneamento em todos os seus aspectos. A "eugenia positiva", por sua vez, "cuida, por excelência, da boa gera-

partir de medidas radicais, a reprodução dos "inadequados".[4] Além dos métodos de controle matrimonial, segregação dos inadequados e a seleção eugênica dos imigrantes, muitos eugenistas passaram a defender a prática da eutanásia e as leis de esterilização involuntária, principalmente no norte da Europa e nos Estados Unidos.[5]

No entanto, a eugenia não pode ser vista como um movimento homogêneo e singular, cujas ideias e objetivos se definiram a partir de interesses e projetos comuns. Até pelo menos o final dos anos 1980, conforme explica o historiador Mark Adams, nossa percepção em relação à eugenia tinha sido dominada por esteriótipos que persistiam desde a Segunda Guerra Mundial, sobretudo aquela que ligava a eugenia ao nazismo. Recentes estudos sobre a história da eugenia realizados em países como Alemanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Rússia e Brasil, apontam para uma notável diversidade de ideias, discursos e medidas eugênicas que surgiram em

---

ção; é favorável à educação dos jovens no que diz respeito à sua educação sexual [...]; se incumbe também da educação física, do avigoramento pelas regras da boa higiene, dos exercícios bem compreendidos e praticados". Por outro lado, a "eugenia negativa" propunha um rigoroso controle sobre os meios de reprodução humana, proibindo o matrimônio de indivíduos considerados "inaptos" ou "anormais"; é responsável, ainda, pela formulação de leis que restrinjam a imigração e que apliquem a esterilização (KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. op. cit, 1919).

4. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p.37

5. As primeiras leis de esterilização surgiram nos Estados Unidos em 1907, muitos anos antes da eugenia nazista entrar em vigor na Alemanha, a partir de 1933. No final dos anos 1920, a esterilização involuntária já havia sido aprovada em pelo menos 24 Estados norte-americanos, sendo que a maioria das esterilizações foi aplicada em indivíduos pobres, negros e doentes mentais. No total, mais de 70 mil indivíduos foram involuntariamente esterilizados nos Estados Unidos até os anos 1940. Na Europa, essa medida foi introduzida no final da década de 1920, sobretudo nos países nórdicos como a Suécia, Dinamarca e Alemanha (idem, p. 37-38).

diferentes regiões do mundo.[6] Nas palavras de Mark Adams, a eugenia deve ser vista como um complexo de ideias que se reconfigurou em razão dos diferentes contextos sociais, políticos, científicos e institucionais a que esteve relacionada.[7]

Segundo Mark Adams, até recentemente, a eugenia foi considerada como uma pseudociência, um conhecimento baseado numa visão tendenciosa e não objetiva. Tal concepção mascarava, portanto, o endosso generalizado que proeminentes cientistas, médicos e ativistas sociais haviam conferido a questões emblemáticas sobre a natureza política e ideológica que envolvia os pressupostos das ciências biológicas.[8] Do mesmo modo, esse autor ressalta que as ideias eugênicas não devem ser tomadas como um discurso que foi essencialmente defendido por políticos e intelectuais ideologicamente de direita, representantes de setores conservadores e reacionários. Tanto na Europa quanto na América, a eugenia foi assumida por líderes de diversas orientações políticas, inclusive por eugenistas progressistas, liberais, comunistas e socialistas.[9] Como alertou Zigmunt Bauman, os projetos de engenharia social como a eugenia, por exemplo, não foram produtos alheios à nova ordem racional da civilização ocidental, nem o preço pago por utopias políticas alheias ao espírito da modernidade.[10] Ao contrário, argumenta esse sociólogo, "foram produto legítimo do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição que foi, por toda

6. ADAMS, Mark. Toward a comparative history of eugenics. In: _____ (org) *The wellborn science*: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 218.
7. Idem, p. 222-224.
8. Idem, p. 219.
9. Idem, p. 220.
10. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 38.

parte, a mais eminente marca da era moderna", daquela crença de que os problemas sociais poderiam ser finalmente resolvidos pela intervenção racional da ciência.[11]

Ao longo das décadas de 1910 a 1940, a ciência eugênica não apenas encorajou a administração científica e racional da composição hereditária humana, como introduziu também novas ideias sociais e políticas potencialmente explosivas.[12] Além das discussões sobre raça, gênero, matrimônio, imigração e a formação das identidades nacionais, a eugenia apresentou noções cientificamente fundamentadas que procuravam justificar as diferenças entre os indivíduos biologicamente "superiores" e "inferiores", entre os "aptos" e os "inaptos". Assim, segundo Nancy Stepan, como movimento social e científico que foi, a eugenia possibilita aos historiadores compreender a maneira pela qual a ciência produziu percepções e técnicas que conformaram interpretações culturais e levaram ao desenvolvimento de estratégias políticas e sociais. Em outras palavras, a história da eugenia permite ver a ciência como um instrumento de imensa autoridade social no mundo moderno, "como uma força produtiva que gera conhecimento e práticas que conformam o mundo em que vivemos".[13]

Vista como símbolo de modernidade, os intelectuais latino-americanos também se encantaram com o fascínio que a eugenia despertava como instrumento de reforma social. Todavia, ao contrário da eugenia "dura" que se desenvolvia nos Estados Unidos e no norte da Europa, a ciência eugênica da América Latina se caracterizou, como demonstrou Nancy Stepan, por um discurso mais "suave", muito mais preocupado

11. Idem.
12. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 09.
13. Idem, p. 17.

com as questões sociais e ambientais do que com os aspectos eminentemente biológicos.[14] No Brasil, assim como em outros países da região, o movimento eugênico começou a ser organizado logo após a Primeira Guerra Mundial. Formado por médicos, higienistas, juristas e educadores, o campo eugênico brasileiro concentrou suas atenções nos graves problemas sociais, como o saneamento, a higiene, a saúde pública e a educação. Por outro lado, as ideologias raciais e as discussões sobre a formação da nacionalidade, também motivaram sobremaneira as ideias eugênicas no Brasil, já que o país era considerado uma das nações mais miscigenadas do mundo. De maneira geral, o programa eugênico brasileiro se definiu pela divulgação de medidas oriundas da "eugenia preventiva", cujas propostas visavam ampliar as reformas do ambiente social. Fortemente influenciado pelas noções da hereditariedade neolamarckiana, e matizado por expectativas otimistas, a grande maioria dos eugenistas acreditava que as mudanças do meio resultariam no melhoramento permanente das futuras gerações.[15]

Contudo, a despeito do predomínio da tradição médico-sanitarista, alguns eugenistas brasileiros, liderados por Renato Kehl, passaram a defender a partir do final dos anos 1920 concepções eugênicas mais radicais, como as medidas sugeridas pela "eugenia negativa". Neste período, além das discussões sobre a restrição da imigração, da obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial e do controle matrimonial, parte dos eugenistas incluía em seu cardápio eugênico a esterilização dos indivíduos considerados "inaptos" e a segregação de

14. Idem, p. 76-78.

15. STEPAN, Nancy. A eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 331-391.

doentes mentais, negros e mestiços. O declarado determinismo biológico que sustentava a "eugenia negativa" não foi recebido sem polêmicas e críticas por parte dos próprios integrantes do movimento eugenista.

É precisamente nesse contexto que a presente análise sobre a história da eugenia se insere. Este livro pretende investigar a trajetória intelectual e o pensamento do médico e eugenista Renato Ferraz Kehl (1889-1974), o principal representante do movimento eugenista brasileiro e latino-americano entre o final dos anos 1910 e o início da década de 1930. Buscarei compreender os debates científicos, políticos e sociais com os quais este autor se envolveu ao longo desse período, além dos significados que suas ideias eugênicas apresentaram para as discussões sobre aquilo que os intelectuais brasileiros consideravam os principais problemas nacionais, como as questões relacionadas à saúde pública, à falta de higiene, ao analfabetismo e à formação racial da nação. Trata-se de analisar também as próprias ideias, concepções e conceitos que guiaram o pensamento eugênico brasileiro, em geral, bem como o papel desempenhado por Renato Kehl na organização desse movimento científico e intelectual.

Como principal propagandista da eugenia, Renato Kehl esteve no centro das discussões que constituíram o campo eugênico brasileiro, tanto nos anos 1920 - quando assumiu o ideário sanitarista -, quanto no início dos anos 1930 - período de radicalização de suas concepções eugênicas. Como pretendo demonstrar nesta obra, no período entre-guerras, suas atividades intelectuais foram exaustivamente dedicadas à divulgação das ideias eugênicas e à organização do movimento eugênico brasileiro, tendo criado, em 1918, a primeira sociedade eugênica da América Latina, a Sociedade Eugênica de São

Paulo. Ao longo de sua trajetória, Renato Kehl procurou manter contato permanente não somente com eugenistas nacionais e estrangeiros, mas também com instituições científicas de várias partes do mundo, procurando formar uma ampla rede de interesses em torno das propostas eugênicas. De maneira geral, sua extensa obra se destacou pela obsessão em torno do projeto de regeneração eugênica da "raça nacional", voltando sua atenção para um amplo debate sobre a constituição biológica do homem brasileiro e a formação da nacionalidade.

O objetivo central deste livro é analisar os fatores que motivaram as mudanças de concepções que orientavam o pensamento de Renato Kehl a partir do final dos anos 1920, aquilo que considero como uma ruptura que possibilitou a radicalização de seu projeto eugênico. Nesse período, ao mesmo tempo em que se distanciava do movimento sanitarista brasileiro e dos pressupostos da "eugenia preventiva", Renato Kehl aumentava sua aproximação em relação às medidas eugênicas mais "duras", como as da "eugenia negativa", que, desde o início do século XX, vinham se desenvolvendo em países do norte da Europa e nos Estados Unidos. Sua viagem de cinco meses à Alemanha, realizada em abril de 1928, um ano após o seu desligamento do Departamento Nacional de Saúde Pública, o colocou em contato com um conjunto de novas ideias que despertaram sua simpatia por um programa mais radical de eugenia, ao estilo da "higiene racial" alemã. A partir de então, seu contato com eugenistas alemães, suecos, noruegueses e norte-americanos aumentaria significativamente, possibilitando que esse autor se inserisse naquilo que chamo de uma rede internacional de eugenistas.

A passagem dos anos 1920 para os 1930 foi marcada, em várias partes do mundo, não somente pela

efervescência das ideias eugênicas como pela radicalização de seus pressupostos, o que reforçou o determinismo biológico, o racismo científico e a implantação de medidas segregacionistas, autoritárias e restritivas[16]. No Brasil, esse período caracterizou-se pela ampliação das discussões eugênicas entre os intelectuais e cientistas, culminando com uma série de polêmicas que viriam à tona durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado na Capital Federal, em 1929. Tal contexto possibilitou uma certa reconfiguração do movimento eugênico no país e do próprio lugar que Renato Kehl ocupava no interior desse campo científico.

Fruto da iniciativa de médicos, higienistas, antropólogos, jornalistas e educadores, o movimento eugênico se constituiu no Brasil como um campo científico complexo e fragmentado, cuja principal característica se definiu pelo seu caráter polimorfo e multifacetado. Empregarei, neste trabalho, a ideia de campo científico, conforme as análises apresentadas por Pierre Bourdieu. Contudo, não se trata, aqui, da noção clássica de campo autônomo, visto como um microcosmo que possuiu leis próprias e cuja lógica mediatiza o seu funcionamento. Ao contrário, trata-se de um campo científico heterônomo, em que as demandas sociais externas macrocósmicas atuam fortemente na definição das relações de força.[17] A reconstrução desse campo conjuntural, as disputas científicas, os interesses dos agentes envolvidos, as estratégias e a luta por prestígio e reconhecimento, aquilo que Bourdieu chama de capital simbólico, serão questões abordadas neste livro. Procurarei analisar as ideias em torno

16. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005; KEVLES, Daniel. op. cit., 1995

17. Sobre as diferenças e as problematizações em torno dos conceitos de campo científico autônomo e heterônomo, ver BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

das quais se estruturaram as principais polêmicas científicas, como as apaixonadas discussões sobre os estatutos científicos que deveriam formar a ciência eugênica, além, é claro, das concepções sobre raça, imigração, controle matrimonial e esterilização. Meu objetivo consistirá, ainda, em observar a posição que Renato Kehl ocupou no interior desse campo, suas estratégias para acumular crédito científico e impor um modelo dominante de ciência.

O presente trabalho é resultado de um extenso levantamento de fontes realizado em arquivos e bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro. O *Fundo Pessoal Renato Kehl*, mantido pelo Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC), foi imprescindível para o desenvolvimento deste livro, tendo em vista a riqueza documental e a facilidade de acesso ao acervo. O material contido nesse arquivo, desde correspondências pessoais e institucionais até recortes de jornais e revistas, foi reunido e minuciosamente organizado pelo próprio Renato Kehl ao longo de sua trajetória intelectual.

Vale ressaltar que o trabalho de organizar os registros dos acontecimentos vividos e de preservar uma certa memória de si, conforme explica Angela de Castro Gomes, deve ser visto como um ato biográfico pelo qual os indivíduos procuram dar significados especiais ao mundo que os rodeia. Por outro lado, pode-se dizer que o ato de conservar registros é, também, um esforço empregado para materializar a própria história individual e a do grupo ao qual pertence.[18] Desse modo, como forma de fugir das armadilhas que estas fontes podem apresentar,

18. GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 11.

já que se trata de uma memória selecionada, procurei analisar a voz de outros personagens, seus discursos e ações, como as polêmicas discussões levantadas durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, o que proporcionou um entendimento menos linear e homogêneo sobre o meu objeto de pesquisa.

O *corpus* documental analisado para a conclusão deste trabalho é constituído por livros, teses, atas e anais de congressos, artigos de jornais e revistas científicas, folhetos, suplementos, avisos, correspondências, documentos pessoais, entre outros. Vários livros publicados por Renato Kehl foram utilizados como fontes primordiais para a conclusão deste trabalho, dos quais destaco o livro *Lições de eugenia*. Lançado em 1929, essa obra marcou um momento fundamental na trajetória de seu autor, contribuindo para definir os novos rumos que suas ideias eugênicas seguiriam a partir de então. Destaco ainda os *Anais de eugenia*, organizados pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1919, e o volume I das *Atas e trabalhos* do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929.[19] Juntamente com o *Boletim de Eugenia*, editado por Renato Kehl entre 1929 a 1933, estas fontes constituíram um conjunto de referência que em muito contribuíram para compreender as ideias e as polêmicas científicas com as quais se envolveram os eugenistas brasileiros.

As correspondências pessoais e institucionais localizadas no Fundo Pessoal Renato Kehl tiveram um papel central no andamento desta pesquisa. De maneira geral, essas fontes possibilitaram perceber os significados e interesses envolvidos nas redes de relações mantidas por Renato Kehl, seja com intelectuais e autoridades nacionais quanto com eugenistas

19. Vale destacar que o volume I das *Atas e trabalhos* do Congresso de Eugenia contém apenas parte dos trabalhados apresentados durante o evento, já que os volumes II e III não foram publicados.

estrangeiros, sobretudo da América Latina, do norte da Europa e dos Estados Unidos. É preciso destacar que, como prática eminentemente relacional, a escrita epistolar é uma forma privilegiada para se analisar as sociabilidades e o estreitamento de relações, vínculos e interesses entre indivíduos, grupos e instituições.[20] Por outro lado, destaco também a importância da documentação avulsa que encontrei no Fundo Pessoal Renato Kehl, principalmente os recortes de jornais e revistas com artigos publicados por esse personagem.

O recorte temporal definido neste trabalho, compreendido entre 1917 a 1932, atravessa quase três décadas que foram expressivas tanto para a história da eugenia quanto da própria história intelectual e científica do Brasil. A escolha desse recorte histórico está diretamente relacionada à própria trajetória de Renato Kehl. Vale lembrar que 1917 é o ano em que esse autor realizou sua primeira conferência sobre eugenia, o que o estimulou a iniciar sua propaganda em defesa das ideias eugênicas. Por outro lado, o recorte final definido em 1932 se justifica por dois motivos principais. Primeiro, porque considero que o período entre 1928 a 1932 é marcado por um intenso processo de ruptura no pensamento de Renato Kehl, que o aproximou das discussões mais extremadas sobre as medidas eugênicas. Em segundo lugar, no início dos anos 1930, Renato Kehl intensifica sua campanha em prol da eugenia, seja por meio do *Boletim de Eugenia*, seja por intermédio de jornais e revistas literárias, procurando fortalecer o seu nome como a principal liderança do movimento eugênico brasileiro. É nesse período que autor publica suas principais obras, *Lições de eugenia* (1929) e *Sexo e civilização – aparas eugênicas* (1933), obras que, como veremos, apresentam um

20. Idem, p. 19.

estreito diálogo com um modelo mais radical de eugenia, cujas medidas se apoiavam na segregação racial e num rígido controle da reprodução humana.

Este livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, trato a um só tempo da organização do movimento eugênico e das ideias com quais se envolveram ou eugenistas na passagem da década de 1910 para a década de 1920. Procuro analisar o cenário nacional no início do século XX, sobretudo em relação àquilo que os intelectuais e as autoridades públicas brasileiras denominaram de "questão social", para compreender as discussões políticas, sociais e intelectuais que motivaram a emergência da eugenia no Brasil. Como argumentarei, as ideias eugênicas foram apropriadas como símbolo de modernidade cultural, sendo incorporadas por diferentes intelectuais como uma importante ferramenta capaz de auxiliar efetivamente no processo de regeneração física e mental da nacionalidade.

No segundo capítulo, apresento a trajetória intelectual de Renato Kehl e os seus primeiros anos de vida pública, especialmente a partir de 1917, quando iniciou sua campanha em prol da eugenia. Enfatizo suas redes de relações intelectuais com eugenistas e instituições nacionais e latino-americanas, destacando seu empenho na organização e divulgação do movimento eugênico. Após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, idealizada por Kehl em 1918, seu nome passa a ser estreitamente identificado com as ideias eugênicas, o que lhe proporcionou prestígio e reconhecimento, não apenas no campo eugênico como na própria arena pública. Por outro lado, analiso as ideias e a atuação desse personagem junto ao movimento sanitarista, sobretudo no período em que foi funcionário do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), entre 1920 a 1927. Como argumentarei, esse período

foi marcado pelas campanhas que Renato Kehl desenvolveu em defesa de um programa eugênico mais "suave", associado à medicina social, ao estilo da "eugenia preventiva" e "positiva".

O terceiro capítulo apresenta o momento de mudança no projeto eugênico defendido por Renato Kehl. Demonstro que o contato do autor com os pressupostos da "higiene racial" alemã, aliado ao recrudescimento das teorias raciais e à ampliação das discussões eugênicas no cenário nacional e internacional, foram fundamentais para aproximá-lo da "eugenia negativa". Sua viagem à Alemanha, em 1928, colocou-o a par de um amplo conjunto de ideias e projetos que circulava naquele momento nos movimentos eugênicos do norte da Europa e nos Estados Unidos, e acabou por distanciá-lo das concepções eugênicas predominantes no Brasil e na América Latina. Nesse mesmo contexto, analiso a influência da "higiene racial" alemã na obra *Lições de Eugenia*, publicada por Renato Kehl em 1929, bem como a sua recepção entre cientistas e intelectuais brasileiros e estrangeiros.

No último capítulo, demonstro como as ideias mais radicais efetivamente se manifestaram no programa eugênico de Renato Kehl. Trato da distinção que o autor passou a fazer entre eugenia e eugenismo, demonstrando como isso estava associado à reconfiguração de seu projeto eugênico e de sua inserção no debate internacional envolvendo o campo da eugenia. Em sua concepção, a eugenia não poderia mais ser confundida com outras ciências, como a medicina social, a higiene, o saneamento e a própria educação. Ao contrário, era preciso ver a eugenia como uma ciência com fronteiras bem delimitadas, voltada para o estudo da hereditariedade humana. Como argumentarei, Kehl procurou determinar um conceito menos amplo para a ciência eugênica, o que lhe possibilitaria definir um espaço

de exclusividade para a eugenia, e para si mesmo, no cenário científico brasileiro. Em segundo lugar, trato das discussões sobre raça, miscigenação e imigração eugênica, temas que polemizaram o campo eugênico a partir do final dos anos 1920, sobretudo após a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Com as atenções voltadas para esse contexto, demonstro como, apesar do prestígio que Renato Kehl havia adquirido, suas concepções mais extremadas passaram a ser fortemente contestadas por integrantes do próprio campo eugênico.

CAPÍTULO I

A EUGENIA NO BRASIL E A QUESTÃO SOCIAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Quando as discussões sobre a eugenia foram introduzidas no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, suas ideias e pressupostos tornaram-se recorrentes no meio intelectual, especialmente entre médicos, higienistas, juristas e educadores. Na literatura nacional, o termo eugenia aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais atualizado na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a "nova religião da humanidade", tamanha a admiração e a crença que os homens de ciência depositavam neste saber científico.[1]

Estimulados pelas medidas sugeridas por essa ciência, os intelectuais brasileiros entendiam que a eugenia poderia desempenhar um papel importante no processo de reforma da sociedade brasileira, o que lhes possibilitaria agir no sentido de retirar o país do apregoado atraso racial e civilizacional. No Brasil, assim como em muitos países da América Latina, a eugenia foi incorporada aos projetos políticos e científicos que almejavam produzir uma ampla reforma social, nos quais a

1. Várias expressões foram empregadas pelos eugenistas brasileiros para definir a eugenia, frequentemente nomeada como "a nova religião da humanidade", "a religião do futuro", "a ciência de Galton", "a ciência da hereditariedade humana", "a ciência do corpo e do espírito", "a ciência da boa geração", entre outros termos que expressam o ufanismo cientificista que existia em torno das ideias eugênicas no Brasil. De acordo com Nancy Stepan, a própria história da eugenia, no Brasil e na América Latina, deve ser vista como parte de um endosso generalizado à ciência, que havia se tornado palavra de ordem para a elite moderna e secular. Como destaca esta autora, nas primeiras décadas do século XX, os intelectuais brasileiros abraçaram a ciência, sobretudo a medicina e a própria eugenia, como uma forma de conhecimento progressista que possibilitava pensar alternativas para o suposto atraso cultural (STEPAN, Nancy. op.cit., 2005, p. 49-50).

eugenia teria como função melhorar o aspecto físico, moral e mental da "raça nacional".[2]

Ao longo deste capítulo, analiso o surgimento das ideias eugênicas no Brasil, durante as décadas de 1910 e 1920, procurando mapear e discutir as questões que contribuíram para a emergência da eugenia entre os intelectuais brasileiros. Meu interesse é compreender o significado das discussões científicas e sociais em torno dos principais problemas nacionais, denominados, no início do século XX, como a questão social.[3] Procuro demonstrar que a eugenia foi introduzida no Brasil em resposta à preocupação das elites políticas e intelectuais com o péssimo estado de saúde da população, com as condições sanitárias e com a composição racial do país, além da própria preocupação intrínseca quanto ao reposicionamento do Brasil no cenário internacional. Analiso também o processo de desenvolvimento e institucionalização do movimento eugênico brasileiro, destacando o papel de Renato Ferraz Kehl como o principal propagandista dess e movimento, tanto em São Paulo, com a fundação da Sociedade Eugênica, em 1918, quanto no Rio de Janeiro, a partir do movimento sanitarista e da Liga Brasileira de Higiene Mental. Num segundo momento, destaco a relação do pensamento eugênico brasileiro com a tradição médico-

2. Idem, p. 15.

3. A expressão "questão social", utilizadas pelos intelectuais brasileiros no início do século XX, foi empregada para definir os problemas nacionais que mais preocupavam as elites brasileiras: a pobreza, a subnutrição, a mortalidade infantil, o analfabetismo, as péssimas condições de saúde e do estado sanitário em que se encontrava a grande maioria da população, além da própria composição racial, predominantemente miscigenada. Segundo Nancy Stepan, essa expressão foi empregada, por exemplo, por Rui Barbosa, em 1919, em uma de suas palestras, intitulada *A questão social e política no Brasil*. No entanto, como ressalta a autora, a expressão aparecia com muita frequência, não somente no Brasil, como em todos os países da América Latina (idem, p. 68, nota 05).

sanitarista e sua associação com as teorias neolamarckistas. Por outro lado, demonstro que a eugenia brasileira foi influenciada também pela situação racial do país, num contexto em que a própria identidade racial da nação foi motivo de grandes discussões entre a intelectualidade, a classe média urbana e as elites letradas.

A questão social e a representação do Brasil no início do século XX

A partir da metade do século XIX, muitos cientistas, viajantes e intelectuais estrangeiros, apoiados nas teorias científicas e nos (pre)conceitos raciais, haviam pronunciado diversos veredictos extremamente desfavoráveis ao futuro do Brasil. Escritores como Arthur de Gobineau, Louis Couty e Louis Agassis - que estiveram no Brasil durante a década de 1860 - além do inglês Thomas Buckle, consideravam o Brasil um território vazio e pernicioso à saúde, enquanto os brasileiros eram vistos como seres assustadoramente feios e degenerados.[4] Para esses viajantes, uma conjunção de fatores climáticos e raciais, sobretudo a ampla miscigenação, era mobilizada para explicar a

4. Sobre as discussões raciais e a condenação que esses autores estrangeiros faziam ao Brasil e à população nacional, bem como a dissonância dessas ideias entre os intelectuais locais, consultar SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; SKIDMORE, Thomas. Racial ideas and social policy in Brazil – 1870-1940. In: GRAHAM, R. (org). *The idea of race in Latin América – 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

suposta inferioridade do homem brasileiro e a impossibilidade de o Brasil acessar os valores do mundo civilizado.[5]

Essas representações negativas sobre a realidade nacional, quando não influenciaram a opinião dos brasileiros sobre o seu próprio país, ao menos colocaram em dúvida a viabilidade do Brasil no cenário internacional.[6] Mesmo após a implantação do regime republicano, quando algumas vozes já se levantavam na luta contra as teorias deterministas,[7] muitos cientistas estrangeiros, ou mesmo parte da elite política e intelectual brasileira, continuavam acreditando na teoria degeneracionista relacionadas ao clima tropical e aos malefícios causados pela miscigenação racial.[8]

No início do século XX, o Brasil era visto como uma nação ainda em formação, cuja sociedade era composta por uma grande população negra e miscigenada, parte dela recém-saída do sistema escravista, abolido oficialmente em 1888.[9] Esses grupos sociais, juntamente com a população indígena e sertaneja que habitava o interior do Brasil, conviviam, em sua maioria, em estado de extrema pobreza e sob péssimas condições sanitárias e higiênicas. Desamparados pelo Estado, cujo sistema governamental era constituído por um federalismo republicano ineficiente, os brasileiros que habitavam as regiões para além do litoral não possuíam o direito a qualquer forma de cidadania.[10]

5. CARRARA, Sérgio. Estratégias Anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras. In: HOCHMAN, Gilberto e Armus, Diego (org.). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio: Fiocruz, 2004, p. 433.
6. SCHWARCZ, Lilia Moritz. op. cit., 2001, p. 240.
7. SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976, p. 95.
8. CARRARA, Sérgio. op. cit., 2004, p. 433-434.
9. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 47.
10. Nesse período, o sistema republicano brasileiro estava dominado por amplas oligarquias regionais que administravam o Estado a partir de relações

Para aumentar os dilemas do país, de norte a sul do Brasil, um grande número de doenças flagelava boa parte da população, principalmente as endemias rurais e as grandes epidemias que contribuíam sobremaneira para a definição de um quadro acentuadamente pessimista. Do mesmo modo, a expansão da imigração, o crescimento dos centros urbanos e a introdução da indústria e da mão de obra operária, em especial nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, colaboravam para aumentar os problemas sanitários e o temor de novas epidemias, como a febre amarela, a peste bubônica, a tuberculose e a varíola.[11]

Devido a esses e outros tantos problemas sociais e políticos, o Brasil continuava a ser interpretado, principalmente aos olhos do mundo civilizado, como uma nação incivilizada e cuja população se encontrava em franco estado de degeneração. Para muitos intelectuais brasileiros desse período, clima e raça eram acionados não apenas para explicar os dilemas raciais e os problemas sanitários, mas também para compreender a incapacidade do Brasil em organizar-se como uma nação moderna. A própria condição de ser brasileiro, de acordo com Renato Ortiz, era interpretada em termos deterministas, tendo em vista que clima e raça transformavam-se em mecanismos

políticas corruptas e excludentes, como o coronelismo, o mandonismo e o clientelismo. De acordo com José Murilo de Carvalho, pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial, o sistema republicano brasileiro não fez nenhum esforço para incorporar a grande maioria da população, em especial os negros, mestiços e sertanejos. Para esse autor, a própria ideia de povo era puramente abstrata e, devido à falta de direitos que garantissem a cidadania, o próprio povo era, em sua grande maioria, hostil ou totalmente indiferente ao sistema republicano (CARVALHO, José Murilo de. Brasil 1870-1914: A força da tradição. In:_____. *Pontos e bordados*. escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 120).

11. Sobre as questões sanitárias e os problemas epidêmicos na passagem do século XIX para o XX, consultar BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos*: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz / UFRJ, 1999.

capazes de elucidar tanto a suposta natureza indolente do brasileiro e "as manifestações tíbias e inseguras da elite intelectual", quanto para explicar "o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato".[12]

Esses discursos, no entanto, não se apresentavam de maneira homogênea ou unilateral, manifestando-se, muitas vezes, de forma bastante ambígua e imprecisa. De acordo com Lília Schwarcz, a situação dos cientistas e intelectuais brasileiros era incômoda, oscilando sempre "[...] entre a adoção dos modelos deterministas e a reflexão sobre suas implicações; entre a exaltação de uma 'modernidade nacional' e a verificação de que o país, como tal, era inviável".[13] Desse modo, acabavam por fazer um uso inusitado das teorias deterministas, assimilando a existência das diferenças e hierarquias raciais e, ao mesmo tempo, adaptando-as com o objetivo de criar um caminho viável a uma nação mestiça nos trópicos.[14]

Apesar das divergências e incertezas quanto ao futuro da nação, alguns intelectuais brasileiros procuravam construir um pensamento independente, denunciando as ideias deterministas que condenavam o Brasil ao eterno fracasso. A partir dos anos 1910, com a emergência de um espírito nacionalista que brotava entre um grupo de importantes intelectuais e cientistas formados na passagem do século XIX para o XX, as teorias raciais e climáticas foram, aos poucos, sendo substituídas por explicações de caráter histórico e

12. ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 16.

13. SCHWARCZ, Lilia Moritz. op. cit., 2001, p. 240.

14. Em sua obra *Estilo Tropical*, Roberto Ventura demonstra como, na passagem do século XIX para o XX, as discussões intelectuais sobre a construção de ideologias que visavam representar a ideia de uma nação mestiça foi bastante recorrente nos debates científicos, na literatura, na historiografia e no ensaísmo brasileiro (VENTURA, Roberto. op. cit., 1991).

sociológico sobre a realidade nacional e as condições de vida da população.[15]

Escritores como Manoel Bonfim e Alberto Torres são vistos como os principais representantes desse movimento nacionalista, cujo objetivo consistia em construir uma nova imagem sobre o Brasil e os brasileiros. Manoel Bonfim, por exemplo, identificava os males nacionais - tanto do Brasil quanto de outros países da América Latina - como diretamente associados ao legado ibérico e à exploração econômica que esses países sofreram ao longo da história.[16] De maneira semelhante, Alberto Torres entendia que a verdadeira raiz do "problema nacional brasileiro" residia na alienação política da elite brasileira e na falta de "consciência nacional" sobre a realidade que constituía a nação.[17] Para esses autores, a "evolução social" brasileira dependia, em suma, das condições econômicas, da vontade política das classes dirigentes, de um meio ambiente favorável, de educação e habitação.

O desejo de retirar o Brasil do tão propalado atraso civilizacional contribuiu para que os intelectuais locais desenvolvessem um intenso debate sobre as condições raciais e de saúde da população, o que possibilitou formular algumas das mais originais e bem estabelecidas ideias sobre o Brasil e a identidade nacional. Nesse período, segundo Sérgio Carrara, "[...] os cientistas brasileiros tentavam tornar possível, ou pelo menos concebível, o reposicionamento de seu país e deles próprios no então chamado 'concerto das nações'".[18] No

15. SKIDMORE, Thomas. op. cit., 1976, p. 130.
16. BONFIM, Manoel. *América Latina*: males de origem. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor, 1938 [1905].
17. TORRES, Alberto. *O problema nacional*: introdução a um programa de organização nacional. São Paulo: Editora Nacional, 1982 [1913].
18. CARRARA, Sérgio. Op. cit., 2004, p. 430.

entanto, fazia-se necessário não apenas repensar a imagem do Brasil e da condição de ser brasileiro, mas, antes, em encontrar soluções viáveis que efetivamente pudessem regenerar e civilizar o país como um todo, colocando-o no trilho do progresso e da modernidade.

Em sintonia com esse novo retrato do Brasil que começava a ser desenhado, os intelectuais brasileiros ligados ao movimento sanitarista tornar-se-iam personagens centrais. Ao descreverem as condições de vida e o cotidiano dos homens do sertão, os sanitaristas acreditavam que revelariam as verdadeiras mazelas responsáveis pelos problemas étnicos, sociais e econômicos do país.[19] As expedições científicas realizadas por pesquisadores de intituições como o Instituto Oswaldo Cruz a diferentes regiões do interior do Brasil,[20] apresentaram uma nação cujos problemas não se definiam simplesmente pelas questões relacionadas ao clima ou à raça, mas antes ao abandono, ao isolamento e às inúmeras doenças.[21] De acordo com Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, o novo Brasil

19. LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 23-40.

20. Sobre as expedições científicas realizadas nas duas primeiras décadas do século XX ao interior do Brasil, especialmente as comissões organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, ver LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro. Revan, 1999.

21. CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Dados – Revista de Estudos Sociais*, vol. 28, n. 2, 1985; LIMA, Nísia T.; HOCHMAN, Gilberto. op. cit..1996; HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998. LIMA, Nísia T.; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde e muita saúva: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org). op. cit., 2004.

descoberto pelo movimento sanitarista "[...] teve um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro".[22]

Os relatórios científicos dessas viagens, principalmente da expedição realizada por Belisario Penna e Arthur Neiva, em 1912, foram amplamente divulgados pela imprensa paulista e carioca, revelando o abandono e a precariedade sanitária de muitos estados brasileiros.[23] Belisário Penna, um dos principais líderes do movimento sanitarista e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil, denunciava, através de uma série de artigos publicados nos jornais da época, o descaso político com que o Estado brasileiro tratava a saúde da população sertaneja.[24] Para esse sanitarista, os problemas brasileiros não seriam resolvidos enquanto as autoridades públicas continuassem alheias às péssimas condições sanitárias do país, sobretudo

22. LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1996, p. 23.

23. PENNA, Belisário; NEIVA, Arthur. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernanbuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 30, pp 74-224, 1916 [1912].

24. Belisário Augusto de Oliveira Penna, formado em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, iniciou sua trajetória como médico-sanitarista em 1904, ano em que assumiu o cargo de Inspetor Sanitário da cidade do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, realizou várias expedições médicas e sanitárias ao interior do Brasil, quando passou a desempenhar, juntamente com Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Arthur Neiva, um importante papel no discurso médico-sanitarista. Em 1916, assumiu o primeiro posto de profilaxia rural criado no Brasil, instalado no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, passou a fazer naquele várias campanhas em defesa das políticas sanitárias, sobretudo em artigos publicados no *Correio da Manhã* que, dois anos depois, seriam editados no livro *Saneamento do Brasil*. Em 1918, no mesmo ano em que fundou a Liga Pró-Saneamento do Brasil, Belisário assumiu a direção dos Serviços de Profilaxia Rural, recém criado pelo presidente Wenceslau Brás (THIELEN, Eduardo V.; SANTOS, Ricardo A. dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *Revista História, Ciência, Saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, maio/ago. 2002, vol. 9, n.2, p.387-404).

em relação às endemias e epidemias que assolavam a grande maioria da população.[25]

O discurso das elites brasileiras sobre o habitante do sertão, visto até então como um "tipo inferior" e "inapto" para desenvolver a civilização, passava agora, como ressalta Tânia Regina de Luca, "[...] à condição de vítima, injustamente caluniado e criminosamente abandonado à própria sorte, sem saúde, justiça ou educação".[26] Ao revelarem essa nova imagem sobre o homem sertanejo, os cientistas de Manguinhos acabariam por causar um grande impacto sobre a representação que os intelectuais brasileiros tinham em relação ao seu próprio país. De acordo com Gilberto Hochman, as expedições científicas e as campanhas realizadas em prol do saneamento tiveram uma ampla repercussão no meio médico, político e intelectual brasileiro, o que teria possibilitado a conversão de importantes intelectuais ao credo médico-sanitarista, como o escritor Monteiro Lobato.[27]

O avanço das pesquisas bacteriológicas e os estudos sobre a patologia das moléstias tropicais contribuiriam também para reforçar a percepção dos sanitaristas, e da própria sociedade brasileira, quanto às possibilidades que o conhecimento científico apresentava como ferramenta para regenerar a população nacional. Se, até então, a mestiçagem e

25. A obra *A era do saneamento*, de Gilberto Hochman, apresenta uma boa análise sobre o movimento sanitarista e a atuação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, especialmente em relação às campanhas realizadas por Belisário Penna através da imprensa nacional. Para Hochman, a Liga "[...] pretendia alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias e obter apoio para uma ação pública efetiva de saneamento no interior do país ou, como ficou consagrado, para o saneamento do sertão" (HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1998, p. 63).

26. LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: UNESP, 1999, p. 214.

27. HOCHMAN, Gilberto. op. cit., 1998, p. 72.

o clima eram vistos como as principais causas da degeneração racial, a ciência demonstrava, agora, que o atraso do país estaria relacionado às doenças e à falta de saneamento. De uma interpretação determinista sobre os problemas sociais, a ciência abriria caminho para uma interpretação médico-sanitarista.[28]

O exemplo de maior recorrência para ilustrar esse movimento de mudança de concepção sobre os problemas nacionais pode ser encontrado através da reconversão que Monteiro Lobato operou no final dos anos 1910. Em 1914, ao escrever o conto *Urupês*, publicado na imprensa paulista a partir de uma série de artigos, Lobato havia descrito o homem sertanejo, nomeado de Jeca Tatu, como um ser fraco, indolente e incapaz de evoluir, alheio ao trabalho e à ideia de progresso.[29] No entanto, em 1918, quando a ciência e o laboratório o permitiam respirar com mais desafogo, Monteiro Lobato ressuscitaria o seu personagem ao afirmar que "o Jeca não é assim; está assim".[30] Iluminado pela ciência que agora proclamava a doença e a falta de higiene como os grandes inimigos do sertanejo, Lobato concluiria:

> A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, caquetizam o corpo e atrofiam

28. LIMA, Nísia Trindade; HOCMAN, Gilberto. op. cit., 1996.
29. LOBATO, Monteiro. Urupês. *Obras completas de Monteiro Lobato* - 1º série, literatura geral. São Paulo: Brasiliense, 1957 [1914].
30. LOBATO, Monteiro. O problema vital. In: _____. *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964 [1918].

> o espírito. O caipira não é assim. Está assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.[31]

A guinada teórica assumida por Monteiro Lobato transformou-se em símbolo de um amplo movimento nacionalista que ganhava força junto à elite intelectual e política brasileira. No final dos anos 1910, o discurso sanitarista e a crença nesse poder salvacionista do laboratório reforçariam a convicção na capacidade da ciência em resolver os grandes problemas nacionais. Nesse contexto em que a confiança profética no poder dos homens de ciência se afirmava, em que o pensamento sanitarista se transformava numa ideologia da construção da nacionalidade,[32] os eugenistas encontrariam um solo fértil para propagarem suas ideias e se estabelecerem no cenário político e intelectual, assumindo um importante lugar no discurso regenerador da nação. Disposta a promover a higiene e o saneamento como panaceia universal, a *intelligentsia* brasileira se viu encantada pela eugenia, ao visualizar em seus enunciados "[...] um tipo de extensão e modernização científica do trabalho de figuras heróicas como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas".[33]

Amplamente assimilada pelo discurso médico-sanitarista, as ideias eugênicas surgiram na década de 1910 como "uma metáfora para a própria saúde publica",[34] prometendo eugenizar e sanear tanto o sertão quanto os espaços urbanos do litoral brasileiro. Além de refutar a inevitabilidade da degeneração e da saúde racial da população, a eugenia oferecia soluções científicas práticas para combater os problemas

31. Idem, p. 285.
32. CASTRO-SANTOS. Luiz Antonio de. op. cit.. 1985.
33. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 98.
34. Idem, p. 99.

nacionais, denominados, na época, como "questão social". Por outro lado, a eugenia garantia a um grupo de intelectuais brasileiros, sobretudo àqueles ligados à medicina social, um espaço de autoridade onde pudessem dar continuidade à implementação de políticas de saúde pública.

Acalentados pelos ideais que a eugenia proporcionava, os intelectuais e cientistas das mais diversas matizes desejavam ver as ideias eugênicas amplamente divulgadas entre o público brasileiro. As teses acadêmicas, livros, artigos de jornais e revistas não seriam, contudo, suficientes para vulgarizar esse discurso; seria necessária uma rede bem estabelecida e institucionalizada, capaz de mobilizar interesses e angariar a legitimidade social e política. A partir do final dos anos 1910, foi nessa direção que eugenistas, médicos, higienistas, sanitaristas, educadores, juristas e jornalistas procuraram se organizar no Brasil.

O movimento eugênico brasileiro nos anos 1910 e 1920

Os primeiros trabalhos sobre eugenia foram apresentados no Brasil ainda no início da década de 1910, através de pequenos artigos de Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho. Em seu artigo, o filólogo João Ribeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, empregou, pela primeira vez, a palavra eugenia, ao invés de eugênica, como pretendiam alguns gramáticos brasileiros.[35] Por outro lado, o

35. Como explicava João Ribeiro anos mais tarde, em artigo publicado no *Boletim de Eugenia*, "[...] o termo - Eugenía – é o mesmo que adotam os italianos que preferem pronunciar – Eugénia – e que há muitos anos sugeri como sendo o mais conforme com a índole da nossa língua. O designativo – Eugenía – é mais eufônico e mais característico que – eugenética – como querem alguns

artigo de Horacio de Carvalho, publicado em 1912 no jornal *O Estado de São Paul*o, trazia ao público brasileiro considerações gerais sobre a organização e as ideias do movimento eugênico na Inglaterra.[36]

O interesse dos intelectuais brasileiros em divulgar os preceitos eugênicos não se restringiu apenas aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1913, na cidade de Salvador, na Bahia, o médico Alfredo Ferreira de Magalhães, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e Diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, da capital bahiana, proferiu a primeira conferência sobre eugenia até então realizada no Brasil. Intitulada de *Pró Eugenismo*, o trabalho de Ferreira de Magalhães chamava a atenção da plateia, em sua maioria formada por estudantes de medicina, sobre a importância eugênica da educação familiar. Em sua opinião, a educação seria um meio de impedir a propagação de diversos "males sociais", como o alcoolismo e as doenças venéreas, responsáveis pela degeneração física e moral da raça.[37]

Apesar de a discussão sobre eugenia ainda não ter atingido um público mais amplo, em 1914, surgiria a primeira tese acadêmica sobre eugenia. Sob a orientação do Professor Miguel Couto, conhecido na época como um dos principais médicos brasileiros, Alexandre Tepedinho defendia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a tese intitulada *Eugenia*.[38] Além de

que, nesse ponto, seguem a lição inglesa desde Galton" (RIBEIRO, João. Questiúnculas. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, fev. 1929, p. 3).

36. KEHL, Renato. *Sexo e civilização - aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1933, p. 24.

37. MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. *Pró eugenismo*. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.

38. TEPEDINO, Alexandre. *Eugenia*. Rio de Janeiro. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 1914. Segundo Renato Kehl, a tese de Alexandre Tepedino "[...] constitui precioso e raro opúsculo de cento e poucas páginas, no qual o

apresentar um panorama amplo sobre a importância da eugenia para a regeneração racial, a preocupação do jovem médico consistiu também em demonstrar a relação entre o direito e a formulação de leis eugênicas. De acordo com suas palavras,

> É crime contra a civilização, o descuido da geração de amanhã! Os governos têm moralmente a obrigação de zelar pelo futuro da raça, pela qualidade dos homens, pela saúde da população. O legislador de hoje não pode ignorar os fenômenos biológicos da hereditariedade. E a eugenia é a religião nova que dirige os destinos da raça humana, de modo a torná-la mais bela, mais moralizada, mais inteligente.[39]

Dois anos depois, o eugenista inglês Charles W. Arminstrong, que residia no Brasil, há pelo menos uma década, publicou um opúsculo de 30 páginas intitulado *Melhoremos a nossa raça*,[40] em que procurava apresentar "[...] uma breve exposição dos preceitos da nova ciência eugênica e um apelo para a sua imediata aplicação no Brasil".[41] Associando a eugenia aos estudos de Darwin sobre a seleção natural e às leis mendelianas da hereditariedade, Arminstrong entendia que a eugenia deveria estender a seleção natural também para a seleção do homem, com o intuito de cuidar de sua própria regeneração, do

autor condensou com muita habilidade os principais pontos da doutrina de Galton" (KEHL, Renato. *Sexo e civilização – aparas eugênicas*, Op. cit., 1933, p. 24).

39. TEPEDINO, Alexandre, apud KEHL, Renato. Conferência de Propaganda eugênica. In: *Annaes de eugenia*. São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 76.

40. ARMINSTRONG, Charles W. *Melhoremos a nossa raça*. Rio de Janeiro:Imprensa Inglesa, 1916.

41. O autor empregou o termo "eugenica", como era utilizada na época por alguns intelectuais brasileiros, cuja tradução era feita a partir de sua origem inglesa. O termo "eugenia", cunhada por João Ribeiro, como já destacamos, viria a se fixar anos mais tarde.

seu próprio progresso. Para esse eugenista, a função da eugenia seria, portanto, a de apressar a lenta seleção natural:

> O mesmo trabalho feito pela Natureza ao correr de milhares de anos, pela seleção natural, nos reinos animal e vegetal, o Homem tem-no conseguido em meio século, pela Seleção Artificial. A eugênica propõe-se aproveitar deste fato, tão cheio de significação e de novas esperanças, para os fins do progresso humano, para o melhoramento da nossa própria raça, para apressar os processos infinitamente vagarosos da Evolução!
> A eugênica define-se como a ciência que trata das influências que possam melhorar as qualidades natas de uma raça, ou que as possam desenvolver com maior vantagem. Trata efetivamente da aplicação prática das leis de hereditariedade ao rápido melhoramento da Raça Humana.[42]

Em sua concepção, devido ao grande número de "moléstias hereditárias", e por ser o Brasil umas das nações mais miscigenada do mundo, o estudo e a aplicação da eugenia deveria ser tomada como uma das questões mais urgentes que o estado deveria assumir. Além de sugerir o estabelecimento de uma repartição federal eugênica, Arminstrong indicou ao público brasileiro as dez medidas que ele considerava fundamentais para a implantação da eugenia em território nacional. Entre estas, sugeria a propaganda eugênica, "[...] a fim de que os povos se convençam da grande vantagem que há em seguir os seus preceitos"; a fundação de sociedades locais; a criação de um ministério encarregado da classificação eugênica da população; um amplo controle matrimonial, especialmente entre os "indivíduos das classes mais baixas"; a segregação de "loucos", "idiotas" e portadores de "males hereditários"; a fundação de

42. Idem, p. 8.

"colônias eugênicas" que, em sua concepção, se constituiria como a medida mais eficaz para aprimorar a população.[43] Para que a eugenia pudesse se tornar uma realidade e o Brasil uma nação forte, concluía o eugenista inglês, "[...] convém, pois, a propaganda, e nesta tomará parte todo o brasileiro que desejar ver o Brasil, mais tarde, uma potência mundial e não uma nação vencida, - nação de escravos".[44]

A obra de Charles Arminstrong que, em grande medida se distanciava das concepções eugênicas compartilhadas pelos intelectuais brasileiros, não teve grande repercussão entre o público leitor local. As referências científicas empregadas por este eugenista inglês estavam diretamente em diálogo com os programas eugênicos que começavam a ganhar fôlego em alguns países europeus, como na própria Inglaterra, por exemplo, onde o movimento eugênico era bastante prestigiado.

Outros trabalhos sobre eugenia seriam ainda publicados em meados da década de 1910, como o livro *Do conceito eugênico do habitat brasileiro*, escrito pelo médico João Henrique. Ressaltando a importância da eugenia para o futuro da nacionalidade, esse eugenista lamentava que, no Brasil, pouco se tenha feito pela eugenia, com exceção da cadeira de Patologia Geral, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual o professor Pinheiro Guimarães já vinha ministrando aulas relacionadas à defesa eugênica e higiênica da raça.[45]

Contudo, a hora e a vez da eugenia no Brasil chegou somente no final da década de 1910, quando o médico e eugenista Renato Kehl iniciou uma grande campanha de divulgação da

43. Idem, p. 20-21.

44. Idem, p. 23.

45. HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do Habitat Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Besnard Fréres, 1917, p. 10.

eugenia no meio médico e intelectual brasileiro. Seu primeiro trabalho resultou de uma conferência realizada na cidade de São Paulo, em 1917, a convite de empresários norte-americanos que dirigiam a Associação Cristã de Moços. Intitulada *Eugenia*, a conferência recebeu uma publicação na íntegra pelas páginas do *Jornal do Comércio*, o que possibilitou maior repercussão no meio intelectual paulista.[46]

Renato Kehl procurou destacar nesta conferência os principais fundamentos da eugenia, principalmente o estudo da hereditariedade, a educação eugênica, a seleção conjugal, o direito relativo à eugenia, à higiene e ao saneamento. Comentando sobre a importância da eugenia para o aperfeiçoamento da raça humana, o jovem eugenista argumentava em favor da "seleção conjugal efetuada com critério, regra e inteligência", lembrando a necessidade de "educar o povo e criar leis restritivas, que impeçam os casamentos entre inaptos, para boa geração".[47] Renato Kehl encerrou sua conferência fazendo um apelo à imprensa, às autoridades políticas, aos intelectuais e cientistas em prol da eugenia e da melhoria progressiva da nacionalidade brasileira.

Essa conferência, conforme o próprio Renato Kehl declarava anos depois, o arrastou à ideia de fundar uma associação eugênica na qual fossem congregados médicos, advogados, jornalistas e "[...] outros interessados no estudo e difusão das questões biológicas e sociais em benefício da nacionalidade".[48] Meses depois, no dia 15 de janeiro de 1918,

46. A conferência realizada por Renato Kehl foi reproduzida também, em 1919, nos *Annaes de Eugenia* organizado pela Sociedade Eugênica de São Paulo. Para este trabalho, utilizei a edição de 1919, uma vez que o texto foi publicado na integra (KEHL, Renato. *Conferência de Propaganda Eugênica*. op. cit., 1919 [1917]).

47. Idem, p. 69.

48. KEHL, Renato. A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929, p. 53.

após uma insistente campanha realizada por Renato Kehl junto à intelectualidade e à imprensa paulista, mais de uma centena de médicos e autoridades locais se encontraram para a sessão inaugural que fundaria a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira sociedade de eugenia da América Latina.

Contando com 140 membros, em sua maioria médicos da capital paulista, a Sociedade teve como Presidente o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, cujo nome parece ter contribuído fundamentalmente para angariar o interesse da elite médica em torno dessa instituição. O cargo de secretário Geral foi ocupado pelo próprio Renato Kehl, enquanto para a vice-presidência foram eleitos os nomes dos médicos Olegário de Moura, Bernardo Magalhães e Luis Perreira Barreto.[49]

A Sociedade Eugênica de São Paulo se proclamava como uma organização científica de estudos e aplicação da eugenia no Brasil, tendo como finalidade as "[...] questões da hereditariedade, descendência e evolução para a conservação e aperfeiçoamento da espécie humana".[50] Os estatutos da Sociedade definiam ainda como seus fins o estudo da legislação, dos costumes e das influências do meio sobre as aptidões físicas, morais e intelectuais das gerações futuras; divulgação da eugenia entre o público; estudo da regulamentação matrimonial e da campanha pela obrigatoriedade do exame pré-nupcial.[51]

Por meio da imprensa brasileira, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram publicadas notas favoráveis

49. *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919.

50. Idem.

51. Os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo foram publicados nos Anais editados em 1919 pela própria Sociedade (Estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de Eugenia*. Op. cit., 1919).

e elogiosas a esse empreendimento.[52] Através das páginas da *Revista do Brasil*, Coelho Neto ressaltava a importância da propaganda que as autoridades médicas de São Paulo vinham fazendo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo: "[...] realizando conferências, espalhando Boletins, pregando, demonstrando, vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra filantrópica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da espécie".[53] Do mesmo modo, importantes intelectuais brasileiros enviaram correspondências congratulando a criação da sociedade.

Os esforços e a mobilização em torno da Sociedade não se restringiram apenas às elites política e intelectual paulistas. Alguns intelectuais cariocas também aderiram aos ideais dessa organização, tornando-se membros e participando das discussões relacionadas à eugenia, saneamento e higiene. Belisario Penna, já reconhecido por sua campanha em defesa do saneamento, foi nomeado, ao lado de Amâncio de Carvalho e Agostinho de Souza Lima, Presidentes Honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo. Souza Lima, assim como o próprio Belisario Penna, viriam a ter uma participação efetiva na divulgação da eugenia na sociedade carioca, principalmente através de artigos publicados em jornais e

52. Jornais como *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Comércio*, além da *Revista Brazil-Médico* e da *Revista do Brasil* publicaram anúncios, comentários e notas sobre a fundação da Sociedade eugênica, divulgando a eugenia entre o público e informando sobre suas atividades. O Jornal *O Estado de São Paulo* deu cobertura ampla ao movimento eugenista em São Paulo, principalmente para os membros da Sociedade Eugênica, tendo em vista que Julio de Mesquita, diretor e proprietário do referido jornal, era genro de Arnaldo Vieira de Carvalho, presidente da Sociedade, o que teria possibilitado o estreito contato entre estas instituições (DIWAN, Pietra. *O espetáculo do feio*: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História, 2003, p. 39).

53. COELHO NETO, H. M. Aviso. *Revista do Brasil*. vol. 12, n. 48, dez. 1918, p. 376.

revistas, mas também através de suas obras e de suas atuações como autoridades no seio da elite carioca.[54]

Afrânio Peixoto, Juliano Moreira e Antonio Austregésilo, cujos trabalhos estavam ligados aos estudos da psiquiatria e da medicina legal em prestigiadas instituições da cidade do Rio de Janeiro, já manifestavam interesse nos estudos sobre higiene mental e eugenia, tornando-se importantes personalidades cariocas a se transformarem também em membros da Sociedade Eugênica.

Além desses intelectuais, figuras como Arthur Neiva, destacado por seus trabalhos científicos desenvolvidos no Instituto Oswaldo Cruz, e que, a partir de 1917, seria nomeado para chefiar o serviço de saneamento público do estado de São Paulo, também aparece relacionado entre os membros. Neiva, Rubião Meira e Franco da Rocha receberam a indicação para compor a Comissão Consultiva da Sociedade. Outro integrante foi o médico e escritor Luis Pereira Barreto, um dos principais representantes da ciência paulista que, em correspondência endereçada a seu amigo Arnaldo Vieira de Carvalho, enfatizou o seu interesse pelos estudos relacionados à eugenia e ao melhoramento da popualçao brasileira. Pereira Barreto destacava seus esforços "[...] há trinta anos, por aperfeiçoar as raças de animais por

54. Souza Lima, como destacava Renato Kehl, foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a empregar esforços pela defesa eugênica da nacionalidade. Em 1897, como deputado federal, o médico Agostinho de Souza Lima se dirigiu à Academia Nacional de Medicina para pedir o apoio desta instituição para o estabelecimento de uma lei que tornasse obrigatório o exame médico pré-nupcial, estabelecendo o impedimento legal do matrimônio aos indivíduos tuberculosos, sifilíticos e portadores de outros males infecciosos. Segundo Kehl, "[...] a eugenia não tinha tomado coros de ciência quando Souza Lima apresentou novos trabalhos sobre um dos pontos de importância capital para a eugenização, que é o exame pré-nupcial" (KEHL, Renato. Sexo e civilização – aparas eugênicas. op. cit., 1933, p. 23).

meio da seleção", não podendo "[...] senão correr pressuroso a bater palmas para saudar esse nobre movimento científico em prol do aperfeiçoamento da nossa raça".[55]

Entre os membros dessa instituição encontravam-se, ainda, o Senador da República, Alfredo Ellis, um influente representante da elite política e econômica de São Paulo; o médico Vital Brazil, cientista e diretor do Instituto Butantã, de São Paulo; o jovem advogado e professor Fernando de Azevedo, que se transformaria num grande propagandista da educação eugênica nesse período;[56] o médico Olegário de Moura, que teve uma atuação importante na organização de diversas conferências sobre eugenia e saneamento, além de ter participado ativamente na criação e divulgação da Sociedade Eugênica de São Paulo.[57]

O trabalho de propaganda eugênica dessa organização científica conseguiu atrair também a atenção de eugenistas estrangeiros, como Henrique de Paz Soldan, destacado eugenista peruano que já há muitos anos vinha publicando trabalhos sobre higiene, medicina social e eugenia, além do médico e eugenista Victor Delfino, de Buenos Aires que, juntos

55. Correspondência de Luis Parreira Barreto a Arnaldo Vieira de Carvalho. São Paulo, s/d (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

56. Fernando de Azevedo, que era formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, dedicou boa parte de sua carreira intelectual à educação e ao movimento pela reforma sanitária, tanto no Distrito Federal quanto no Estado de São Paulo. Entre 1926 a 1930, foi nomeado Diretor Geral de Instrução Pública pela cidade do Rio de Janeiro; em 1933 assumiu esse mesmo cargo em São Paulo. Foi também professor de Sociologia da Escola Normal de São Paulo. Entre seus principais livros encontram-se *Educação Física* (1920), *A reforma do ensino no Distrito Federal* (1929) e *Evolução do esporte no Brasil* (1930) (COUTINHO, Afrânio. *Brasil e brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961, p. 114-115).

57. Os nomes dos 140 membros da Sociedade Eugênica de São Paulo podem ser encontrados nos Anais publicados pela Sociedade em 1919 (*Annaes de Eugenia*, op. cit, 1919).

seriam nomeados membros correspondentes da Sociedade. Da Faculdade de Medicina de Paris e da Sociedade de Eugenia da França, o médico e renomado cientista Charles Richet enviou correspondência a Renato Kehl parabenizando os esforços dos eugenistas brasileiros em prol do melhoramento racial.[58]

Deve-se ressaltar que a Sociedade Eugênica de São Paulo nasceu juntamente com um amplo movimento nacionalista que se formava no Brasil ao longo dos anos 1910. Nesse período, devido à degradante realidade social formada pelos acontecimentos da Primeira-Guerra Mundial, grande parte da elite intelectual brasileira passou a direcionar seu olhar para dentro do seu próprio país, já que o modelo de sociedade civilizada representado pela Europa desmoralizava-se em meio à barbárie.[59] As fortes tonalidades nacionalistas deste período enfatizavam a necessidade de construção de um olhar capaz de visualizar o país de modo distinto do Velho Mundo. Calcado numa força nativa, os intelectuais visavam reconfigurar a consciência nacional como meio de redescobrir as especificidades que formavam a nação brasileira.[60]

58. As correspondências de Renato Kehl com esses intelectuais podem ser consultadas no Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

59. Para o historiador Eric Hobsbawm, o período entre-guerras foi no mundo todo marcado pela ascensão de um novo nacionalismo que estimulou a formação das identidades nacionais e o fortalecimento dos Estados. Para Hobsbawm esse contexto se formou, sobretudo, pela existência de minorias oprimidas que buscavam preservar suas identidades culturais, étnicas e políticas dentro de territórios que eram politicamente multinacionais (HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998). No Brasil, como destacou Nancy Stepan, esse período foi marcado por um nacionalismo mais realista, formado pela "[...] ascensão de novos grupos profissionais de classe média que ansiavam por reformar a política tradicional da república e lançar o Brasil como potência mundial" (STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 356).

60. HERSCHMANN, M.; PEREIRA, Carlos A. M. O imaginário moderno no Brasil. In _____ (org). *A invenção do Brasil moderno*: medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29.

Para Nancy Stepan, em muitos países da América Latina, especialmente no Brasil, o desenvolvimento da eugenia coincidiu com o período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, "[...] com uma reavaliação do possível papel da região na economia mundial, e com uma busca por identidades nacionais que se baseassem nas realidades da região".[61] Considerando que a nação e a própria compreensão sobre a nacionalidade eram vistas como um projeto ainda por ser construído, a ciência eugênica se oferecia como um instrumento para motivar a construção de uma população mais saudável, forte e homogênea, animando os desejos das autoridades nacionalistas. Em conferência realizada em 1918, logo após a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo, o médico e eugenista Rubião Meira se posicionava entusiasticamente em defesa da nacionalidade:

> O máximo objetivo, senhores, que nos reúne sob o teto auspicioso desta agremiação, que hoje lança o seu primeiro brado do comando e inicia a arregimentação de suas forças, é o aperfeiçoamento de nossa raça, a cultura física aprimorada de nossa gente, o levantamento de nossas energias futuras, a constituição de um povo forte e valentemente argamassado na sua organização plástica, de um povo sadio, esbelto, sacudido, liberto de sobrecargas hereditárias, imune de taras malsãs [...].
>
> Foi preciso que no velho continente, essa malfadada guerra, que é vergonha do século da civilização e da luz, inundasse de torpezas, de barbárie e de crueldades, e ensangüentasse de lodo as terras, com o opróbrio de vilanias nunca vistas, para que nós nos convencêssemos da necessidade de nos congregarmos todos em torno desse ideal sublime, que é a nacionalização do nosso povo [...], fortalecendo e elevando o vigor de nossa raça.[62]

61. STEPAN, Nancy, idem.

62. MEIRA, Rubião. Fatores de degeneração de nossa raça: meios de combatê-los. In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 49-50.

Do mesmo modo, Olegário de Moura entendia que o cuidado com a raça nacional é a tarefa maior a que os brasileiros, sobretudo os governantes e os homens letrados, precisariam ater-se, destacando que o verdadeiro nacionalismo deveria consistir na eugenização do Brasil.[63] Em sua concepção, a eugenia deveria ser compreendida como o "[...] estudo de um assunto que vai ser, estou certo, o grande e poderoso eixo em torno do qual tem que se mover, não há negar, o palpitante problema nacional brasileiro".[64]

Associando-se a esses ideais nacionalistas, os eugenistas proclamavam a eugenia, e a si próprios, como os portadores do discurso capaz de "elevar o vigor da raça", de integrar o Brasil e conduzi-lo rumo ao progresso e à civilização. Imbuída desses desejos, a Sociedade Eugênica de São Paulo realizou várias reuniões no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia, com o objetivo de discutir assuntos que, segundo estes eugenistas, seriam de interesse nacional. Além dessas reuniões, muitos trabalhos foram publicados pela imprensa, principalmente nos jornais paulistas, na *Revista Brasil-Médico* e na *Revista do Brasil*.

Em 1919, a Sociedade reuniu seus trabalhos num volume denominado *Annaes de Eugenia*, organizada por Renato Kehl e publicada pela editora da *Revista do Brasil*, de propriedade de Monteiro Lobato. Nessa obra, consta mais de uma dezena de artigos, muitos deles reproduzidos na imprensa paulista, além de pronunciamentos e conferências realizadas pelos membros da Sociedade em várias instituições, escolas e

63. MOURA, Olegário de. Saneamento-Eugenia-Civilização. In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 84.

64. MOURA, Olegário de. Discurso de inauguração da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 07.

associações.[65] Como é possível perceber pelos anais, a eugenia foi recebida pelos membros da sociedade como a nova ciência médica que, juntamente com a higiene e o saneamento, contribuiria para fortalecer o vigor físico, intelectual e moral da população brasileira.

As discussões e as ideias divulgadas pelos eugenistas da Sociedade Eugênica de São Paulo consistiam numa grande variedade de assuntos: saneamento, higiene, educação física, hereditariedade, degeneração racial, imigração, discussões sobre os males causados por doenças e "vícios sociais", como a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo, controle matrimonial e o exame médico pré-nupcial. No entanto, o que mais mobilizou os eugenistas, sendo, inclusive, acompanhado com curiosidade pela imprensa paulista, foram os debates sobre matrimônio e consanguinidade.[66] Para os eugenistas, tendo em vista a maior possibilidade de transmissão de doenças hereditárias,

65. Entre esses trabalhos, destacamos alguns que tiveram maior repercussão: *Saneamento do Brasil – Eugenização do Brasil* e *Saneamento – Eugenia – Civilização*, ambos de Olegário de Moura; *Fatores de degeneração da nossa Raça: meios de combatê-los*, de Rubião Meira; *Darwinismo social e eugenia* e *Que é eugenia*, ambos de Renato Kehl; *Eugenia (seus fins – fatores disgênicos a combater)*, de Bernardo de Magalhães; *Sífilis e o Casamento*, de Moreira Machado; *Meninas Feias e Meninas Bonitas (Eugenia e Estética)*, de Luis Perreira Barreto; *O Segredo da Maratona (Conferencia sobre Atlética e Eugenia)*, de Fernando de Azevedo; *Moral e Eugenia*, de Noé de Azevedo; entre outros trabalhos relacionados a temas similares (In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919).

66. O jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, publicou comentários elogiosos às discussões sobre o debate da Sociedade: "É digno de nota o que se passou ontem na Sociedade Eugênica de São Paulo. Devia entrar em discussão uma das questões mais apaixonadas e mais debatidas de que temos notícias em São Paulo, nestes últimos tempos: a consanguinidade e o casamento. [...] Uns e outros sustentando os respectivos pontos de vista, discutiram o assunto sem paixão e sem intolerâncias, mas com calma, com serenidade, com vontade de acertar. Para os cientistas paulistas, foi uma noite memorável a de ontem" (*O Estado de São Paulo*, apud DIWAN, Pietra. op. cit., 2003, p. 38).

mas também devido aos valores morais que acionava, a consanguinidade era considerada como inconcebível à luz das orientações eugênicas. Em 1919, após amplo debate entre os membros da Sociedade, a entidade aprovou moção, que foi enviada ao Congresso Federal, condenando a reforma do artigo 183-IV do código civil brasileiro que pretendia eliminar a proibição, então vigente, do casamento consanguíneo.[67]

No final de 1919, mesmo após o entusiasmo criado entre médicos, educadores, jornalistas e autoridades políticas, a Sociedade Eugênica de São Paulo deixou oficialmente de existir. Dois acontecimentos principais teriam desmobilizado totalmente seus associados: a mudança de Renato Kehl para o Rio de Janeiro, ainda em 1919, e a morte de Arnaldo Vieira de Carvalho no ano seguinte. Em correspondência enviada a Renato Kehl em outubro de 1919, Fernando de Azevedo lamentava: "[...] depois que daqui saíste, fez-se silêncio sobre a Sociedade Eugênica! Nada de conferências, nada de reuniões!...".[68]

No entanto, apesar de a Sociedade ter encerrado suas atividades dois anos após a sua fundação, ao longo dos anos 1920, as discussões sobre eugenia ainda encontraram espaços de debates em São Paulo, como é possível perceber através da *Revista do Brasil*, que, editada na capital paulista, continuou publicando artigos, resenhas e comentários relacionados à eugenia.[69] As teses acadêmicas defendidas pela Faculdade

67. KEHL, Renato. O casamento consanguíneo em face da eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*, v.11, n. 42, jun. 1919, p. 189-190.

68. Correspondência de Fernando de Azevedo a Renato Kehl. São Paulo, 20 out. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

69. A historiadora Tânia Regina de Luca demonstra que as discussões sobre eugenia, higiene e saneamento apareciam com frequência nas páginas da *Revista do Brasil*, impressos como símbolos importantes para o progresso e a regeneração do Brasil (LUCA, Tânia Regina de. Op. cit., ver especialmente o capítulo 4 - "Ciência: solução do problema nacional", 1999).

de Medicina de São Paulo também continuaram aparecendo nesse período, principalmente pela vinculação da eugenia com a educação, imigração e higiene.[70] Durante os anos 1920, os eugenistas e as autoridades públicas do estado de São Paulo realizaram ainda dois concursos de eugenia para escolher o "bebê eugênico" que melhor representasse a "estirpe paulista",[71] conforme tradição amplamente utilizada na Europa e nos Estados Unidos para divulgar as políticas eugênicas.

Como já comentamos, apesar de não existir, na capital federal, um movimento eugênico organizado, intelectuais como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Souza Lima, Juliano Moreira, Antonio Austregésilo, entre outros, já cultivavam uma grande admiração pelas ideias eugênicas. O próprio movimento sanitarista, institucionalmente representado pela Liga Pró-Saneamento do Brasil e pelos Congressos de Higiene realizados anualmente em todo Brasil, também incorporava as ideias eugênicas em seus discursos em defesa da saúde pública.

Esse contexto possibilitaria, portanto, que Renato Kehl encontrasse, também no Rio de Janeiro, junto aos sanitaristas, higienistas, médicos, jornalistas e literatos, um terreno fértil para continuar sua propaganda pela eugenia, sobretudo

---

70. Sobre as discussões em torno do pensamento eugênico em São Paulo, sobretudo nos anos 1920, consultar MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça*: médicos, educadores e discurso Eugênico. Campinas: Editora da Unicamp, 1994; ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social*: São Paulo – 1889-1930. Bauru, SP: Edusc, 2002. MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito*: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. MOTA, *André & MARINHO, Maria Gabriela* S. M. C. *Tramas* e *teias* da *retórica eugênica* em *São Paulo*. *personagens*, *contextos* e i*nstituições médicas* (*1916-1954*)"; In:____ (org). *Eugenia e história*: ciência, educação e regionalidades. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 201-218.

71. KEHL, Renato. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Boletim de Eugenia*, vol.1, n. 5, maio de 1929, p. 01.

por meio da publicação de seus livros e da imprensa, que a cada dia mais observava com interesse e simpatia os propósitos das medidas eugênicas.

A partir de 1923, com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, organizada por iniciativa do médico e psiquiatra Gustavo Riedel,[72] as discussões sobre eugenia encontrariam novamente abrigo institucional. Renato Kehl, que, até então, não havia conseguido fundar uma nova sociedade eugênica, saudou a fundação dessa organização, tornando-se membro efetivo e participando ativamente das discussões junto aos médicos-psiquiatras da Capital Federal.

Subvencionada por recursos públicos municipais e federais, ainda que não regulares, a Liga se consolidou entre a classe médica carioca e reuniu mais de 120 membros, entre eles intelectuais destacados no cenário nacional, como Miguel Couto, Fernando Magalhães, Carlos Chagas, Henrique Roxo, Antonio Austregésilo, Afrânio Peixoto, Edgard Roquette-Pinto, Ernani Lopes, Julio Porto-Carrero, entre outros.[73] Os objetivos da Liga consistiam em ampliar o debate nacional sobre assuntos relacionados à higiene mental e eugenia, como o saneamento e a higiene, controle da imigração, combate ao alcoolismo

72. A intenção de Gustavo Riedel em criar a LBHM surgiu após seu retorno do Congresso Médico Latino-Americano realizado em Havana, em 1922. Segundo Reis, o interesse inicial desse médico-psiquiatra era fundar uma instituição de medicina social com o intuito de aprofundar as discussões sobre profilaxia mental que já vinha sendo debatida pelo Instituto de Profilaxia Mental do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia*. O projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado em História) – Unicamp, Campinas, 1994.

73. Para maiores informações sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental, ver os trabalhos de REIS, José Roberto Franco. op. cit., 1994; COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

e as doenças venéreas - que, segundo os psiquiatras, eram os principais responsáveis por uma série de "perturbações mentais" -, controle matrimonial, estudos sobre a esterilização dos "grandes degenerados" e criminosos, entre outras medidas que visavam produzir uma sociedade normalizada.[74] Além dos comitês permanentes que se reuniam mensalmente para discutir assuntos do interesse da instituição, a Liga criou, em 1925, a sua própria revista, os *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*.[75]

Como podemos perceber, os fins para os quais a Liga fora criada se adequavam perfeitamente aos desejos dos eugenistas brasileiros, principalmente o de transformar o discurso eugênico no porta-voz da regeneração nacional. Em seu trabalho sobre a Liga Brasileira de Higiene Mental, José Roberto Franco Reis destaca que, desde o final da década de 1910, os intelectuais cariocas ligados à psiquiatria já ambicionavam criar um Instituto Eugênico destinado à profilaxia das doenças mentais e nervosas.[76] Desse modo, assim que a Liga foi fundada, a eugenia recebeu ótima recepção entre os higienistas mentais, que, estimulados pelas medidas científicas que esse saber oferecia ao campo da psiquiatria, passaram a divulgar, com grande interesse, as ideias eugênicas e suas possibilidades regeneradoras, inserindo-as efetivamente em seus discursos e projetos institucionais.[77]

No final da década de 1920, a Liga Brasileira de Higiene Mental intensificou sua ênfase nos estudos eugênicos

74. REIS, José Roberto Franco. op. cit., 1994, p. 67.

75. Idem.

76. Idem, p. 42.

77. Nas palavras de Nancy Stepan, os estreitos contatos entre a psiquiatria e a eugenia derivavam do interesse da psiquiatria brasileira pela hereditariedade e de sua preocupação com os perigos que a doença mental, a pobreza, a criminalidade, a delinquência e a prostituição representavam para a sociedade e para a própria nação (STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 343).

sobre higiene mental, sobretudo a partir de 1929, quando o psiquiatra e eugenista Ernani Lopes assumiu a presidência da organização. Liderando uma nova geração de médicos psiquiatras, Ernani Lopes objetivava ampliar o campo de intervenção da Liga no meio social, com ênfase no controle da higiene mental de crianças em fase escolar, de operários e pacientes internados em hospitais, asilos, hospícios e prisões. Nesse período, como forma de consolidar a relação entre a higiene mental e eugenia e, ao mesmo tempo, criar um novo campo científico, os psiquiatras cunharam um novo termo, a "eufrenia", significando o aprimoramento mental da raça.[78]

Durante os anos 1920, a eugenia ainda encontraria abrigo junto a um grupo de médicos e cientistas ligados à medicina legal. Escritores como Souza Lima, Afrânio Peixoto e Leonidio Ribeiro tinham grandes interesses em criar uma interface profícua entre a antropologia física, a medicina legal, a biometria e os temas eugênicos, reproduzindo-os inclusive em seus trabalhos científicos e nos métodos de identificação criminal.[79] De acordo com Nancy Stepan, a medicina legal poderia ser caracterizada como uma terceira variante da eugenia no Brasil, tendo em vista que "[...] os problemas de crime e responsabilidade ficaram intimamente ligados, na mente dos médicos, às questões racial e eugênica".[80]

No entanto, apesar de as concepções eugênicas terem conquistado o interesse de vários setores da elite intelectual brasileira - como os médicos ligados à psiquiatria e à medicina

78. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 59.

79. Sobre a relação entre eugenia, antropologia e medicina legal, consultar CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Óleo e água. In: _____. *Intenção e Gesto*: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1999, p. 237-377.

80. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 60.

legal -, foi juntamente com os médicos-sanitaristas que o movimento eugênico iria preferencialmente se associar. Essa ligação formava, durante os anos 1910 e 1920, o que poderíamos denominar de a primeira e a mais forte variante ideológica do movimento eugênico brasileiro.

Eugenia, saneamento e neolamarckismo

No início do século XX, o Brasil era visto como um país doente, "um imenso hospital", conforme definia o médico Miguel Pereira, em conferência pronunciada em 1916.[81] Para muitos intelectuais brasileiros, a solução destes problemas dependeria de amplas reformas sociais, morais e sanitárias, capazes de restabelecer a saúde e o vigor da nacionalidade. Quando as ideias eugênicas emergiram no Brasil durante os anos 1910, acreditava-se que suas propostas regeneradoras poderiam contribuir para melhorar as condições físicas, mentais e hereditárias da população, higienizando e saneando o país como um todo.

Os primeiros passos do movimento eugênico brasileiro emergiram, portanto, em estreita consonância com as ideias e práticas divulgadas pelos médicos sanitaristas. As campanhas pelo saneamento do Brasil, iniciadas na Capital Federal pelos cientistas de Manguinhos e, posteriormente, pelos integrantes da Liga Pró-Saneamento, fundada por

81. De acordo com Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman, a denúncia feita por Miguel Pereira, ao afirmar em 1916, que "o Brasil é um imenso Hospital", "[...] tornou-se um emblema das posições críticas à ordem social e política da Primeira República. Esta frase é apontada como marco de origem da campanha do saneamento rural [...]" (op. cit., 1996, p. 24).

Belisário Penna, em 1918, abriram espaços para que as ideias eugênicas fossem inseridas no contexto intelectual brasileiro.[82] No entanto, mais do que possibilitar a introdução do pensamento eugênico, os sanitaristas se entusiasmaram com as novas ideias e com o símbolo de modernidade que a eugenia trazia em seus pressupostos.

A associação entre essas duas formas de saber foi tão intensa que os primeiros trabalhos sobre eugenia se confundiram com o próprio ideário ambientalista, sobretudo aquele elaborado por médicos, sanitaristas e higienistas. Além dos trabalhos publicados em 1919 pela Sociedade Eugênica de São Paulo, vários outros livros sobre eugenia e saneamento foram publicados nesse período, a partir de uma mesma linguagem, parecendo derivar de um mesmo conhecimento científico. O próprio livro de Belisario Penna, *O Exército e o Saneamento*, publicado em 1920, apresentava as ideias eugênicas como pertencentes ao mesmo campo do qual a higiene e o saneamento faziam parte.[83] Segundo a análise da historiadora Nancy Stepan, o deteriorado estado de saneamento do Brasil era apresentado por Belisário Penna como um problema que exigia uma solução eugênica, já que poderia degenerar hereditariamente a população nacional.[84]

---

82. Vale a pena destacar que a Liga Pró-Saneamento do Brasil foi fundada em 11 de fevereiro de 1918, um mês depois, portanto, de ter sido criada a Sociedade Eugênica de São Paulo. Do mesmo modo, muitos dos sanitaristas e eugenistas, como Renato Kehl e Belisário Penna, eram importantes membros e lideranças nas duas organizações. Tais fatos ajudam a explicar a proximidade e a filiação que esses movimentos intelectuais e políticos exerceram no Brasil a partir do final da década de 1910.
83. PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora dos Tribunais, 1918.
84. STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 340.

De modo semelhante, a obra *O Problema Vital*, escrita por Monteiro Lobato, em 1918, foi publicada em colaboração entre a Sociedade Eugênica de São Paulo e a Liga Pró-Saneamento do Brasil, trazendo como prefácio um artigo do eugenista Renato Kehl.[85] O livro de Lobato, organizado a partir de vários artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo,* ficou conhecido por apresentar um ajuste de contas do autor com o seu antigo personagem, o injustiçado Jeca Tatu, que, agora, salvo pela ciência e pelos rigorosos trabalhos saídos dos laboratórios de biomedicina, era apresentado como um Jeca Bravo, conforme destacava o próprio Renato Kehl no prefácio da obra.

Para o médico e eugenista Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, saneamento e eugenia deveriam ser compreendidos como sendo a mesma coisa: "sanear é eugenizar", frisava o autor. Moura argumentava ainda que, independente de o nome ser eugenia ou saneamento, "[...] ao Brasil o que interessa é que a questão caminhe, é que a questão se apresente a todos, é que a questão se vá derramando sobre a coletividade brasileira e se vá infiltrando na consciência nacional".[86] Estrutural e cientificamente, portanto, como destacou Nancy Stepan, "[...] a eugenia brasileira era congruente, em termos gerais, com as ciências sanitárias, e alguns simplesmente a interpretavam como um novo ramo da higiene".[87]

Essa união entre a eugenia e as ideias sanitaristas, quando não a sua inconfundível associação, foi possibilitada pela influência que os estudos neolamarckistas e sua convicção

85. LOBATO, Monteiro. op. cit..1964 [1918].
86. MOURA, Olegário. Saneamento-eugenia-civilização. op. cit., 1919, p. 83.
87. Nancy Stepan. Op. cit. 2004, p. 348

na transmissão dos caracteres adquiridos exerceram sobre a intelectualidade brasileira, principalmente entre a classe médica.[88] Para Nancy Stepan, a proximidade do Brasil com a tradição cultural e intelectual francesa possibilitou que os eugenistas se identificassem, inicialmente, com o movimento eugênico francês, amplamente influenciado pelas concepções ambientalista de origem neolamarckista.[89] A própria Sociedade

88. Em linhas gerais, como explica Nancy Stepan, o lamarckismo propunha uma evolução impulsionada por uma lenta e intencional adaptação ao meio ambiente, ao contrário do ferrenho mundo da luta evolucionista darwiniana. "Para um neolamarckiano, a seleção natural poderia provocar uma eliminação das variantes inadequadas, mas a herança das características adquiridas seria responsável pela origem das mais aptas. Politicamente, as noções lamarckianas justificavam a crença de que o esforço humano tinha sentido, que os melhoramentos adquiridos ao longo da vida de um indivíduo poderiam ser transmitidos geneticamente, que o progresso seria possível" (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 83). Assim, o que era de início uma teoria geral sobre evolução, transformou-se, ele mesmo, num "neolamarckismo", passando a significar uma teoria particular sobre o funcionamento da hereditariedade dos caracteres adquiridos, adaptando-se às discussões contemporâneas relacionadas à herança genética (idem, p. 79).

89. Segundo William H. Schneider, o movimento eugenista francês foi predominantemente marcado pela influência neolamarckista e pela preocupação com as questões relacionadas à puericultura, à higiene e à saúde pública como um todo, sobretudo entre 1910 a 1930. Durante o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres, vários eugenistas franceses, como Adolphe Pinard e Lucien March, defenderam as concepções sobre hereditariedade dos caracteres adquiridos e a influência do meio como forma de melhoramento da raça humana. Schneider destaca que, apesar da influência neolamarckista, alguns eugenistas defenderam programas eugênicos "negativos", principalmente durante os anos 1930. O eugenista Charles Richet, por exemplo, vice-presidente da Sociedade Eugênica da França e cientista premiado com o Nobel em 1913, foi um dos principais defensores das medidas eugênicas mais radicais, como a restrição da imigração, a esterilização e o controle matrimonial. Contudo, mesmo nos anos 1930, os pressupostos neolamarckistas continuaram atuando no pensamento eugênico francês, muitas vezes como discurso científico de oposição às medidas mais extremas (SCHNEIDER, William H. The eugenics movement in France 1890-1940. In: ADAMS, Mark, B. (org). op. cit., 1990, p. 69-109).

Eugênica de São Paulo, como destacou Renato Kehl, teria sido organizada nos mesmos moldes da congênere francesa, utilizando-se, inclusive, de estatutos similares.[90]

No Brasil, os eugenistas valeram-se também da tradição ambientalista neo-hipocrática que, desde o século XIX, contagiava o pensamento social e científico nacional.[91] Para Marcos Chor Maio, o ideário sanitarista da Primeira República manteve estreitas afinidades com o pensamento médico ambientalista do século XIX, sobretudo no que diz respeito a uma perspectiva neo-hipocrático e a-racialista.[92] Além disso, as próprias preocupações com os problemas sanitários e sociais eram fatores pelos quais os médicos, higienistas e eugenistas mais se interessavam durante os anos 1910 e 1920. Desse modo, acreditavam que combater os "ambientes disgênicos", propagar os hábitos de higiene e empregar a profilaxia sanitária seriam os modos mais rápidos e eficientes para regenerar a população.

Essa especificidade da eugenia brasileira pode ser confirmada pela impressão que o eugenista britânico K. E. Trounson, teve ao ler, em 1931, alguns artigos de eugenistas brasileiros. Conforme comentou na *Revista Eugenics Review*, editada pela *Eugenics Society*, de Londres, os eugenistas brasileiros interpretavam a palavra eugenia de maneira menos restritiva:

> Conflitos familiares, educação sexual e exames e atestados pré-nupciais parecem ser os assuntos que mais interessam

90. KEHL, Renato. Estatutos. *Annaes de Eugenia*. op. cit., 1919, p. 257.

91. Sobre a ligação entre as ideias sanitaristas e a tradição intelectual brasileira de cunho ambientalista, fundada no século XIX, boa parte constituída pela influência do pensamento neohipocrático, ver MAIO, Marcos Chor. Raça, doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MONTEIRO Simone.; SANSONE, Livio (org). *Etnicidade na América*: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p.15-44.

92. Idem, p. 35.

> aos eugenistas brasileiros, enquanto a genética e a seleção natural e social são bastante negligenciadas. *A abordagem é mais sociológica que biológica*[93] [grifo nosso].

No entanto, como ressaltou Nancy Stepan, do ponto de vista dos eugenistas brasileiros, Trounson não percebia a lógica que permeava os pressupostos eugênicos no Brasil.[94] Ao invés dos modelos deterministas que privilegiavam as reformas biológicas de caráter seletivo e segregacionista, como acontecia na Inglaterra através dos modelos de eugenia mendeliana, os eugenistas brasileiros preferiram uma eugenia mais "suave", ao estilo da "eugenia preventiva", que entrasse em consonância com as propostas ambientalistas e possibilitassem reformar social e moralmente a sociedade.[95]

Estas concepções neolamarckistas possibilitaram que os eugenistas percebessem as reformas de cunho sanitário como um meio imediato e eficiente para aperfeiçoar a composição hereditária da nacionalidade. De maneira geral, o movimento eugenista brasileiro entendia que o ponto de partida de seus estudos deveria iniciar com as reformas sociais

93. K. E. Trounson, apud STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 345.

94. STEPAN, Nancy, idem, p. 345.

95. Pelo menos, até o final dos anos 1920, as ideias neolamarckistas prevaleceriam entre os eugenistas brasileiros, conformando-se perfeitamente aos seus interesses ideológicos e reformistas. Contudo, a partir do final da década de 1920, os pressupostos de August Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo, associado à redescoberta das leis de Mendel, passariam também a compor o ideário do movimento eugênico brasileiro. Vale destacar que essa tendência weismann-mendeliana era diametralmente oposta às concepções ambientalistas, concebendo a hereditariedade como uma função inata, uma condição fixa e inerente aos caracteres genéticos dos indivíduos. Para os eugenistas que compartilhavam desta perspectiva, nenhuma alteração operada no meio poderia alterar o "estoque genético" ou a hereditariedade (sobre esta discussão ver STEPAN, Nancy, op. cit., 2005; KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics*. Genetic and the uses of human heredity. Nova York: Knopf, 1995; ADAMS, Mark B (org). *The Wellborn Science*. Eugenics in Germany, France, Brazil e Russia. New York: Oxford University Press, 1990).

mais amplas, não só combatendo as doenças consideradas hereditárias, higienizando e saneando, mas também moralizando os hábitos e a vida da população. Eugenizar é preciso, acreditavam os eugenistas.

O pensamento neolamarckista permitia, portanto, que os eugenistas investissem sobre a vida social de maneira efetiva, propondo políticas públicas de caráter intervencionista e estabelecendo uma ordem social e moral em nome da ciência. Além das reformas higiênicas e sanitárias, os eugenistas propunham, ainda, várias discussões sobre a legislação matrimonial, exame médico pré-nupcial, educação sexual, aborto e controle da natalidade, tendo como objetivo tanto o aperfeiçoamento social quanto biológico das futuras gerações. Nesse sentido, a eugenia se constituía também como um importante mecanismo civilizador, capaz de reeducar os hábitos sociais e os comportamentos morais, investindo, por exemplo, sobre as regras de higiene individual e familiar, a educação sexual, a regulamentação sobre o uso do álcool e do tabaco, além do controle da prostituição e da criminalidade.

Para Nancy Stepan, essa tradição neolamarckista que constituía o pensamento eugênico brasileiro aparecia frequentemente "[...] matizada de expectativas otimistas de que reformas do ambiente social resultassem em melhoramento permanente", tendo em vista que seus pressupostos permitiam pensar na transmissão hereditária de caracteres adquiridos ao longo da vida.[96] A maioria desses eugenistas, portanto, não fazia distinção entre hereditariedade e meio ambiente, o que os autorizava a ligar diretamente o ambiente sanitário à saúde racial.[97] Ideológica e cientificamente, portanto,

96. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 82-83.
97. Idem, p. 92.

o discurso ambientalista da eugenia brasileira reforçava antigas reivindicações de médicos, sanitaristas, higienistas e educadores sociais.

As ideias neolamarckistas eram tão presentes no ideário médico e no eugênico que alguns, como o eugenista João Henrique, chegavam a considerar o meio como "a pedra angular de toda biologia".[98] Em sua obra, intitulada *Do conceito eugênico do habitat brasileiro*, esse eugenista enfatizava que o meio diferenciaria os indivíduos formando a "sua compleição física, o gênio e o caráter dos povos". As vicissitudes do meio, independente da "estrutura plasmática", criariam uma raça nova, tendo em vista que o "caldo de cultura" ajuntar-se-ia ao "soro sanguíneo" dos indivíduos.[99] O autor ressaltava, ainda, que as péssimas condições do meio e as inúmeras doenças que inferiorizavam a constituição biológica da população brasileira seriam os principais entraves para a eugenização da raça.[100]

Para os eugenistas brasileiros, os pressupostos neolamarckistas autorizavam, inclusive, a investirem no aprimoramento do estado hígido e da robustez física da população. Através das diferentes formas de terapêuticas, a ciência eugênica poderia tanto contribuir para a purificação higiênica e o melhoramento rigoroso dos progenitores como para o aperfeiçoamento físico, a saúde e o embelezamento da sociedade. A eugenia se constituía, desse modo, também como um movimento que visava à estetização da identidade nacional. A ideia de progresso e civilização exigia, sobretudo, a saúde, a força e a beleza física.

---

98. HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do habitat brasileiro*. op. cit., 1917, p. 13.
99. Idem, p. 34.
100. Idem, p. 65.

Implicitamente, esse modelo de pensamento admitia conceber a associação direta entre a eugenia e o lema central da República positivista brasileira: "ordem e progresso". O médico e eugenista Olegário de Moura, por exemplo, dizia-se otimista com o futuro do Brasil, lembrando que os problemas nacionais "são de natureza, em absoluto removíveis". Os principais males que nos afligem, enfatizava ele, serão debelados pelo trabalho da ciência e pela eugenia e do saneamento auxiliando para elevar o Brasil ao progresso e a civilização.[101] Para esse autor, como definia em uma de suas conferências realizadas na Sociedade Eugênica de São Paulo, saneamento e eugenia devem ser vistos como sinônimos de civilização:

> Eis a grande bandeira desfraldada aos ventos... O símbolo da nossa nacionalidade é representado pelas palavras 'Ordem e Progresso'. *Saneamento-Eugenia é Ordem e Progresso*. E, afirmamos com convicção e consciência inabaláveis que só a Eugenia e o Saneamento serão os únicos fatores capazes de consolidar definitivamente o emblema do nosso pavilhão: Ordem e Progresso, símbolo... da nossa soberania no mundo. Eugenia, é ordem e Progresso. Saneamento é Ordem e Progresso[102] [grifo nosso].

Inspirados nas orientações neolamarckistas, os eugenistas brasileiros acreditavam que os problemas nacionais não eram de caráter fixo. A solução estaria no empenho das autoridades públicas e no emprego racional da ciência eugênica e do saneamento. Encaradas como sinônimos, a eugenia e o saneamento deveriam debelar as pestilências, combater as doenças infecto-contagiosas, implantar hábitos higiênicos

101. MOURA, Olegário. Saneamento-eugenia-civilização. In*: Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 89

102. Idem.

e intervir no futuro da reprodução humana, gerando uma prole saudável, física e moralmente aptas para tornar o Brasil uma nação ordeira e progressista. Seguindo essas diretrizes, acreditavam os eugenistas que, dentro em breve, o Brasil poderia estar inserido no tão sonhado "concerto das nações" civilizadas.

As principais campanhas dos eugenistas, durante os anos 1910 e 1920 concentraram-se, portanto, no combate aos "ambientes disgênicos" e doenças como sífilis, tuberculose, ancilostomíase, malária e lepra. O combate aos "vícios sociais", considerados altamente prejudiciais à hereditariedade, como o uso dos chamados "tóxicos euforísticos" (o alcoolismo, o tabaco, a morfina e a cocaína), também faziam parte das preocupações eugênicas. Segundo o médico Rubião Meira, da comissão consultiva da Sociedade Eugênica de São Paulo, se esses fatores patológicos que concorrem para a "corrupção da raça nacional" não forem combatidos com severidade, "[...] teremos em breve uma gente destituída de valor, incapaz para os magnos esforços, fraco para as grandezas de nossa vida, fadada a desaparecer ao sopro de um vendaval [...]".[103]

Considerado pelos eugenistas como o grande "inimigo da raça", o alcoolismo era visto por Afrânio Peixoto como uma das principais causas da degeneração racial e do futuro da nacionalidade, sendo responsável, inclusive, pelo grande número de doentes, loucos e criminosos que existiam no meio social.[104] Para Belisário Penna, ninguém escaparia dos males causados pelo alcoolismo, já que ele não produziria apenas "degenerados inferiores", mas, igualmente "degenerados

103. MEIRA, Rubião. op. cit., 1919, p. 59.

104. PEIXOTO, Afrânio. As doenças evitáveis. *Revista Brazil-Medico*. Rio de Janeiro, ano XXXVIII, vol. I, n. 1, 05 jan. 1924, p. 3.

superiores", nas altas camadas sociais.[105] Na concepção desse sanitarista, além de preparar o leito para outras doenças mais graves, o alcoolismo era responsável pelo grande número de mortalidade, diminuição da natalidade e pela produção de indivíduos anormais.[106] Do mesmo modo, o médico Franco da Rocha, também da Sociedade Eugênica de São Paulo, destacava que o alcoolismo seria uma das principais fontes de degeneração e de produção da loucura. Para esse autor, "[...] poucos médicos haverá que não tenham visto epiléticos nascidos de pais alcoólatras. O fato é tão comum que nos dispensa de trazer provas".[107]

Ao lado do alcoolismo, os eugenistas entendiam que a sífilis e a tuberculose constituiriam os "venenos raciais" responsáveis pela ampla degeneração física e mental da população nacional. O médico e psiquiatra Henrique Roxo, membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, chamava a atenção das autoridades públicas ao afirmar que, apesar de não ser possível obter uma "perfeita eugenia", se não houvesse sífilis e alcoolismo, 80% das doenças mentais não existiriam.[108] Por outro lado, o médico Amadeu Amaral lamentava, através das páginas da *Revista do Brasil*, o grande número de crianças malgeradas que vinham ao mundo com "[...] toda uma sementeira de atrocidade: cegueira, surdez, chagas, ataques, paralisia, alucinações, angústias, vícios, maldades".[109] Esses graves danos

105. PENNA, Belisario. A Luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212.
106. Idem.
107. ROCHA, Franco da. Alcoolismo e loucura. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 8, n. 32, ago. 1918, p. 495.
108. ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1925, p. 2.
109. AMARAL, Amadeu. Cuidar da Infância. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 16, n. 162, fev. 1921, p. 140.

sociais que atingiam milhares de crianças brasileiras, na concepção desse autor, eram devidos às péssimas condições sanitárias e hereditárias "do pai avariado ou alcoólatra, da mãe nevropata ou tuberculosa".[110]

Alcoolismo, tuberculose, sífilis, histeria e a loucura seriam, na explicação desses médicos e eugenistas, as causas principais das atrocidades que acometiam as "pequenas criaturinhas inocentes", além de desmoralizarem a vida da família, da sua descendência e da sociedade. Para Amadeu Amaral, esses "desgraçadinhos", referindo-se às milhares de crianças brasileiras doentes,

> [...] vivem muitas vezes, como se fossem perfeitas: nenhuma prevenção, nenhum cuidado, nenhum zelo especial, nenhum corretivo oportuno. E cresce, e arrasta a sua tragédia lancinante, e deixa descendentes que continuam a desenrolar a cadeia infindável dos condenados sem culpa! E continuam a altear-se de mais a mais os muros das prisões, assumem vulto de cidades os manicômios, mais se reproduzem as enfermarias, mais longas e barulhentas se tornam as alfurjas do vício em pleno coração das cidades, e essas geenas refervem de angústias, de desesperos, de lentas agonias.[111]

O futuro das novas gerações nacionais poderia estar, portanto, condenado por um patrimônio hereditário contaminado pelas condições disgênicas de seus genitores. Essa degenerescência comprometida pela "disgenia" seria responsável, como enfatizava Amaral, pelo aumento das prisões, dos manicômios e dos hospitais, desencadeando a desordem social, a criminalidade, a loucura e a prostituição. Para alguns médicos e eugenistas, o futuro do Brasil estaria condenado

110. Idem.

111. Idem.

à imoralidade, à desordem e à delinquência, caso não se eugenizasse e saneasse a infância. Na concepção do médico Castro Barreto, por exemplo, seria exatamente na infância que os médicos poderiam "prestar os melhores serviços à raça", tanto nos conselhos sobre nutrição e higiene, quanto na "correção das taras e heranças mórbidas".[112]

De maneira geral, o pensamento eugênico brasileiro, ao menos durante os anos 1920, foi profundamente marcado por um estilo de "eugenia preventiva", muito associada às campanhas médicas e sanitaristas de caráter reformista. Como já salientamos, o interesse central do movimento eugênico consistia em elaborar um amplo programa de propaganda e conselhos higiênicos, de combate às doenças e outros "males sociais", com vistas ao melhoramento da saúde pública e do futuro da raça. Contudo, os eugenistas também incentivaram medidas que visavam racionalizar a natalidade e orientar a reprodução humana. O objetivo era regulamentar o matrimônio e impedir a união conjugal entre os indivíduos considerados inadequados, portadores de taras hereditárias, criminosos e delinquentes.

Nesse sentido, preocupados que estavam com o futuro da prole nacional, os eugenistas voltaram suas atenções também para uma ampla discussão sobre educação sexual e orientação matrimonial. Através de campanhas em defesa do exame pré-nupcial e do controle racional da natalidade, os eugenistas procuravam instruir as famílias sobre a importância da reprodução eugênica. Já em 1918, os eugenistas da Sociedade Eugênica de São Paulo pretendiam introduzir no Código Civil Brasileiro um dispositivo que obrigasse os nubentes a apresentarem, antes do matrimônio, o atestado médico que

112. BARRETO, Castro. O médico e o culto da raça. *Revista Brasil Médico*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, 2 out. 1922, p. 208.

comprovasse suas capacidades físicas e mentais. Quem não aplaude "esta disposição proibitiva em defesa das nossas futuras proles?", perguntava o propagandista Renato Kehl em artigo publicado em 1918 na *Revista do Brasil*.[113]

No início dos anos 1920, o médico João Prudêncio de Souza, da Faculdade de Medicina da Bahia, enfatizava que não haveria nada mais indigno, "descuido mais lamentável na vida social de um indivíduo", que levar consigo doenças, vícios e taras para um lar que se vai construir.[114] Esse eugenista alertava que o exame pré-nupcial deveria ser atestado por médicos de valor reconhecido, por um especialista capaz de decidir sobre a conveniência ou não da união matrimonial. De posse dos conhecimentos médicos e eugênicos atuais, João Prudêncio destacava que

> Já não pode o médico temer a falta de bases seguras para atestar sobre o estado de sanidade dos cônjuges, impedindo os casamentos [...]. Ficará em seu encargo, assim, o dever de zelar por uma seleção tão evidentemente necessária na sociedade.
> Os nossos juristas já não poderão alegar insuficiência de conhecimentos profissionais para os bons diagnósticos, sendo apenas necessário que legalizada a questão do atestado de sanidade pré-nupcial, ponha o governo ao alcance dos médicos encarregados de tal perícia, os meios mais modernos de pesquisa fornecidos pelo laboratório.[115]

Considerando a existência destes métodos eugênicos precisos, construídos em laboratórios, os eugenistas acreditavam

113. KEHL, Renato. O que é eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 9, n. 35, nov. de 1918, p. 304.

114. SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e eugenia*. Tese de medicina defendida na Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, 1923, p. 19.

115. Idem, p. 26.

que o exame matrimonial deveria constar como obrigatório, sendo possível ao especialista, um médico eugenista, intervir nos casos em que os indivíduos apresentassem "estigmas degenerativos". Dentre os motivos para o impedimento matrimonial constavam doenças como a tuberculose, doenças venéreas, principalmente a sífilis, além das "taras" consideradas incuráveis, o alcoolismo, deficiências físicas e demais males de caráter hereditário.

Para João Prudêncio, a sífilis hereditária deveria ser observada como o principal motivo para a proibição do matrimônio, tendo em vista ser essa doença responsável pelo grande número de abortamentos, partos prematuros, mortalidade, nascimento de "crianças deformes, cegas, idiotas e paralíticas". Segundo esse autor, a herança da sífilis criaria indivíduos incapacitados para a vida na sociedade. Em sua maioria, argumentava ele, esses indivíduos "[...] são psicologicamente anormais, inadaptáveis ao meio em que vivem, são tarados incuráveis que levam uma vida inteira improdutiva, são inconscientes ou meio conscientes que representam um prejuízo e um perigo social".[116]

Segundo Afrânio Peixoto, a preocupação com as questões relacionadas à higiene, à eugenia e à herança, não se alarmava somente entre os médicos e eugenistas, mas também entre os leigos. Hoje, afirmava Afrânio, a eugenia vai se transformando em assunto literário, e "[...] se os códigos não exigem ainda uma folha corrida sanitária para permitir o novo lar, vai entrando nos costumes a suspeição mórbida e, espontaneamente, busca-se, inocentemente, a saúde, como outrora se escondia, hipocritamente a doença". Com um pouco mais de esforço, acreditava ele, seria possível que a eugenia

116. Idem, p. 21.

indicasse o caminho para o pleno combate das "taras", das degenerações e da "má herança".[117]

Muitos eugenistas brasileiros acreditavam, ainda, que o incentivo à prática da educação física seria um mecanismo fundamental para auxiliar no processo de aperfeiçoamento da hereditariedade, principalmente com a obrigatoriedade das práticas esportivas nas escolas e no seio das famílias. O esporte era, muitas vezes, tratado tanto para disciplinar e subordinar a vida dos indivíduos, tornando-os mais fortes, resistentes e produtivos, quanto para pensar no embelezamento físico e genético da população como um todo. Para Fernando de Azevedo, por exemplo, o papel da eugenia deveria consistir, em sua função primordial, na reforma integral da beleza física feminina, impedindo que criaturas doentes e franzinas continuassem proliferando gerações de indivíduos fracos e degenerados. A eugenia deveria se incumbir, destacava o eugenista e educador paulista, em "[...] corrigir toda essa atrofia somática [...] que torna a mulher imprópria às altas funções da maternidade".[118] Na educação física feminina, ressaltava Azevedo, estaria a regeneração integral e definitiva da nacionalidade:

> A eugenia brasileira – pedra angular da sociedade, teria na solução nacionalista deste problema uma grande vitória para a regeneração físico-moral deste país, em cujos colégios parecem ainda deconhecer-se por completo a influência visceral e definitiva, que sobre a geração de amanhã exerceria a aplicação às meninas de uma cuidada educação física, não de processos anódinos, mas eficazes, de exercícios adequados, constantes e sistematizados. A

117. PEIXOTO Afrânio. As doenças evitáveis. op. cit., 1924, p. 03.

118. AZEVEDO, Fernando de. Meninas feias e meninas bonitas: eugenia e plástica. In: *Annaes de Eugenia*. op. cit,. 1919, p. 150.

> regeneração física da mulher brasileira é certamente o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se de futuro uma geração sadia e robusta, em substituição a esta de hoje, que, em geral, se anquilosa em atitudes *scohóticas* e enfezadas, estiolando-se nos rebentos de uma prole franzina, que surge muitas vezes sobre as ruínas da saúde das mães, quando não seja sobre o sacrifício de uma pobre vida... Que podemos de fato esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, senão uma floração cada vez mais raquítica e doentia?[119]

A educação física era pensada, portanto, também em termos neolamarckistas, possibilitando que os eugenistas interpretassem a saúde e o vigor físico como elementos passíveis de transmissão hereditária. Como é possível perceber, a mulher brasileira era representada por Fernando de Azevedo como tendo uma função essencial no processo de reprodução, de conservação e aperfeiçoamento das gerações futuras. A elas caberia o cuidado com a saúde, o vigor, a higidez física e a beleza, o que as prepararia para uma maternidade eugenicamente adequada. No caso do Brasil, uma sociedade tradicionalmente patriarcal, os eugenistas entendiam que o futuro da raça dependia, acima de tudo, da constituição física e biológica da mulher. Nas palavras de Nancy Stepan, as políticas eugênicas concentraram suas atenções na mulher, foi sobre ela que se exerceu uma rigorosa educação e um intenso controle sobre o seu corpo e a sua sexualidade, já que o seu papel social era visto como primordialmente destinado ao processo reprodutivo e maternal.[120]

Nesse sentido, um dos objetivos implícitos do incentivo eugênico à prática esportiva feminina, à educação

119. Idem, p. 150-151.

120. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 116.

sexual, ao controle reprodutivo e matrimonial, além das práticas higiênicas e sanitárias em geral, consistiria em moldar os aspectos estéticos e hereditários da população local. Concentrando a atenção no embelezamento da "raça latina", conforme destacava o médico paulista Luis Pereira Barreto, os eugenistas acreditavam poder mudar as próprias características estéticas da identidade nacional.[121] De maneira geral, gênero e raça tornaram-se elementos centrais do discurso eugênico brasileiro, já que esses temas possibilitavam pensar, não somente na conformação hereditária das gerações futuras, mas, acima de tudo, na própria construção da nação e da identidade nacional.

Contudo, apesar de estar afinada com os modelos de eugenia que se associava aos problemas da medicina social, os eugenistas brasileiros também se preocuparam com as discussões sobre a composição racial do país. Como procurarei demonstrar em seguida, o pensamento eugênico reintroduzia, no cenário nacional, a associação entre raça e identidade nacional. Porém, argumento que, mesmo acionando um projeto de regeneração racial, os eugenistas procuraram criar um modelo de eugenia pelo qual fosse possível pensar as diferenças entre as raças, sem que isso excluísse o valor eugênico da mestiçagem nacional e, ao mesmo tempo, a viabilidade do Brasil como uma nação moderna e civilizada.

121. Nas palavras de Luis Pereira Barreto, o homem já havia feito muito "[...] no sentido da criação de belas galinhas, de homéricos porcos, de arqui-rápidos cavalos de corrida; estamos de posse de uma arte primorosa na obtenção de novilhos de uma suprema beleza; já é uma plena realidade a existência ativa da sociedade Herd-book Caracu; está feita a nossa eugenia bovina. É mais que tempo de cogitarmos do embelezamento da parte que nos toca da raça latina" (BARRETO, Luis Pereira. Eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 07, n. 28, abr. 1918, p. 415).

Eugenia, raça e identidade nacional nos anos 1920

No Brasil, as questões raciais sempre constituíram um quadro controvertido sobre a formação da identidade nacional, especialmente a partir de meados do século XIX, quando as teorias raciais, disciplinas e instituições científicas europeias apontavam insistentemente a existência de diferenças e hierarquias entre os diversos grupos humanos.[122] No início do século XX, por ser uma nação amplamente miscigenada, cuja população era, em sua maioria, pobre, doente e analfabeta, os brasileiros foram descritos nas narrativas produzidas por viajantes, naturalistas e autoridades estrangeiras como uma população que apresentava tudo do que havia de mais imoral, incivilizado e disgênico.[123]

Durante o período entre guerras, as imagens negativas produzidas sobre o Brasil começavam a ser, paulatinamente, rejeitadas por setores da comunidade intelectual, ativistas sociais e autoridades públicas que, impulsionadas por um ufanismo nacionalista, procuravam encontrar soluções próprias para os chamados problemas nacionais. Com o fim da Primeira Guerra

122. Steven Jay Gould apresenta em *A falsa medida do homem* um excelente panorama sobre as diversas teorias e disciplinas científicas criadas durante o século XIX na Europa, como a craniometria, a biometria, a antropologia física e a própria eugenia, que fundamentaram as discussões sobre o pensamento racial e o racismo científico do ocidente. Como demonstra o autor, esses campos da ciência criaram, durante o século XIX, uma variedade de medidas, fórmulas, graduações, testes e quantificações que visavam medir e legitimar, a partir da prova e da racionaliade científica, os diferentes níveis de evolução humana, as hierarquias raciais e o grau de inteligência de cada grupo humano (GOULD, Steven Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999).

123. STEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 335.

Mundial e a crise que se abateu sobre o continente europeu, a Europa deixou de ser o modelo de sociedade e o espelho do mundo por meio do qual os países periféricos almejavam se verem refletidos. Voltando suas atenções para o seu próprio país, e interessados em discutir os problemas nacionais em seus próprios termos, uma nova geração de intelectuais emergiu nesse período, rejeitando as tradicionais interpretações sobre o país e a população brasileira, principalmente em relação à composição racial e ao futuro da nação.

Contudo, ao procurarem uma interpretação que possibilitasse construir uma nova identidade nacional, os intelectuais brasileiros continuaram, em certa medida, dependentes das teorias, dos estilos e das ideias científicas hegemônicas elaboradas no velho mundo. Como explica Sérgio Carrara, devido à posição subalterna que o Brasil ocupava no cenário internacional, os intelectuais brasileiros "[...] tinham que se opor a certas ideias e teorias produzidas pelas elites metropolitanas, das quais, entretanto, não podiam discordar, pois delas emanava em larga medida seu prestígio".[124]

Presos a essa "condição subalterna", os eugenistas brasileiros expressavam exatamente o dilema de estarem, por um lado, envolvidos pelos ideais e explicações científicas de uma ciência que indicava a própria decadência do seu país e, por outro, de terem que encontrar uma alternativa que pudesse livrá-los da acusação da suposta inferioridade racial. Parte da solução para esse dilema, como sugere Nancy Stepan, foi encontrada na identificação da eugenia com a higiene pública e com as ciências do saneamento. Ainda mais essencial, continua Stepan, foram os esforços dos cientistas brasileiros em

124. CARRARA, Sérgio. Op. cit., 2004, p. 431.

demonstrarem "[...] que seria por meio da miscigenação racial que o Brasil realizaria o seu próprio futuro eugênico".[125]

Durante os anos 1920, ainda que o racismo continuasse pautando as relações sociais, não havia um modelo radical de eugenia e de política segregacionista, ao estilo do que predominava em países como os Estados Unidos. Opondo-se sempre às ideias mais radicais e ao modelo de relações raciais norte-americano, os eugenistas brasileiros acreditavam que, por meio da miscigenação, o Brasil conseguiria homogeneizar a raça nacional e integrar a nação de maneira pacífica. Essa crença otimista à qual o futuro do Brasil estava vinculada, de acordo com o argumento de Nancy Stepan, era a tese sobre o branqueamento da população brasileira.[126] Devido à intensa "mistura racial" que desde o período colonial vinha se processando entre brancos, negros e índios, a maioria dos intelectuais brasileiros acreditava que a nacionalidade embranqueceria num curto espaço de tempo. Essa tese, que teve vida longa entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, defendia a ideia de que, num período de 100 anos, a população brasileira tornar-se-ia branca, muito próximo de países como Portugal, Espanha e Itália. Alguns intelectuais brasileiros chegaram, inclusive, a defender essa tese em congressos realizados fora do Brasil, como João Batista Lacerda fez, em 1911, durante o Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em Londres. Para Ricardo Ventura Santos, a tese *Sur lês létis au Brésil*, defendida por Batista Lacerda nesse congresso, deve ser vista como um exercício de conciliação que esse intelectual realizou entre a realidade de uma sociedade

125. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2004, p. 357.
126. Idem, p. 358.

brasileira amplamente miscigenada e as teorias científicas que desqualificavam o mestiço.[127]

Em 1918, em conferência realizada na cidade de São Paulo, o médico e eugenista Rubião Meira criticava a forma como se desenrolou o fim da escravidão no Brasil e a maneira como a população negra foi destituída de assistência. O negro, antes tido como um povo forte e saudável, encontrava-se agora, como destacava esse autor, atirado a todos os vícios e paixões, contaminando-se com o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose, lotando hospitais e hospícios.[128] A própria maneira pela qual os negros foram postos em liberdade teria sido, em suas palavras, "[...] a causa da decadência, da ruína, do esfacelamento dessa raça, até então laboriosa, operosa e forte".[129] Na compreensão desse eugenista, portanto, os próprios ideais libertários da civilização brasileira, motivo de orgulho para boa parte da sociedade nacional, teriam sido a causa principal da degradação da "raça negra".[130]

De acordo com Rubião Meira, o desastre que acarretava a degeneração de uma parcela significativa do nosso povo derivava, em grande medida, das péssimas condições de saúde em que se encontrava a massa de negros libertos, entregues que estavam a sua própria sorte. Ao mesmo tempo em que atribuía o atraso às inúmeras doenças que contaminavam o vigor da população, ele apontava também a miscigenação como uma alternativa redentora para os problemas nacionais. Citando o

127. SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em Antropologia Física no Brasil (1870-1930). In: PENNA, Sérgio D. J. (org.). *Homo brasilis*: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. São Paulo: Funpec, 2002, p. 117-118).

128. MEIRA, Rubião, op. cit., 1919, p. 50-51.

129. Idem, p. 51.

130. Idem.

naturalista suiço Louis Agassiz, o eugenista enfatizava, que se a mestiçagem é de qualidade degenerativa, "[...] felizmente, os elementos com os quais nos cruzamos agora vêm de população valorosa e sadia".[131] Por outro lado, se de fato os antigos mestiços constituíam, na frase de Agassiz, "um tipo indescritível cuja energia física e mental se enfraquece", explicava Rubião Meira, "[...] a raça que está saindo dos cruzamentos que se operam no momento tem tendência a ser fortalecida com o correr das gerações, com a evolução do tempo".[132]

Apesar de destacar a morbidez de grande parte da população nacional, devido ao abandono e às inúmeras doenças, Meira demonstrava-se otimista com o futuro da nacionalidade, pois acreditava no vigor dos imigrantes que, aos poucos, ocupariam o território brasileiro. Para ele, a "raça negra" tenderia a desaparecer,

> [...] rareando em seus originais, extinguindo-se, e hoje cidades do nosso país existem, onde os pretos são dificilmente encontrados, substituídos que são pela imigração de estrangeiros, sedentos de ambições pecuniárias, que, para aqui tem sido trazidos e nos têm vindo dar todas as energias de sua vida, trabalhando com afinco, labutando com fervor extraordinário, engrandecendo o nosso torrão, modificando mesmo a nossa índole, concorrendo, sem dúvida para o nosso progresso, criando alma nova em nosso povo, nos mostrando com a pertinácia do seu exemplo e de sua operosidade que as nossas terras são, com efeito veios fecundos indicativos de nação forte e poderosa.[133]

131. Idem, p. 60.
132. Idem.
133. Idem, p. 51.

Portanto, otimista com a miscigenação que se processava no Brasil, e que conduziria o país ao suposto branqueamento, Rubião Meira profetizava a consolidação de uma população caracterizada por uma "nova alma". Em poucos anos, se estabeleceria, no país, um povo com uma "nova índole", que, fortalecida pela saúde eugênica dos imigrantes, ascenderia no contexto internacional como uma "nação forte e poderosa".

Ancorados pela crença no branqueamento, as possíveis dúvidas que os eugenistas brasileiros tinham quanto à situação racial do Brasil davam lugar a interpretações raciais cautelosamente otimistas. Em 1921, em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, da cidade de Curitiba, Renato Kehl acionaria a tese do branqueamento para explicar a questão racial brasileira. Para ele, o Brasil representava um grande laboratório de elementos etnologicamente diversos, no qual se operava um metabolismo racial que tenderia a assimilar algumas raças e desassimilar outras, como os negros e os índios que, em sua interpretação, eram "raças inferiores" e com "sangue depurado".[134] Como conclusão, Kehl afirmava:

> Dessa química complexa e morosa há de resultar, daqui alguns séculos, uma nacionalidade melhormente caracterizada, um povo forte e varonil, que se emparelhará dignamente neste continente setentrional. [...] Ninguém poderá negar, tal evidência dos fatos, que no correr dos anos vem desaparecendo os negros, os índios das plagas e com eles os produtos provenientes desta mestiçagem.
> Com o contínuo processar desta mestiçagem é de se esperar que o Brasil se realize, de acordo com a opinião de Rooselvelt, quando esteve entre nós, de que estamos resolvendo, pela fusão de sangues, o problema das raças negra e índia, de um modo simples e eficaz, enquanto que nos

134. KEHL, Renato. As questões de raça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, out. 1921, s/p (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

> Estados Unidos, com a segregação dessas raças, o problema está se tornando dia a dia mais sério, dada a multiplicação dos seus representantes em sua pureza de origem.[135]

Na compreensão do principal propagandista da eugenia brasileira, a mistura racial não degeneraria a população nacional, ao contrário, seria ela responsável pela construção de uma nova identidade. A miscigenação seria, para Renato Kehl, responsável, inclusive, pela assimilação do sangue das raças negra e índia, que tendiam a desaparecer do território nacional devido à sua inferioridade. Apesar do otimismo que esse autor deixava impresso em sua interpretação sobre o futuro racial brasileiro, a partir do final dos anos 1920, como demonstro nos dois últimos capítulos deste trabalho, suas concepções sobre a miscigenação racial e as questões eugênicas sofreriam mudanças radicais, deixando o autor de acreditar no branqueamento como solução para os males do país.

O médico e eugenista João Henrique destacava que, mesmo sendo "o povo mais mesclado do mundo, num país ainda por povoar", o homem brasileiro estava longe de possuir "taras hereditárias". Ao contrário, frisava ele de modo otimista, "[...] devemos nele reconhecer as aproveitáveis qualidades da boa semente".[136] Opondo-se aos "vaticínios maus" de cientistas estrangeiros como o britânico Thomas Buckle, que postulou a "pequenez do homem mestiço", de James Bryce, "que pôs em dúvida se seríamos dignos desse tesouro da terra", de Gobineau, Schemann, Vacher de Lapouge, Le Bon, que "julgaram-nos etnicamente inaptos para adquirir e manter uma situação

135. Idem.

136. HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do habitat brasileiro* op. cit., 1917, p.11-12.

política social e estável", João Henrique lembrava que o povo brasileiro era forte, pois havia feito a sua independência, triunfado nas guerras de Rosas e do Paraguai, implantado a abolição, proclamado a República e, certamente, seria capaz de obter também o advento da democracia.[137]

Para esse autor, portanto, o problema nacional não estaria diretamente relacionado à questão racial. A miscigenação do povo brasileiro, que estava sendo realizada pelo contato com um novo povoamento, somado também ao avanço das técnicas de aperfeiçoamento humano gerariam, em poucos anos, uma nacionalidade saudável. O entrave para a eugenização do Brasil, continuava argumentando o médico João Henrique, estaria relacionado ao meio. É sobre ele que os eugenistas, higienistas, médicos e os estadistas deveriam voltar suas atenções, sobretudo para o combate das doenças tropicais e infecciosas.[138]

Semelhante posição pode ser observada em um artigo, publicado em 1919, por Fernando de Azevedo, que integrava, na época, a direção da Sociedade Eugênica de São Paulo. Em sua concepção, não era a raça e nem a composição racial brasileira um fator preocupante, mas antes, as questões sociais e higiênicas. Nesse sentido, a eugenia deveria, por um lado, concentrar sua atenção no combate às doenças e aos "venenos raciais" que castigavam o vigor e a beleza da raça nacional e, por outro, incentivar a educação e a prática dos esportes que, para ele, era uma medida regenerativa fundamental. Fernando de Azevedo referia-se ainda ao personagem de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, argumentando que sua grandeza e sua capacidade física só não eram iguais

137. Idem, p. 12.

138. Idem, p. 65-66.

à do bandeirante paulista, devido às péssimas condições sanitárias e ao abandono em que se encontrava.[139]

Fernando de Magalhães, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, acreditava que o tipo de miscigenação que se processava no Brasil não poderia ser considerado degenerativo. Em suas palavras, "[...] os cruzamentos entre indivíduos de diferentes nacionalidades, mas dentro de uma mesma raça, tais como os brasileiros, espanhóis, italianos e portugueses, fornecem magníficos resultados".[140] Como exemplo de sucesso da miscigenação que ocorria no território nacional, o autor lembrava que a população de São Paulo, antes vista como feia, "[...] é hoje bonita após o cruzamento com o italiano".[141] Magalhães ressaltava, ainda, que a miscigenação de brasileiros com ingleses e alemães poderia gerar "belos tipos" se a eugenia fosse empregada corretamente sobre "nossas leis e costumes".[142] Contudo, esse movimento de melhoria eugênica da população precisava ser regulado por medidas de restrição sobre a entrada de imigrantes indesejáveis que poderiam comprometer as condições do tipo brasileiro, como os japoneses, por exemplo, cujas características raciais em nada contribuiriam para a formação da nacionalidade.[143]

Para que a raça brasileira se tornasse forte e bela, Fernando de Magalhães destacava a necessidade de estabelecerem outras medidas eugênicas, como o controle matrimonial e o impedimento aos casamentos consanguíneos,

139. AZEVEDO, Fernando de. O segredo de Marathona. In. *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 115-135.
140. MAGALHÃES, Bernardo de. Eugenia: seus fins – fatores disgênicos a combater. In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 162.
141. Idem.
142. Idem.
143. Idem.

o incentivo à educação moral, ao esporte, à higiene e à boa alimentação, além do cuidado eugênico dirigido às crianças, em especial ao aleitamento materno. Assim, sob os cuidados da ciência eugênica, Fernando de Magalhães concluía que "[...] o brasileiro virá a ser ainda um belo povo, capaz de grandes esforços físicos e intelectuais".[144]

O controle da imigração como uma medida eugênica e eficaz para melhorar as condições raciais da nacionalidade também foi frequentemente requisitado pelos psiquiatras e eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental.[145] Em 1925, em artigo publicado no primeiro volume dos *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*, revista editada pela própria Liga, Juliano Moreira alertava sobre o grande número de imigrantes indesejáveis que, diariamente, entravam no Brasil sem nenhum mecanismo de controle e fiscalização. "De nada nos servirá envidar esforços no sentido de melhorar as condições de saúde física e mental de nossa gente", afirmava ele, se novas levas de imigrantes indesejáveis continuarem a chegar ao território brasileiro.[146]

De acordo com Juliano Moreira, o governo brasileiro deveria, a exemplo do que já vinha ocorrendo nos Estados Unidos e na Inglaterra, rever a "soma dos males" provenientes da imprevidente liberalidade com que os imigrantes são recebidos.[147] Em seu ponto de vista, grande parte dos problemas sociais como a delinquência, a criminalidade, o alcoolismo e a loucura esta-

144. Idem, p. 172.

145. REIS, José Roberto Franco. Raça, imigração e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 36, dez. 1999, p. 29-55.

146. MOREIRA, Juliano. A seleção individual de imigrantes no programa da hygiene mental. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, mar. 1925, p. 109-115.

147. Idem.

riam diretamente relacionados à entrada desses imigrantes indesejáveis no país. No entanto, Juliano Moreira entendia que os problemas relativos à imigração no Brasil não diziam respeito às questões raciais, mas antes, aos aspectos sociais, como o nível de educação e de saúde dos imigrantes que aqui aportavam. Refutando o pessimismo advindo do racismo biológico, a atenção de Juliano Moreira deslocava-se para um amplo debate sobre doenças mentais, higiene, saneamento e educação.[148]

Semelhante posição tinha o médico Pacheco e Silva, também da Liga Brasileira de Higiene Mental que, apesar de compreender a necessidade que o Brasil tinha em conquistar novos braços para o trabalho, ressaltava que os imigrantes deveriam ser selecionados com o objetivo de contribuir como "fator eugenético" para o aperfeiçoamento da raça brasileira.[149] Medidas rigorosas de controle da imigração, acreditava ele, seriam positivas tanto para melhorar a condição racial da população, quanto para diminuir os problemas sociais:

> [...] desnecessário se torna assinalar o alcance de providências nesse sentido, cujos efeitos se fariam sentir imediatamente, não só em relação à criminalidade que entre nós tem aumentado extraordinariamente, como também contribuiria para a seleção de nossa raça, afastando elementos nocivos que só servem para influir maleficamente na constituição das futuras gerações brasileiras.
> A época é das mais propícias para que o assunto seja convenientemente ventilado, e, os que andam preocupados com os problemas da defesa social devem refletir sobre as conse-

148. VENANCIO, Ana Teresa; FACCHINETTI, Cristiana. "Gentes provindas de outras terras" – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2, jun. 2005, p. 356-363.

149. PACHECO; SILVA, A. C. Immigração e Criminalidade. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1925, p. 27-35.

quências nefastas da intromissão de tarados de toda a sorte que dia a dia se infiltram no seio da nossa coletividade.[150]

Nesse sentido, se a imigração se apresentava aos eugenistas e às elites políticas nacionais como uma medida otimista para aprimorar física e intelectualmente a população brasileira, ela poderia também se transformar num sério problema racial e sociológico, ao mesmo tempo, caso uma seleção eugênica não fosse estabelecida pelas autoridades competentes. Tanto Juliano Moreira quanto Pacheco e Silva, alertavam justamente para o risco da "desordem social" que os imigrantes não selecionados poderiam causar à nação.

Conscientes de que era com esse "povo" que o Brasil teria que seguir, e confiantes na força da miscigenação como mecanismo seletivo, os eugenistas promoveram durante os anos 1920 uma ampla associação entre a eugenia, o saneamento, a medicina social, a puericultura e a psiquiatria. O resultado foi uma ciência sutilmente conformada pelo cenário científico, social e político local, o que possibilitou que os eugenistas refutassem as teorias científicas que viam com preconceitos o futuro do Brasil, e passassem a pensar nas reformas sociais como alternativas mais viáveis para elevar o valor da raça nacional.

As discussões sobre a composição racial brasileira, ao menos nesse período, ficaram diluídas, portanto, em várias tendências explicativas que se aproximaram com o objetivo de reconstruir a identidade nacional e, ao mesmo tempo, demonstrar que os problemas do Brasil não seriam eternos ou irremovíveis. Por um lado, os eugenistas acionaram o discurso médico e sanitarista para explicar que a suposta inferioridade do homem brasileiro era devida às péssimas condições

150. Idem, p. 27.

sociais e do meio, cuja regeneração poderia ser estabelecida com eficiência pela ação saneadora da eugenia. De outro lado, os eugenistas entendiam que o "cruzamento racial" que estava se processando no território brasileiro não apresentava características degenerativas. Ao contrário, argumentavam eles, a "mescla racial" entre brasileiros e imigrantes bem selecionados produziria uma miscigenação eugênica, tendo como resultado a definição de uma "nacionalidade forte e varonil".

Contudo, no final dos anos 1920, parte dos eugenistas parecia não estar mais tão otimista em relação ao futuro racial do Brasil. O movimento iria se dividir entre uma tendência mais radical e autoritária - que já não acreditava na força regeneradora das reformas de cunho social e ambiental - e, outra, que continuaria em consonância com um modelo de eugenia mais "suave", que confiava no poder do saneamento, da educação e da miscigenação eugênica como meio para estabilizar as características do homem brasileiro.

Como personagem central do movimento eugênico, Renato Kehl transitou, ao longo de sua trajetória intelectual, entre estes dois modelos de eugenia. Inicialmente, sobretudo entre 1917 a 1927, devido a sua proximidade com o movimento sanitarista, Kehl se destacou como um defensor das reformas sanitaristas e dos princípios médicos ambientalistas. Do mesmo modo, Kehl continuava também otimista em relação à miscigenação racial brasileira, acreditando que tal processo levaria à homogeneização e ao branqueamento da nacionalidade. Contudo, no final da década de 1920, esse intelectual assumiria um discurso eugênico mais radical e racista, distanciando-se dos pressupostos sanitaristas e ambientalistas e estabelecendo uma aproximação com o modelo de "eugenia negativa", que já há al-

guns anos vinha se desenvolvendo na Alemanha, nos Estados Unidos, na Suécia e na Inglaterra.

Nos próximos capítulos, minha preocupação consistirá exatamente em analisar esses dois momentos históricos que constituíram a trajetória intelectual e profissional de Renato Kehl. Procurarei compreender as discussões médicas e científicas, os discursos e as relações sociais, políticas e institucionais que emolduraram suas ideias eugênicas e seu imaginário político e ideológico.

CAPÍTULO II

RENATO KEHL: UM EUGENISTA EM FORMAÇÃO

Renato Ferraz Kehl não é um personagem totalmente desconhecido na história intelectual brasileira. Referências aos seus trabalhos aparecem com frequência na historiografia, sobretudo nas discussões sobre medicina social, raça, imigração, controle matrimonial, higiene mental e eugenia.[1] Seu nome ficou mais intimamente associado a um grupo de médicos, cientistas e intelectuais da geração de 1920, que, ao lado de Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, representava uma tendência autoritária e racialista do pensamento social brasileiro, visto muitas vezes como defensor da tese sobre a inferioridade da população indígena, negra e mestiça.

A atividade intelectual exercida por Renato Kehl, entre 1917 a 1937, foi exaustivamente dedicada à divulgação da eugenia no cenário nacional. Nesse período, assumiu a propaganda eugênica como uma missão política, o que lhe rendeu o título de pai da eugenia no Brasil, conforme se referia o escritor Monteiro Lobato.[2] Ao longo de sua trajetória, Renato

1. A historiografia à qual me refiro, diz respeito, principalmente, às pesquisas produzidas no campo da história das ciências e da medicina. Entre estas podemos citar STEPAN, Nancy, op. cit., 2004 [1985]; ibidem; 2005 [1991]; MARQUES, Vera R. Beltrão, op. cit., 1994; SCHWARCZ, Lílian Moritz. op. cit., 2001[1993]; REIS, José R. Franco, op. cit., 1994; CARRARA, Sérgio, op. cit., 1996; LUCA, Tânia R. de. op. cit., 1999; ANTUNES, José L. Ferreira. *Medicina, leis e moral*: Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Unesp, 1999; BOARINI, Maria Lucia (org). *Higiene e raça como projetos*: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003; CASTAÑEDA, Luiza Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Revista Episteme*, Porto Alegre, vol. 3, n. 5, p. 23-48, 1998; MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito*: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. MOTA, André ; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. *Tramas* e *teias* da *retórica eugênica* em *São Paulo*. Personagens, contextos e instituições médicas (1916-1954); In:_____(org). *Eugenia e história*: ciência, educação e regionalidades. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 201-218.
2. Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, s/d (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Kehl publicou mais de duas dezenas de livros diretamente relacionados ao debate sobre eugenia, além de inúmeros artigos e entrevistas editadas pela imprensa e em revistas científicas e literárias, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi editor de revistas e periódicos nacionais, entre eles o *Boletim de Eugenia*, que circulou no período de 1929 a 1933.[3] Em 1918, com a colaboração do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo e, em 1931, a Comissão Central Brasileira de Eugenia.

Além de sua participação como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia e da Liga Brasileira de Higiene Mental, Renato Kehl foi membro titular da Academia Nacional de Medicina, eleito em 1933, para ocupar a cadeira de número 48. Seu nome consta, também, na relação de membro correspondente de várias sociedades científicas estrangeiras, como da Academia Nacional de Medicina do Peru, Sociedade Mexicana de Eugenia, *Sociéte Française d'Eugenique*, Sociedade de Antropologia-Etnologia do Porto, *Eugenics Education Society* de Londres, Instituto de Eugenia de Berlin, Instituto de Eugenia e Biologia Racial de Uppsala e da *Eugenics Record Office* de Nova York.[4]

Apesar de ter sido autor de uma vasta produção intelectual, cuja obra esteve estreitamente relacionada às discussões polêmicas e controvertidas do pensamento científico

3. Além do *Boletim de Eugenia*, Renato Kehl dirigiu, durante as décadas de 1920 a 1940, a *Revista Terapêutica*, *Vida Rural* e *O Farmacêutico Brasileiro*, editadas e financiadas pela Casa Bayer do Brasil, da qual Kehl foi seu diretor entre 1927 a 1944 (Dados biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. *Revista Terapêutica*, Rio de Janeiro, n. 4, 1959 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

4. MELO, Luis Correia (org.). *Dicionário de autores Paulistas*. São Paulo: Gráfica Irmãos Andrioli, 1954, p. 287-288.

e social brasileiros, sua biografia é praticamente desconhecida até mesmo na historiografia nacional.[5] Dessa maneira, pretendo investigar, neste capítulo, a sua trajetória intelectual e profissional, bem como os seus primeiros anos de vida pública, especialmente entre 1917 a 1927, período em que iniciou sua campanha pela divulgação da eugenia e que atuou como médico e higienista ligado ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Meu objetivo consistirá, ainda, em compreender quando e de que maneira as ideias eugênicas passaram a fazer parte do pensamento científico, intelectual e político de Renato Kehl. Procurarei analisar os projetos e a propaganda eugênica desenvolvidos por esse autor até 1927, período em que, conforme pretendo explicitar, teria ocorrido uma ruptura com o modelo de eugenia adotado até então, discussão que será tratada no terceiro e quarto capítulos deste livro.

No entanto, este capítulo não tratará apenas da análise biográfica desse personagem. Será também um esforço para compreender a rede de relações intelectuais e institucionais estabelecidas por Renato Kehl como meio de divulgar e consolidar as ideias eugênicas e, ao mesmo tempo, de definir o seu espaço de autoridade dentro do campo científico brasileiro. Nesse contexto, procurarei analisar de que maneira Renato Kehl acionou estratégias políticas e intelectuais com o objetivo de estabelecer uma estreita

5. No entanto, é preciso ressaltar duas dissertações de mestrado que foram defendidas recentemente e que são referências importantes para quem deseja conhecer a obra e as ideias desse eugenista: Marcos Nalli procurou analisar o projeto de educação e a antropologia eugênica contida na obra *Lições de Eugenia*, escrita por Kehl em 1929 (NALLI, Marcos Alexandre Gomes. *O gene educado*: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a Educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Maringá: UEM, 2000); Pietra Diwan investigou, em sua pesquisa de mestrado, as práticas discursivas e as redes de poder no eugenismo de Renato Kehl, com o objetivo de perceber a maneira pela qual o corpo imperfeito, a fealdade e a anormalidade foram desumanizadas pelo discurso eugênico (DIWAN, Pietra. op. cit., 2003).

identidade entre o seu nome e as ideias e discussões relacionadas à eugenia. Como enfatizarei ao longo deste capítulo, a visibilidade do seu nome e a sua liderança como o principal eugenista brasileiro, possibilitou-lhe acumular importante capital simbólico, pelo qual almejava alcançar reconhecimento, prestígio e ascensão social e intelectual entre seus pares e o público mais amplo.

O encontro com a eugenia

Renato Ferraz Kehl nasceu em 22 de agosto de 1889, ano marcado por um processo de transição política e social da história do Brasil, especialmente devido ao fim da escravidão, às discussões em torno da implantação do sistema republicano e da modernização do Estado brasileiro. Viveu toda a sua infância e parte da juventude na pequena cidade de Limeira, no interior do estado de São Paulo. Nessa mesma cidade, completou os primeiros anos de sua educação escolar, concluindo a formação colegial em 1904, na Escola Nogueira Gama, da cidade de Jacareí.[6] Filho de Joaquin Maynert Kehl e Rita Cássia Ferraz Kehl, Renato foi educado numa família de formação católica, cujos valores sociais foram definidos, em grande medida, pelo seu pertencimento à emergente classe média paulista desse período.

Seu pai, Joaquin Maynert Kehl (1860-1931), filho de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil na primeira metade do século XIX, havia se diplomado em medicina em 1883, pela Escola de Medicina de São Paulo.[7] No entanto, devido ao seu

6. Who's Important in Medicine. Institute for Research in Biography. Nova York, s/d, (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC); MELO, Luís Correa, op. cit., 1954; Dados biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. op. cit, 1959.

7. Nota divulgada na *Revista O Farmacêutico Brasileiro*. Rio de Janeiro, set 1931 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

interesse pelos estudos sobre química, botânica e farmácia, acabou seguindo a carreira de farmacêutico e empresário do ramo.[8] Além de ter contribuído para a elaboração da *Farmacopéia Paulista* (um grande compêndio sobre medicamentos e receitas médicas), Joaquin Maynert Kehl foi, também, um influente empresário junto à classe farmacêutica paulista e brasileira, sendo eleito, durante a década de 1920, presidente da Sociedade União Farmacêutica de São Paulo.[9]

Em 1905, seguindo a carreira do pai, Renato Kehl ingressou no curso de Farmácia da antiga Faculdade de Farmácia de São Paulo, completando sua graduação em 1909. Conforme ele mesmo declarava alguns anos depois, a conclusão desse curso teria obedecido a um conselho especial de seu pai, que lhe recomendava: "estude medicina, mas antes seja farmacêutico".[10] Renato Kehl chegou mesmo a assumir, por alguns meses, a direção da farmácia que seu pai mantinha há vários anos na cidade de Limeira[11]. Contudo, apesar de a formação farmacêutica ser uma profissão bastante prestigiada no início do século XX, Kehl optou pela realização do curso de medicina.

Em 1910, juntamente com seu irmão mais jovem, Vladimir Ferraz Kehl, mudou-se para a Capital Federal, onde ambos iniciaram a faculdade de medicina, na então tradicional Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nessa cidade, entrou em contato com as ideias e polêmicas que durante os anos 1910 moldavam o pensamento intelectual e a própria realidade social

8. KEHL, Renato. *Posse do Novo Acadêmico*. Rio de Janeiro: Tipografia América, 1933, p. 13-14.
9. Homenagem à memória de J. M. Kehl. *Diário da Noite*. São Paulo, 26 jun. 1931 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
10. KEHL, Renato. *Posse do Novo Acadêmico*. op. cit., p. 14.
11. KEHL, Renato. Discurso na Associação Brasileira de Farmacêutico. *Revista Mundo Novo*. Rio de Janeiro, janeiro de 1929 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

e política do país. Conheceu intelectuais como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, Eduardo Rabelo, Agostinho de Souza Lima, entre outros que, como seus professores e colegas, exerceriam grande influência sobre sua vida intelectual e científica, ou mesmo em suas futuras atividades profissionais, como veremos mais adiante.

Após defender uma tese sobre medicina dermatológica, intitulada *Blastomicose*,[12] encerrou a faculdade de medicina em 1915, assim como ocorreu com seu irmão mais jovem. Ambos retornaram para São Paulo nesse mesmo ano, agora como "doutores", cuja formação era bastante almejada tanto pelos jovens da classe média, quanto pelas elites nacionais. De maneira geral, o título de graduação em medicina era visto no Brasil como um importante símbolo de prestígio e garantia de ascensão social e política. No ano seguinte, em 1916, Renato Kehl iniciou sua carreira profissional como médico, na cidade de São Paulo, tendo como especialidade a clínica cirúrgica e a geriatria (esta última, conhecida na época como "doenças de idosos").[13]

Durante os seis anos em que permaneceu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Renato Kehl travou contato com a obra de biólogos e naturalistas como Lamarck, Darwin, Spencer, Broca, Lapouge, Agassiz, Dechambre, Galton e Weismann. De maneira geral, esses autores foram influências importantes no pensamento médico e social brasileiro da geração de intelectuais formada entre o final do século XIX e início do XX. Segundo o próprio Renato Kehl, esses pensadores teriam orientado suas concepções intelectuais e científicas,

12. KEHL, Renato. *Blastomicose*. Rio de Janeiro. Tipografia do Jornal do Comércio, 1915.

13. Who's Important in Medicine. Institute for Research in Biography. Nova York, s/d, (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

sendo inclusive citados em seus primeiros trabalhos como médico e eugenista.[14] O estreito contato com as diferentes concepções extraídas desses autores, conforme aparece em relatos deixados por Kehl, teria despertado seu interesse pelas discussões sobre raça, hereditariedade, evolução, degeneração e, sobretudo, para as ideias eugênicas.

Dentre esses autores, o cientista britânico Francis Galton, o fundador da eugenia, foi quem exerceu maior fascínio sobre a produção intelectual do jovem aluno de medicina. As concepções galtonianas sobre hereditariedade e a formação dos "tipos eugênicos" tornaram-se presença constante nas obras publicadas por Renato Kehl ao longo de sua trajetória intelectual. Em homenagem a esse cientista, considerado por ele como um "verdadeiro humanista", Kehl escreveu vários artigos, memórias, notas e comentários biográficos ao longo das décadas de 1920 e 1930, muitos, inclusive, publicados em jornais e revistas de grande circulação nacional. Nas palavras do eugenista brasileiro, a "inteligência rara" e o "idealismo construtor" de Francis Galton tinham origens na própria formação hereditária de sua família. Bisneto de Erasmo Darwin e primo de Charles Darwin, Kehl acreditava que a "ilustre estirpe" da qual Galton tinha nascido não lhe permitiu fugir "[...] dos bons desígnios que o fizeram o patrono de uma das mais belas estirpes destes últimos séculos". Kehl destacava que o "grande pai da eugenia" era "um tipo perfeito e equilibrado de homem: fisicamente, robusto; psiquicamente, um superior; moralmente, um tipo exemplar", o que teria possibilitado que suas obras se destacassem no cenário científico mundial.[15]

14. Entre esses trabalhos, podemos citar sua conferência pronunciada em 1917, intitulada *Eugenia*, e seu artigo *Darwinismo Social e Eugenia*, publicado em 1918.
15. KEHL, Renato. Galton: sábio construtor. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 fev. 1930 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Segundo Renato Kehl, "os ecos" do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em 1912, pela *Eugenics Society*, na cidade de Londres, o teriam impelido também para o estudo da eugenia e dos problemas relacionados à hereditariedade e à regeneração humana.[16] Nesse período, segundo ele, sua preocupação já se dirigia a "certos pontos da complexa e debatida questão da hereditariedade", que haviam sido tratados por vários eugenistas durante o referido evento, e que ele teria acompanhado com entusiasmo na publicação dos Anais do Congresso.[17]

Um ano após a realização do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia - do qual participaram médicos, biólogos e eugenistas como Leonard Darwin, Karl Pearson, Charles Davenport, August Weismann e mais de 750 cientistas de vários países, sobretudo da Europa e dos Estados Unidos[18] -, Renato Kehl teria escrito seu primeiro trabalho sobre eugenia, no qual tratava do estudo sobre as teorias de August Weismann, que, como era o seu intuito, deveria ter sido apresentado como tese para sua conclusão no curso de medicina. Contudo, como ele mesmo ressaltava anos mais tarde, devido à dificuldade de se lidar com um assunto tão complexo e ainda pouco conhecido entre os intelectuais brasileiros, o trabalho não foi publicado naquele momento, conservando-se inédito.[19]

16. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 15.
17. Idem.
18. Devido à participação de importantes médicos, cientistas e autoridades políticas, o programa científico eugênico, idealizado por Francis Galton desde o final do século XIX, transformar-se-ia num amplo movimento mundial, sobretudo devido à criação de sociedades, organizações e congressos que viriam a ser realizados tanto na Europa e nos Estados Unidos quanto na América Latina (sobre o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, ver KEVLES, Daniel. op. cit., 1995).
19. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 15. Como esse trabalho não foi publicado, não conseguimos localizar vestígios que levassem a ele. De

O interesse em publicar um estudo sobre eugenia e hereditariedade continuou presente mesmo após o término do curso de medicina. Em 1916, em correspondência encaminhada ao médico Lessa Neto, seu antigo colega da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Kehl parecia entusiasmado ao destacar os elogiosos comentários recebidos do Professor Gougenot, da Faculdade de Medicina de Paris, que ao ler sua tese sobre medicina dermatológica teria lhe enviado correspondência para parabenizá-lo. "Fiquei contentíssimo", explicava Kehl a Lessa Neto, "pois é mais um atestado, e isso me encoraja para terminar o meu livrinho sobre Hereditariedade Normal".[20]

Em conferência realizada no final dos anos 1930, na cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, Renato Kehl comentava, ao elaborar um histórico sobre sua trajetória intelectual que, desde muito jovem, dois fatos o tinham impressionado quanto aos aspectos da hereditariedade humana, possibilitando formular cogitações que nunca mais o abandonaram e que teriam contribuído fundamentalmente para aproximá-lo dos estudos sobre eugenia e hereditariedade:

> [...] um refere-se à espantosa profusão de degenerados; outro à grande dessemelhança morfológica existente entre os homens, ao contrário do que se observa, correntemente,

qualquer modo, é preciso enfatizar que referências a August Weismann aparecem com muita frequência nos trabalhos publicados por Renato Kehl ao longo de sua trajetória. Em 1919, por exemplo, em artigo publicado na imprensa carioca, Kehl enfatizava que "dentre as muitas teorias sobre a hereditariedade nenhuma é mais completa, e se concilia mais com a lógica que a teoria de Weismann". Segundo ele, "[...] essa é a opinião geral dos cientistas que se dedicam a esta transcendente questão biológica" (KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 4 abr. 1919 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

20. Correspondência de Renato Kehl a Lessa Neto. São Paulo, 28 de fevereiro de 1916 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

> com os animais da mesma raça e criação. Assim, pois, foi o espetáculo das deformidades e [...] também a estranha diversidade de tipos humanos que me levaram a estudar os problemas biológicos da hereditariedade e os da influência do meio sobre a espécie humana.[21]

Desse modo, refletindo sobre os pontos principais que o conduziram aos estudos sobre a constituição da hereditariedade humana, afirmava que seu interesse por essas questões surgiu quando cursava a faculdade de medicina, e o teriam "[...] levado ao estudo dos problemas da hereditariedade normal e patológica, estudo este que, por sua vez, me inclinou para o estudo da zootecnia e da eugenia".[22]

Nessa mesma conferência, Renato Kehl se referia também aos pressupostos encontrados na obra de Dechambre, biólogo e cientista francês que, durante os anos 1910, o teria orientado sobre os segredos da ciência biológica, sobre a variedade e a raça, sobre os métodos de reprodução "[...] e sobre todas as questões ligadas à hereditariedade, ao cruzamento e à escolha dos reprodutores". Com Dechambre, recordava Kehl, teria aprendido, ainda como estudante de medicina, que "[...] assim como a zootecnia é uma realidade prática para os animais, a eugenia é para os homens".[23]

O resultado efetivo do encontro de Renato Kehl com o programa da eugenia, já ensaiado há alguns anos, aconteceu definitivamente em abril de 1917, a partir da publicação de seu primeiro trabalho sobre eugenia. Tratou-se de uma conferência

21. KEHL, Renato. *O médico da coletividade*. Conferência realizada na cidade de Limeira, 1939 (texto avulso datilografado, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
22. Idem.
23. Idem.

realizada em São Paulo, na sede da Associação Cristã dos Moços, intitulada *Eugenia.* A preocupação do conferencista consistiu numa rápida digressão sobre as principais questões que envolviam, em sua concepção, o conhecimento eugênico, sobretudo as discussões relacionadas à hereditariedade e aos fatores disgênicos.[24] Renato Kehl procurava ressaltar, ainda, a importância de se estudar a eugenia no Brasil - "até agora quase que completamente descurada entre nós" -, num momento em que as ideias nacionalistas encontravam-se em pleno desenvolvimento, em que se despertam as "forças regeneradoras" em defesa da nacionalidade.[25] Destacando o esforço de Miguel Pereira na luta contra as endemias e as epidemias que assolavam a população brasileira, Renato Kehl ressaltava quão imperiosa era, também, a necessidade de se cuidar eugenicamente da raça brasileira, a fim de "torná-la sã, forte e robusta".[26]

Em suas palavras, era preciso proclamar os fins da eugenia por todo o território nacional, pois essa ciência, "esquecida infelizmente pela maioria dos homens de ciência do nosso país", seria o único meio de "salvaguardar a descendência da degeneração".[27] De acordo com suas convicções, havia chegado a hora de os intelectuais e de as autoridades brasileiras ocuparem a sua atenção com as ideias eugênicas propostas por Galton desde o final do século XIX. Do mesmo modo que os eugenistas norte-americanos já faziam em relação à sua população, destacava ele, seria preciso fazer também no Brasil: "[...] estudar as condições mais favoráveis para o levantamento da raça humana e fixar as regras para as boas reproduções".[28] Na

24. KEHL, Renato. Conferência de propaganda eugênica. op. cit., 1919.
25. Idem, p. 67.
26. Idem, p. 68.
27. Idem, p. 69.
28. Idem, p. 68.

concepção desse autor, a campanha eugênica brasileira deveria ser uma das preocupações máximas da imprensa nacional:

> Cumpre-lhe fazer ecoar por este grandioso Brasil as vozes que na Europa e América já foram ouvidas; cumpre-lhe, como disse Roosevelt, 'dar combate ao assassinato da raça'. Saneiem-se os focos epidêmicos, debelem-se as endemias que assolam a nossa pátria de norte a sul, façamos repercutir as ideias eugênicas de Galton, multipliquem-se os cultores da ciência do bem geral, dessa grandiosa edificação protetora das raças do futuro. Sirva-nos de incentivo a propaganda eugênica dos Estados Unidos, façamos conhecidos os trabalhos dos ilustres cientistas alemães, Plotz e Gruber; elevemos os méritos da eugenia; pratiquemos as suas regras para o revigoramento da população brasileira. [...] Prossigamos, pois, na cruzada encetada, divulguemos os princípios eugênicos, e os veremos triunfar.[29]

A conferência de Kehl recebeu, inclusive, uma publicação na íntegra nas páginas do *Jornal do Comércio*, sendo bem recebida entre os leitores. O artigo teria empolgado até mesmo o escritor Monteiro Lobato, um dos principais intelectuais brasileiros da época e um entusiasta do movimento sanitarista e da eugenia. Ao ler o texto nas páginas do jornal paulista, Lobato escreveu a Renato Kehl dizendo sentir-se "[...] envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideais e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente 'eugênico' pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular".[30] Esse seria o primeiro contato entre Kehl e Lobato que, nos anos seguintes, levaria a uma relação pessoal e intelectual bastante próxima.

29. Idem, p. 78-79.
30. Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, 6 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

De acordo com os textos publicados posteriormente pelo próprio Renato Kehl, foi essa conferência que o mobilizou no sentido de iniciar a divulgação da eugenia entre o público brasileiro.[31] Seu interesse em transformar os pressupostos eugênicos conhecidos e familiarizados entre o público nacional começava objetivamente a ganhar consistência no final dos anos 1910. Em sua compreensão, a inserção da eugenia nos debates científicos, políticos e institucionais brasileiros, dependeria, sobretudo, do sucesso da propaganda eugênica e da adesão de um bom número de jornalistas, da classe médica, das autoridades políticas e do público letrado interessados nos assuntos do país.

A consolidação de um projeto

No final dos anos 1910, devido à apreensão social causada pelas grandes epidemias e às precárias condições sanitárias, o governo do estado de São Paulo passou a investir suas preocupações, de forma mais efetiva, na implantação de serviços higiênicos e sanitários. Sob o comando do cientista Artur Neiva (1880-1943), nomeado a partir de 1917, para dirigir os serviços sanitários do estado, as políticas de saúde pública entraram numa era de grandes reformas, especialmente em relação aos serviços de profilaxia e combate às endemias rurais, como a malária e a ancilostomíase, além dos serviços de melhoramento sanitário e reforma das áreas urbanas.[32]

---

31. KEHL, Renato. A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 53.
32. Sobre a reforma sanitária em São Paulo ver HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento...* op. cit., 1998, p. 209-241.

O otimismo criado em torno desse contexto - que propiciou ao estado de São Paulo a liderança nacional nos serviços de saúde pública - mobilizou parte da sociedade paulista, sobretudo a classe política e intelectual, em torno das ideias e dos debates médicos relacionados à higiene e ao saneamento.[33] As concepções científicas oriundas do campo médico, bem como as reformas propostas pelos sanitaristas, foram apropriadas como um mecanismo político que poderia estabelecer a ordem ao caos imposto pelas péssimas condições sanitárias e pelas inúmeras doenças que ameaçavam a sociedade como um todo. Na verdade, a crença no poder da ciência médica vinha se estabelecendo no país desde o início do século XX, quando os estudos científicos sobre bacteriologia e medicina tropical, lideradas por figuras como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, passaram a ser assimiladas como uma ferramenta civilizadora, salvacionista e regeneradora.[34]

Existia, portanto, nas primeiras décadas do século XX, um ambiente intelectual favorável para que as ideias eugênicas fossem inseridas, com sucesso, entre o público letrado e as autoridades políticas da capital paulista. Nesse sentido, Renato Kehl passou a intensificar sua propaganda em prol dos pressupostos eugênicos, acreditando que a hora da eugenia havia chegado. Seu empenho e entusiasmo pessoal conseguiu mobilizar um grupo importante da classe médica que, já familiarizada com as ideias científicas ligadas à higiene e ao saneamento, passou a visualizar, nas propostas eugênicas, uma importante aliada no processo de regeneração da população nacional.

33. Idem.

34. Sobre o estabelecimento das ideias científicas no Brasil e da projeção que as ciências biomédicas ocuparam no cenário nacional de início do século XX, ver STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

Em dezembro de 1917, com o objetivo de discutir o código matrimonial civil brasileiro, Renato Kehl e Arnaldo Viera de Carvalho convidaram um grupo de médicos da capital paulista para se reunirem no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia. Ao final da reunião, devido às calorosas discussões e à receptividade que as ideias eugênicas vinham recebendo entre os intelectuais paulistas, Renato Kehl acreditava ser possível a fundação de uma sociedade eugênica na cidade de São Paulo, voltada para as discussões sobre higiene, hereditariedade e saúde racial.[35]

Um mês depois, em 10 de janeiro de 1918, Renato Kehl remeteu uma carta circular a dezenas de médicos da capital e do interior do estado de São Paulo convidando-os a comparecerem na Sociedade de Medicina e Cirurgia. O objetivo do encontro era tratar da fundação de uma Sociedade Eugênica. Na correspondência, o jovem eugenista destacava a importância do conhecimento eugênico para o aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana, as questões relacionadas à hereditariedade, descendência, evolução e a todos os assuntos que se referem à eugenia.[36]Além de se referir a Francis Galton como o fundador da eugenia, Kehl procurava dar legitimidade e coerência ao seu interesse em organizar um movimento eugênico no Brasil, enfatizando as conquistas do movimento eugênico mundial. Segundo ele, "[...] numerosas sociedades eugênicas, fundadas na Europa e nos Estados Unidos para combater o álcool, a sífilis, a tuberculose e todos os demais fatores disgênicos, vão aí cooperando enormemente para o aperfeiçoamento das raças humanas".[37]

35. KEHL, Renato. O primeiro movimento eugenista. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 maio 1921 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

36. Essa circular enviada por Renato Kehl aparece transcrita nos *Annaes de eugenia*, op. cit., 1919, p. 2.

37 Idem.

A sessão inaugural da Sociedade Eugênica aconteceu no dia 15 de janeiro de 1918, no Salão Nobre da Santa Casa de Misericórdia, local que se transformou na sede oficial da instituição. Compareceram a essa sessão mais de uma centena de médicos, jornalistas, juristas e autoridades políticas, curiosos por ouvir o que a ciência de Galton poderia lhes oferecer como mecanismo para melhorar o vigor físico e intelectual do homem brasileiro. A sessão foi aberta por Renato Kehl, nomeado secretário geral da Sociedade, que, ressaltando a importância da classe médica para a sociedade brasileira, convocava todos os presentes para auxiliarem na campanha de divulgação e na promoção das práticas eugênicas. Conforme destacava esse eugenista, o estudo e a aplicação do conhecimento eugênico seria o meio mais rápido e eficiente para moldar o organismo humano, protegendo as "gerações futuras da delinquência e encurtando as arestas da imperfeição".[38]

Alguns meses após a sua fundação, quando a Sociedade já havia realizado sessões e organizado várias conferências na capital paulista, Renato Kehl comentava, por meio das páginas do jornal *Estado de São Paulo,* sobre os avanços que a instituição já havia alcançado. Segundo ele, "amparada pela simpatia pública e consolidada nos seus alicerces pela adesão unânime de todos que compreenderam os verdadeiros fins a que ela se destina", a Sociedade Eugênica vai se consolidando e vencendo a incredulidade daqueles que consideravam o eugenismo como utopia.[39] Com a ampliação da propaganda e a simpatia de importantes intelectuais, das autoridades políticas e da população em geral, enfatizava Kehl de maneira efusiva, "cremos na vitória da Eugenia".[40]

38. KEHL, Renato. *Annaes de Eugenia*, op. cit., 1919, p. 4.
39. KEHL, Renato. Movimento associativo. *O Estado de São Paulo*: São Paulo, 07 set. 1918 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
40. KEHL, Renato. Conferência de propaganda eugênica. op. cit., 1919, p. 79.

Em artigo publicado em 1919, no jornal *Diário Popular* de São Paulo, o eugenista argumentava que, aos poucos, as ideias eugênicas começavam a ganhar a atenção pública e "penetrar nas mentes das pessoas". Em suas palavras, quando a eugenia "[...] entrar como o abc nas escolas, como o catecismo nas igrejas, como os romances nas mãos dos moços e das moças e a bíblia ou o manual culinário nas casas de família, saberão todos os princípios da higiene individual". O dia em que a eugenia for compreendida por todos, concluía Kehl, a humanidade atingirá a felicidade plena e um "espírito equilibrado", constituindo-se na "alavanca do progresso" e na evolução e da espécie.[41]

Neste sentido, os pressupostos eugênicos assumidos por Renato Kehl ganhavam um caráter quase religioso e profético. Essa concepção ufanista sobre os significados da eugenia não era, contudo, uma exceção entre os intelectuais brasileiros do período. A existência de uma tradição cientificista, especialmente no campo da medicina, permitia que o discurso da ciência fosse assimilado profeticamente como a salvação para os problemas nacionais, se não como uma religião, ao menos como panaceia. Renato Kehl, inspirado por essa crença redentora, ia ainda mais longe, afirmando, em artigo publicado em 1918, que a eugenia "[...] *é mais que ciência, é religião, religião da saúde, do corpo e do espírito – a verdadeira religião da humanidade*".[42]

De acordo com Kehl, para que a eugenia pudesse conquistar a merecida vitória e ser vista como a "religião do futuro", fazia-se necessário ampliar o número de aliados para além das fronteiras do estado de São Paulo. Acreditava que a

41. KEHL, Renato. As associações eugênicas. *Diário Popular*: São Paulo, 5 abril 1919 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

42. KEHL, Renato. Darwinismo social e eugenia. In: *Annaes de eugenia*. op. cit., 1919, p. 183 [grifo nosso].

inserção definitiva da eugenia na ciência brasileira dependia da adesão das principais autoridades intelectuais e políticas. Seu primeiro passo, nesse sentido, foi efetuar contatos e estimular a propaganda eugênica também no Rio de Janeiro, onde o pensamento médico e científico já havia conquistado a imprensa e parte da opinião pública, especialmente pelos trabalhos que instituições como o Instituto de Manguinhos desenvolvia no campo biomédico e da saúde pública.

O sanitarista Belisário Penna, diretor do recém criado Serviço de Profilaxia Rural e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil, da qual Renato Kehl fazia parte como membro e representante da classe médica paulista, foi convidado pelo jovem eugenista de São Paulo para liderar a propaganda eugênica na Capital Federal. Renato Kehl acreditava que Belisário Penna poderia desempenhar um papel importante entre os intelectuais cariocas, não somente por ser uma autoridade intelectual e política reconhecida, mas, especialmente, pelas campanhas que desenvolvia em prol da higiene e do saneamento, cujos propósitos, segundo a concepção dos eugenistas brasileiros, em muito se aproximava dos ideais pregados pela eugenia.

Ao ser nomeado presidente honorário da Sociedade Eugênica de São Paulo, Belisário Penna agradeceu, em correspondência remetida a Renato Kehl, em abril de 1918, a indicação do seu nome e o "voto de louvor" que os eugenistas de São Paulo lhe haviam atribuído. Segundo Belisário,

> [isso lhe] servirá como valioso incentivo para não esmorecer nessa cruzada árdua em prol do levantamento da nossa raça, mas de cuja vitória depende a solução de todos os problemas nacionais, para que o nosso querido Brasil

> tenha o direito de aspirar a um lugar distinto no convívio das nações cultas.[43]

Ainda da Capital Federal, o médico Juliano Moreira, Diretor do Hospital Nacional de Alienados e um dos principais representantes da psiquiatra brasileira, ao receber o convite de Renato Kehl para participar como membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, enviou correspondência informando-lhe que também havia criado uma Sociedade Eugênica, anexa à Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro, com o objetivo de aplicar o conhecimento eugênico no campo da higiene mental.[44]

Afrânio Peixoto, médico e escritor já muito conhecido por seus trabalhos sobre higiene, medicina legal e higiene mental, escreveu também ao eugenista de São Paulo comentando sobre seus interesses científicos por essa nova ciência, que em tão boa hora vinha contribuir para o desenvolvimento da nação. Segundo Afrânio, seus estudos sobre eugenia eram desenvolvidos já há alguns anos. Por meio deles desejava estimular a propaganda e o debate sobre as ideias eugênicas na cidade do Rio de Janeiro. Porém, conforme comunicava a Renato Kehl,

> [Diferentemente do que acontece na Sociedade Eugênica de São Paulo] nosso desejo aqui no Rio é mais modesto, porque apenas fazemos na Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal uma seção de estudos eugênicos um pouco

43. Correspondência de Belisário Penna a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15 abr. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

44. Correspondência de Juliano Moreira a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

> mais ampliados do que os que de alguns anos iniciei e venho acumulando para ulterior publicação.[45]

Nessa mesma correspondência, Afrânio Peixoto demonstrava-se interessado em conhecer os trabalhos de seu colega e antigo aluno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Seu desejo era divulgar os trabalhos e as ideias de Renato Kehl entre os intelectuais da Sociedade Brasileira de Psiquiatria e Medicina Legal, o que contribuiria para motivar o debate sobre eugenia, também no núcleo desta sociedade:

> Soube também que o meu prezado colega publicou um trabalho sobre eugenia. Não o tenho encontrado nas livrarias daqui, muito lhe agradeceria um exemplar do qual darei notícias nos Arquivos Brasileiro de Psiquiatria, que também motivarão o início dos trabalhos de nossa sociedade de cuja prosperidade estou eu de antemão convicto.[46]

Essa estreita relação da eugenia com os pressupostos oriundos do pensamento psiquiátrico brasileiro iria se intensificar durante os anos 1920, sobretudo após a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em 1923. Do mesmo modo, a partir do início da década de 1930, com a criação da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE), fundada por Renato Kehl e um grupo de médicos do Rio de Janeiro, alguns dos principais higienistas mentais filiaram-se a essa instituição com o objetivo de estreitar as relações entre os estudos eugênicos e a psiquiatria.[47]

45. Correspondência de Afrânio Peixoto a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 15/11/1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
46. Idem.
47. Entre os intelectuais que faziam parte da Comissão Central Brasileira de Eugenia, constam os nomes dos seguintes psiquiatras: Ernani Lopes,

Como aliado importante para a divulgação da eugenia no Rio de Janeiro, Renato Kehl encontraria ainda o médico e eugenista Agostinho de Souza Lima que, além de sua liderança junto à classe médica carioca, era também um destacado personagem da elite política brasileira. Souza Lima, conforme é possível perceber pelas suas correspondências remetidas a Renato Kehl, foi um grande incentivador não somente da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, da qual fora nomeado presidente honorário, mas também das campanhas eugênicas que Kehl pretendia desenvolver na cidade do Rio de Janeiro.[48]

Mesmo recluso em Petrópolis, cidade para onde se retirou com o objetivo de tratar de um problema de saúde,[49] Souza Lima manteve frequente correspondência com Renato Kehl, pelas quais vinham discutindo um projeto para fundar, no Rio de Janeiro, um centro de eugenia, cujo objetivo consistia em reunir os interessados na defesa eugênica da raça nacional.[50] No entanto, devido ao agravamento do seu estado de saúde, e de sua morte em 1921, o empreendimento científico tão almejado por ambos acabou não se concretizando.

Um ano após a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, um grande número de médicos, jornalistas e

---

presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, Cunha Lopes e Porto Carrero (KEHL, Renato. Brazilian Central Commitee for the study and propaganda of eugenics. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 28, abr. 1931, p. 07).

48. Algumas das correspondências trocadas entre Renato Kehl e Agostinho de Souza Lima encontram-se no Arquivo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.
49. Nas correspondências remetidas a Kehl, no final dos anos 1910, Souza Lima costumava comentar sobre o seu estado de saúde, lamentando não poder estar presente às reuniões da Sociedade Eugênica de São Paulo e de atuar ativamente na campanha que os eugenistas de São Paulo vinham encetando.
50. Correspondência de Souza Lima a Renato Kehl. Rio de Janeiro. 12 de março de 1918. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

literatos paulistas e cariocas já aderia às propostas eugênicas, principalmente devido à estreita aproximação das ideias eugênicas com os pressupostos da higiene mental e do pensamento sanitarista. Aos poucos, como argumentava o próprio Renato Kehl, através da imprensa paulista, "[...] se vão arregimentando novos e valorosos companheiros para auxiliar a empreitada dos eugenizadores na sua propaganda".[51]

Em sua opinião, ninguém seria "[...] capaz de negar, em boa mente, que o eugenismo[52] não esteja implantado definitivamente no Brasil".[53] Contudo, reconhecia que a campanha vitoriosa da eugenia não deveria ser avaliada pelos resultados já colhidos ou materializados em tão pouco tempo:

> Consideramos vitoriosa a iniciativa porque conseguimos ampliar o campo visual de muita gente que, pela diafragmatização miótica poucos alcançavam nestes assuntos; porque conseguimos demonstrar a outros a dificuldade em tornar conhecida uma doutrina quanto mais em tornar eficiente os seus fins; porque captamos a simpática paciência de alguns que, não duvidando dos passos certos e seguros da campanha, ambicionavam ver a melhoria da raça humana efetuar-se com a mesma presteza com que se selecionam as raças de animais.[54]

Desse modo, como as ideias eugênicas começavam a se fixar no imaginário intelectual brasileiro, especialmente entre os médicos, educadores e sanitaristas, o discurso de

51. KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comercio*. 04 abr. 1919 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
52. Vale ressaltar que, nesse período, Renato Kehl utilizava o termo eugenismo de maneira indistinta. Como demonstrarei no capítulo IV, a partir do final dos anos 1920, o autor distinguiria o conceito de eugenia de eugenismo.
53. Idem.
54. Idem.

Renato Kehl sobre a sua própria propaganda ganhava agora um tom declaradamente otimista. Se a intervenção eugênica ainda não era efetivamente implantada, ao menos em termos de discursos, suas propostas começavam a ser bem recebidas. Para ele, a eugenia deveria ser encarada como a ciência do dia, pois sua implantação significaria a elevação das qualidades físicas da população brasileira, além de ensinar os verdadeiros caminhos da regeneração racial.[55] Convicto de que a eugenia iria ser transformada na religião de todo "bom brasileiro" e que, em breve, conquistaria a simpatia da classe política e dirigente do país, Renato Kehl assumia definitivamente a eugenia como o seu apostolado, como a sua verdadeira missão intelectual.

Renato Kehl seguia, nesse sentido, um comportamento intelectual que já havia se transformado numa tradição entre os homens letrados da Primeira República. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, no início do século XX, jornalistas, literatos, médicos e cientistas desenvolviam a sua atividade intelectual como uma missão política, ou como uma "ação pública", voltada para a reforma e a transformação efetiva da realidade social e política da nação, como coordenadores do processo de mudança em curso.[56] Os intelectuais brasileiros repensavam o país, segundo Sevcenko, "[...] como se seu olhar estivesse postado no próprio centro de decisões, calculando suas possibilidades, medindo seus limites reais".[57]

O contato e a rede institucional formada por Renato Kehl, junto com cientistas ligados às diferentes áreas do conhecimento, além de corroborarem para confirmar

55. KEHL, Renato. Eugenia. *Diário de Barbacena*. Barbacena, 9 out. 1919 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

56. SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como missão*: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 232.

57. Idem.

o estabelecimento do movimento eugênico no Brasil, demonstram também a maneira pela qual essas ideias estavam se conformando com os pressupostos relacionados ao campo médico e social como um todo. Assim, associando-se aos diversos saberes que formavam a comunidade científica brasileira, a eugenia confundia-se não apenas com a higiene e com o saneamento, mas também com o próprio pensamento social, moral e político do país. Aliás, a eugenia pode ser definida, especialmente no Brasil e na América Latina, exatamente como uma ciência polimorfa. Ou seja, como uma forma de conhecimento cuja constituição se processou a partir da relação direta com outros ramos do pensamento científico e social, sem perder, no entanto, a sua natureza e seus objetivos. Como os próprios eugenistas a classificavam, a eugenia se caracterizava como uma "ciência bio-social", orientada tanto pelo conhecimento biológico e pelas diferentes disciplinas médicas, quanto pelo conhecimento social e político, como a sociologia, a pedagogia, a demografia e a antropologia. Para Renato Kehl, a eugenia é, ao mesmo tempo, uma ciência biológica e social que tem por objeto

> [...] a pesquisa e a aplicação dos conhecimentos úteis à reprodução, à conservação e ao aperfeiçoamento da espécie humana, cuidando, particularmente dos assuntos da hereditariedade e da seleção no que for aplicável à espécie; das questões relativas ao meio; da situação econômica; da legislação e dos costumes; sobre o valor das gerações sucessivas e sobre suas aptidões físicas, intelectuais e morais. [...] *É, pois, uma ciência vasta e que compreende problemas dos mais importantes, biológicos, sociais, políticos, higiênicos e médicos* [...].[58]

58. KEHL, Renato. O papel da eugenia na restauração das raças. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 1921 [grifo nosso].

Ao mesmo tempo em que a eugenia pretendia ser a direção que organizava as fontes e os recursos científicos para apressar a "evolução humana", ela se nomeava também como um conhecimento que deveria servir como auxiliar no processo de construção de outras ciências. Renato Kehl imaginava que a eugenia pudesse se transformar numa espécie de "rainha das ciências", orientando tanto os estatutos científicos que formavam o saber médico e social, quanto as políticas públicas dirigidas pelas autoridades nacionais.

Dessa maneira, conforme ressalta a historiadora Nancy Stepan, a eugenia é compreendida como um movimento científico, definido como o conhecimento sobre os fundamentos da genética ou hereditariedade humana, mas também como um movimento social, uma vez que visava introduzir ideias sociais e políticas que definiam formas de pensamento, tradições, ideologias, práticas institucionais e projetos políticos.[59] Como movimento social e científico, a ciência eugênica apresentava uma grande capacidade para criar novos conceitos que se popularizaram nas primeiras décadas do século XX, como as concepções sobre higiene, genética, diferenças raciais, controle matrimonial, imigração, nacionalismo e gênero.[60] A eugenia foi, em suma, um movimento de ideias que promoveu uma ampla discussão sobre projetos de reforma social que mobilizaram a sociedade e as autoridades políticas como um todo.[61]

59. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 9-11.

60. Idem.

61. Para o historiador Mark Adams, a eugenia foi, em várias partes do mundo, um misto de ciência e política, um movimento social que criou uma interface entre as ciências biológicas e a sociedade como um todo, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas científicas com sérias implicações éticas, políticas e sociais (ADAMS, Mark. Eugenics in the history of science. In: ADAMS, Mark. *The wellborn science*… Op. cit., 1990, p. 03).

Tendo em vista a própria característica de organização desse movimento, é possível afirmar que a eugenia se constituía como uma ciência pouco autônoma - para usar o conceito de Pierre Bourdieu -, cuja heteronomia não lhe permitia escapar das leis sociais e políticas exteriores ao campo científico.[62] Em outras palavras, como explica o próprio Bourdieu, quanto mais heterônomo for o campo científico, "[...] mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes intervir forças não-científicas nas lutas científicas".[63] Pensando a partir desses conceitos, podemos dizer que os eugenistas convertiam o prestígio adquirido na arena pública em capital científico, que seria mobilizado como instrumento de legitimação entre os pares-concorrentes.[64]

A definição de campo científico desenvolvida por Bourdieu, visto como um espaço social de conflitos e de luta por poder e prestígio, permite, em nosso caso, compreender a forma pela qual os eugenistas e instituições científicas construíram uma série de estratégias políticas e científicas que visavam ampliar o capital simbólico dos agentes sociais envolvidos nesse campo. Além disso, a noção de campo científico possibilita, ainda, localizar as posições diferenciadas, hegemônicas e não hegemônicas, que os eugenistas, sanitaristas, médicos e educadores procuraram ocupar no interior do movimento eugênico brasileiro. De maneira geral, as lutas e os conflitos com

62. BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004, p. 22.

63. Idem, p. 32.

64. Contudo, é preciso destacar que a noção de campo pouco autônomo ou heterônomo, conforme destacado por Bourdieu, não quer dizer que determinados campos científicos sejam menos ou mais científicos que outros, mas que eles são mais suscetíveis às pressões ou interesses externos; que as regras de organização interna desses campos não se constituem de forma tão rígidas como aquelas dos campos mais autônomos (Idem).

vistas a ampliar o capital científico dos agentes sociais, tinham por objetivo, mesmo num campo pouco autônomo, impor uma definição de ciência e de um conjunto de problemas científicos.

O movimento operado por Renato Kehl, no sentido de uma maior aproximação em relação aos intelectuais ligados à medicina social brasileira, aliado ao desejo de reconfigurar o debate sobre a nação a partir das ideias eugênicas, indicam o caminho que esse intelectual seguiu para ampliar o seu capital simbólico (prestígio, reconhecimento, legitimidade, etc.) entre seus pares. Inserido nesse campo científico heterônomo, era na associação com outros campos da ciência, bem como na própria arena da política, que Renato Kehl encontraria crédito científico para afirmar sua autoridade e sua posição no interior do movimento eugênico brasileiro.

Esse jogo de disputas e de alianças que se forma em torno do campo científico, conforme lembra Pierre Bourdieu, é uma luta constante pelo monopólio da autoridade científica, "compreendida como capacidade de falar e agir legitimamente".[65] O objetivo de Kehl era, portanto, definir-se como liderança no interior do movimento eugênico, capaz de ser reconhecido e prestigiado como um importante cientista. E, talvez, numa interpretação mais arriscada, lembrando inclusive as próprias características da eugenia enquanto movimento social e científico, é possível afirmar que o objetivo de Renato Kehl consistia em operar um movimento mais ousado: sua militância profética em prol da eugenia indicava uma tentativa de reconfiguração não apenas do movimento eugênico, mas do próprio campo médico brasileiro. Renato Kehl acreditava que à medida que a eugenia fosse aceita por

65. BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.) *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-123.

um maior número de intelectuais, tanto essa ciência quanto ele próprio poderiam ocupar legitimamente a posição dominante no pensamento médico brasileiro. Isso lhe permitiria não somente alcançar a mais alta posição na hierarquia dos valores científicos,[66] como também reorganizar os conhecimentos biológicos, médicos e sociais.

Nesse sentido, Renato Kehl pensava a ciência eugênica do mesmo modo que os eugenistas norte-americanos associados à *Eugenics Record Office* haviam pensado a árvore genealógica da ciência. Para esses eugenistas, o conhecimento eugênico era concebido como o próprio tronco exuberante da árvore da ciência, enquanto as raízes se constituiriam de diversos ramos do saber científico, como medicina, antropologia, biologia, estatística, psiquiatria, economia, sociologia, genealogia, etc. Na concepção de Renato Kehl, a eugenia poderia não apenas se associar a esses saberes e se infiltrar entre eles, mas, acima de tudo, liderar e organizar o próprio campo científico como um todo. Desse modo, pensava patrioticamente Renato Kehl, seria possível empregar a eugenia tendo como objetivo a regeneração biossocial e o progresso da nação brasileira.

O caráter polimorfo que a eugenia brasileira adquiriu entre os anos 1910 e 1920 foi fundamental para apressar sua inserção no campo científico brasileiro. Se por um lado a eugenia não tinha uma definição canônica sobre o seu espaço de ação exclusivo, o sucesso de sua recepção entre os intelectuais brasileiros dependeu, ao menos inicialmente, dessa sua capacidade camaleônica e maleável de se adaptar aos diferentes projetos e interesses científicos, institucionais, políticos e sociais.

Esse jogo de associações e interdependências científicas que Renato Kehl formulava entre a eugenia e os diversos ramos

66. Idem, p. 118.

da ciências biomédicas e do pensamento social, juntamente com a intensa propaganda eugênica lançada por esse autor, no final dos anos 1910, consistia em construir a sua própria identidade intelectual como a liderança do movimento eugênico brasileiro. A percepção do seu nome como o grande apóstolo da eugenia possibilitava-lhe conquistar reconhecimento, status social e maior visibilidade no meio científico e político nacional. Apropriando-se desse capital simbólico - definido por Pierre Bourdieu como uma forma de propriedade reconhecida pelos agentes sociais como carregada de valor e efeitos simbólicos[67] - Renato Kehl buscava afirmar seu espaço de autoridade e sua posição dominante dentro do campo científico brasileiro.

Por outro lado, além de buscar prestígio intelectual, Renato Kehl almejava angariar o maior número possível de aliados para formar uma rede de poder, se assim podemos chamar, em torno da divulgação da eugenia no país. Como forma de legitimar suas concepções e de ampliar o círculo de discussões sobre a "ciência da boa geração", Renato Kehl inseria as ideias eugênicas não somente no interior da ciência brasileira, mas também num espaço de debate que incluísse os eugenistas latino-americanos. Esse intelectual parecia compreender que o jogo de lutas e de concorrência para determinar a posição de um agente social no campo em que estava inserido, dependeria, acima de tudo, de crédito científico e de um grande número de aliados que pudessem legitimar e reconhecer sua autoridade.

Entusiasmado com a boa receptividade que a eugenia recebia no Brasil, e a exemplo do que acontecia com os movimentos eugênicos ao redor do mundo, Renato

67. BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 183-202.

Kehl acreditava, juntamente com outros eugenistas latino-americanos, que seria possível estender ainda mais o horizonte das discussões científicas e das políticas públicas ligadas à eugenia. O objetivo consistiria em ampliar a extensão dessa rede e angariar novos prosélitos para a campanha eugênica, formando o que os eugenistas da região passaram a denominar de uma "organização continental".

A ampliação da rede de intelectuais

No final dos anos 1910, o movimento eugênico latino-americano começava a se organizar em vários países da região. A fundação das primeiras sociedades eugênicas em 1918, como a Sociedade Eugênica de São Paulo, deu-se, como enfatiza Nancy Stepan, apenas 10 anos após o estabelecimento da primeira sociedade britânica e seis anos após a francesa, o que indicava que os cientistas da região estavam afinados com o desenvolvimento da eugenia na Europa. No entanto, estrutural e socialmente, explica Stepan, "[...] as origens dos movimentos eugênicos tinham menos relação com os acontecimentos europeus do que com fatores latino-americanos".[68]

Nesse sentido, devido às preocupações intelectuais e políticas que aproximavam os países da América Latina, sobretudo os problemas relacionados à saúde pública e à composição racial de suas populações, alguns eugenistas começaram a discutir a criação de um movimento eugênico que pudesse reunir o interesse de vários países. Na liderança desse movimento regional encontrava-se o eugenista brasileiro

68. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 45

Renato Kehl, representado institucionalmente pela Sociedade Eugênica de São Paulo.

Na concepção de Kehl, apesar das inúmeras dificuldades em se ampliar os projetos eugênicos, para a eugenia se disseminar pela América do Sul precisava ser controlada e desenvolvida por esforços de competentes homens de ciências, tal qual fizeram os eugenistas norte-americanos e europeus, como Charles Davenport, Alfred Ploetz e Frédéric Houssay.[69] Com o auxílio de "homens de valor", acreditava o eugenista brasileiro, o movimento em prol das ideias eugênicas tenderia a se generalizar também entre os países latino-americanos, transformando-se numa ferramente fundamental para a regeneração e o progressos da região.[70]

Sua primeira ação, nesse sentido, foi manter estreita correspondência com os eugenistas Victor Delfino, da Argentina, e com peruano Carlos Henrique de Paz Soldan, ambos nomeados como membros honorários da Sociedade Eugênica de São Paulo e com os quais Kehl almejava formar uma frente para divulgar a eugenia na região. Renato Kehl procurou também manter contatos com intelectuais e cientistas de outros países da América Latina, como no Paraguai, Chile, Cuba, México, que tinham interesses em participar de um movimento eugênico mais amplo.

O médico e eugenista Victor Delfino, diretor do Diário *La República,* de Buenos Aires, fazia sua propaganda eugênica desde 1912, quando participou do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres. Assim como Renato Kehl, Delfino dedicou sua atividade intelectual às discussões e à propaganda relacionada à eugenia e à medicina

69. KEHL, Renato. As associações eugênicas. op. cit, 1919.

70. KEHL, Renato. Sociedade Eugênica de São Paulo. op. cit., 1919.

social. Seu objetivo era organizar, ao lado do higienista Alfredo Verano, o movimento eugênico em seu país, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando a preocupação dos intelectuais argentinos voltava-se para as discussões sobre o progresso da nação argentina, a formação racial, imigração, reformas sociais e a constituição da identidade nacional.[71] A grande preocupação que emergia dos pronunciamentos de Delfino, cujas concepções refletiam ideias conservadoras e racistas, dizia respeito à necessidade de purificação nacional e, acima de tudo, de controle referente à entrada de imigrantes no país.[72]

Com o incentivo de Renato Kehl e da Sociedade Eugênica de São Paulo, Victor Delfino - que considerava o eugenista brasileiro como o "[...] herói da grande jornada em prol do aperfeiçoamento físico e moral da nossa raça"[73] - fundou a Sociedade Eugênica Argentina, em março de 1918. O objetivo principal dessa organização era o mesmo estabelecido pela congênere brasileira, criada dois meses antes: divulgar os princípios da eugenia entre o público nacional e cooperar nos projetos de regeneração da população local. Em artigo publicado na revista *La República,* e transcrito na Revista *La Semana Médica*, ambas de Buenos Aires, Renato Kehl saudava a "patriótica iniciativa" de Victor Delfino em prol da eugenia, desejando que a Sociedade Argentina se transformasse num "paradigma a ser imitado pelos países irmãos do continente sul-americano".[74]

---

71. Para uma compreensão mais completa sobre o movimento eugênico na Argentina, consultar STEPAN, Nancy. op. cit., 2005; NARI, Marcela M. A. La eugenésia em Argentina, 1890-1940. México. *Revista Quipu*, vol.12, n. 3, set./dez. de 1999.
72. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 65.
73. Correspondência de Victor Delfino a Renato Kehl. Buenos Aires, 18 mar. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
74. Esse artigo foi publicado nas revistas argentinas acima indicadas, em abril de 1918, no entanto, como não tive acesso à publicação em espanhol, utilizarei

Na cidade de Lima, no Peru, o eugenista e sanitarista Paz Soldan, diretor dos serviços sanitários da capital peruana e editor da revista *La Reforma Médica*, também vinha mobilizando não apenas os intelectuais do seu país, como da Venezuela e da Colômbia, para aderirem à causa da propaganda eugênica. Diante da grave crise em que a Europa se encontrava - referindo-se aos problemas sociais, ecoômicos e políticos criados pela Primeira Guerra Mundial - Paz Soldan acreditava que a previsão mais elementar aconselhava eugenizar a própria raça, o único "capital saneado" com que a América Latina ainda contava. Segundo ele, os estudos da eugenia e a proteção racial seriam os meios mais eficientes e rápidos que as "democracias americanas" teriam para realizar e prevenir os seus próprios destinos.[75]

Do mesmo modo, da cidade de Assunção, no Paraguai, o eugenista Luis Zanotti Cavaziani anunciava, em correspondência enviada a Renato Kehl, em abril de 1919, que estava fomentando, junto aos intelectuais da capital, a fundação da Sociedade Eugênica do Paraguai e o aumento do número de prosélitos interessados em divulgar a "ciência da boa geração". Para isso, solicitava que seu colega brasileiro lhe remetesse os estatutos da Sociedade Eugênica de São Paulo que, segundo ele, serviriam como modelo para a formulação do regimento da sociedade paraguaia.[76]

Na passagem dos anos 1910 para os anos 1920, portanto, o movimento eugênico latino-americano começava a ganhar forças, criando, inclusive, instituições que viriam dar

---

como referência a íntegra que foi publicada nos Anais da Sociedade Eugênica de São Paulo (*Annaes de Eugenia*. Op. cit., 1919 [1918], p. 183).

75. Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 09 ago. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

76. Correspondência de Luis Zanotti Cavaziani a Renato Kehl. Assunção, 05 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

legitimidade aos discursos eugênicos. De acordo com Souza Lima, conforme correspondência remetida a Renato Kehl, o exemplo da Sociedade Eugênica de São Paulo estava sendo seguido e, com a propaganda lançada pelo jovem eugenista de São Paulo, conquistava novos prosélitos em várias outras repúblicas sul-americanas. "O futuro dirá sobre os resultados da depuração racial que as sociedades desta natureza virão", comentava Souza Lima em corresponência a Kehl.[77]

Para Nancy Stepan, as atividades eugênicas criadas em outros países das nações latino-americanas, apesar das variações sociais e políticas, seguiram o padrão do movimento eugênico brasileiro. Na maioria dos casos, explica a historiadora, as campanhas eugênicas eram lideradas por médicos obstetras, pediatras, sanitaristas e higienistas mentais, "[...] e seus objetivos eram divulgar e aplicar a nova ciência da eugenia, mais do que realizar pesquisa sobre hereditariedade e saúde".[78] A propaganda eugênica serviria, ao menos nos primeiros anos de divulgação, muito mais para inserir o discurso da eugenia no campo científico e intelectual de seus referidos países e, disso, os eugenistas latino-americanos estavam conscientes, do que propriamente para aplicar suas concepções médicas, sociais e políticas. Era necessário tornar a eugenia uma doutrina popular para, só depois, vê-la transformada em projeto, leis e manuais escolares.

Nesse período, os eugenistas latino-americanos procuravam manter correspondência frequente, especialmente entre Renato Kehl, Victor Delfino, Carlos Henrique de Paz Soldan e Alfredo Verano, através das quais dialogavam sobre suas pro-

77. Correspondência de Souza Lima a Renato Kehl. Petrópolis, 16 dez. 1918 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

78. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 61-62.

duções científicas e sobre o desejo de ampliar o movimento eugênico na América Latina. Esses contatos possibilitavam que alguns trabalhos intelectuais de Renato Kehl sobre eugenia, como artigos, resenhas e entrevistas, fossem publicados na imprensa argentina e peruana. De maneira semelhante, os trabalhos dos eugenistas estrangeiros, sobretudo de Paz Soldan e Victor Delfino, também foram divulgados em jornais e revistas científicas da imprensa brasileira.

A correspondência remetida pelo eugenista Victor Delfino a Renato Kehl, em março de 1919, oferece uma boa compreensão do teor dos contatos e da maneira como seus trabalhos científicos circulavam entre eles:

> Meu querido e ilustre amigo, com sua boa carta de 26 de fevereiro último, recebi sua notável réplica ao Prof. Forns, de Madrid. Bravo, muito bem. Muito obrigado pela gentil recordação que a mim dedicou. Como haja visto, como não era coisa de perder tempo, coloquei seu trabalho em espanhol e o dei para publicação em seguida, e a estas alturas, deve você, ter recebido dois exemplares da 'La Semana Médica', com o dito artigo.
> Espero ser uma realidade a publicação dos 'Anais de Eugenia'[79] [da Sociedade Eugênica de São Paulo], os quais sem dúvida serão os primeiros na América Latina do Sul e você, será o herói desta jornada grande em prol do aperfeiçoamento físico e moral de nossa raça! [...] Eu estou aqui, com você, disposto a oferecer-lhe minha

79. Os *Anais de eugenia*, publicados em 1919, pela Sociedade Eugênica de São Paulo, foram recebidos com muito entusiasmo pelos eugenista latino-americanos. Paz Soldan, por exemplo, saudou a publicação dos anais com as seguintes palavras: "[..] bravo, admirável, sua revista Anais de Eugenia. Que seleta, quantas iniciativas generosas, quantas sugestões fecundas. Sem exagero lhe digo que é o primeiro monumento eugênico americano. Que páginas admiráveis. Tenho a profunda convicção de que é o mais clamoroso êxito que tenho acompanhado" (Correspondência de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 11 nov. 1919 - Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

> modestíssima, ainda que entusiasta, cooperação, que você se dignará aceitar no pouco que valha.
> Do amigo Paz Soldan, de Lima, tenho notícias recentes, na ocasião em que me enviou uma publicação sua.
> Haverei em breve de indicar-lhe um amigo chileno que está em condições de iniciar o movimento eugênico, e em seguida lhe comunicarei o nome e o seu endereço.[80]

Correspondências como essas possibilitam perceber que, além da frequente troca de trabalhos e das publicações que esses eugenistas proporcionavam uns aos outros, em revistas e jornais de seus países, seus contatos intelectuais nos permitem, ainda, decifrar a formação de uma rede articulada que visava estabelecer um espaço de discussões e divulgação da eugenia em vários países da América Latina. Por meio dessa rede, os eugenistas conseguiam reforçar e dar legitimidade a esse campo científico, pelo qual eles procuravam alcançar autoridade intelectual, prestígio e reconhecimento científico e social entre seus pares. Além disso, o diálogo entre eles possibilitava-lhes ampliar também seus laços de identidade, estimulando a produção científica e atribuindo sentido aos seus ideais, que eram tanto intelectuais quanto políticos. Como confidenciava Paz Soldan, em correspondência remetida a Renato Kehl, o crescimento da amizade e da relação intelectual entre eles transformava-se num estímulo que os unia ainda mais,

> [...] como uma prova de identidade de propósitos, como a inevitável camaradagem que se produz entre homens e almas que vivem entregues ao mesmo ideal. *O nosso, o*

80. Correspondência de Victor Delfino a Renato Kehl. Buenos Aires, Argentina, 18 mar. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Todas as correspondências, livros e artigos em língua estrangeira, citados nesta dissertação, são por mim traduzidas.

> *da redenção biosocial da raça, é daqueles que forçosamente exigem a união mais estreita possível entre seus divulgadores*[81].

Para esses eugenistas, o futuro da eugenia na América Latina dependeria exatamente da ampliação dessa estreita "identidade de propósitos" que estava sendo estabelecida entre os seus divulgadores. Conforme correspondência remetida a Renato Kehl em 1919, Carlos Henrique de Paz Soldan sugeria ao eugenista brasileiro que, juntamente com Victor Delfino, começassem a pensar na possibilidade de *"fundar uma organização continental sobre eugenia*" [grifo nosso], que poderia partir da Sociedade Eugênica de São Paulo, e cujo objetivo consistiria em

> [...] empreender uma propaganda harmônica e simultânea em todos os países da América do Sul, desabitado em grandes extensões e com problemas raciais de uma dificuldade e complexidade desconcertante. Se poderia fixar previamente como base de organização, a investigação e definição dos principais problemas eugênicos que têm por resolver os países do Sul da América, tratando depois de estudá-los em comum e divulgar as soluções correspondente em uma revista que se fundará com este objetivo, com base no apoio das instituições e poderes públicos.[82]

O eugenista peruano definia, assim, até mesmo as diretrizes que deveriam mobilizar o futuro movimento eugenista na América Latina. Além de uma "propaganda harmônica e simultânea", os eugenistas deveriam colocar em curso a

81. Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC) [grifo nosso].

82. Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, Peru, 02 mar. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

"redenção biosocial da raça", investigar os problemas eugênicos em conjunto, estudar as soluções em comum e divulgá-las através de uma revista especializada que, então, seria fundada e distribuída entre todos os eugenistas latino-americanos. Na concepção de Paz Soldan, com a ampliação e a institucionalização dessa rede, e com base no apoio dos poderes públicos, a "eugenização da América" poderia tornar-se uma realidade.

Semanas depois, a fim de propagar essas ideias, Paz Soldan comunicava a Renato Kehl que iria iniciar a sua campanha na Academia de Medicina de Caracas, na Venezuela, onde pretendia fazer uma palestra sobre a "Eugenização da América". Através dessa conferência, Paz Soldan almejava convocar novos prosélitos que quisessem "encabeçar um movimento americano sobre esta matéria" e, depois, continuava ele, "[...] formulo um plano geral de trabalho [...] em favor da ciência que cultivamos".[83] Nesta mesma correspondência, Paz Soldan informava ao eugenista brasileiro que,

> [...] no número de abril da [revista] 'La Reforma Médica', me ocuparei do movimento eugênico atual na América e mandarei transcrever sua bela e contundente réplica a Forns, documento que está à altura de suas convicções e que é uma apologia sincera e convincente da Eugenia.[84]

Apesar do empenho realizado por esses eugenistas no final dos anos 1910, o movimento eugenista latino-americano não conseguiu, nesse período, fundar uma "sociedade continental" de eugenia, como era o objetivo de Renato Kehl, Paz Soldan e Victor Delfino. No entanto, durante os anos 1920

83. Correspondência de Carlos Henrique de Paz Soldan a Renato Kehl. Lima, 11 abr. 1919 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

84. Idem.

e 1930, agora com um número maior de eugenistas espalhados por vários países da região, especialmente no Brasil, Argentina, México, Peru e Cuba, as campanhas iniciadas no final dos anos 1910 se intensificaram no sentido de ver realizados tais objetivos. Esse novo fôlego que a eugenia recebeu, sobretudo no final dos anos 1920, conduziu à fundação de inúmeras associações científicas e ao alargamento das discussões sobre a criação de um movimento eugênico mais amplo e integrado.[85]

No final da década de 1920, Renato Kehl já havia estendido sua rede de contatos tanto com os eugenistas latino-americanos, quanto com médicos, antropólogos e eugenistas europeus e norte-americanos. Na América Latina, manteve correspondências com eugenistas de diferentes nacionalidades, como Romero Del Prado, Artur León Lopes, Alfredo Fernandes Verano, da Argentina; Domingo Ramos, Heitor Carrillo, Israel Castellanos, Vidal Agostini, do México; Alfredo Saavedra, Heberto Alcazar, Vicente Lopes Gonzáles, de Cuba, entre outros nomes que podem ser encontrados entre as correspondências do eugenista brasileiro. Nesse período, como veremos nos próximos capítulos, Renato Kehl, retomaria com grande entusiasmo, a sua propaganda eugênica, especialmente pelo fato de as ideias eugênicas ocuparem um importante espaço entre intelectuais e autoridades públicas brasileiras.

A ampliação da campanha eugênica, iniciada por Renato Kehl no final dos anos 1910, consolidar-se-ia somente no final dos anos 1920 e, sobretudo, durante a primeira metade da década de 1930. Em 1927 seria realizada a Primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, em que se discutiu a criação de um Código Pan-Americano de Eugenia. Anos depois, em 1934, a segunda conferência aconteceria em Buenos Aires,

85. STEPAN, Nancy, op. cit., 2005, p. 197-203.

com um expressivo número de participantes.[86] No ano seguinte, o desejo de Kehl, Delfino e Paz Soldan de verem fundada uma "organização continental" de eugenia tornou-se realidade, não exatamente com a criação de uma sociedade latino-americana, mas antes com a fundação da *Fédération Internacionale Latine de Sociétés d'Éugenique* (Federação Internacional Latina de Sociedades de Eugenia).[87]

Sanear é eugenizar

A propaganda eugênica realizada por Renato Kehl possibilitou-lhe, como comentamos anteriormente, construir uma rede de contatos com importantes intelectuais brasileiros e latino-americanos, o que teria atribuído autoridade científica aos projetos e às ideias vindas da ciência eugênica. No final dos anos 1910, o prestígio intelectual e o reconhecimento de sua identidade como a principal liderança no movimento eugênico brasileiro lhe renderam a nomeação, expedida pelo Ministro do Estado da Justiça e Negócios Interiores, do governo Epitácio Pessoa, para exercer as funções junto à Comissão Médica incumbida dos serviços de Profilaxia Rural do Distrito Federal.[88]

86. Idem, p. 67.

87. De acordo com Nancy Stepan, essa organização internacional foi fundada com o objetivo de representar determinados pontos de vista comuns que formavam o pensamento eugênico latino, sobretudo em oposição aos ideais eugênicos anglo-saxônicos. A sessão preliminar que oficialmente criou a Federação Latina de Eugenia aconteceu na Cidade do México, em 1935, local onde se reuniram delegados da Argentina, Peru e México, com o apoio das sociedades eugênicas do Brasil, da Bélgica, da França e da Itália, além da participação de outros países que desejavam incentivar a propaganda eugênica. O primeiro congresso desta organização eugênica foi realizado em 1937, na cidade de Paris, presidida por Eugène Apert (STEPAN, Nancy. Idem, p. 203-206).

88. Memorial do Dr. Renato Kehl. Academia Brasileira de Medicina. Rio de Janeiro, 1932 (Folheto avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Apesar de não termos encontrado documentação que nos informasse sobre a sua nomeação para esse cargo, acreditamos que o próprio Belisário Penna, então Diretor do serviço de Profilaxia Rural, criado em 1918 pelo presidente Wenceslau Brás, teria sido o responsável direto pela indicação de seu nome. Nesse período, Renato Kehl e Belisário Penna haviam estreitado suas relações intelectuais, sobretudo devido aos interesses que ambos compartilhavam em relação à Sociedade Eugênica de São Paulo e ao movimento nacionalista em defesa das reformas sanitaristas. Do mesmo modo, é preciso ressaltar que Renato Kehl fazia parte, como membro representante de uma comissão de médicos e intelectuais paulistas, junto à Liga Pró-Saneamento do Brasil, da qual Belisário Penna era o presidente e fundador, o que teria possibilitado um intenso contato com médicos, educadores, sanitaristas e higienistas da Capital Federal.

Desde 1918, quando o seu nome começava a se tornar conhecido no campo médico brasileiro, Renato Kehl se definiu por uma maior aproximação com os intelectuais ligados ao movimento sanitarista. Nesse mesmo ano, passou a escrever periodicamente para a revista *Chácaras e Quintais*, numa sessão intitulada Higiene Rural. Seus artigos, publicados mensalmente, eram, em sua maioria, orientações sanitárias e higiênicas voltadas para o homem do campo ou, então, comentários sobre os males causados pelas doenças e endemias, como a ancilostomíase, malária, tracoma, doença de Chagas que, frequentemente, acometiam os moradores das áreas rurais. Nessa mesma revista, Renato Kehl escrevia outra coluna, O Médico Grátis, em que respondia as dúvidas dos assinantes sobre os mais variados assuntos médicos relacionados à saúde

da família, ao bem estar individual, à higiene e aos cuidados sanitários em geral.

Seu objetivo nessas colunas, segundo Kehl, era despertar a consciência dos lavradores, ainda desleixados, para o papel que eles poderiam exercer em prol da campanha pelo saneamento e pela sua própria saúde e vigor físico. Segundo ele, os colonos brasileiros são como "crianças grandes" que, por falta de instrução e habituados que estariam à "vida da miséria e da sujeira", desconheceriam os princípios básicos da higiene, o que justificaria o fato de serem "fracas presas" dos micróbios. Em sua concepção, do mesmo modo que os professores educam as crianças sobre os preceitos da higiene, deveriam os fazendeiros e seus administradores determinarem a seus empregados rurais a "[...] praticarem o ensino inspirado nos códigos de saúde, formando em cada colono a consciência sanitária".[89]

Um mês depois de sua entrada no Serviço de Profilaxia Rural, em agosto de 1919, Renato Kehl foi designado, por Belisário Penna, para exercer as funções de chefe do posto de profilaxia de Merity e Raiz da Serra, na região da Baixada Fluminense. Nesse posto, com o auxílio dos médicos José Augusto Rodrigues, Gastão Figueiredo, Nicanor Botafogo Gonçalves e Alberto Vaissié, do escriturário Alberto Waddigton Leal e de mais oito operários contratados para realizarem serviços braçais, Renato Kehl dirigiu, durante dez meses, trabalhos de atendimento médico, execução de obras sanitárias e campanhas de educação e combate às principais endemias rurais.[90]

---

89. KEHL, Renato. Saneamento rural. *Revista Chácaras e Quintaes*, vol. 18, n. 03, set. 1918, p. 209.

90. O relatório completo desses serviços encontra-se no Arquivo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC (relatório datilografado).

Devido a sua preocupação com o valor eugênico dos moradores da Baixada Fluminense, Renato Kehl e os médicos auxiliares fizeram um amplo trabalho de coleta de dados antropométricos, cujo relatório foi encaminhado para o governo do Estado com o objetivo de esclarecer as autoridades quanto às condições de saúde dessa população.[91] Segundo Renato Kehl, "[...] os dados colhidos demonstram claramente a fraqueza orgânica dessa gente, cuja indolência não tem outra explicação senão a anemia, a intoxicação e a miséria como consequência final". Da situação eugênica e sanitária desse povo, continuava o eugenista,

> [...] está perfeitamente informado o nosso governo, que em boa hora, vai iniciar a campanha intensa de saneamento, pois, *sanear corresponde praticar a eugenia denominada preventiva,* cujos fins são as defesas da raça contra todos os fatores de degeneração, sejam eles mórbidos (tuberculose, sífilis, impaludismo, verminoses, etc), sejam eles os venenos sociais. *É por isso que a eugenia preventiva corresponde à medicina social* [...], e se esforça pelo saneamento rural e urbano, pela regulamentação do trabalho, pela proteção da infância; *consiste, enfim, na organização ativa de uma higiene profilática acauteladora da saúde dos indivíduos e da coletividade*[92] [grifo nosso].

O texto acima revela os pressupostos médicos que orientavam o pensamento eugênico de Renato Kehl no início dos anos 1920. Para ele, tal qual a compreensão da maioria

91. Um resumo com comentários e dados sobre esse relatório antropométrico, que foi realizado com mais de duas mil pessoas, pode ser encontrado em KEHL, Renato. *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro. Editora Revista do Brasil, 1920.

92. KEHL, Renato. Os problemas da regeneração das raças. *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 03 jul. 1920 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

dos eugenistas brasileiros, sanear, higienizar e eugenizar se confundiam em suas finalidades, tendo como origem o mesmo conhecimento: a medicina social. Nesse período, as concepções sanitaristas e eugênicas foram conjugadas, no bojo de um projeto político de redenção da população nacional, a partir do conhecimento médico voltado para as reformas sociais mais amplas, que visavam organizar e ordenar os comportamentos e os hábitos de vida da sociedade brasileira.

Nos primeiros anos da década de 1920, Renato Kehl procurou consolidar essa aproximação em relação aos médicos, sanitaristas e higienistas associados aos serviços sanitários e à Liga Pró-Saneamento do Brasil. Em conferência realizada no Colégio Militar, na cidade de Barbacena, interior do estado de Minas Gerais, Renato Kehl destacava que "o programa traçado pela Eugenia é, pois, racional e executável", enfatizando que o seu ponto de partida deveria ser a higiene e o saneamento. Portanto, aconselhava Kehl, "[...] os eugenistas para alcançarem os seus desígnios têm de se iniciar com Belisario Penna, [...] tem de com ele seguir a via-sacra da higienização".[93]

Em certa medida, é possível dizer que o contato intelectual que Renato Kehl executou em direção aos sanitaristas, especialmente com Belisário Penna, relacionava-se aos seus interesses profissionais e políticos, funcionando como uma estratégia que visava acumular prestígio e crédito científico junto aos seus pares. Como o discurso em prol do saneamento e dos serviços sanitários da Capital Federal estavam bem estabelecidos entre as autoridades políticas, que há alguns anos eram subvencionados pelo poder público, Renato Kehl buscava o seu espaço de legitimidade também no interior do

93. KEHL, Renato. Eugenia. op. cit.,1919 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

movimento sanitarista. Por outro lado, tendo em vista sua mudança da cidade de São Paulo para o Rio de Janeiro, Kehl pretendia conquistar a simpatia do movimento sanitarista em prol das ideias e da propaganda eugênica na cidade do Rio de Janeiro. Isso lhe possibilitaria ampliar a rede de aliados que constituiriam o movimento eugênico brasileiro, especialmente a partir do início dos anos 1920, quando o estímulo em torno da Sociedade Eugênica de São Paulo vinha perdendo forças.[94]

Desse modo, é necessário pensar essas práticas sociais empregadas por Renato Kehl - que são, ao mesmo tempo, políticas e intelectuais - não como interesses deliberados ou intencionalidades voluntaristas. Ao contrário, devem ser compreendidas como práticas ou estratégias que constituem as relações de poder e de lutas concorrenciais num dado campo, pelas quais um cientista ou um intelectual, como um agente social, legitima suas concepções e seu espaço no interior do campo científico. Esse conjunto de práticas, atitudes, comportamentos e pensamentos, que Pierre Bourdieu chama de *habitus,* deve ser visto, antes de tudo, como um sistema simbólico e de representações que organizam e estruturam o modo como os agentes de determinado campo agem e se comunicam com outros agentes sociais.[95]

Com o intuito de reafirmar essas relações e de alargar as discussões sobre eugenia, higiene e saneamento, Renato Kehl publicou, em 1920, o seu primeiro livro diretamente relacionado aos estudos eugênicos.[96] Intitulada *Eugenia e medicina social*,

94. Após a saída de Renato Kehl da capital paulista, e da morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, a Sociedade não teria conseguido se organizar novamente, deixando oficialmente de atuar no trabalho de divulgação e implantação da eugenia no Brasil.

95. BOURDIEU, Pierre. op. cit., 2001, p. 183-202.

96. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920. No entanto, é preciso ressaltar que essa não foi a primeira obra

a obra trazia como apresentação um prefácio escrito por Belisário Penna que, saudando os esforços do jovem eugenista, destacava a importância do livro para "preencher uma lacuna sensível no nosso meio intelectual", ainda "um pouco alheio" a essa ciência.[97] E completava o sanitarista, o autor dessa obra "[...] presta relevantes serviços ao nosso país, que, novo ainda, pode e deve moldar a sua raça, ainda não definida, nos sábios e salutares princípios da ciência de Galton".[98]

Belisário Penna era bastante simpático à ideia de uma eugenia orientada por reformas do meio, ao estilo neolamarckista, capaz de contribuir para o aperfeiçoamento hereditário da população nacional. Em sua obra *Exército e saneamento*,[99] publicado em 1920, a partir de uma série de conferências realizadas no Clube Militar do Rio de Janeiro, já apareciam indicações de seu interesse pelos pressupostos eugênicos, expostos naquele momento através de suas concepções sanitaristas.[100] A eugenia, em suas palavras, deveria ser vista como uma ciência vasta, que abrangia problemas

---

publicada pelo autor. Além de sua tese de medicina, publicada em 1915, Renato Kehl havia escrito em 1919, em pareceria com o médico Eduardo Monteiro, um livro sobre "medicina de urgência", com termos populares relacionado à medicina. (KEHL, Renato; MONTEIRO, Eduardo. *O Médico do lar*; dicionário popular de medicina de urgência. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1919.

97. PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. III.
98. Idem, p. IV.
99. PENNA, Belisário. *Exército e saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1920.
100. Segundo Nancy Stepan, Belisário Penna apresentava, nesse livro, o terrível estado sanitário do Brasil como um problema de degeneração hereditária que atingia a grande maioria da população nacional, alertando em favor da necessidade de uma solução eugênica para o problema que afligia o país com um todo (STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 58).

sociais dos mais importantes, sendo acompanhada de perto pela higiene, sua precursora no "aperfeiçoamento da humanidade".[101]

O desejo de Renato Kehl, conforme explicitava logo na introdução de *Eugenia e medicina social*, era que seu livro pudesse, por um lado, "disseminar preceitos eugênicos e médicos-sociais" entre o público leitor e, por outro, que conseguisse "aliciar mais adeptos para as fileiras dos prosélitos da campanha nobilitante da regeneração das raças".[102] Nesse sentido, o próprio prefácio preparado por Belisário Penna, assim como a ênfase que o autor atribuía à associação entre eugenia e medicina social, serviram como argumentos de força para que o livro conquistasse a opinião favorável às ideias e aos projetos eugênicos. Parte da intelectualidade brasileira, sobretudo médicos e higienistas do Rio de Janeiro, viam com bons olhos um modelo de eugenia que contemplava a intervenção médica nos assuntos relacionados às reformas de cunho ambientalista e social.

De acordo com Renato Kehl, a eugenia, o saneamento e a medicina social apresentavam-se como instrumentos fundamentais por meio dos quais se poderia salvar o futuro racial do país. Para ele, as grandes endemias que assolavam o país tornavam a população brasileira "mirrada, doentia, anêmica e feia". Em artigo publicado no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, Kehl argumentava:

> Como está mais que provado a higidez no nosso país é quase um mito, para usar da expressão do inolvidável Oswaldo Cruz [...]. Podemos dizer, sem medo de controvérsias, que o Brasil é constituído, na sua quase totalidade, de gente doente ou em franca degeneração. *Esse grito de alarme*

101. PENNA, Belisário. Prefácio. In: KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. IV.

102. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. VII.

> *levantado pelo professor Miguel Pereira, Belisário Penna e outros em prol do saneamento do nosso 'hinterland' não significa o sertão de Goiás, nem o de Mato Grosso. É quase todo o Brasil, a começar pelos subúrbios dessa capital*[103] [grifo nosso].

Fazendo coro com os principais médicos e sanitaristas brasileiros do início do século XX, Renato Kehl anunciava a doença e o abandono como os principais problemas nacionais. Em suas palavras, em comparação com a população argentina, americana, inglesa e alemã, os brasileiros "são como hastes ao sabor do vento".[104] Felizmente, argumentava ele, com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública e as campanhas pela higienização nacional, "começa-se pelo saneamento a praticar seriamente a eugenização da nossa terra".[105]

Após o surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, fundado no início de 1920, durante o governo do Presidente Epitácio Pessoa,[106] as reformas sanitárias e os projetos de saúde pública passaram a conquistar uma visibilidade maior no cenário político nacional. Nesse mesmo ano, Renato Kehl anunciava que o apoio do governo à causa eugênica e sanitária levaria ao imediato patrocínio do poder público à campanha eugênica que ele havia iniciado:

---

103. KEHL, Renato. *Os problemas da degeneração das Raças*. op. cit., 1920.
104. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., p. 220.
105. Idem, p. 121.
106. De acordo com Gilberto Hochman, as manifestações por reforma sanitária e por inovações nos serviços sanitário, dirigidas especialmente pelos integrantes da Liga Pró-Saneamento do Brasil a partir de 1918, bem como as ameaças constantes de surtos epidêmicos, como a gripe espanhola e a febre amarela, possibilitaram o surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, fundado em janeiro de 1920 (HOCHMAN, Gilberto. Op. cit., 1998, p. 137-138).

> O benemérito Sr. Presidente da República [Epitácio Pessoa], prometeu em sua mensagem última tratar do assunto [eugenia], tendo sido assegurado um decreto de saneamento rural, cuja feliz oportunidade despertou o aplauso geral da nação. *A campanha eugênica começa a ser patrocinada pelos poderes públicos do Brasil*[107] [grifo nosso].

No entanto, apesar do otimismo impresso nas palavras de Renato Kehl quanto à recepção das ideias eugênicas no interior do campo científico e político brasileiro, é preciso relativizar os argumentos ufanistas do jovem eugenista. Como lembrava o sanitarista Belisário Penna, a eugenia precisava ser divulgada com persistência, já que se constituía como uma ciência ainda pouco conhecida entre os intelectuais brasileiros.[108] Em 1921, a despeito dos pronunciamentos elogiosos que Renato Kehl dirigia ao governo nacional, o jornal *Correio da Manhã* destacava a falta de empenho do governo para financiar a viagem de pelo menos um cientista para representar o Brasil durante o Segundo Congresso Internacional de Eugenia, que seria realizado na cidade de Nova York. De acordo com a crítica levantada nas páginas desse jornal, todos os principais países ocidentais se farão representar, inclusive os vizinhos latino-americanos, enquanto o Brasil, "que foi chamado alhures o grande doente da América do Sul", não se fará presente.[109]

De qualquer modo, no início dos anos 1920, os discursos e as políticas sanitaristas e eugênicas vinham recebendo gradativamente maior atenção junto às autoridades intelectuais e políticas do país, especialmente devido à crença no poder progressista e modernizante que essas ideias traziam

107. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. Op. cit., 1920, p. 20.
108. PENNA, Belisário. Prefácio. op. cit., 1920, p. IV.
109. KEHL, Renato. *O papel da Eugenia na restauração das raças*. op. cit., 1921.

impressas. No ponto de vista de Renato Kehl, aquele parecia ser um momento oportuno para ampliar as discussões sobre a importância que as práticas eugênicas, como projeto de engenharia social, poderiam apresentar como alternativas para melhorar o futuro somático e moral da nacionalidade.

Na onda de otimismo que os anos 1920 prometiam para as autoridades ligadas à saúde pública, Renato Kehl passou a sugerir e defender a necessidade de se construir um dispensário eugênico na Capital Federal. O objetivo da instituição consistiria em organizar "[...] uma propaganda intensiva no sentido de disseminar conhecimentos no tocante à sífilis, ao álcool, à tuberculose, à higiene em geral, em tudo que diz respeito à proteção sanitária do indivíduo".[110] Segundo ele, seria imprescindível pensar definitivamente numa intervenção institucional efetiva sobre o processo de regeneração da população brasileira. Seria preciso, em sua concepção, "fazer a eugenia e não esperar pela seleção natural".[111] Como acreditavam os eugenistas nesse período, a eugenia deveria se incumbir de racionalizar e, ao mesmo tempo, apressar o lento processo de seleção natural colocado em curso pelas forças da natureza. Era nessa direção que Kehl propunha a criação de um dispensário eugênico, onde deveria funcionar, segundo seu projeto, "um laboratório para exames microscópios". Essa instituição teria como objetivo tratar os doentes acometidos por diversas enfermidades, especialmente aquelas de caráter hereditário, sendo possível proteger os indivíduos saudáveis e impedir as degenerações que, segundo as concepções dos médicos e higienistas brasileiros, em tão grande número se propagavam pelo território nacional.

110. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., 1920, p. 126.
111. Idem, p. 147.

Em sua obra *A cura da fealdade*, publicada em 1923 pela editora de propriedade de Monteiro Lobato, Renato Kehl chamava a atenção para o fato de que "[...] parte respeitável da população rural e mesmo urbana, traz impressa, indelevelmente, evidentes sinais de degeneração".[112] Em suas palavras, não deve ser visto como impatriotismo, nem mesmo como pessimismo demasiado

> [...] pintar com cores vivas a situação lastimável de decadência dos habitantes de certas regiões do Brasil, desde que se afirme, convencido como sempre fiz, que essa situação é perfeitamente remediável. Despertar a atenção pública e governamental, para as causas de atraso e degeneração nacional, não é menosprezar a nossa gente, depreciar a nossa idoneidade física e moral, taxar-nos, como diz Alberto Torres, de povo degenerado e corrompido, em franco estado de abatimento corpóreo e mental.
> Há muita gente que entende, com falso otimismo, e Alberto Torres era um deles, que 'não há nada mais falso' do que dizer-se que a população indígena está seriamente comprometida, pelas doenças endêmicas e epidêmicas. É bastante, porém, inteirar-se, com um pouco de atenção e cuidado, de pareceres de cientistas nacionais e estrangeiros, sobre esse assunto, para se convencer, que o povo brasileiro, principalmente o das zonas rurais, está em franca crise de saúde. [...] Em conseqüência desse estado de morbidez, é que os nacionais são, na quase generalidade, feios, esquálidos, fracos, minguados, não podendo competir com os estrangeiros que aportam em nossas plagas com saúde e robustez, cheios de vida e de ânimo para o trabalho. Não há quem ignore a derrota em que são levados os nossos patrícios em quase todas as empreitadas comerciais e industriais.[113]

Contrapondo-se à visão de Alberto Torres, cujo otimismo nacionalista, nas palavras do eugenista, o impedia

112. KEHL, Renato. *A Cura da fealdade*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. 1923, p. 165.

113. Idem, p. 166-167.

de condenar o brasileiro por sua degeneração, Kehl entendia que a população brasileira degenerava, "minguava", perante o péssimo estado de saúde e de saneamento em que se encontrava. Nessas mórbidas condições de saúde física, "[...] é natural que o povo brasileiro, na sua generalidade, seja fraco, inativo e esteja mergulhado na apatia, a braços com a preguiça", destacava ele.[114] A própria tristeza que, segundo o autor, caracterizava a personalidade dos brasileiros, era consequência tanto da herança racial, sobretudo da "raça lusitana", quanto da doença que afligia diariamente milhares de brasileiros.[115]

Fazendo coro aos discursos do movimento sanitarista, Renato Kehl entendia que o estado disgênico da população nacional devia-se, acima de tudo, à crise no estado de saúde". A inferioridade física do homem brasileiro, em comparação com os "tipos" estrangeiros, seria, em suas palavras, responsável pelo atraso econômico e pela falta de iniciativa, constância e disciplina, características primordiais para os empreendimentos que poderiam levar ao progresso econômico da nação, como a indústria, o comércio e a lavoura.[116]

No entanto, destacava o eugenista, o "caboclo degenerado" - que, na literatura brasileira, havia sido nomeado de Jeca Tatu -, fora criado não pelo clima ou por outros fatores mesológicos, mas pela doença, pela falta de instrução e pelo abandono. De acordo os pressupostos eugênicos de Renato Kehl,

> A solução para essa lamentável situação é a política eugênica com o saneamento, e com o combate ao descuramento dos dirigentes e a politicagem; é a criação de escolas de civismo

114. Idem, p. 168.

115. KEHL, Renato. *Eugenia e medicina social*. op. cit., p. 107.

116. KEHL, Renato. *A cura da fealdade*. op. cit., 167-168.

> para os que sabem ler e escolas do a.b.c. para os analfabetos; o ensino de preceitos elementares de higiene, em suma, a implantação no espírito público da consciência sanitária e da consciência cívica.[117]

Essa "caricatura grotesca do brasileiro cacogenizado", ressaltava Renato Kehl, estaria fadada a desaparecer do cenário brasileiro, dando lugar a um tipo de "homem forte, robusto e perfeito". Para isso, bastaria que as medidas eugênicas necessárias fossem urgentemente colocadas em prática pelo governo, assumidas como prioridades nacionais. Kehl acreditava que através das reformas sanitárias, da aplicação das concepções eugênicas e da instrução popular, poderia se operar no Brasil o milagre da regeneração nacional.[118]

A educação higiênica e a eugenia "preventiva"

Em dezembro de 1920, um mês após o seu casamento com Eunice Penna, filha de Belisário Penna, Renato Kehl recebeu o convite de Eduardo Rabello, então Diretor da Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas, para organizar o serviço de propaganda e educação higiênica da referida inspetoria. Como destacava Eduardo Rabello no ofício em que expediu ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), Renato Kehl era "notoriamente conhecido como especialista nestes assuntos", referindo-se ao seu trabalho de propaganda

117. Idem, p. 168.
118. Idem, p. 166.

e educação eugênica e sanitária, o que seria de importância fundamental para os serviços desse Departamento.[119]

Como acontecia com a maioria dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX, Renato Kehl procurou abrigo profissional junto ao serviço público federal. Com a fundação do DNSP, o governo de Epitácio Pessoa esforçou-se para acomodar, no interior do sistema burocrático, os interesses e os desejos intelectuais de muitos dos médicos, sanitaristas, higienistas e educadores, especialmente a camada de intelectuais que apresentavam maior poder de influência no cenário político e ideológico nacional. Em grande medida, independente da origem de classe ou de sua formação profissional e científica, os intelectuais brasileiros, principalmente durante a Primeira República, procuravam pensar os problemas da nação e difundir suas propostas mediante aspirações nacionais e políticas governamentais.[120]

Durante sua passagem pelo DNSP, Renato Kehl foi responsável, sobretudo, pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea, bem como das atividades educativas em prol do saneamento e da profilaxia rural. Além das campanhas realizadas pela imprensa, Kehl foi incumbido de organizar conferências públicas, elaborar boletins, folhetos e cartazes educativos que orientassem a população quanto aos

119. No ofício em que Eduardo Rabello emitiu ao Diretor do DNSP, em 10 de dezembro de 1920, constam os seguintes termos: "[...] pretendo, como me cumpre, organizar esta campanha de propaganda e absorvido por outro lado com múltiplos deveres inerentes à organização de diversos serviços dessa inspetoria, peço a V. Exa., e que caso não veja nisso maiores inconvenientes, seja o Sr. Dr. Renato Kehl, Inspetor de Profilaxia Rural, designado para servir nessa inspetoria e auxiliar o inspetor naquela organização" (Este texto encontra-se transcrito no *Memorial do Dr. Renato Kehl*. op. cit., 1932).

120. OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990; PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

preceitos da higiene e do saneamento. Em 1922, Renato Kehl foi indicado também para organizar o Museu de Higiene, apresentado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, durante a Exposição Nacional realizada em comemoração ao centenário de independência.[121]

Apesar de seu desejo de criar um dispensário eugênico não ter recebido apoio necessário, parte do seu projeto pôde ser colocado em prática através das funções que exerceu frente a essa inspetoria, principalmente em relação às campanhas de combate às doenças venéreas. Em suas atividades de propaganda e educação higiênica, Renato Kehl contou com a influência direta de Eduardo Rabello, que, como médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, havia dedicado sua carreira aos estudos relacionados à dermatologia e a sifilografia.[122] A trajetória de Rabelo sempre esteve ligada à educação higiênica preventiva, especialmente nas campanhas profiláticas empreendidas pelo DNSP para combater a sífilis e outras doenças venéreas.[123] Para esse médico, conforme explica Sérgio Carrara, a propaganda educativa e persuasiva teria como objetivo "[...] promover a vigilância sanitária e a chamada 'cura profilática', ou seja, a neutralização, nos doentes, do poder contagiante da doença".[124]

Em 1921, em conferência realizada na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, organizada pela Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas, Renato Kehl

121. *Memorial de Renato Kehl*. op. cit., 1932.

122. Sobre a constituição do campo sifilográfico no Brasil e a atuação de Eduardo Rabelo frente à Inspetoria de Profilaxia da Lepra e das Doenças Venéreas, ver CARRARA, Sérgio. *Tributo à Venus*... op. cit., 1996; ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral*... op cit., 1999.

123. CARRARA, Sérgio. Idem, p. 196.

124. Idem.

alertava o público sobre o "perigo sombrio" que as doenças venéreas representavam para o futuro da raça.[125] Conforme destacava esse eugenista, as doenças venéreas "matam sorrateiramente", "dizimam", "aterrorizam nossos semelhantes". Em tom de alarde, Renato Kehl dizia que as doenças venéreas, sobretudo a sífilis, "[...] não abrem mil sepulturas em um dia, mas abrem, digamos, vinte ou mais cada dia que passa, o que corresponde quase a uma morte por hora".[126]

A sífilis constituía, na expressão desse eugenista, no grande perigo nacional, já que sua ação não prejudicaria apenas as pessoas atíngidas pela doença, mas também as futuras gerações. Contudo, enfatizava Renato Kehl, não se poderia falar em sífilis hereditária, mas sim na sífilis congênita, cuja transmissão aos filhos se daria por meio da placenta materna.[127] Como sua ação era "profundamente degeneradora", a sífilis teria o poder de "destruir completamente uma família, ou degenerar uma raça". Seus malefícios são tão grandes, continuava ele, "[...] que o combate a essa terrível doença corresponde a uma necessidade de caráter nacional".[128]

---

125. KEHL, Renato. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Saúde Pública, 1924 [1921].

126. Idem, p. 4.

127. Suspeitando das teorias neolamarckistas, Renato Kehl argumentava que a sífilis não era um mal hereditário, como pensava a maioria das pessoas. Para que fosse hereditária, explicava ele, a sífilis "[...] deveria ser transmitida através do anelo ou do espermatozóide. Mas isto, afirmam numerosos cientistas, nunca se demonstrou. Seria necessário que a *treponema* fosse levada pelo óvulo ou pelo espermatozóide ao ovo, que é o produto da reunião daqueles dois elementos. Hoje está unanimemente admitido que um pai sifilítico [...] não pode transmitir a sífilis ao filho, sem que primeiro infecte a esposa que, por via placentária, irá transmiti-la à criança. Mas, notai bem, um pai sifilítico pode em certos casos, sem infectar a esposa, transmitir ao filho, hereditariamente, as perturbações de ordem física e psíquica [...], embora não transmita a doença, transmitirá desordens causadas por ela" (idem, p. 24-25).

128. Idem, p. 9.

Segundo Renato Kehl, além de provocar outras doenças, a sífilis seria o maior exterminador de vidas, responsável por 80 a 90% dos casos de aborto ou de natimortos, e de 20 a 30% dos casos de morte entre os adultos.[129] Em sua concepção, apesar de a sífilis contaminar principalmente os indivíduos negros, no Brasil, ela estaria "[...] largamente difundida por todas as camadas sociais, penetrando abertamente em milhares de lares e aí implantando o aleijão, a desgraça e o luto".[130]

De acordo com suas palavras, a sífilis estaria diretamente relacionada à imoralidade social que é praticada contra as "regras da natureza", ou a tudo que se diz e se faça "com maus e condenáveis intuitos".[131] A sífilis seria adquirida, em suas palavras, nos "contatos sexuais impuros", no seio da prostituição, entre as costureiras, artistas e empregadas de lojas, onde residia a imoralidade.[132] Desse modo, dizia esse eugenista, o meio mais seguro de não apanhar a sífilis, entre outros "males venéreos", "[...] é fugir das prostitutas e, em geral, das relações sexuais extraconjugais".[133]

Juntamente com a sífilis, considerada como o "cupin da raça",[134] Renato Kehl entendia que o alcoolismo era o segundo

129. KEHL, Renato. *O perigo venéreo*. op. cit., 1921, p. 39. Nas palavras de Renato Kehl, mesmo as crianças que sobrevivem à infecção congênita da sífilis, crescem sempre "[...] anêmicas, raquíticas, feias, nevropatas, ticosas, candidatas à morte precoce ou a se tornarem indivíduos cretinos, loucos, paranóicos, (a nossa terra é considerada o paraíso destes degenerados), cegos, paralíticos, enxaquecados, sujeitos a uma existência de tormentos, de martírios para as outras, e sobrecarga para o Estado" (KEHL, Renato. Filhos de Luéticos. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1923 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
130. Idem, p. 29.
131. Idem, p. 06.
132. Idem, p. 10.
133. Idem, p. 31.
134. Conforme explicava Renato Kehl, "[...] o *treponema pallidum*, também conhecida como *Spirocheta pálida*, representa o cupin da raça. Ele nos é mais

principal fator de degeneração do homem brasileiro. Suas campanhas contra essas doenças, denominadas de "venenos raciais", foram bastante intensas durante o período em que esteve à frente dos serviços de educação e propaganda sanitária do DNSP. Através das colunas que mantinha semanalmente nos jornais cariocas, especialmente no *Gazeta de Notícias,*[135] Renato Kehl, frequentemente, chamava a atenção dos leitores, esclarecendo sobre os prejuízos que o álcool e a sífilis poderiam causar às famílias e à sua descendência.

É importante destacar, conforme demonstram as pesquisas de Sérgio Carrara e José Roberto Franco Reis que, durante as primeiras décadas do século XX, os intelectuais brasileiros compreendiam que a sífilis e o álcool competiam com a miscigenação racial como os principais fatores de degeneração da nacionalidade.[136] Nesse período, como apresentei no capítulo anterior, médicos, eugenistas, higienistas mentais e sanitaristas,

nocivo que o cupin à madeira ou aos livros. Incansável, pertinaz, mantém-se dia e noite na faina horrível de corroer o edifício humano, atacando, ora uma, ora outra, ou conjuntamente várias partes constitutivas, ossos, músculos, vasos, nervos. Não contente com o próprio estrago, convida outros comparsas, nossos inimigos, como o bacilo de Koch, o bacilo de Hansen, a participarem da demolição" (KEHL, Renato. O cupin da raça. *Gazeta de Notícias*. 21 out. 1923 - recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

135. Renato Kehl manteve, entre os anos de 1923 e 1924, um espaço permanente no jornal *Gazeta de Notícias*. Nessa coluna, intitulada de "Higiene Popular", publicava dois artigos por semana, normalmente nas terças e sextas-feiras, cujo conteúdo estava diretamente relacionado à higiene, ao saneamento, à eugenia e às orientações médicas em geral. Renato Kehl foi, ainda, colaborador em vários jornais e revistas, como o *Jornal do Comércio* e da *Revista do Brasil*, ambos do estado de São Paulo; do *O Jornal*, do *Correio da Manhã*, do *Imparcial,* da *Revista da Semana*, do *Boletim do Sindicato Médico*, todos do Rio de Janeiro; tendo colaborado também com a *Semana Médica* e a *La República*, de Buenos Aires; e a *Crônica*, da cidade de Lima, no Peru. A grande maioria do espaço que possuía nestes jornais e revistas era dedicada à propaganda e às ideias eugênicas (*Memorial Renato Kehl*. op. cit., 1932).

136. CARRARA, Sérgio. *Tributo à venus...* Op. cit., 1996; REIS, José R. Franco Reis. *Higiene mental e eugenia...* op.cit., 1994

como Afrânio Peixoto, Belisário Penna, Antonio Austregésilo, Ernani Lopes, Souza Lima, Azevedo Amaral, entre outros, investiram suas atividades intelectuais em longas campanhas que objetivavam chamar a atenção da sociedade, especialmente das autoridades públicas, quanto ao caráter degenerativo do álcool e da sífilis.[137]

Aliás, considerado como um dos "vícios sociais" que mais degeneravam as raças, o alcoolismo sempre fora visto como uma das principais preocupações dos eugenistas no mundo todo, não somente entre os neolamarckistas.[138] Para Renato Kehl, o alcoolismo era mais que uma doença do corpo humano, representava uma "doença do corpo social". Poderia ser considerado o verdadeiro "demônio da humanidade", responsável pelo "horrível flagelo" que manchava a sociedade e o futuro racial da espécie.[139] Segundo seus pressupostos científicos, o alcoolismo atuava diretamente sobre as células reprodutoras, o germoplasma, causando diversas "desordens blastofitóricas" nos descendentes, como a epilepsia, a loucura, a alienação, a criminalidade, a surdo-mudez e a paralisia.[140]

---

137. Idem.

138. Essa era uma concepção corrente até mesmo para alguns eugenistas mendelianos, como o norte-americano Charles Davenport, por exemplo, para quem o alcoolismo teria grande influência degenerativa na composição das raças, inclusive para as futuras gerações (KEVELS, Daniel. *In the name of eugenics*... Op. cit., 1995, p. 47-50).

139. KEHL, Renato. Os efeitos do alcoolismo. *Gazeta de Notícias*. 12 mar. 1924 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

140. Apoiado na teoria sobre a blastofitoria, desenvolvida por August Forel, que explicava a maneira pela qual o alcoolismo poderia degenerar a prole, Renato Kehl descrevia um histórico familiar nos seguintes termos: "[...] o autor deste artigo conhece um casal que teve duas dúzias de filhos. O pai era um alcoolista inveterado e a mãe, uma senhora histérica, filha, por sua vez de pai ébrio. Apenas oito filhos sobreviveram; dezesseis morreram prematuramente, na primeira infância, ou nasceram mortos. Dos sobreviventes que se criaram, o mais velho, o menos sacrificado, ao atingir 30 e poucos anos, apresentou-

A partir de 1923, com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, as campanhas de combate ao álcool e a outros males tóxicos, como o tabaco, a nicotina e o ópio, se intensificaram no cenário nacional. Como membro da Liga, Renato Kehl teve uma participação importante na organização das Campanhas Antialcoólicas, como as Semanas de Combate ao Álcool, realizadas ao longo dos anos 1920 e 1930 por essa sociedade. Visto como um problema de cunho eugênico e moral, o álcool era considerado pelos higienistas mentais e eugenistas como o principal responsável pelas doenças do sistema nervoso, pela influência esterilizadora das massas, pelas causas das baixas taxas de reprodução e da alta "corrupção hereditária", além daquilo que denominavam de "desordem social" generalizada. Nesse sentido, o combate ao alcoolismo foi certamente a principal bandeira assumida pela Liga entre as décadas de 1920 a 1940, quando essa instituição médica lançou seu programa de educação e orientação pública sobre as formas de evitar esses e outros "vícios sociais".[141]

Renato Kehl destacava, ainda, que, ao lado da sífilis e do alcoolismo, a lepra, a tuberculose, a ancilostomíase, entre outras endemias, deveriam ser vistas como os principais problemas

---

se com graves perturbações cardíacas e renais; o segundo, já falecido, tinha um braço paralítico e curto; o terceiro tinha acessos nervosos e morreu tuberculoso; o quarto morreu em consequência de um acidente, o quinto é uma moça, com desordens psíquicas atualmente internada numa casa de alienados; a sexta é uma degenerada psíquica com tendência para a alienação; o sétimo faleceu após uma crise epilética; finalmente, o oitavo é surdo e mudo. O filho mais velho casou-se tendo três filhos, um dos quais disforme e dois de débil constituição. Dos vinte e quatro filhos restam atualmente, apenas quatro, um doente, um alienado, outro em vias de alienação e outro surdo-mudo [...]" (idem).

141. Sobre as Campanhas Antialcoólicas e os programas educativos organizados pela LBHM, consultar REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia* ... Op. cit., 1994.

eugênicos que afligiam o vigor da população brasileira. Dessa maneira, como destacava esse eugenista, "a preocupação máxima deve ser sanear e eugenizar",[142] já que a grandeza de uma nação não deveria ser medida pelos bens materiais que a compõem, nem mesmo pelas províncias que possui, mas pela instrução e pelo valor eugênico dos homens que habitam seu território.[143] Conforme era anunciada pela imprensa carioca, a "política salvadora" seria aquela que pudesse "[...] conduzir o seu povo a regeneração física, intelectual, moral, isto é, será a política sanitária, nela compreendida a do combate ao analfabetismo, seguida depois da política eugênica".[144]

Em artigo publicado em 1923, na *Revista Nacional*, Renato Kehl destacava, ainda, que, além do saneamento e da eugenização, a grandeza política, econômica e racial do Brasil dependeria também do combate ao analfabetismo. Um povo sem saúde e instrução seria "um povo abastardado", sem consciência, que ignoraria os sentimentos cívicos e de nacionalidade.[145] Nas palavras desse eugenista,

> [...] saúde e instrução são dois elos que se interdependem; com a primeira mais facilmente se adquire, como se conserva e se amplia a segunda. *Com isso chega-se à conclusão, pura e simples, que o grau de civilização de um povo mede-se pelo grau de saúde e da instrução popular*[146] [grifo nosso].

142. KEHL, Renato. Eugenia ou Eugênica: a luta contra as degenerações. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 06 fev 1920 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
143. KEHL, Renato. O homem puro-sangue: a possibilidade de sua criação. *Jornal Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
144. Idem.
145. KEHL, Renato. Educação e Instrução. *Revista Nacional*. Rio de Janeiro, 1923, p. 716 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
146. Idem.

Como argumentava durante a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado em 1922, no Rio de Janeiro, "instruir é eugenizar, sanear é eugenizar".[147] Para Renato Kehl, a identidade do homem brasileiro, sua saúde e seu grau de civilidade dependeriam da associação entre as ideias eugênicas, das práticas educacionais e das reformas sanitárias, sobretudo das populações do interior do país. Durante esse período, Renato Kehl entendia que a educação se constituía como uma prática eugênica essencial para a regeneração dos corpos e das mentes dos indivíduos. O nível de instrução da população nacional, em especial a educação higiênica e eugênica, caracterizava-se, no modelo de eugenia por ele defendido no início dos anos 1920, como uma ferramenta política essencial, não apenas para elevar o grau de civilização de um povo, mas também para aprimorar a saúde e extinguir as doenças do meio social, colaborando de maneira valiosa com os esforços médicos e sanitários.[148]

Segundo Renato Kehl, o fim da educação consistiria na preparação completa para a vida, especialmente "[...] na cultura do espírito e do corpo, no robustecimento do caráter e na elevação do civismo".[149] Em sua concepção, por ter um papel essencial no processo de formação e regeneração da nacionalidade, os conhecimentos higiênicos precisariam ser difundidos nos lares, nas escolas, entre os operários e trabalhadores rurais, "[...] fazendo-os compreender a importância da higiene e tornando-os obedientes às leis sanitárias".[150]

147. KEHL, Renato. Da eugenia e o futuro do Brasil. In: *Theses Oficiais, memórias e conclusões do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1925[1922], p.876.

148. KEHL, Renato. Higiene Rural. *Revista Saúde Pública*, ago. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

149. Idem.

150. Idem.

Contudo, conforme sugeria em sua coluna semanal, publicada no jornal *Gazeta de Notícia*, para que essa educação fosse eficaz e atingisse os "bons hábitos de saúde", fazia-se necessário que ela se dirigisse ao espírito ainda dócil das crianças.[151] Para esse autor, a educação higiênica deveria iniciar-se desde a tenra idade, tanto pelas mães, através de conselhos diários, quanto pelos mestres do jardim da infância e das escolas primárias. Desse modo, conforme acreditava Renato Kehl, "[...] *pouco a pouco será criado nelas uma segunda natureza, como que um novo instinto, tornando-as automaticamente praticantes das regras de higiene*".[152]

Nesse período, Renato Kehl acreditava que as reformas sociais e do meio ambiente, como a educação, o saneamento e a higiene em geral, contribuiriam eficazmente para melhorar as qualidades físicas e intelectuais da população brasileira. Por outro lado, ele previa, ainda, que as próprias mudanças que ocorriam nos hábitos sociais relacionados à higiene contribuiriam para reformar o comportamento moral da população e, em consequência, para elevar os valores da civilização nacional. Assim, conciliando os pressupostos eugênicos aos da higiene e do pensamento social, Renato Kehl continuou, sobretudo até o final dos anos 1920, a sua insistente cruzada pela divulgação de um modelo de eugenia que conciliasse a medicina social e a educação como um só projeto de reforma da nação.

Defendendo os princípios da eugenia preventiva – que, como já comentamos, agradava a grande maioria dos intelectuais brasileiros -, por volta da metade da década de 1920

151. KEHL, Renato. O ensino da higiene nas escolas primárias. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

152. Idem [grifo nosso].

Renato Kehl já havia consolidado sua autoridade intelectual como o principal representante da eugenia brasileira, ou mesmo do movimento eugênico latino-americano. Apesar de poucos intelectuais se autonomearem como eugenistas, as ideias e as concepções da ciência da hereditariedade tornavam-se cada vez mais frequentes na literatura médica, jornalística e sociológica.

Tendo em vista a boa receptividade que a eugenia e as concepções sanitaristas continuavam recebendo entre o público, e pelo espaço de legitimidade e reputação intelectual que havia conquistado, Kehl passou a editar seus trabalhos científicos com maior frequência. Entre 1922 e 1927, enquanto dividia o seu tempo entre as atividades clínicas e as funções que exercia no DNSP, publicou várias obras diretamente relacionadas aos estudos sobre eugenia, higiene e educação sanitária.[153] Até meados dos anos 1920, seus estudos definiam-se, cada vez mais, como manuais de propaganda e de preceitos eugênicos, com ênfase para as orientações morais, higiênicas e médico-sociais.

Em 1923, Renato Kehl publicou a obra *Fada Hygia*,[154] considerado o primeiro livro sobre educação higiênica e moral dirigido às crianças. Essa cartilha de higiene, como ficou conhecida posteriormente, foi adotada a partir de 1924 como material didático para o ensino de higiene em escolas públicas de vários estados brasileiros, principalmente em São Paulo e

153. As ideias e as propostas eugênicas apresentadas em seus livros foram sempre bem recebidas pela imprensa, por intelectuais e autoridades públicas que, frequentemente, publicavam resenhas, comentários e notas elogiosas a esses trabalhos. Dentre essas obras destacam-se: *A cura da fealdade* (1922), *Como escolher um bom marido* (1923), *Fada Hygia* (1923), *Como escolher uma boa esposa* (1924), a *Bíblia da saúde* (1926) e *Formulário de beleza* (1927). A maioria desses livros, publicados pela Livraria Francisco Alves e pela editora Monteiro Lobato & Co., recebeu, inclusive, mais de uma edição entre as décadas de 1920 a 1940.

154. KEHL, Renato. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

no Rio de Janeiro.[155] Como argumentava o autor na introdução dessa obra, a higiene deveria ser considerada a disciplina mais importante nas escolas primárias, pois ensinaria as crianças a preservarem e defenderem a saúde, "melhorando e preparando a constituição física em evolução".[156]

Segundo Belisário Penna, *Fada Hygia* representava "[...] um atestado valioso da vitória da propaganda pelo saneamento do Brasil, da transcendente criação da consciência sanitária". A educação higiênica, nas palavras desse sanitarista, "[...] redimirá a nossa gente do opróbrio, da incapacidade, da preguiça e das doenças".[157] Para outros intelectuais, como Carneiro Leão, Diretor Geral da Instrução Pública, o livro de Renato Kehl resumia-se num "belo serviço prestado ao Brasil", cujo conteúdo seria indispensável para proteger a saúde e o vigor físico das crianças e do futuro da nação.[158] De maneira semelhante, Xavier Pinheiro argumentava, em resenha publicada na imprensa carioca, que o trabalho de Renato Kehl deveria ser visto como uma "missão salvadora", tendo em vista que "o futuro da Família e da Pátria" residia no benefício realizado em prol da criança.[159]

Por meio da imprensa carioca, Renato Kehl argumentava, em 1923, que a lastimável situação educacional e de saúde de milhares de crianças brasileiras começava, finalmente, a receber a atenção das autoridades públicas.[160]

---

155. Essas informações aparecem na reedição da obra, publicada em 1925.
156. Idem.
157. PENNA, Belisário. Apreciações de higienistas e educadores. In: KEHL, Renato. *Fada Hygia*. op. cit., 1923, p. 170.
158. LEÃO, A. Carneiro. Apreciações de higienistas e educadores. In: KEHL, Renato. *Fada Hygia*. op. cit., 1923, p. 169.
159. PINHEIRO, Xavier. A Fada Hygia. *Jornal O Malho*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1924 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).
160. KEHL, Renato. A Infância. *Jornal Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 08 jun 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Em suas palavras, após os clamores e os esforços da imprensa e de propagandistas, "[...] parece que há intuito de iniciar no país a benemérita campanha em prol dos entesinhos que serão os futuros defensores da nossa soberania".[161] Para que essas campanhas tivessem sucesso, destacava Kehl, todos os brasileiros cultos deveriam auxiliar nos serviços de assistência à infância:

> Das autoridades oficiais são indispensáveis os trabalhos de saneamento rural e urbano, a proteção higiênica das populações contra as endemias. Dos médicos dependem os esforços para a assistência clinica aos pequeninos doentes, - mas da assistência segura, exata, adiantada, da pediatria moderna [...]. Da mãe depende o cuidado inteligente aos filhos, muitos deles sacrificados pela ignorância materna dos comezinhos preceitos da higiene alimentar. Dos mestres os serviços de ministrar às crianças os conselhos de bem viver, de acordo com as exigências do organismo e do meio e sobretudo de fiscalizar-lhes a saúde, procurando surpreender os males antes que eles os dominem [...].[162]

Durante os anos 1920, portanto, a preocupação política e intelectual de Renato Kehl se dirigia, também, para os cuidados com a educação higiênica das crianças. Em sua concepção, caberia aos políticos, médicos, pais e mestres a responsabilidade de cuidar, controlar, vigiar e educar os hábitos alimentares e higiênicos dos filhos, a fim de torná-los saudáveis, robustos e belos. De maneira geral, os eugenistas entendiam que educação higiênica dirigida às crianças desde a tenra idade seria o meio mais eficaz de transformá-los nos futuros divulgadores da "ciência da boa geração".

161. Idem.
162. Idem.

Em 1926, ainda como funcionário público ligado ao Departamento Nacional de Saúde Pública, Renato Kehl publicou *Bíblia da saúde*[163], outra obra contendo preceitos educativos sobre higiene, eugenia e moral. Nesse livro, o eugenista reuniu os principais artigos publicados em sua coluna de Higiene Popular, mantida no jornal *Gazeta de Notícias,* entre 1923 e 1924. Como o próprio título sugeria, Renato Kehl desejava que sua obra se transformasse num livro sagrado sobre lições básicas de saúde e conhecimentos higiênicos. Por outro lado, explicava no prefácio do livro que *Bíblia da saúde* poderia se chamar *Pílulas da vida*, como doses de saúde cientificamente elaboradas, e não como charlatanismo.[164]

Renato Kehl destacava nessa obra, que era necessário propagar a afirmação cartesiana de que cumpria à medicina social a solução dos problemas que mais interessavam "a grandeza e a felicidade dos habitantes deste planeta".[165] Segundo ele, somente pela higiene se poderia promover o bem-estar social e moral, além da "evolução somática" e intelectual da humanidade. A higiene deveria ser concebida, conforme a sabedoria antiga, como a arte mais bem aprimorada, representando nas palavras desse eugenista,

> [...] a aplicação de todos os conhecimentos com o objetivo coordenado de proteger a saúde, prolongando a vida dentro dos limites ótimos de sua duração normal. E é arte vitoriosa, conseguindo aos poucos expurgar o planeta das pestes, das infecções, sanear regiões insalubres, valorizar o solo e beneficiar a vida humana em todos os sentidos.[166]

163. KEHL, Renato. *Bíblia de saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.
164. Idem, p. 10-11.
165. Idem, p. 11.
166. Idem, p. 16.

Através da higiene, essa "arte vitoriosa", e da proteção integral da saúde, acreditava Renato Kehl, a sociedade poderia conquistar, ainda, o ideal eugênico da beleza humana e da normalidade física. Em sua concepção, a cura da "anormalidade física", ou da "fealdade", não dependeriam de um "fruto espontâneo da natureza", corresponderiam antes ao estado de morbidez dos indivíduos, à ausência de saúde e dos conhecimentos da eugenia e da higiene.[167]

As obras de Renato Kehl publicadas até meados dos anos 1920, dirigiram-se também a um extenso programa de educação e higiene sexual, saúde materna e orientações matrimoniais. Seus livros *Como escolher um bom marido* (1923) e *Como escolher uma boa esposa* (1924), que tiveram uma grande circulação entre o público letrado, eram recheados de conselhos morais direcionados aos jovens, especialmente em relação à educação e à proteção eugênica matrimonial, à responsabilidade masculina como chefe do lar, ao papel reprodutivo da mulher, às orientações higiênicas e dicas de como melhorar a beleza feminina.[168]

Durante a Primeira Conferência Nacional de Educação, realizada na cidade de Curitiba, em 1927, Renato Kehl chamava a atenção para a importância da orientação sexual como meio de evitar consequências lamentáveis ao futuro moral e reprodutivo da sociedade.[169] Para esse eugenista, em

167. KEHL, Renato. A cura da Fealdade. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 20, n. 78, jun 1922, p. 179.

168. Renato Kehl chegou a publicar, em 1927, um livro exclusivamente dedicado às mulheres, onde apareciam orientações gerais sobre como cuidar da beleza feminina, especialmente quanto ao uso dos cosméticos e a proteção higiênica e moral do corpo (KEHL, Renato. *Formulário de beleza – fórmulas escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1927).

169. KEHL, Renato. O problema da educação sexual (Tese apresentada na Primeira Conferencia Nacional de Educação – 1927). *A Folha Médica*. Rio

relação à educação sexual, tornava-se indispensável que os pais analisassem e disciplinassem todos os hábitos e pensamento dos filhos. Competia à mãe responder, desde a tenra idade, as primeiras perguntas curiosas dos filhos. Ao pai caberia a responsabilidade pelas instruções complementares, prevenindo "[...] os filhos mais crescidos sobre os perigos das más companhias e dos perigos resultantes das perversões sexuais". Segundo Kehl, competia também ao pai "[...] concitá-los ao respeito próprio e de seus companheiros, amedrontando-os, talvez, quanto às consequências nocivas das leituras, conversas e práticas obscenas".[170] Aos educadores, continuava explicando ele, caberia a importante missão de esclarecer, de modo didático e com detalhes, sobre o problema da reprodução, dando exemplos através da reprodução animal e vegetal. O médico da família e o inspetor escolar teriam como responsabilidade "[...] chamar a atenção dos adolescentes para os deveres dos indivíduos em relação à vida matrimonial e a descendência".[171]

Para Renato Kehl, a salvação eugênica da mocidade brasileira dependeria tanto da educação higiênica quanto da "vigilância sexual" dirigida sobre a moral recebida na infância e na adolescência.[172] A falta de orientação e conselhos sábios sobre a vida sexual nesse período da vida, acreditava Kehl, seria responsável pelos "contatos ilícitos" e pelas "relações sexuais promiscuas".[173] O resultado dessa ignorância, da "transgressão moral sexual" e do "desleixo imperdoável", levariam os jovens, conforme acreditava esse eugenista, a atingirem a idade

de Janeiro, 15 mar. 1928 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

170. Idem, p. 56.

171. Idem.

172. KEHL, Renato. *A Bíblia da saúde*. Op. cit. , p. 42.

173. KEHL, Renato. A sífilis e o matrimônio. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1923 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

matrimonial com os "corpos e o espírito impuros", "violando o sagrado dever de respeito à esposa e aos descendentes".[174]

Nesse sentido, Renato Kehl enfatizava que, para resolver este "caos moral", a sociedade deveria romper com os preconceitos arcaicos que impediam "o ensino prudente da higiene sexual". Em suas palavras, cumpria aos educadores, pais e médicos "[...] educar e civilizar o instinto de reprodução, obstando o caos moral, o tormento de saber o que se deve apreender com pureza e clarividência".[175]

As campanhas eugênicas de orientação matrimonial desenvolvidas por Renato Kehl receberam grande estímulo vindo de vários setores da intelectualidade brasileira, especialmente quanto à propaganda pela adoção do exame pré-nupcial. Para os eugenistas, o "exame dos nubentes", reivindicado desde a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, consistiria numa medida fundamental para evitar as degenerações hereditárias, sobretudo aquelas oriundas do álcool, da sífilis e da tuberculose. Os casamentos disgênicos, segundo Kehl, seriam responsáveis pela grande maioria dos natimortos, das doenças e moléstias degenerativas que assolavam o caráter da população nacional. Nas mãos dos noivos, enfatizava ele, estariam as luzes ou as trevas da prole futura.[176] Para Renato Kehl, conforme explicava através das páginas da *Revista de Higiene e Saúde Pública*, o exame médico pré-nupcial, de valor inestimável para a profilaxia matrimonial e para o controle dos "bem nascidos", deveria ser incluída como uma das preocupações máximas da legislação responsável pela regulamentação matrimonial.[177]

174. Idem.

175. KEHL, Renato. *A Bíblia da saúde*. op. cit., p. 42.

176. KEHL, Renato. O problema do casamento. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1923.

177. KEHL, Renato. A consangüinidade e a surdo-mudez. *Revista de Higiene e Saúde*. Rio de Janeiro, jun. 1925, p. 15.

Ao lado de Renato Kehl, os psiquiatras e eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental fizeram, sobretudo a partir de 1925, grandes discussões e campanhas para transformar em lei o exame médico pré-nupcial. Em 1927, os integrantes da Liga, entre eles Renato Kehl, Juliano Moreira, Oscar de Souza, Ernani Lopes, Faustino Esposel, Francisco Sobral, o Deputado Amaury de Medeiros, entre outros, se reuniram na sede da Liga da Defesa Nacional, para discutirem os estudos do referido exame, tendo como objetivo preparar um projeto de lei para ser enviado à Câmara Federal, cuja apresentação seria feita pelo Deputado Amaury de Medeiros.[178]

Pelo menos até 1927, apesar de circunstancialmente ter defendido medidas eugênicas mais extremadas, como o controle da natalidade e até mesmo a "esterilização dos grandes criminosos", as orientações sexuais e matrimoniais defendidas por Renato Kehl incluíam-se numa eugenia mais "suave", de estilo preventivo. Na década de 1920, conforme explica a historiadora Nancy Stepan, "[...] o interesse eugênico na educação sexual pouco tinha a ver com visões radicais sobre sexualidade ou papéis sexuais. Pelo contrário, a eugenia brasileira vinculava-se estreitamente a uma ideologia conservadora, familiar".[179] De maneira geral, pode-se dizer que os pressupostos que informavam os eugenistas brasileiros estavam muito mais ligados às preocupações higiênicas, sociais e de cunho moral, do que propriamente com os problemas relacionados à seleção reprodutiva ou às visões racialistas.

178. As sessões da Liga Brasileira de Higiene Mental foram noticiadas nas páginas da imprensa carioca, e no *Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro, 25 nov. 1927. Para maiores detalhes sobre as reuniões e as discussões realizadas durante as sessões da LBHM, consultar REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia...* op. cit., 1994.

179. STEPAN, Nancy. *Eugenia no Brasil...* Op. cit., 2004, p. 352.

Nesse sentido, o modelo de eugenia que predominou no pensamento de Renato Kehl, entre 1917 a 1927, definiu-se a partir de ideias e projetos que se associaram aos pressupostos higienistas e preventistas defendidos pela grande maioria da classe médica brasileira. Por um lado, as concepções de Kehl ligavam-se a um tipo de "eugenia preventiva", responsável pela higiene e pela profilaxia das doenças e dos vícios sociais e, por outro, pela "eugenia positiva", cujas medidas consistiam na orientação sanitária e na educação sexual e moral dirigida à população.

Durante os anos 1920, portanto, Renato Kehl procurou aproximar as concepções eugênicas de outras áreas do conhecimento médico e social, como a higiene, o saneamento, a psiquiatria e a educação. Como já ressaltamos, a associação entre os pressupostos da eugenia com os da medicina social caracterizou a ciência eugênica no Brasil como uma forma de saber polimorfo, capaz de se estender e servir como auxiliar de outros campos das ciências "bio-sociais". Ao mesmo tempo em que a eugenia se submetia aos estatutos científicos oriundos de outros saberes, ela também se sobrepunha a estes, permitindo uma constante mutação de ideias e das práticas científicas que constituíam seus pressupostos. Esse aspecto do conhecimento eugênico foi essencial, acima de tudo, para que a eugenia fosse devidamente apropriada e divulgada no interior do campo científico brasileiro.

Assim, a apropriação desse modelo de "eugenia preventiva", mais "suave" e ligado a diversas áreas do conhecimento médico, também recebeu maior reconhecimento no campo político nacional, sobretudo dos setores que almejavam reformar as práticas e os hábitos sociais de higiene e saneamento. Por esse motivo, como principal propagandista da ciência eugênica, Renato Kehl acabou angariando

legitimidade intelectual, o que lhe possibilitou não somente liderar essa rede de interesses que se formou em torno das ideias eugênicas e sanitaristas, mas também para conquistar espaço profissional e prestígio intelectual e social, tanto entre seus pares como na arena pública.

Contudo, a partir do final dos anos 1920, essa lógica de polimorfismo - a capacidade de adaptação que constituía o pensamento eugênico brasileiro - receberia por parte de Renato Kehl uma nova configuração científica e política. Distanciando-se dos pressupostos higienistas que até então tinham moldado seus projetos eugênicos, e que o aproximavam da medicina social e da educação, Kehl começou a defender medidas eugênicas mais radicais, restritivas e autoritárias. Ao invés de uma eugenia ao estilo "preventivo" ou "positivo", passou progressivamente a adotar as concepções da denominada "eugenia negativa", aproximando-se, inclusive, das discussões que formavam o pensamento eugênico alemão e norte-americano.

Nos próximos capítulos, procuraremos compreender quais foram as circunstâncias sociais, políticas e científicas que teriam influenciado esse eugenista a assumir um projeto eugênico mais radical e racista, muito próximo das ideias divulgadas por eugenistas anglo-saxônicos. Do mesmo modo, nosso interesse consistirá, ainda, em analisar as ideias e os pressupostos defendidos por Renato Kehl nesse período de transição do seu pensamento, principalmente entre 1928 a 1932.

CAPÍTULO III

A HORA DA VIRADA: A "HIGIENE RACIAL" ALEMÃ E AS *LIÇÕES DE EUGENIA*

Devido à insistente propaganda lançada na imprensa do centro do país, bem como pela rede de relações formadas em torno do movimento eugênico, a eugenia chegou ao final dos anos 1920 com fôlego suficiente para mobilizar um grande número de intelectuais, cientistas e autoridades políticas. Seus adeptos e simpatizantes espalhavam-se pelas principais instituições científicas do Brasil, exortando a capacidade reformadora que as medidas eugênicas apresentavam, por um lado, para auxiliar no processo de regeneração e formação da nacionalidade e, por outro, para apressar o processo de modernização da ciência brasileira.

Em junho de 1928, em consonância com a expansão do movimento eugênico, a Academia Nacional de Medicina havia anunciado, para o ano seguinte, a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, conforme destacava o próprio presidente da Academia, o influente médico e eugenista Miguel Couto.[180] O evento foi amplamente divulgado pela imprensa carioca como parte integrante das comemorações

180 O anúncio que Miguel Couto fez convocando o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia aconteceu durante as comemorações do 99º aniversário da Academia Nacional de Medicina. Em seu discurso, Miguel Couto destacou a importância dos estudos eugênicos para preservar as conquistas obtidas pela ciência em defesa da população brasileira. Em suas palavras, os cientistas brasileiros "[...] que cultivam estas coisas de alta biologia, não podem fugir com a sua lição no anseio senão na esperança de fazer a pátria mais forte, mais útil e mais bela" (Texto citado na página de abertura das *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 07). Vale destacar que Miguel Couto, médico formado pela Academia Imperial de Medicina, participou ativamente do movimento eugênico brasileiro, especialmente das discussões sobre saúde pública e imigração. Como deputado federal, eleito para votar a constituinte de 1934, defendeu persistentemente a criação de leis que restringissem a imigração de asiáticos e negros para o Brasil. Conforme destacava em sua obra *A seleção social*, o Brasil já havia prestado "[...] um tão grande serviço à humanidade na mestiçagem do preto [...]. A do amarelo, a outros deve competir" (COUTO, Miguel. *A seleção social*. Rio de Janeiro. Irmão Pongetti Editores, 1942, p. 42).

que marcariam o centenário da Academia. Esse congresso contribuiu tanto para reafirmar o interesse e a consolidação da eugenia como uma das principais discussões intelectuais do campo médico brasileiro, quanto para definir os novos rumos que o movimento eugênico seguiria durante a década de 1930.

No período entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930, Renato Kehl intensificou ainda mais sua propaganda eugênica, tendo como intuito manter o reconhecimento do seu nome como a principal liderança intelectual do movimento eugênico. Por outro lado, o eugenista almejava concretizar o seu antigo desejo em definir um espaço mais amplo para as discussões eugênicas no interior da comunidade intelectual e científica do país. A partir desse lugar, Kehl ambicionava (re) afirmar a sua posição, seu prestígio e sua autoridade científica, tanto entre seus pares quanto entre as autoridades políticas e setores da elite e da classe média urbana.

A opção por um modelo de eugenia mais "suave", ao "estilo latino", conforme expressão empregada por Nancy Stepan,[181] perderia espaço no projeto defendido por Kehl, sobretudo a partir do final dos anos 1920. Se até esse período, Kehl compartilhava dos pressupostos sanitaristas e de um ponto de vista otimista sobre o futuro do Brasil, passava, a partir de então, a ver com ressalvas as promessas reformadoras propostas pela medicina social ou pela "eugenia preventiva". Seu distanciamento em relação ao pensamento médico-sanitarista - que associava diretamente a eugenia às reformas sociais e ambientais - e sua crescente simpatia pelos conceitos mais "duros" e extremados da "eugenia negativa", mudariam inclusive a própria rede de relações que seria estabelecida pelo eugenista Renato Kehl a partir daquele período. O diálogo intelectual e

181. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

científico que seduzia o eugenista brasileiro parecia deslocar-se no sentido da periferia ao centro, atraído pela ascensão das ideias eugênicas nos Estados Unidos e na Europa, especialmente dos pressupostos originários da "higiene racial" alemã.

Meu objetivo, portanto, é compreender as motivações sociais, políticas e científicas que conduziram a essa ruptura no pensamento de Renato Kehl. Procurarei demonstrar que, a partir de 1928, o eugenista intensificou sua atenção às discussões eugênicas que vinham sendo desenvolvidas fora da América Latina. Argumentarei que a viagem de cinco meses ao norte da Europa, realizada em 1928, sobretudo à Alemanha, teria influenciado fortemente a sua percepção sobre aquilo que considerava o verdadeiro significado da eugenia. Renato Kehl voltou ao Brasil fascinado pelas novas discussões com que havia entrado em contato em solo europeu. A partir de então, passou a se corresponder frequentemente com cientistas, intelectuais e instituições científicas, tanto da Alemanha, Suécia, Noruega, Inglaterra e Áustria, quanto dos Estados Unidos.

Nesse mesmo contexto, analisarei a obra *Lições de Eugenia,*[182] publicada por Renato Kehl em 1929, poucos meses depois de sua passagem pela Europa. Meu objetivo é explorar as discussões levantadas pelo autor, procurando identificar as ideias e concepções que o aproximavam da "eugenia negativa" e que explicitavam a influência da eugenia norte-americana alemã, em especial dos eugenistas que compartilhavam dos pressupostos da "higiene racial" alemã. Nosso esforço se concentrará em analisar, também, a recepção dessa obra entre alguns intelectuais e cientistas ligados ao campo médico brasileiro e latino-americano.

182. KEHL, Renato. *Lições de eugenia*. op. cit., 1929.

Com os pés no Brasil e os olhos na Europa

No capítulo anterior, procurei demonstrar como a trajetória de Renato Kehl entre 1917 a 1927 esteve estreitamente associada ao movimento sanitarista, chegando a ocupar importantes cargos públicos como médico e inspetor sanitário. Em 1927, no entanto, Kehl afastou-se do Departamento Nacional de Saúde Pública para dedicar-se exclusivamente às funções de diretor da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer, no Brasil.[183] Acredito que o convite feito a Renato Kehl, para dirigir essa empresa, foi facilitado, por um lado, pela sua formação como médico e farmacêutico, além de ser um intelectual prestigiado no cenário nacional, e, por outro, pelo fato de falar fluentemente o alemão e o inglês, já que a *Casa Bayer-Meister Lucius* era uma multinacional com sede em vários países, cuja matriz se localizava na cidade de Leverküsen, na Alemanha. É possível, ainda, que a própria origem alemã da família de Renato Kehl tivesse contribuído para que ele recebesse tal convite. Além do mais, como já destacamos no primeiro capítulo, a família de Kehl sempre esteve ligada ao comércio de produtos farmacêuticos, especialmente na figura do pai, que manteve ao longo da vida um estabelecimento comercial nesse ramo de atividade.

183. Renato Kehl prestava assistência técnica como farmacêutico à Casa Bayer desde 1923, contudo, a partir de 1927 dedica-se, exclusivamente, como diretor dessa empresa no Brasil. Kehl permaneceria nesse cargo até 1944, quando a indústria alemã entrou em crise financeira devido ao caos econômico formado no continente europeu com o trágico desfecho da Segunda Guerra Mundial. (Dados Biográficos do Dr. Renato Ferraz Kehl. *Revista Terapêutica*. Rio de Janeiro, n. 4, abr 1954 - Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Como demonstrarei ao longo deste capítulo, o seu afastamento do Departamento Nacional de Saúde Pública e sua nova função como diretor de uma indústria privada alemã, contribuiu não apenas para um processo de mudança em sua carreira profissional, mas no seu próprio pensamento intelectual e em suas posições ideológicas. A partir desse período, como pretendemos apresentar no presente capítulo, Renato Kehl passou a manter, progressivamente, um menor contato com as ideias e os pressupostos reformistas lançados pelo movimento sanitarista, que ele mesmo havia ajudado a fundar no final dos anos 1910. Por outro lado, aumentaria sua aproximação em relação a um modelo de pensamento eugênico mais radical que começava a ser gestado na Europa e nos Estados Unidos.

Um ano após ter assumido suas novas atividades profissionais na Casa Bayer, Renato Kehl foi convidado pela multinacional alemã para realizar uma viagem de cinco meses pelo norte da Europa, sobretudo para conhecer a Alemanha e a sede da empresa Bayer naquele país. No dia 05 de abril de 1928, a bordo do vapor alemão *Madrid,* Renato Kehl, juntamente com sua esposa Eunice Penna Kehl, partia do porto da Capital Federal rumo à Europa. A imprensa carioca e alguns periódicos médicos destacaram, com júbilo, a viagem do eugenista brasileiro. Como anunciava a *Revista Mundo Médico:*

> Embarcou, anteontem, com destino à Alemanha, o conhecido médico e publicista Dr. Renato Kehl. Espírito brilhante, forrado com um grande amor ao trabalho, o Dr. Renato Kehl tem sido um devotado divulgador da eugenia entre nós, não só em colaboração ativa entre os nossos mais importantes diários, como em profusos livros que tem publicado, com o mais extraordinário sucesso. *A sua viagem à Alemanha, como nos disse, é feita a título recreativo, mas*

> *estamos certos será mais uma viagem de estudos aos grandes centros da cultura germânica, sempre fonte de inesgotáveis ensinamentos científicos*[184] [grifo nosso].

Durante a viagem, Renato Kehl visitou várias universidades e institutos de antropologia e eugenia, tanto na Alemanha quanto em outros países do norte da Europa. Na Alemanha, visitou e realizou pesquisas no Instituto de Eugenia de Berlin, travando contato com seu diretor, o eugenista Hermann Muckermann e com o eugenista e antropólogo Hans Haustein; conheceu, também, o já renomado eugenista e antropólogo Eugen Fischer, diretor do Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia, da Universidade Kaiser Wilhelm de Berlin; visitou, ainda, outras universidades e museus de antropologia e eugenia, como o Museu de Higiene Racial da cidade de Dresden, dirigido pelo médico e eugenista Dr. Vogel Wissenschaftl.

Além dessas instituições científicas, que abrigavam os principais biólogos, médicos, eugenistas e antropólogos europeus, na Alemanha, publicava-se também, conforme comentava Renato Kehl em seu livro *Lições de Eugenia*, um grande número de importantes periódicos sobre a "higiene da raça".[185] Existia nesse país, segundo Kehl, institutos e associações de eugenia "[...] que se destinam a ministrar conselhos e fazer propaganda eugênica, outros que se ocupavam do exame pré-nupcial dos nubentes e outros, ainda, dedicados, exclusivamente, a estudos científicos relacionados com a defesa e melhoria da espécie".[186]

Entre essas instituições científicas, conforme lembrava Renato Kehl em artigo publicado no *Boletim de*

184. Notícia veiculada na *Revista Mundo Médico*. Rio de Janeiro, 7 abr. 1928 (recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

185. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit, p. 14.

186. Idem, p. 14-15.

Eugenia, destaca-se o Instituto de Eugenia de Berlin. Segundo ele, as pesquisas científicas realizadas pelos eugenistas desse Instituto, tratavam de melhorar a saúde racial da população alemã, "[...] procurando conservar as raízes biológicas de sua força".[187] Comentando sobre a fundação do referido Instituto, o eugenista brasileiro congratulava efusivamente os alemães:

> Constitui, pois, um motivo de justa satisfação para os círculos culturais alemães a resolução tomada em 19 de junho de 1926, pelo Senado da Sociedade Imperador Guilherme, sob a direção do seu fundador e presidente, Exmo. Prof. Von Harnack, de fundar um Instituto para estudos de antropologia, teoria da hereditariedade e Eugenia. Esse Instituto foi inaugurado em 15 de setembro de 1927 durante o Congresso Internacional para estudos de hereditariedade. Há esperanças de que o novo Instituto central, sob a direção geral do Prof. Eugen Fischer, anatomista e antropologista, várias vezes citados nestas publicações, prosseguindo os estudos já feitos por uma série de pesquisadores, contribuirá poderosamente para esclarecimentos das questões biológicas e sociais que permitam à ciência entravar a marcha da degeneração e da seleção negativa, garantindo, assim, a conservação das qualidades do povo alemão, e aumentando o número dos sadios de corpo e espírito e dos capazes de trabalho.[188]

Nas palavras de Renato Kehl, empreendimentos científicos como esses foram capazes de levar adiante "o estudo experimental de biologia racial e antropológica em todo Reich", o que poderiam contribuir significativamente para transpor a "marcha da degeneração" e conservar as "qualidades do povo alemão". Em sua opinião, com a fundamentação científica de

187. KEHL, Renato. O Instituto de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, n. 6-7, jun-jul. 1929, p. 5.

188. Idem.

todas as questões que envolvem a eugenia, a antropologia e a biologia racial, seria possível criar no Brasil "[...] condições preliminares mais necessárias à reconstrução da cultura presente, coisa que o bioplasma, ou a base hereditária do nosso povo precisa urgentemente".[189]

Durante a sua estada na Europa, Renato Kehl manteve contato também com eugenistas e instituições de outros países do norte europeu. Em suas correspondências particulares e institucionais, é possível perceber uma relação intelectual frequente com médicos, antropólogos e eugenistas, muitos deles diretores de institutos, associações, revistas e periódicos de eugenia. Da Áustria, por exemplo, Renato Kehl se correspondia com eugenistas do Instituto de Antropologia de Viena, sobretudo com seu diretor, o médico e antropólogo Alfred Hermann. Na Suécia, país com uma grande tradição nos estudos sobre eugenia e biologia racial, mantinha estreito contato com o eugenista Hermann Lundborg, Diretor do Instituto de Biologia Racial de Uppsala. É necessário ressaltar que as obras de Lundborg se transformariam, inclusive, numa importante referência aos trabalhos que o eugenista brasileiro publicaria sobre eugenia, raça e hereditariedade, especialmente durante a década de 1930. Renato Kehl fazia, ainda, constantes referências ao eugenista norueguês John Alfred Mjöen, diretor do *Winderen Laboratorium* e da conceituada Revista *Den Nordiske Race*.[190]

189. Idem.

190. Essas informações são encontradas em fragmentos localizados, tanto nas correspondências que Renato Kehl mantinha com outros intelectuais, quanto em livros, artigos e entrevistas publicados no *Boletim de Eugenia* e na imprensa brasileira (Além das correspondências de Renato Kehl com Alfred Herman, Herman Lundborg, Eugen Fischer, Herman Muckerman, entre outros, podemos citar: KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit, 1929, p. 14-15; KEHL, Renato. O Instituto de eugenia. op. cit., 1929, p. 5).

Quando retornou ao Brasil, Renato Kehl procurou manter estreita correspondência com esses eugenistas e com as instituições a que pertenciam. Além do diálogo e da troca constante de material bibliográfico e de estudos científicos sobre eugenia que esses intelectuais publicavam, essa rede internacional incentivaria o eugenista brasileiro a conduzir suas atenções em direção às ideias eugênicas que vinham sendo discutidas amplamente nos Estados Unidos, em especial as concepções de Charles Davenport e suas pesquisas realizadas na *Eugenics Record Office*.[191] Desse modo, vários artigos, resenhas e comentários de eugenistas europeus e norte-americanos apareciam com frequência traduzidos no *Boletim de Eugenia*, periódico fundado por Renato Kehl, em 1929. Vale lembrar que o próprio movimento eugênico alemão foi construído num estreito diálogo

191. Charles Davenport dedicou sua carreira intelectual e científica aos estudos sobre genética e eugenia, sendo reconhecido, sobretudo durante as décadas de 1910 a 1940, como um dos principais geneticistas desse período. Em 1910, Davenport criou, em Nova York, a *Eugenics Record Office*, com o objetivo de ampliar os estudos e as informações eugênicas sobre herança familiar, cujas pesquisas tornaram, inclusive, a grande obsessão desse eugenista. Um ano depois, publicou *Heredity in relation to eugenics*, obra na qual utilizou os dados extraídos de registros familiares que havia solicitado a médicos, professores, cientistas e instituições. Nesse estudo, observou que o *pedigree familiar* parecia demonstrar uma ampla incidência de determinados caracteres, o que o levava a acreditar na existência de muitos traços familiares herdados, chamando a atenção para a hereditariedade conforme sugerida pelas leis mendelianas. A partir dessas conclusões, Davenport dirigiu sua atenção à história familiar de vários grupos de imigrantes, além da análise de "cruzamentos raciais" e da hereditariedade em indivíduos considerados "anormais". Para o historiador das ciências Daniel Kevles, Charles Davenport "combinou a teoria mendeliana com incautas especulações", em grande parte fruto de sua visão racista sobre os diferentes grupos raciais e sociais. Davenport deplorava o fato de o governo norte-americano gastar milhões de dólares com instituições para abrigar indivíduos portadores de "anormalidades". Além da propaganda em defesa da esterilização compulsória, realizou campanhas favoráveis à segregação racial e à formulação de leis contra a imigração. (Sobre a trajetória e a obra de Charles Davenport, consultar KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics*…op. cit., 1995, especialmente as páginas 45-55).

com os eugenistas norte-americanos. Aliás, durante os anos 1920, conforme destaca o historiador Robert Proctor, muitos médicos e eugenistas alemães viajaram aos Estados Unidos em busca de especialização científica, formando uma importante conexão entre cientistas e instituições desses países.[192]

Em 18 de setembro de 1928, a bordo do navio *Werra*, Kehl regressou ao Brasil após cinco meses de viagem. Assim como aconteceu no embarque, a imprensa carioca comentou o retorno do eugenista brasileiro. O periódico carioca *O Jornal*, por exemplo, foi encontrar o eugenista ainda a bordo, com o objetivo de entrevistá-lo para colher as primeiras "[...] impressões que trouxera do Velho Mundo, principalmente em relação ao problema que tanto o preocupa [a eugenia]".[193] De acordo com Kehl, o que mais o impressionou, sobretudo na Alemanha, foi a preocupação com a capacidade racial da população e com a produção de um maior número de "homens válidos". Após o "abalo racial" causado pela guerra mundial, explicava ele referindo-se à Primeira Guerra Mundial, a "integridade somática das nacionalidades" ainda é uma preocupação constante dos eugenistas e das autoridades públicas daquele país.[194] Algumas nações europeias, como ressaltava ele ao repórter do *O Jornal*,

> [...] apelam para a nova arma, a que melhor garante a sobrevivência [...], isto é, a Eugenia, ciência do aperfeiçoamento somato-psíquico, por meio do qual poderão constituir, no seu seio, 'elites' como as helênicas dos tempos heróicos. [...] *Torna-se, pois, interessante,*

192. PROCTOR, Robert. *Racial Hygiene:* medicine under the nazis. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

193. KEHL, Renato. A Eugenia na Europa e no Brasil (entrevista com o eugenista Renato Kehl). *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 set. 1928, (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

194. Idem.

> *acompanhar o movimento eugênico europeu, sobretudo o alemão*, pelo qual se aquilata de profunda preocupação ai reinante a propósito da salvação nacional pela higiene da raça[195] [grifo nosso].

Ressaltando o desejo da cultura alemã de constituir novas "elites eugênicas", como nos heróicos tempos da sociedade grega, Renato Kehl apontava um dos aspectos que sintetizavam e animavam a eugenia na Alemanha: os valores arianistas. Segundo o eugenista brasileiro, a propaganda pela eugenização aparecia com muita frequência em jornais, periódicos e revistas, tanto na Alemanha quanto na Áustria, Noruega, Suécia e Dinamarca. Pregava-se, acima de tudo, comentava o eugenista brasileiro, "a necessidade de racionalizar a reprodução" e orientar os "casais fortes, com ótimos caracteres", a ter um maior número possível de filhos, conforme estabelecia uma lei sugerida pelo eugenista alemão Alfred Grotjahn. Conhecida como a Lei de Grotjahn, que até 1928 ainda não havia sido aprovada pelo parlamento alemão, sugeria que os casais que tivessem mais de três filhos fossem financiados pelo estado com efetivo auxílio material, especialmente aos casais que apresentassem uma "boa constituição hereditária". Segundo Renato Kehl, Grotjahn sugeria, ainda, que os recursos destinados a essas famílias eugênicas deveriam ser oriundos de impostos que passariam a ser cobrados de indivíduos solteiros e de casais que ainda não tivessem uma prole. O eugenista brasileiro concluiu a entrevista afirmando que o caminho da Europa para vencer a decadência é seguir o caminho da Alemanha, "onde o futuro da raça é a preocupação máxima".[196]

195. Idem.
196. Idem.

O movimento eugênico alemão, de acordo com a historiadora Sheila Faith Weiss, originou-se, entre 1890 e 1903, de três contextos particularmente importantes: os problemas sociais causados pela rápida industrialização e urbanização no final do século XIX; a existência de uma tradicional comunidade médica; e, principalmente, uma corrente intelectual de biólogos que compartilhavam dos pressupostos selecionistas originário do darwinismo social.[197] Esse movimento de ideias ganhou força, a partir de 1904, com a criação do jornal *The Archiv für Rassen – und Gesellchafts-Biologie*, (o primeiro jornal dedicado à eugenia no mundo), e com a criação da *Gesellschaft für Rassenhygiene* (Sociedade para a Higiene Racial), fundada em 1905. Tanto o jornal quanto essa sociedade foram idealizados pelo eugenista Alfred Ploetz, um intelectual de classe média que estudou vários anos nos Estados Unidos e que se caracterizou como um dos grandes entusiastas do arianismo nórdico.[198]

Apesar de historicamente ser considerado um dos movimentos eugênicos em que as ideias racistas e autoritárias mais se evidenciaram, devido, especialmente, às ideologias arianistas, a eugenia alemã - ou "higiene racial" como era

197. WEISS, Sheila Faith. The Race Hygiene Movement In Germany 1904-1945. In: ADAMS, Mark (org.). *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 11.

198. Segundo Sheila Faith Weiss, Alfred Ploetz foi, juntamente com Eugen Fischer e Fritz Lenz, um dos eugenistas alemães que mais influência exerceu sobre a geração de médicos e biólogos que formaram o movimento pela "higiene racial" alemã durante a República de Weimar. O termo "higiene racial" (Rassenhygiene), utilizado correntemente pelos eugenistas alemães, foi cunhado por Ploetz no final do século XIX como um conceito alternativo para o termo "eugenia". Sua vasta obra intelectual foi fundamental, não somente para divulgar as ideias eugênicas entre médicos e biólogos alemães, mas, sobretudo, para reafirmar uma certa tradição do pensamento intelectual germânico que ressaltava a superioridade da "raça ariana", mesmo não podendo ser considerado um anti-semita (Idem, p. 14-18).

conceituada pelos eugenistas alemães[199] - foi um movimento muito mais heterogêneo em suas políticas e ideologias do que é geralmente assumido, dividido entre arianistas racistas e anti-racistas.[200] Mesmo assim, conforme destaca Sheila Faith Weiss, "[...] todos os higienistas raciais alemães abraçaram a eugenia como um meio para criar um povo mais saudável, mais produtivo e uma nação muito mais poderosa".[201] Segundo ela, os eugenistas alemães assimilaram "[...] a ideia de que o poder era essencialmente um problema de gerenciamento racional da população". Por esse motivo, entendiam que uma racional administração dos recursos humanos asseguraria um nível de hereditariedade mais saudável e, em consequência, manteria a sobrevivência da Alemanha e da alegada tradição da superioridade cultural por eles incorporada. Na interpretação dessa historiadora, apesar das diferentes posições intelectuais e ideológicas "[...] essa lógica constituía o laço comum que unia todos os eugenistas alemães".[202]

A viagem de Renato Kehl à Alemanha, no final dos anos 1920, coincidiu exatamente com um período de efervescência do movimento eugênico daquele país. Entre 1926 a 1930, jornais e revistas especializadas nas discussões sobre eugenia, genética e hereditariedade começaram a circular com maior intensidade, sobretudo em Berlin, Dresden e Munique. Em 1927, na cidade

199. O termo "higiene racial" (*Rassenhygiene*), segundo Sheila Weiss, tinha um sentido mais amplo do que a palavra inglesa "eugenia", criada por Francis Galton na segunda metade do século XIX. O conceito alemão incluía não somente a ideia de melhoramento da qualidade hereditária de uma população, mas também de medidas dirigidas a um aumento absoluto da população nacional, como as medidas de incentivos à expansão da natalidade (idem, nota de rodapé n. 1, p. 8).

200. Idem, p. 9.

201. Idem, p. 10.

202. Idem, p 11.

de Berlin, seria fundado o Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia, anexo ao *Kaiser Wilhelm Institute* (Instituto Imperador Guilherme), criado em 1924 com recursos de instituições como a Fundação Rockefeller, dos Estados Unidos. No ano seguinte, em 1928, os principais eugenistas da Alemanha se reuniriam para criar a *Aliança Internacional de Organizações Eugênicas*, exatamente no momento em que vários eugenistas estrangeiros dirigiam-se para a Alemanha com o objetivo de estudar e conhecer as instituições científicas daquele país.[203] De certo modo, é possível afirmar que o movimento pela "higiene racial" criado durante a República de Weimar (1918-1933), formou as bases ideológicas e institucionais que constituiriam parte do imaginário arianista e das ideias eugênicas que seriam desenvolvidas durante o III Reich (1933-1945).

Na percepção de Renato Kehl, do mesmo modo que vinha acontecendo em vários países da Europa, o movimento eugênico brasileiro passava a conquistar, a partir do final da década de 1920, um maior número de adeptos, o que possibilitou que novos livros e artigos sobre eugenia fossem editados, que congressos, revistas, periódicos e organizações eugênicas passassem a ser organizados com bastante entusiasmo. Em julho de 1928, Renato Kehl ainda se encontrava na cidade de Berlin, conforme ele mesmo comentava à imprensa carioca, quando recebeu a notícia, através de jornais brasileiros, de que o médico e eugenista Miguel Couto havia anunciado, com solenidade, a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, marcado para acontecer em julho de 1929:

> Exultei ao verificar que o meu sábio mestre e amigo, sob cuja orientação foi elaborada, em 1914, a primeira tese

203. Idem, p. 35-37.

> sobre eugenia, fazia seu voto de fé num programa salvador que consistia: na investigação eugênica, na legislação eugênica, na administração eugênica [...]. Se a mim tanto alegrou observar, na Europa, o esforço em prol da doutrina pela qual me bato a cerca de 15 anos, é fácil avaliar quanto me satisfaz saber que o príncipe da classe médica brasileira havia tomado a si a esplêndida tarefa de encaminhar, com seu alto saber e prestígio, a campanha lenta, iniciada há anos, em prol da eugenização nacional.[204]

Se Renato Kehl havia encontrado, na Europa, motivação suficiente para continuar sua propaganda eugênica, receberia também do próprio movimento eugênico brasileiro uma dose a mais de entusiasmo. Conforme frisava, o anúncio para a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, além de sua nomeação como secretário geral, viriam coroar o seu esforço em prol da campanha que ele mesmo havia iniciado há mais de 15 anos, quando fundou Sociedade Eugênica de São Paulo.[205] Seus comentários ressaltavam o desejo que nutria em continuar sendo reconhecido como o principal propagandista e o "pai espiritual"[206] da eugenia no Brasil, o que manteria a sua legitimidade no interior do campo científico brasileiro em relação a esses assuntos.

Considerado como um "benfeitor da humanidade", conforme referia o jornalista cearense Alcides Mendes,[207] seu

204. KEHL, Renato. A Eugenia na Europa e no Brasil. op. cit., 1928.

205. Idem.

206. Para o eugenista Octávio Domingues, Renato Kehl não era apenas o "apóstolo" e pioneiro fundador da eugenia no Brasil, mas o "pai espiritual", conforme se referiu durante a palestra que Kehl proferiu, em 1931, na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, na cidade de Piracicaba (DOMINGUES, Octávio. Vamos receber o pioneiro da eugenia no Brasil. *Jornal O movimento*, Piracicaba, 20 jun. 1931 – recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

207. MENDES, Alcides. Um Benfeitor da Humanidade. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, jan. 1929, s/p (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

nome era constantemente requisitado para falar ou escrever sobre a ciência galtoniana, especialmente pela imprensa carioca e paulista. Em março de 1929, em resposta à cobrança que o jornalista Mattos Pimenta, proprietário e diretor do Jornal *A Ordem*[208] fazia, para que Renato Kehl encaminhasse o artigo que havia prometido para publicação, o eugenista responderia:

> Não sei como desculpar-me da falta ao compromisso que assumi de lhe mandar um artigo para o seu jornal. Vocês jornalistas me matam. Pensam que eu sou fábrica de artigos. Já estou transformando o meu cérebro em bobina de jornal. As revistas médicas, então, não me dão folga. Não se esqueça que estou fazendo três revistas. Em todo o caso, na primeira oportunidade lhe enviarei um trabalho. A promessa continua de pé.[209]

Essa correspondência ajuda explicar o intenso trabalho intelectual que Renato Kehl vinha realizando nos

208. O jornal *A Ordem*, fundado durante a década de 1920, foi um importante canal de divulgação das ideias higiênicas e eugênicas na cidade do Rio de Janeiro. Seu proprietário, João Augusto de Mattos Pimenta, formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, residiu na Europa por vários anos, onde realizou especialização em psiquiatria, em 1913, na Alemanha. Participou, ainda como médico, do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial, retornando ao Brasil em 1919. Foi considerado um dos primeiros médicos-sanitaristas a empreender, entre 1926-1927, uma ampla campanha junto à imprensa carioca e às autoridades públicas contra a formação das favelas no Distrito Federal. Segundo Mattos Pimenta, as favelas significavam um sério problema tanto do ponto de vista estético e urbanístico quanto médico e higiênico, visto por ele, e por muitos outros higienistas da época, como um espaço anti-higiênico, insalubre, local de concentração de "pobres perigosos", uma "área sem lei". Em 1931, o jornal *A Ordem*, pelo qual realizava a grande maioria de suas campanhas, foi fechado pelos revolucionários aliados do presidente Getúlio Vargas (VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 44, out 2000, p. 11-34).

209. Correspondência de Renato Kehl a João Augusto de Mattos Pimenta. Rio de Janeiro, 06 mar 1929. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC, Fiocruz).

últimos anos, principalmente em relação à divulgação das novas ideias eugênicas que havia encontrado na Europa. De maneira geral, podemos dizer que o encantamento com o modelo de eugenia praticado na Europa, aliado ao crescimento do movimento eugênico brasileiro e a crença generalizada de que a eugenia poderia desempenhar um importante papel no processo de regeneração nacional, constituíam os fatores principais que motivaram Renato Kehl a iniciar um novo período de divulgação da eugenia entre o público brasileiro.

Com seu entusiasmo "profético" acerca da ciência eugênica, Renato Kehl buscava formar, a partir de 1929, um amplo movimento que fosse capaz de consolidar institucionalmente o movimento eugênico. Enquanto preparava um livro sobre eugenia, com anotações e leituras trazidas da Europa, sobretudo da Alemanha, Kehl resolveu iniciar o lançamento do que viria a ser o primeiro jornal de eugenia da América Latina, o *Boletim de Eugenia*. Financiado e editado com recursos do próprio Renato Kehl e de revistas farmacêuticas financiadas pela Bayer, o primeiro número do Boletim foi publicado em janeiro de 1929, com um formato modesto, contendo apenas quatro páginas.[210] Constituído por pequenos artigos científicos, resenhas, notas e

210. Com o passar dos anos, o *Boletim de Eugenia*, que inicialmente era uma publicação mensal com tiragem média de 1000 exemplares, foi progressivamente ampliado, principalmente a partir do segundo semestre de 1929, quando se tornou suplemento da revista *Medicamenta*. Além da assinatura desse periódico ser gratuita a qualquer um dos leitores interessados, Kehl enviava o Boletim mensalmente às principais instituições, órgãos do governo, autoridades públicas e intelectuais brasileiros e estrangeiros. A partir de 1932, período em que os eugenistas Octávio Domingues e Toledo de Pizza Júnior passaram a compor o conselho editorial, o Boletim ganhou uma cara nova, recebendo, a partir de então, uma publicação trimestral e um volume com maior número de páginas. O Boletim foi publicado periodicamente entre 1929 a 1933, quando deixou de circular por falta de recursos, já que continuava sendo financiado pelo próprio Renato Kehl e por alguns assinantes que contribuíam esporadicamente.

indicações de livros sobre eugenia, avisos e orientações sobre os movimentos eugênicos no Brasil e no mundo, os textos eram escritos numa "linguagem simples e clara", como ressaltava o próprio editor, visando alcançar o maior número possível de leitores.[211] Logo no primeiro artigo desse periódico, Kehl frisava que o Boletim "[...] deseja, apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam, também, orientar-se sobre o momentoso assunto".[212]

A institucionalização das discussões sobre as ideias eugênicas num periódico próprio, tinha um significado importante na organização do movimento eugênico brasileiro. Além de centralizar as atenções e os interesses dos intelectuais, médicos e eugenistas aliados de Renato Kehl, o *Boletim de Eugenia* ampliava a divulgação científica dessas ideias, com o objetivo de conquistar também o interesse entre o público leitor em geral.[213] Esse periódico possibilitava, desse modo, que grande parte dos eugenistas brasileiros encontrasse um instrumento que legitimasse suas concepções científicas junto às autoridades públicas e à própria sociedade. A ampla propaganda lançada na imprensa, como vinha ocorrendo desde o final dos anos 1910, ajuda a entender o motivo que levou Renato Kehl a publicar o *Boletim de Eugenia* numa "linguagem simples e clara", como ele próprio fazia questão de ressaltar.

---

211. KEHL, Renato. O nosso boletim. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, jan. 1929, vol. 01, n. 01, p.01.

212. idem.

213. Sobre a importância dos periódicos médicos para a organização e divulgação das ciências médicas no Brasil, ver FERREIRA, Luis Otávio. *O nascimento de uma instituição científica*: o periódico médico brasileiro da metade do século XIX. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1996.

Tendo em vista que a eugenia se caracterizava como um campo científico heterônomo, cujas disputas pela autoridade científica ainda não haviam estabelecido um discurso hegemônico, é preciso ressaltar que o Boletim abriu espaço às diferentes concepções que constituiam o campo da eugenia naquele momento[214]. Apesar da predominância das ideias radicais oriundas da "eugenia negativa", os discursos eugênicos mais "suaves", ligados à higiene e à medicina social, também encontraram o seu lugar de divulgação nas páginas do Boletim. Por outro lado, considerando que a eugenia, como chama a atenção Nancy Stepan, definia-se tanto como um movimento científico quanto social[215] – e que possuía um forte apelo de caráter político -, a divulgação de suas ideias fora do campo científico era vista por Renato Kehl como primordial para o sucesso do movimento eugênico. O intuito desse eugenista, ao fundar um periódico científico de circulação mais ampla, não consistia, portanto, em especializar as discussões eugênicas ou dar maior autonomia para esse campo. Ao contrário, seu interesse principal era chamar a atenção de outros intelectuais, da elite política e do público leitor, formado em sua maioria por integrantes da classe média dos grandes centros urbanos, para a capacidade regeneradora e salvacionista das medidas eugênicas.

Diferentemente do que acorria num campo científico mais autônomo, onde um cientista só poderia esperar o reconhecimento dos próprios pares-concorrentes, um campo heterônomo como da eugenia brasileira possibilitava que Renato Kehl buscasse reputação, autoridade e prestígio tanto entre seus pares quanto no imbricado mundo da arena pública.

214. Vale ressaltar que essa discussão está calcada nos conceitos de Pierre Bourdieu, conforme apresentamos no capítulo anterior.

215. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

Nesse sentido, a divulgação da eugenia através da imprensa, mas sobretudo no *Boletim de Eugenia*, transformava-se num importante mecanismo pelo qual Renato Kehl procurou ampliar seu capital social como forma de garantir uma posição dominante no interior do movimento eugênico nacional, mesmo que isso pudesse conquistar a antipatia entre alguns dos seus pares.

Acreditamos que tanto o formato quanto os princípios ideológicos e as concepções científicas que constituíam o *Boletim de Eugenia*, receberam inspiração de jornais e periódicos semelhantes que circulavam na Alemanha entre 1926 a 1930, com os quais Renato Kehl provavelmente entrou em contato durante sua viagem. Nesse período, segundo a historiadora Sheila Fath Weiss[216], o eugenista alemão Artur Ostermann, um antigo prosélito da "higiene racial" alemã, dirigiu dois importantes jornais de eugenia destinados à propaganda dos preceitos eugênicos (*Zeitschrifte Volksaufartung und Erbkunde*, entre 1926 a 1927, e *Volksaufartung Erblehre, Eheberatung*, entre 1928 a 1930). Esses jornais se caracterizaram por apresentar uma linguagem adequada à divulgação da ciência, editados em um número reduzido de páginas e dirigidos a um público mais amplo, do mesmo modo como se constituiu o periódico lançado no Brasil por Renato Kehl. Coincidência ou não, o *Boletim de Eugenia* começou a ser editado três meses após o retorno do eugenista brasileiro da Alemanha. Além do mais, o Boletim trazia, logo no primeiro número, publicado em janeiro de 1929, um artigo escrito por Kehl em alemão, comentando sobre as conquistas do movimento eugênico brasileiro e anunciando a

216. WEISS, Sheila Fath. Op. cit., p. 36.

divulgação do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.[217] Na verdade, ao longo de sua existência, muitos artigos, comentários e indicações de livros de eugenistas estrangeiros, sobretudo da Alemanha e dos Estados Unidos, apareceriam frequentemente nas páginas desse periódico.

De uma forma ou de outra, a influência do pensamento eugênico alemão passou a ser constante na vida intelectual de Renato Kehl. No segundo número do *Boletim de Eugenia*, por exemplo, Kehl destacava a necessidade de se fundar, no Brasil, um Instituto Brasileiro de Eugenia responsável pelos cuidados raciais das futuras gerações, citando como exemplo o trabalho realizado pelo Instituto de Eugenia de Berlin em prol da "higiene racial".[218] Conforme ele próprio explicava,

> O nosso intuito, pois, relativamente ao Instituto de Eugenia, se limitará a lançar apenas a semente, até que um milagre se faça, - surgindo, então, *o novo tempo onde se cuidará da nacionalidade brasileira, como faz o Instituto de Eugenia de Berlin, para a nacionalidade germânica.*
> Já temos o Instituto Agronômico e Instituto Veterinário, sendo bem possível que dentro de alguns anos, de muitos anos, depois que ficarem resolvidos os graves problemas da broca do café e da broca do gado, se cogite então de fundar um *Instituto de Eugenia destinado ao estudo dos meios de combater as brocas do gênero humano*.
> Quando chegarmos a tal resultado poder-se-á, talvez, decorridos mais alguns anos, comemorar com toda solenidade o 'dia da raça'[219] [grifo nosso].

217. KEHL, Renato. Kleine Nachtichten. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, vol. 01, n. 01, jan 1929, p. 4.
218. KEHL, Renato. Instituto Brasileiro de Eugenia. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, fev. 1929, vol. 1 n. 02, p. 01.
219. Idem.

De acordo com essas palavras, o Instituto Brasileiro de Eugenia, que vinha sendo idealizado por Renato Kehl, surgiria não apenas para manter o entusiasmo dos adeptos da eugenia em terras brasileiras, mas, acima de tudo, para curar os "males" que vinham corroendo o vigor físico e mental do homem brasileiro. Em seu ponto de vista, a falta de "consciência eugênica", de leis que pudessem controlar os matrimônios e os nascimentos, que restringissem a imigração, que combatessem a sífilis, a tuberculose, o álcool, a loucura e todas as "desordens mentais", juntamente com a larga miscigenação praticada no Brasil, constituiam aquilo que Kehl considerava os "males" responsáveis pela degeneração da nacionalidade.

Semelhante ao modo como funcionava o Instituto de Eugenia de Berlin, o Instituto de Eugenia que deveria ser fundado em solo brasileiro, como destacava Kehl nas páginas do *Boletim de Eugenia*, apresentaria três seções distintas:

> A primeira se incumbiria de organizar e de manter uma inteligente e constante propaganda de Educação eugênica pelas revistas e jornais profanos, de distribuir folhetos e cartazes com ensinamentos a popularizar; a segunda se encarregaria de promover a execução das medidas propostas para melhorar as condições das proles, esforçando-se junto as autoridades constituídas para o estabelecimento de medidas legais de combate aos fatores de degeneração; a terceira se incumbiria da organização de um arquivo genealógico e dos estudos compreendendo a hereditariedade, a genética, a biometria, a estatística, as pesquisas biológicas e sociais relativas aos problemas eugênicos.[220]

Se, durante boa parte da década de 1920, as prioridades eugênicas que apareciam no discurso de Renato Kehl consistiam

220. Idem.

em ampliar as políticas de educação, de orientação higiênica e de reformas sanitárias, a partir do final dos anos 1920, sua atenção se deslocaria para medidas eugênicas mais específicas e radicais. Suas preocupações com a organização de um arquivo genealógico, estudos sobre hereditariedade, genética e biometria, supunha um permanente controle da reprodução humana e uma atenção mais extremada com uma identidade biológica que constituiria a população nacional. Apesar de essas questões já terem aparecido em alguns momentos de sua trajetória, entendemos que, somente após seu contato direto com um modelo de eugenia mais radical, como da "higiene racial" alemã, teriam adquirido maior consistência e clareza no pensamento desse eugenista.

De qualquer modo, referências constantes e elogiosas ao Instituto de Eugenia de Berlin que, para Renato Kehl, constituía um modelo ideal de aplicação dos estudos eugênicos, somente apareceriam em suas obras após seu retorno da Europa. Em suas palavras, o referido Instituto alemão vinha alcançando enorme sucesso para combater os "elementos disgenizantes" e o "desequilíbrio orgânico" que ameaçava a saúde racial e a organização social da população germânica, em especial dos indivíduos que ainda carregavam os efeitos da guerra mundial de 1914.[221]

Em Janeiro de 1929, o eugenista alemão Hermann Muckermann, diretor do Instituto de Eugenia daquele país, enviou correspondência a Renato Kehl comentando sobre o "belo artigo" que o eugenista brasileiro havia publicado na *Revista Terapêutica* sobre o instituto alemão. Muckermann ressaltava que era "motivo de grande alegria" conhecer os trabalhos científi-

221. KEHL, Renato. Campanha da Raça. *Jornal A Pátria*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

cos produzidos por Renato Kehl, conforme remessa de algumas obras e artigos que o autor brasileiro havia encaminhado ao Instituto de Eugenia daquele país. Todo esse material, segundo informava Muckermann, seria repassado também ao professor Eugen Fischer, Diretor do Instituto de Antropologia, Genética Humana e Eugenia de Berlin. Antes de encerrar a correspondência, o eugenista alemão informava, ainda, que prontamente iria utilizar os "valiosos trabalhos" de Renato Kehl, prometendo, "em breve", encaminhar um trabalho de sua autoria que poderia interessar aos eugenistas brasileiros.[222]

Essa correspondência ajuda a elucidar a forma como os trabalhos desses eugenistas circulavam entre eles. Conforme é possível observar através da análise das correspondências particulares e institucionais trocadas por estes intelectuais, além da mútua remessa de bibliografia, havia também um grande desejo de manter uma rede internacional de interesses em torno dos assuntos eugênicos e raciais. Se por um lado, isso possibilitava o fortalecimento de suas identidades intelectuais e dos interesses em comuns, por outro, permitia imaginar o crescimento e a reafirmação de um movimento mundial em prol da eugenia.

Nesse sentido, a partir do final dos anos 1920, quando Renato Kehl passou a estreitar seus contatos intelectuais com eugenistas estrangeiros e com um grande número de recentes obras sobre eugenia, em especial aquelas publicadas em língua alemã e inglesa, ele deslocaria seu olhar com maior atenção para as ideias eugênicas que fervilhavam tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Apesar de encontrar-se com os pés no Brasil e com as preocupações intelectuais e políticas

222. Correspondência de Hermann Muckermann a Renato Kehl. Traduzida e transcrita no Boletim de Eugenia, Rio de Janeiro, jan. 1929, ano 1, n. 1, p. 3.

voltadas aos problemas brasileiros, Kehl lançava seus olhares para além das fronteiras latino-americanas. Seus objetivos consistiam em aproximar o seu conhecimento eugênico da ciência e das "ideologias modernas" produzidas pelas "nações mais adiantadas", como se referiam os intelectuais e cientistas brasileiros nas primeiras décadas do século XX.

As *Lições de Eugenia* e a influência da "higiene racial" alemã

Logo após o retorno da viagem à Europa, Renato Kehl chegou ao Brasil com anotações, livros, artigos e um grande número de novas ideias que estimulavam a sua produção intelectual. Nove meses depois, em junho de 1929, Renato Kehl anunciava a publicação de *Lições de Eugenia*, livro que acabaria se constituindo como a sua principal e mais polêmica obra intelectual. Publicada pela prestigiada editora Livraria Francisco Alves, a obra foi propositalmente lançada dias antes da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, sendo recebida com calorosos aplausos, mas também com severas críticas, tanto por parte dos seus pares que participavam do referido congresso, quanto por parte de jornalistas e da imprensa do centro do país.

As polêmicas levantadas por Renato Kehl em *Lições de eugenia* possibilitaram que a imprensa brasileira o divulgasse amplamente em jornais e revistas de circulação popular, bem como nos periódicos especializados, publicando notas, comentários e resenhas elogiosas. O filólogo e literato João Ribeiro, por exemplo, aplaudia Renato Kehl através das páginas do *Jornal do Brasil* pela publicação do seu recente livro que,

em suas palavras, constituía uma exposição metódica sobre os mais novos assuntos da ciência eugênica.[223] O livro de Kehl acabou recebendo, inclusive, uma resenha publicada no Jornal alemão *Deutsche Rio-Zeitung*, que circulava para a ampla comunidade alemã residente no Brasil.[224] *Lições de Eugenia* encantaria o público de tal maneira que, em poucos meses, os exemplares disponíveis já haviam esgotado. Devido ao sucesso e às polêmicas que suscitou, a editora Livraria Francisco Alves lançou, em 1935, uma nova edição para a obra, agora ampliada e totalmente revisada.[225]

Em virtude da boa recepção que o livro vinha recebendo entre os intelectuais, médicos, educadores e cientistas brasileiros, Kehl almejava, inclusive, publicá-lo nos Estados Unidos, conforme pedido feito ao seu amigo Monteiro Lobato, que, nesse período, residia em Nova York. No entanto, conforme explicava Lobato em correspondência a Kehl, apesar de os livros do eugenista brasileiro se caracterizarem por um "admirável senso de oportunidade", seria muito difícil publicar *Lições de Eugenia* num país como os Estados Unidos, no qual existia uma longa tradição intelectual e científica que mobilizava a opinião pública em torno dos estudos eugênicos. Conforme argumentava Lobato,

223. RIBEIRO, João. Resenha da obra *Lições de Eugenia* de Renato Kehl. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jul 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

224. Notícia veiculada no *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, ago. 1929, p. 10.

225. Tendo em vista as implicações da dimensão histórica entre a edição de 1929 e a de 1935, nossa análise em relação a essa obra deter-se-á somente na publicação da primeira edição. Vale destacar que a edição de 1935 já incorporava, por exemplo, as discussões sobre a organização da eugenia na Alemanha nazista, cuja política generalizada de esterilização eugênica, bem como a instalação de um tribunal eugênico, seria saudada por Renato Kehl com bastante entusiasmo.

> [...] não pode haver país onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, 'livrada' do que este. O número de estudos especializados que sobre tal assunto aparecem é enorme, e manuais como o teu circulam aos centos e estão em todas as escolas. A ideia está tão adiantada que já começam a aparecer 'filhos eugênicos'. [...] A força, a grandeza, a novidade do fenômeno americano no mundo só podem ser contadas em inglês e para alemães. Creio que no mundo só o alemão, cujo cérebro é o que você sabe, pode compreender a América.[226]

Contudo, apesar de *Lições de Eugenia* não ter recebido uma publicação em língua inglesa, como ambicionava Renato Kehl, a obra acabaria sendo publicada, dois anos depois, em espanhol. Lançado pela editora Javier Morata, de Madri, o livro do eugenista brasileiro recebeu uma elogiosa resenha escrita por Luis Huerta, uma das principais lideranças do movimento eugênico daquele país. Nas palavras desse autor, a obra de Renato Kehl era, "sem rodeios – a única em seu gênero". Em sua concepção, "[...] não se havia escrito até hoje em nenhum país culto do mundo nada parecido".[227] Assim, além da boa recepção que *Lições de Eugenia* recebeu entre os eugenistas de Madri, a publicação em espanhol contribuiu para que a obra se tornasse amplamente conhecida também entre os eugenistas pertencentes aos países latino-americanos, especialmente da Argentina, Peru, México e Cuba. Nesses países, o nome de Renato Kehl já havia adquirido prestígio intelectual desde o início da campanha eugênica que ele fizera a partir do final da década de 1910.

---

226. Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. Nova York, 07 ago 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

227. HUERTA, Luis. Hombres Nuevos. In: *Jornal Adelante Madrid*. Madrid, 1932, s/p. (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

Como já vinha ocorrendo com os últimos artigos publicados por Renato Kehl desde sua viagem à Europa, seu livro *Lições de Eugenia*, como pretendemos demonstrar, trazia impressas ideias e concepções que refletiam fortemente as influências que alguns eugenistas europeus e norte-americanos passaram a exercer sobre a produção intelectual do eugenista brasileiro. Ao longo das 12 lições que constituem essa obra, Renato Kehl não economizou referências a autores e instituições eugênicas pelas as quais passara a nutrir uma grande simpatia intelectual, sobretudo ao movimento eugênico alemão.[228]

Em 1930, em correspondências enviadas ao eugenista Toledo de Piza Junior, professor da Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, Renato Kehl agradecia as "amáveis referências" que aquele eugenista havia feito ao seu recente livro, conforme artigo publicado na *Revista de Agricultura,* intitulado "Anotações à margem das Lições de Eugenia".[229] Nessa mesma correspondência, Renato Kehl se desculpava pelos equívocos, ou mesmo por alguns erros, que seu livro porventura poderia apresentar, lembrando que ele tinha sido escrito às pressas, logo após a sua volta da

228. Apesar da influência da "higiene racial" alemã, e a despeito do pensamento anti-semita que predominava no imaginário de muitos eugenistas germânicos, é preciso ressaltar que Renato Kehl não compartilhava dos argumentos condenatórios contra a população judaica. Para ele, os judeus caracterizavam-se por ser um "povo admirável" que, devido a sua "capacidade vital superior", mereceriam o "título de raça canon". Conforme ressaltava no livro *Lições de Eugenia*, os judeus são "[...] cautelosos e previdentes, sabem defender-se dos males; temperantes, não abusam ou mesmo não usam bebidas alcoólicas; castos e honestos, fogem das tentações, evitando, assim, os males venéreos; atilados, não se casam senão entre os da mesma seita; perseguidos, malquistos, por intolerantes e insociáveis, ou por motivos religiosos, são gregários por excelência, constituindo-se em esquiva sociedade, geralmente eugênica" (KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 29).

229. Infelizmente não nos foi possível localizar esse artigo que, segundo Toledo Piza Júnior, teria sido publicado na referida revista, em fevereiro de 1929.

Europa.[230] Meses depois, em agosto desse mesmo ano, Renato Kehl informava ao eugenista da Escola Agrícola de Piracicaba que suas sugestões para alterar algumas informações contidas na obra seriam levadas em consideração quando do lançamento da próxima edição. Justificando as ressalvas feitas por Piza Junior, Renato Kehl destacava, novamente, que havia escrito "[...] esse livro a 'toque de caixa', a fim de que fosse lançado, antes da abertura do Congresso de Eugenia. *Havia chegado da Europa e estava com a minha ciência ainda em desordem*".[231]

As palavras de Renato Kehl deixam, portanto, um indício fundamental sobre a maneira como *Lições de Eugenia* foi preparado. Como acreditamos ter acontecido, a obra foi um esforço do seu autor para "colocar em ordem" a ciência eugênica que ele havia encontrado em solo europeu. A afirmação de que suas ideias estavam em "desordem" possibilita perceber, ainda, o processo de ruptura que vinha ocorrendo no pensamento do autor em relação às concepções eugênicas defendidas até aquele período.

Por outro lado, a pressa de Renato Kehl em publicar o livro antes da abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia permite-nos compreender o seu desejo em se apresentar aos participantes do congresso como uma autoridade legítima no interior do movimento eugênico brasileiro. Kehl acreditava que sua obra poderia ser o parâmetro científico que permearia as discussões do congresso, definindo com antecedência aquilo que considerava serem as questões centrais com as quais os eugenistas deveriam realmente se preocupar. Conforme explicava no prefácio que preparou para

230. Correspondência de Renato Kehl a Toledo Piza Júnior. Rio de Janeiro. 24 mar 1930 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

231. Correspondência de Renato Kehl a Toledo Piza Júnior. Rio de Janeiro. 19 de ago 1930 [grifo nosso] (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

a primeira edição, havia muita gente no Brasil, mesmo entre médicos e especialistas em ciências afins, que "não fazia juízo exato dos fundamentos e dos propósitos eugênicos".[232] Seu objetivo ao publicar *Lições de Eugenia* consistiria, portanto, em tornar a eugenia mais conhecida e praticada entre higienistas, médicos, educadores e o público leitor em geral, "[...] como está acontecendo em muitos países, onde ela constitui séria cogitação, porque representa, indubitavelmente, a chave magna de transcendentes problemas vitais".[233]

Como forma de reforçar a sua autoridade intelectual nesse assunto, Renato Kehl se propunha a apresentar as verdadeiras "lições de eugenia", sobretudo a quem ainda não possuía uma compreensão clara sobre os fundamentos dessa ciência. Em suas palavras, a eugenia deveria ser entendida, conforme definiam os eugenistas alemães, como a "higiene da raça", a "seleção racional", a "aplicação total das ciências biológicas" para o aperfeiçoamento da humanidade.[234] O programa da eugenia traçado na obra visava, conforme explicava o próprio autor, "[...] favorecer a estabilização de qualidades hereditárias ótimas e impedir a aquisição de caracteres degenerativos e transmissíveis hereditariamente".[235] Para isso, em sua compreensão, seria necessário controlar os casamentos, "[...] evitando o matrimônio entre tarados e degenerados, vulgarizando e aplicando os conhecimentos necessários à proteção individual e racial".[236]

Renato Kehl sugeria explicitamente na obra as principais medidas eugênicas que norteavam os princípios

232. KEHL, Renato.*Lições de Eugenia*. op. cit, 1929, p. 04
233. Idem.
234. Idem, p. 06.
235. Idem.
236. Idem.

da "eugenia negativa" alemã, ou seja, o controle deliberado da reprodução humana. Nas palavras do autor, a "eugenia negativa" apresenta vários recursos de ordem científica para melhorar o equilíbrio entre os "indivíduos normais" e os "anormais", entre a fecundidade dos "bem dotados" em contraposição a dos "mal dotados".[237] Como forma de proteger a "boa descendência" e impedir o aumento dos degenerados, Renato Kehl explicava sobre os principais recursos a que se propunha a "eugenia negativa":

> Em primeiro lugar, a eugenia negativa estipula a propaganda educativa, o apelo aos que, naturalmente, 'tem consciência', a fim de não propagarem suas taras e deformidades [...]. Outros recursos preconizados pela eugenia negativa para evitar a paternidade indigna consistem em medidas legais que autorizem tornar os degenerados e criminosos em condições de não poderem reproduzir-se. Propõe o exame-médico pré-nupcial dos nubentes, proibindo o casamento entre os que se revelarem perigosos à descendência. [...] Outra medida proposta pela eugenia negativa é a esterilização dos grandes degenerados e criminosos. A simples interdição legal ao casamento destes indivíduos constituiria um 'meio atenuado', passível de ser burlado, enquanto que a esterilização representa um 'meio radical', muitas vezes, necessário.[238]

Apesar de considerar que os ideais da "eugenia negativa" eram "compatíveis com os sentimentos da cristandade", seus propósitos divergiam dos trabalhos assistenciais colocados em prática pelas instituições filantrópicas e de caridade. No ponto de vista de Renato Kehl, a consciência e os sentimentos religiosos que os letrados fazem em nome dos interesses da

237. Idem, p. 150.

238. Idem, p. 151-152.

família e dos indivíduos, mesmo partindo de "sagrados intuitos", apenas contribuem para ampliar "[...] a faculdade procriadora, nos casos em que esta deve ser contra-indicada".[239]

Em relação aos programas da "eugenia negativa", a historiadora Nancy Stepan explica que, em diversos países do mundo, os eugenistas justificavam medidas mais radicais - principalmente a segregação sexual e a esterilização compulsória - "como meios eficazes de eliminar as más características hereditárias das populações humanas para assegurar o contínuo progresso da sociedade dos homens. Definia-se, assim, uma eugenia negativa".[240] Para essa autora, os eugenistas pensavam a reprodução humana não como uma atividade individual, consequência apenas da sexualidade, "[...] mas como responsabilidade coletiva que levava à reprodução de boa ou má hereditariedade".[241]

Contudo, na América Latina havia maior resistência à aplicação desse modelo de eugenia do que nos países do norte da Europa ou nos Estados Unidos. Nancy Stepan demonstra que, devido aos valores religiosos originários de uma forte tradição católica conservadora, cuja noção de família, sexualidade e reprodução eram diametralmente regulados pelos discursos religiosos, os eugenistas latino-americanos se indagavam constantemente "[...] se seria possível construir uma eugenia da reprodução e do matrimônio que, mesmo negativa, fosse compatível com as restrições bem reais".[242] Nas palavras dessa historiadora, os eugenistas "responderam que sim, que seria possível um visão 'cristã' da eugenia", e de

239. Idem, p. 151.
240. STEPAN, Nancy. *A 'hora da eugenia'*... op. cit., 2005, p. 115.
241. Idem.
242. Idem, p. 116.

uma "eugenia negativa" adaptada às realidades locais.[243] Prova disso, por exemplo, são os pressupostos eugênicos defendidos no Brasil a partir do final dos anos 1920, cujas ideias foram modeladas dentro dos limites impostos pela cultura e pelos valores sociais predominantes entre os brasileiros.

Todavia, entendemos que não é possível enquadrar o projeto eugênico de Renato Kehl nesse modelo menos radical que caracterizou a "eugenia negativa" na América Latina. Para Renato Kehl, os pressupostos eugênicos se constituíam a partir de ideais considerados humanitários que não contradiziam os valores cristãos. Conforme destacava em seu livro *Lições de Eugenia*, até mesmo as medidas defendidas pela "eugenia negativa" eram "compatíveis com os sentimentos da cristandade".[244] No entanto, Kehl era consciente de que seria necessário iniciar um trabalho de esclarecimento entre os católicos brasileiros, já que parte deles não via com bons olhos algumas das medidas eugênicas mais radicais, como o controle matrimonial e a esterilização. Seu primeiro passo para convencer parte dos católicos sobre os princípios humanitários e cristãos da ciência eugênica, foi publicar alguns artigos no *Boletim de Eugenia* sobre essa discussão. Nas edições de abril e maio de 1929, o *Boletim de Eugenia* publicou dois longos artigos do eugenista alemão Hermann Muckerman, intitulado "Eugenia e Catolicismo".[245] Nesse artigo, Muckerman destacava que a eugenia não feria os valores religiosos porque estava ancorada nos princípios do bem comum. Em suas palavras, o catolicismo deveria favorecer "todos os esforços que pareçam adequados para estancar as fontes da degeneração", já que o

243. Idem.

244. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Op. cit., 1929, p. 150.

245. MUCKERMAN, Hermann. Eugenia e Catolicismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 4, abr. 1929, p. 2-3.

"futuro do Estado e da Igreja repousa sobre os homens sadios do corpo e do espírito".[246]

Assim como Renato Kehl, os eugenistas Alberto Farani e Octávio Domingues também entendiam que era possível abrir um diálogo com os intelectuais representantes do pensamento católico brasileiro. No início dos anos 1930, ambos publicaram artigos no *Boletim de Eugenia* comentando sobre a relação entre eugenia e os valores católicos. Em correspondência enviada a Kehl, em janeiro de 1932, Octávio Domingues discutia sua preocupação em relação às críticas lançadas por intelectuais católicos contra as ideias eugênicas. Em contato com Kehl, Domingues afirmava:

> Estou interessado em demonstrar que a Eugenia não tem nenhum ponto que vá de desencontro ao espírito cristão, havendo mesmo iniciado uma troca de ideias com o campeão do catolicismo brasileiro, Tristão de Athayde [Alceu Amoroso Lima], no qual pretendo ferir esse ponto, e descobrir em que ponto ele se coloca [...].
>
> Acho que se trouxermos a essa causa a simpatia das figuras esclarecidas do catolicismo, teremos o caminho expurgado de um grande obstáculo. Creio ser contraproducente uma campanha aberta, ferindo os pontos de vistas católicos. Ao contrário precisamos envolvê-los e assimilá-los.[247]

246. Vale ressaltar que Hermannn Muckerman era padre jesuíta licenciado pelo vaticano desde o início dos anos 1920, e que representava uma voz respeitada entre os intelectuais católicos do mundo todo. Como eugenista, esse intelectual exercia suas atividades científicas como diretor do Instituto de Eugenia de Berlin, criado em 1927 pelo eugenista Eugen Fischer (WEISS, Sheila Faith. op. cit., 1990, p. 36-37).

247. Correspondência de Octávio Domingues a Renato Kehl. Piracicaba, 15 jan. 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC)

De maneira semelhante às estratégias lançadas por Octávio Domingues, que propunha conciliação e assimilação como forma de conquistar a opinião favorável dos católicos, o médico Alberto Farani, associado à Liga Brasileira de Higiene Mental, visava ponderar sobre as críticas formuladas pelo Vaticano contra as ideias eugênicas. O artigo desse eugenista foi escrito como resposta às objeções feitas pela Encíclica Papal *Casti-Connubi* - publicada em 1930 pelo Papa Pio XI - contra a educação sexual e as medidas eugênicas mais radicais. Para Farani, as objeções da igreja e de seus cardeais eram formuladas a partir de uma compreensão equivocada sobre os verdadeiros objetivos da eugenia, sobretudo em relação à esterilização e ao controle matrimonial. Em seu ponto de vista, a eugenia não pregava a imoralidade nem incentivava medidas "anti-humanitárias", ao contrário, procurava defender a família cristã dos fatores degeneradores que entristeciam a sociedade, como os "casamentos infelizes" e o nascimento de "proles degeneradas" ou "inadaptáveis".[248]

De maneira geral, os eugenistas estavam conscientes quanto à força que os argumentos religiosos desempenhavam na sociedade brasileira. Para o movimento eugênico, seria imprescindível, portanto, lançar mão do diálogo político e intelectual, do convencimento e de mediações que amenizassem as críticas às ideias defendidas pela ciência eugênica. Por outro lado, o próprio contexto cultural brasileiro levava a grande maioria dos eugenistas a adaptarem alguns princípios da "eugenia negativa" ao imaginário católico do país. Mesmo Renato Kehl, um dos principais defensores dos programas eugênicos mais

248. FARANI, Alberto. Como evitar as proles degeneradas? Resposta as objeções da Encíclica *Casti-connubii*. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, out. 1931, p. 3-7.

radicais, era contrário ao aborto ou à "liberdade matrimonial", como ocorria nos Estados Unidos e em alguns países europeus, onde, segundo ele, se realizavam matrimônios condicionais ou experimentais.[249] Devido a sua própria formação católica, e talvez pela influência dos valores da cultura patriarcal brasileira, Renato Kehl entendia que essa "liberdade conjugal" poderia ameaçar o futuro matrimonial e a moral que constituía as "boas famílias". Ele era contrário, inclusive, à legalização do divórcio, lembrando que, do ponto de vista eugênico, era recomendável como medida de profilaxia social e racial, "casar bem do que desquitar melhor".[250]

A despeito do contexto social e das críticas formuladas por intelectuais e autoridades da igreja católica, alguns eugenistas brasileiros continuaram recorrendo aos princípios da "eugenia negativa". Mesmo contrariando medidas como o aborto e o divórcio, Renato Kehl não abria mão da divulgação de alguns pressupostos mais polêmicos, como a esterilização e a segregação racial. Em sua concepção, a esterilização deveria ser indicada em indivíduos criminosos, em anormais constituídos por degeneração psíquica, como a loucura, epilepsia, "idiotia" e a esquizofrenia, em surdos-mudos e naqueles que apresentassem qualquer estigma de degeneração. Em seu ponto de vista, a esterilização dos indivíduos degenerados deveria ser considerada como uma importante medida de profilaxia racial. Comentando o resultado das seis mil intervenções cirúrgicas esterilizadoras realizadas na Califórnia entre 1909 a 1929, Kehl destacava a importância da esterilização eugênica como forma de anular a "descendência dos inferiorizados"[251].

249. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 180-181.

250. Idem, p. 179.

251. KEHL, Renato. Esterilização para aperfeiçoamento humano. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, dez. 1929, p. 4-5.

Conforme explicava nas páginas do *Boletim de Eugenia*, mais de cinco milhões de indivíduos apresentavam menos de 70% da inteligência média, "[...] constituindo em muitos casos antes um passivo que um ativo na balança da raça". De acordo com sua opinião, essa situação poderia se agravar se não fossem tomadas medidas adequadas para controlar a reprodução dos indivíduos com um *handicap mental*.[252]

Contudo, ressaltava que o resultado das medidas de esterilização não seria imediato, e só se fariam "[...] sentir após muitos anos de uma execução perfeita e permanente".[253] Renato Kehl chegou a sugerir em alguns momentos de sua trajetória, como aparecem nas páginas de *Lições de Eugenia*, a proibição de casamentos entre indivíduos por ele considerados de raças diferentes, principalmente entre brancos e pretos, brancos e indígenas, ou entre brancos e mestiços, já que, nas concepções que passou a defender a partir do final dos anos 1920, a miscigenação levaria fatalmente à degeneração da nacionalidade.[254] Desse modo, como afirmava Kehl, o problema da segregação racial e da esterilização de anormais "[...] interessa tanto aos que vivem como aos que estão para nascer. O homem precisa para o próprio bem, constituir uma humanidade de 'bons animais', organizando dentro dela a 'aristocracia dos eugenizados'".[255]

Ao longo da obra *Lições de Eugenia*, como podemos perceber, Renato Kehl recorreu constantemente a esses pressupostos racistas e coercitivos como sugestão para melhorar a constituição racial da população brasileira. Em muitos casos, o

252. Idem.
253. KEHL, Renato. *Lições de eugenia*. op. cit., p. 176.
254. Idem, p. 190-191.
255. Idem, p. 153.

autor reforçaria sua simpatia pelo modelo de "eugenia negativa" junto aos principais eugenistas europeus e norte-americanos, em especial aos eugenistas que constituíam o movimento pela "higiene racial" alemã. Aliás, logo no início do livro, Renato Kehl explicava o que era a eugenia segundo os eugenistas alemães, buscando com isso legitimidade científica e, ao mesmo tempo, avisar para onde estava olhando. Em suas palavras,

> Eugenia é a higiene das disposições hereditárias que estão contidas nas células de reprodução. É a ela que compete manter em estado hígido a unidade vital armada pela sucessão ininterrupta (Keimbahn) das células que ligam as gerações do passado, do presente e do futuro. No seu aspecto *teórico* ela se esforça por determinar em que medida a nossa civilização favorece ou dificulta a obtenção de disposições hereditárias superiores. No seu aspecto *prático* procura e promove as medidas que favoreçam a reprodução de pessoas hereditariamente sadias, e impeçam a formação e aumento de disposições inferiores. No seu aspecto *social*, procura alcançar os seus fins por meio de medidas oficiais adequadas. Do ponto de vista *individual*, visa atingir o seu escopo instruindo e educando os indivíduos em assuntos eugênicos, a fim de estabelecer a consciência eugênica[256] [grifo no original].

Essa definição sobre a eugenia alemã poderia ser, em grande medida, utilizada como uma síntese das ideias expostas em *Lições de Eugenia*. Renato Kehl ressaltava constantemente essa preocupação com as disposições hereditárias contidas nas células de reprodução e, em consequência, com o controle matrimonial e o progressivo aumento das "disposições hereditárias superiores". O objetivo implícito do autor, podemos dizer, consistia numa ampla seleção racial e na produção daquilo

256. Idem, p. 06.

que denominava de "tipos normais" ou "superiores". Citando uma frase de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão pelo qual nutria grande admiração, Kehl destacava sua visão pragmática sobre a importância do matrimônio: "[...] não deves apenas reproduzir-te, porém superar-te! Serve-te para isso do jardim do matrimônio! *Matrimônio: assim denomino a vontade de dois criarem um que seja superior aos que o criaram*".[257] De modo ainda mais radical, Kehl previa que, no futuro, os matrimônios seriam controlados pelo Estado e pela ciência, "decididos constitucionalmente, como se resolvem formulas químicas".[258]

No entanto, de acordo com Renato Kehl, somente o controle matrimonial, a segregação racial e a esterilização dos "inaptos" não seriam medidas suficientes para apressar o processo de "seleção racional" e melhoria racial da humanidade. Em seu livro, Kehl enumerava pelo menos 13 meios que constituiriam as práticas eugênicas:

> 1) registro do pedigree das famílias; 2) segregação dos deficientes criminais; 3) esterilização dos anormais e criminosos; 4) neo-malhusianismo com os processos artificiais para evitar a concepção nos casos especiais de doença e miséria (controle do nascimento); 5) regulamentação eugênica do casamento e exame médico pré-nupcial obrigatório; 6) educação eugênica obrigatória nas escolas secundárias e superiores; 7) propaganda popular de preceitos e conceitos eugênicos; 8) luta contra os fatores disgenizantes por iniciativa privada e pelas organizações oficiais; 9) testes mentais das crianças entre 8 e 14 anos; 10) regulamentação dos filhos ilegítimos; 11) estabelecimento de cuidados pré-natais das gestantes e pensões para as mulheres pobres; 12) regulamentação da imigração sobre a base da superioridade média dos

257. NIETZSCHE, Friedrich, apud KEHL, Renato, idem, p. 155 [grifo nosso].
258. KEHL, Renato, idem, p.127.

> habitantes do país, estabelecidos por testes mentais; 13) estabelecimento dos defeitos hereditários disgênicos que impedem o matrimônio e os que podem servir de base à pleiteação do divórcio".[259]

Essas medidas, em sua maioria propostas a partir da "eugenia negativa", ajudam a compreender o distanciamento que Renato Kehl assumiu em relação aos pressupostos sanitaristas que durante quase toda a década de 1920 haviam marcado seu discurso. A forma radical com que passou a conceber essas práticas eugênicas provavelmente não seria a mesma que a maioria dos higienistas, sanitaristas, médicos e intelectuais brasileiros defenderia nesse período. Apesar de haver intelectuais que aplaudiam tais medidas, entendemos que essas novas ideias assumidas por Renato Kehl consistiam na transposição do Brasil para um modelo de eugenia que se formava, principalmente, na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Ainda que tenha sofrido algum processo de adaptação à realidade social e política brasileira, conforme comentamos anteriormente, essas concepções não perderam seu caráter radical e, muitas vezes, racista.

Em agosto de 1929, um pouco mais de um mês após o lançamento de *Lições de Eugenia*, o influente intelectual Gustavo Barroso, ou João do Norte como costumava assinar suas colunas, escreveu uma resenha no jornal *A Ordem* elogiando intensamente as ideias do eugenista brasileiro.[260] Nas

259. Idem, p. 155-156.

260. Gustavo Barroso foi jornalista, escritor, historiador e deputado federal entre 1915 a 1918. Além de dirigir a Revista Fon-Fon e o Museu Histórico Nacional, publicou dezenas de obras que o levaram à Academia Brasileira de Letras, da qual foi eleito presidente, em 1923. Durante os anos 1930, Gustavo Barroso participou ativamente como militante da Ação Integralista Brasileira, partido fundado por Plínio Salgado, em 1932. Declaradamente anti-semita, foi res-

palavras desse autor, nenhum país necessitava tanto melhorar sua raça quanto o Brasil que, em tempos passados, já havia sido chamado pelos vizinhos da América do Sul de nação formada por "símios", "macacos" ou "macaquitos".[261] Como destacava o escritor Gustavo Barroso, com a "cruzada pró-melhoramento" que Renato Kehl vinha, a mais de quinze anos, empreendendo com a divulgação da eugenia, os brasileiros passavam a se interessar "pelos problemas vitais de toda a ordem", sobretudo o problema do melhoramento da nacionalidade. Em suas palavras, *Lições de Eugenia* se resumia num "[...] livro de patriotismo e de ciência, livro necessário, imprescindível mesmo a todos quanto queiram estudar e conhecer os nossos problemas para se abaterem pela sua solução".[262]

No entanto, como argumentamos anteriormente, as ideias contidas na obra de Renato Kehl foram recepcionadas entre seus pares com muita polêmica. Durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, o livro de Renato Kehl foi motivo de discussões entre os participantes, sobretudo nas seções em que discutiram os problemas antropológicos e a imigração no Brasil. Ao contrário das palavras de elogios que alguns intelectuais e a própria imprensa vinha apresentando, o antropólogo Álvaro Fróes da Fonseca, pesquisador do Museu Nacional do Rio de Janeiro, atacou abertamente as ideias

---

ponsável pela existência de um movimento discriminatório contra os judeus no Brasil, sobretudo durante os anos 1930 (Sobre o pensamento de Gustavo Barroso ver MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky*: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro, Imago, 1992).

261. NORTE, João do (Gustavo Barroso). Lições de Eugenia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 04 ago. 1929 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Essa resenha foi publicada também no Boletim de Eugenia, sob o título "O Brasil e a Raça". Boletim de Eugenia. Rio. Agosto de 1929, ano 1, n. 8, p. 04.

262. Idem.

"preconceituosas" e "doutrinárias" que Renato Kehl defendia em *Lições de Eugenia*. Infelizmente, ressaltava Fróes da Fonseca com veemência,

> Enquanto vai a ciência abrindo penosamente o seu caminho, segue-lhe os passos dos aproveitadores do momento, dos que, à sombra do seu prestígio, fazem de hipóteses dadas como fatos, de afirmações transfiguradas em documentos, de fragmentos doutrinários torcidos e ajeitados a qualquer tese e tudo bem vestido de eloquência, a obra que se populariza por que não combate senão favônios preconceitos reinantes [...]. E mais que tudo, é lamentável que tais coisas façam prosélitos e encontrem repetidores que querem a viva força criar o preconceito racial, com toda a gravidade dos seus problemas, onde ele é, mercê de Deus, praticamente melhor. Tal é o caso infelizmente do livro que acaba de ser distribuído, por ocasião deste congresso, pelo Dr. Renato Kehl, sob o título 'Lições de Eugenia'.[263]

De acordo com as palavras desse antropólogo, as ideias de Renato Kehl se resumiam em ideologias doutrinárias, em teses e afirmações preconceituosamente "torcidas e ajeitadas" conforme seus interesses. Aos olhos de Fróes da Fonseca, portanto, o autor de *Lições de Eugenia* não fazia ciência, espalhava preconceitos. Era preciso ressaltar, dizia ele, que a ciência antropológica não compartilhava e não tinha nenhuma responsabilidade pelos erros ou pelas "afirmações transfiguradas" que essa obra irresponsavelmente apresentava.[264] Sua lamentação era ainda maior quando constatava que a falsa ciência construída por Renato Kehl vinha

263. FONSECA, Álvaro Fróes da. Os grandes problemas da antropologia. In: *Actas e Trabalhos*... op. cit., 1929, p. 78.

264. Idem.

encontrando seguidores, muitos deles dispostos a anunciarem esses preconceitos entre os intelectuais e o público brasileiro.

De certo modo, as posições diametralmente opostas que aparecem nos textos de Gustavo Barroso e Fróes da Fonseca, sintetizam a maneira como os intelectuais brasileiros ficaram divididos entre a simpatia e a recusa às ideias eugênicas divulgadas por Renato Kehl em *Lições de Eugenia.* É possível dizer que as discussões científicas que surgiram fortemente nesse período, sobretudo após a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, consistiam tanto em expressar o pensamento intelectual e os sentimentos desses personagens em relação à realidade brasileira, quanto num jogo de forças travado para decidir sobre as posições no interior da comunidade científica. De maneira geral, entendemos que as divergências e os conflitos na disputa pela autoridade científica, a aproximação e o distanciamento em relação a algumas concepções que passaram a demarcar o debate eugenista brasileiro, ajudavam a definir, acima de tudo, qual modelo de eugenia assumiria a hegemonia entre os integrantes do movimento eugênico.

O conhecimento antropológico que Fróes da Fonseca acionava para desarticular as convicções científicas de Renato Kehl, tinha origem num discurso científico muito mais institucionalizado do que aquele pelo qual se apoiava o autor de *Lições de Eugenia*. De certo modo, a ciência antropológica produzida no Museu Nacional apresentava-se como um campo científico mais autônomo, já que estava vinculada aos estudos antropológicos que remontavam a uma tradição científica formada ainda no século XIX pelos antropólogos do próprio Museu.[265] Podemos dizer que ao acusar Renato Kehl

265. Sobre a tradição da antropologia física no Museu Nacional, ver CASTRO-FARIA, Luís de. Pesquisas de antropologia física no Brasil. *Boletim do Museu*

de se aproveitar de seu prestígio para legitimar "afirmações transfiguradas" e "ajeitadas a qualquer tese", Fróes da Fonseca se referia ao reconhecimento que esse eugenista havia conquistado nos últimos anos fora do campo científico. Apesar do caráter heterônomo do campo eugênico, o prestígio público que Kehl havia adquirido em seu trabalho de divulgação da eugenia parecia não se converter em crédito científico entre um grupo importante de intelectuais brasileiros, sobretudo dos pares-concorrentes que tentavam impor um modelo de ciência alternativo àquele divulgado por Kehl. Na concepção de Fróes da Fonseca, a obra *Lições de Eugenia* não deveria ser reconhecida como um trabalho legitimamente científico, já que seu autor se caracterizava como divulgador de "favônios preconceitos" e de ideologias oriundas de uma "ciência transfigurada". Nesse sentido, o que estava em jogo na disputa, além de todas as consequências políticas e sociais, era a definição mais apropriada de conceitos e argumentos científicos que permitissem a esses intelectuais ocuparem legitimamente uma posição dominante no campo científico.

Sintomaticamente, apesar das críticas formuladas por alguns intelectuais brasileiros, vários eugenistas da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos saudaram o livro de Renato Kehl com bastante entusiasmo. Em agosto de 1929, o cientista alemão Eugen Fischer, por exemplo, cujos trabalhos antropológicos se caracterizaram por um pensamento marcadamente arianista,[266] agradecia através de

Nacional, Rio de Janeiro, n. 13, 1952, p. 1-106; SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, degeneração e viabilidade de uma nação... op. cit., 2002.

266. Eugen Fischer foi um dos principais entusiastas do arianismo germânico, responsável por reavivar as teses raciais na Alemanha dos anos 1920. Através da ênfase no conceito de *rassenkunde* (ciência da raça), divulgou o que ele chamava de antropobiologia, compilando, a partir de gráficos e tabelas, a "evolução" de determinados caracteres físicos do "povo alemão". Com a

correspondência escrita a Renato Kehl pela remessa do "belo livro" que acabava de ser publicado pelo eugenista brasileiro. Segundo Fischer, *Lições de Eugenia* prestava um grande serviço em prol da campanha pela eugenia, "especialmente num país como o Brasil", se referindo as questões eugênicas relacionadas à miscigenação racial brasileira.[267] Dos Estados Unidos, o eugenista E. S. Gosney parabenizou Renato Kehl pela publicação de um "trabalho tão compreensível e bem equilibrado para aqueles que leem em língua portuguesa". Em suas palavras, as ideias defendidas por Kehl, sobretudo aquelas relativas à esterilização, "[...] parecem muito legítimas e convincentes, sendo que muito influirão, dado o peso de sua autoridade na matéria".[268] Como que para incentivar a campanha de Renato Kehl em defesa da esterilização dos "indivíduos inaptos", Gosney destacava que "[...] embora os países latinos sejam relutantes para aceitar a esterilização compulsória, é bem possível que uma larga propaganda de esterilização voluntária seja recebida

---

ascensão do Partido Nacional Socialista ao poder, em 1933, e com a morte do mais eminente cientista alemão, Rudolf Martin, Fischer assumiu a reitoria da renomada Universidade de Berlin, o que lhe possibilitou assessorar instituições ligadas à "higiene racial" e à educação. Nos anos seguintes, juntamente com Ploetz, Lenz e outros eugenistas, transforma-se num dos principais nomes a participar da "Corte de Higiene Racial", responsável pelas práticas de esterilização compulsória e extermínio empreendida pelos nazistas. Ao longo de sua trajetória, Fischer exerceu uma influência permanente numa grande geração de médicos, biólogos, eugenistas e antropólogos de vários países, inclusive na América Latina (CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e gesto*... op. cit., 1999, p. 301).

267. Correspondência de Eugen Fischer a Renato Kehl. Berlin, 16 ago 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC). Como forma de fazer publicidade de sua própria obra, essa correspondência foi traduzida para o português e publicado no *Boletim de Eugenia*. A propósito de um livro. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, set 1929, p. 2.

268. Correspondência de E. S. Gosney a Renato Kehl. Califórnia, 15 nov. 1929, (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

com aprovação".[269] Para o eugenista argentino Victor Delfino, conforme destacava no *El Siglo Médico*, de Buenos Aires, o livro *Lições de Eugenia* reafirmava a posição de Renato Kehl como um dos principais eugenistas da América. Em seu ponto de vista, a recente obra publicada por Kehl sintetiza "[...] as numerosas questões que envolvem o problema eugênico, que é o problema da raça". Ao contrário das palavras de Fróes da Fonseca, para Victor Delfino, "[...] o livro do Dr. Kehl está metodicamente tratado e com informações científicas das mais sérias, escrito por um grande espírito, um homem apaixonado pela ciência".[270]

Nesse sentido, se por um lado a divulgação e as controvérsias da obra *Lições de Eugenia* geraram desconforto entre um grupo de intelectuais brasileiros, o que transformou o nome de Kehl numa personalidade polêmica, por outro, o reconhecimento de importantes eugenistas estrangeiros foi fundamental para que aumentasse o seu prestígio e legitimidade fora do Brasil. Aliás, podemos afirmar que as constantes referências que Renato Kehl passou a fazer aos pressupostos da "eugenia negativa", especialmente aqueles defendidos por eugenistas como Eugen Fischer, Alfred Grotjahn, Herman Lundborg, Leonard Darwin e Charles Davenport, transformaram-se num meio pelo qual Renato Kehl procurou definir uma posição diferenciada no interior do campo científico brasileiro, o que o afastou consideravelmente das concepções mais correntes que permeavam o pensamento eugênico nacional.

---

269. Idem.

270. DELFINO, Victor. A propósito de um livro sobre eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, n. 21, set 1929, p. 4 (Este artigo foi publicado inicialmente no Jornal argentino *El Siglo Médico*, de Buenos Aires, na edição de 18 maio de 1930).

No próximo capítulo, procuro explorar mais precisamente o modelo de eugenia que Renato Kehl defendeu após essa ruptura que marcou sua trajetória intelectual. Por outro lado, interessa analisar, ainda, as polêmicas e os confrontos que os eugenistas brasileiros travaram para definir seus projetos eugênicos e o espaço que ocupariam nesse heterônomo campo científico, especialmente durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.

CAPÍTULO IV

"QUEM É BOM JÁ NASCE FEITO": A "EUGENIA NEGATIVA" E O RACISMO CIENTÍFICO EM RENATO KEHL

No final dos anos 1920, conforme enfatizado no capítulo anterior, o projeto eugênico de Renato Kehl ganhou, progressivamente, um novo tom, caracterizado pela aproximação em relação aos movimentos eugênicos alemão e norte-americano. A divulgação de medidas mais radicais começava a ser ressaltada com maior frequência pelo eugenista brasileiro, sobretudo no *Boletim de Eugenia*, o principal canal de comunicação do movimento eugênico brasileiro. Os argumentos em defesa de uma rigorosa seleção imigratória, do controle matrimonial, da intervenção na reprodução humana e da esterilização dos indivíduos "inaptos", criminosos e portadores de doenças hereditárias que, até o final dos anos 1920, permaneceram nublados devido a sua estreita relação com o movimento sanitarista, ganhavam, nessa época, contornos bem definidos.

Após a publicação de *Lições de Eugenia*, Kehl manteve esforços no sentido de estreitar contato com os programas eugênicos de outros países, sobretudo fora da América Latina. Contudo, apesar da forte influência que a eugenia alemã e norte-americana exercia sobre o seu projeto eugênico, é preciso ressaltar que isso não significou uma dependência teórica de um modelo científico simplesmente transposto para a ciência brasileira. Os programas eugênicos mais radicais, como o da higiene racial alemã, por exemplo, foram apropriados por Renato Kehl porque, para ele, apresentavam alternativas satisfatórias e bem reais para enfrentar o que chamava de problemas nacionais, em especial o da formação racial brasileira.

Por outro lado, a ruptura que ocorreu no programa de eugenia defendido por Renato Kehl reconfigurou as discussões do movimento eugênico brasileiro. Sua aproximação em relação às ideias eugênicas mais autoritárias não consistia exatamente em manter um distanciamento do pensamento

médico-sanitarista brasileiro, mas, antes de tudo, em distinguir-se desse movimento como forma de construir um espaço de legitimidade para a ciência eugênica. Tal estratégia visava, por um lado, ampliar o poder social e o reconhecimento de Renato Kehl entre seus pares e, por outro, o de manter domínio sobre a autoridade científica, aquilo que Pierre Bourdieu chamou de monopólio da competência científica, compreendida como capacidade de falar e agir legitimamente.[271]

Todavia, como procurei demonstrar anteriormente, apesar do prestígio que Renato Kehl conquistava, sua autoridade científica, nesse campo, estava longe de se transformar em monopólio da competência. As críticas emitidas por Fróes da Fonseca, por exemplo, explicitavam a falta de consenso que as ideias de Kehl apresentavam entre seus pares. De maneira geral, as concepções dos médicos, higienistas, educadores e antropólogos eram mais compatíveis com os paradigmas vividos por esse campo científico no Brasil, como o paradigma neolamarckista ou higienista, do que as asserções radicais defendidas por Renato Kehl por meio da "eugenia negativa".

De maneira geral, meu objetivo, neste capítulo, é investigar como a própria consolidação do movimento eugênico brasileiro, aliado aos crescentes debates sobre os estatutos científicos que constituíam esse campo das ciências biomédicas, conduziram a uma série de polêmicas levantadas por Renato Kehl quanto à especificidade da eugenia e da correta aplicação de suas práticas. Assim, procurarei compreender o significado da distinção que esse autor passou a fazer entre eugenia e higiene, ou eugenismo, o que o distanciava da grande maioria dos eugenistas brasileiros. Por outro lado, considerando a indefinição sobre o que deveria ser a eugenia, analiso o modo

271. BOURDIEU, Pierre. op. cit., 1983, p. 123-124.

pelo qual Renato Kehl definiu um conceito menos amplo para essa ciência que, em sua concepção, possibilitaria ocupar um espaço de exclusividade e maior legitimidade no interior do movimento eugênico brasileiro.

Por último, investigo as ideias e o posicionamento de Renato Kehl quanto ao debate sobre miscigenação racial, imigração e formação da nacionalidade. A partir do final dos anos 1920, essa foi uma preocupação constante em seus escritos, como em suas obras *Lições de Eugenia* e *Sexo e Civilização – aparas eugênicas*, bem como nos artigos publicados na imprensa e no *Boletim de Eugenia*. Meu objetivo consistirá em apreender o distanciamento que o pessimismo de Renato Kehl assumiu em relação a outros eugenistas brasileiros que, em sua maioria, consideravam a miscigenação nacional como uma "mestiçagem eugênica", conforme definia o antropólogo Roquette-Pinto durante o congresso de eugenia de 1929. Procurarei ressaltar o racismo biológico de Renato Kehl e os seus argumentos que afirmavam, de maneira geral, ser a miscigenação e o homem mestiço os principais entraves para regeneração e civilização do Brasil.

Eugenia, genética mendeliana e determinismo biológico

Ao longo de sua trajetória intelectual, Renato Kehl elaborou constantes sínteses sobre o desenvolvimento e a história do movimento eugênico brasileiro, ressaltando sempre a sua atuação como líder e o principal propagandista do movimento eugênico no Brasil. Em sua conferência pronunciada durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em julho

de 1929, na cidade do Rio de Janeiro, Renato Kehl destacou que, até 1917, quando assumiu a divulgação da ciência de Galton, no Estado de São Paulo, a eugenia no Brasil ainda não havia se formado como movimento organizado. Até aquele momento, destacava esse autor, a eugenia teve como adeptos somente alguns poucos articulistas.[272] Em suas palavras, as ideias eugênicas parece que não haviam interessado os homens de ciência, os jornalistas e estudiosos. "A doutrina teria, talvez, sido mal compreendida e muito pouco do que se passava no estrangeiro se tornava conhecido, *porque o maior esforço era feito em países onde se falava o inglês e o alemão*". Contudo, concluía Renato Kehl com entusiasmo, "[...] chegou, afinal, o dia de iniciar a minha propaganda".[273]

Essas palavras, ditas em 1929, mais precisamente durante o maior congresso de eugenia realizado até então na América Latina, apresentavam alguns significados especiais. Por um lado, Renato Kehl enfatizava, aos seus pares, que a organização do movimento eugênico foi um esforço dele próprio, tendo em vista que o sucesso da campanha teria dependido da propaganda eugênica iniciada em 1917. Por outro, destacava o desconhecimento dos intelectuais brasileiros em relação aos estudos eugênicos produzidos nos países de língua inglesa e alemã, onde, segundo ele, era feito o maior esforço em prol da ciência eugênica. Curiosamente, Renato Kehl fazia essas afirmações exatamente num momento em que sua atenção se deslocava insistentemente em direção às ideias mais radicais que fervilhavam no norte da Europa e nos Estados Unidos. Enquanto a maioria dos eugenistas brasileiros permanecia atrelada às concepções da eugenia latina,

272. KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil... In: *Actas e Trabalhos* ... op. cit., 1929, p. 53 [grifo nosso].

273. Idem.

caracterizada por um modelo de eugenia mais "suave"[274], Renato Kehl acreditava que o foco dos eugenistas deveria se deslocar para os programas eugênicos desenvolvidos em países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. De maneira geral, as críticas lançadas contra Kehl originavam-se exatamente desse distanciamento que ele vinha demarcando em relação à eugenia latina, tendo em vista que esse era o paradigma que norteava as preocupações dos homens de ciência.

Como destacamos anteriormente, o livro *Lições de Eugenia* se caracterizou pela afirmação de uma mudança que vinha ocorrendo na trajetória desse autor, especialmente em relação a uma aproximação mais clara com os pressupostos da "eugenia negativa". O modelo de "eugenia preventiva", que, no Brasil, confundia-se com o papel que a educação, a higiene e a medicina social deveriam desempenhar, passava a ser questionado por Renato Kehl como a forma de intervenção eugênica mais adequada para melhorar as qualidades raciais da população. Conforme ressaltava durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, apesar da educação representar um importante instrumento para o progresso social, é na aplicação das leis da hereditariedade que se encontraria a alavanca mestra do progresso biológico. Em seu ponto de vista, os fatos históricos demonstravam que a educação e as mudanças do ambiente

> [...] não bastam para moderar as paixões, para tornar a humanidade melhor, mais equilibrada... Isto porque *o homem continuou escravo de sua natureza particularíssima [...], preso a uma força que o subjuga biologicamente*, que lhe imprime o temperamento, o caráter, de modo inexorável, - a hereditariedade[275] [grifo nosso]

274. STEPAN, Nancy. op. cit., 2005.

275. KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil... In: *Actas e Trabalhos* ... op. cit., 1929, p. 47.

Segundo ele, "fazer homens bons ou maus", torná-los "eugenicamente superiores", não dependeria da alimentação, do clima, da religião e da cultura; dependeria antes, da "[...] alavanca mestra do progresso biológico que é a aplicação das leis da hereditariedade, segundo os preceitos da eugenia".[276] Desse modo, assumindo um ponto de vista do determinismo biológico,[277] e distanciando-se dos preceitos da medicina social que ele próprio havia defendido durante os anos 1920, Kehl afirmava que, "enquanto o problema da regeneração humana não for encarado sob o ponto de vista biológico", não deixariam de existir "os contrastes sociais e individuais, as crises e ameaças à paz na família, na sociedade e entre as nações".[278] Essa concepção determinista decorria de uma visão biológica obsessiva sobre as diferenças entre os indivíduos, centrada, acima de tudo, nos princípios da hereditariedade como paradigma eugênico. Ao final de sua conferência, Renato Kehl lembrava aos eugenistas presentes nesse congresso que era preciso trabalhar com vistas à "por moldura digna no grande quadro da natureza".[279]

A conferência de Renato Kehl, assim como vinha acontecendo com a maioria de seus trabalhos científicos, despertou a atenção até mesmo de intelectuais que não participavam diretamente das discussões eugênicas. Após ler a conferência do autor, Monteiro Lobato saudaria a coragem

276. Idem.

277. Segundo Marcos Chor Maio, o determinismo biológico pode ser entendido como um "[...] conjunto de ideias que parte do pressuposto que normas comportamentais compartilhadas, e diferenças econômicas e sociais entre grupos humanos, surgem de distinções inatas herdadas. Em outras palavras, concebe a sociedade como um reflexo preciso dos condicionantes biológicos (MAIO, Marcos Chor. "A nação no microscópio": intelectuais médicos e ordem social no Brasil. *Siglo XIX – Revista de História.* México, n. 12, jul. – dez. 1992, p. 41-62).

278. Idem, p. 48.

279. Idem, p. 58.

e o entusiasmo de seu amigo, que, em sua expressão, parecia um "D. Quixote científico" pregando com grande entusiasmo a "uma legião de Panças".[280] Como destacava em correspondência enviada a Renato Kehl,

> O que dizes é o que há de sensato, de sábio, de útil, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre país dorme o sono da lambança mais completa e sórdida. Não vê nada, não quer ver nada, procura iludir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisonjeiam as fraquezas[281].

Segundo Monteiro Lobato, Kehl deveria tomar cuidado com as "ideias verdadeiras" que vinha defendendo com tão grande empenho. Em sua concepção, a "legião de Panças", referindo-se aos intelectuais que participaram do congresso de eugenia, poderiam não compreender as palavras sensatas que Renato Kehl divulgava. Lobato chamava a atenção de seu amigo para a maneira como a recente publicação da obra *Retrato do Brasil*, publicada em 1928 por Paulo Prado, era recebida entre os brasileiros. Nas palavras de Monteiro Lobato,

> O livro do Prado é terrível, é retrato fidelíssimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Você vai-lhe nas águas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado! Eles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocaínas – ilusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num país como este que se pode alcançar toda a sua extensão e miséria econômica, física, biológica e moral da nossa pobre terra. Rasgue esta incontinente, meu caro, antes que alguém meta

280. Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. Nova York, 09 out 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

281. Idem.

> o nariz nela. Tudo que te digo é estritamente confidencial e só pode ser dito a um espírito superior como o teu[282] [grifo no original].

Compartilhando com Renato Kehl de um ponto de vista bastante pessimista, Monteiro Lobato também parecia ter mudado suas concepções intelectuais sobre a realidade brasileira. Se, no final dos anos 1910, esse autor apresentava-se otimista com o discurso sanitarista, que prometia regenerar o seu Jeca-Tatu, agora, no final dos anos 1920, seu pessimismo aparecia marcado por um forte preconceito contra, o que ele mesmo definiu, de a "entorpecida" e "miserável" população brasileira.

De maneira semelhante às ideias contidas em *Lições de Eugenia*, a conferência pronunciada durante o congresso de 1929 se caracterizou pelas muitas referências à eugenia europeia e norte-americana, chegando, inclusive, a citar o eugenista Hans Krauss em alemão. Nas palavras de Kehl, esse autor demonstrou que "toda a nossa política deve aproveitar-se, mais que tudo, dos dados da evolução, bem como da higiene racial", o que justificava afirmar que a "ordem social" deveria ser constituída a partir de fundamentos fisiológicos, e que toda política deveria "ser essencialmente uma política do futuro, uma política biológica".[283]

Fortemente seduzido pelas concepções da eugenia alemã, Renato Kehl passou a se referir com muita frequência às teorias desenvolvidas no final do século XIX, pelo biólogo e eugenista August Weismann, professor de zoologia da

282. Idem.

283. KRAUSS, Hans. Apud KEHL, Renato. Esboço histórico e bibliográfico..., op. cit., 1929, p. 49-50.

Universidade de Freiburg.[284] A teoria weismaniana exerceu um papel essencial tanto sobre a noção de hereditariedade, quanto do próprio conceito de eugenia que Renato Kehl assumiu nessa época. Contrapondo-se à tradição ambientalista de Jean Baptiste Lamarck, que supunha a herança dos caracteres adquiridos, Weismann afirmava que o plasma germinativo seria totalmente independente da célula da reprodução, o "somoplasma", sendo transmitido de uma geração para a seguinte sem alterações influenciadas pelo meio externo. Suas ousadas considerações acerca da evolução e da hereditariedade humana, principalmente em relação a sua rejeição às convicções lamarckianas, foram os motivos principais que despertaram o entusiasmo do pensamento biológico na passagem do século XIX para o XX.[285]

No início do século XX, com a redescoberta das leis de Gregor Mendel sobre a recombinação de caracteres hereditários em plantas, as ideias de Weismann e Mendel acabaram formando uma síntese em relação à compreensão que biólogos e eugenistas desenvolveram sobre o funcionamento da hereditariedade humana. Segundo Nancy Stepan, a demonstração quanto à estabilidade dos caracteres mendelianos durante os cruzamentos genéticos, que ressurgiam inalterados nas gerações subsequentes, "[...] parecia confirmar a noção de Weismann sobre a autonomia e a inviolabilidade do plasma germinativo em que o material hereditário era transportado".[286]

---

284. Em relação à obra de August Weismann, e em especial às suas concepções evolucionistas sobre a continuidade do plasma germinativo, ver MARTINS, Lílian Al-Chueyr Pereira. August Weismann e a Evolução: os diferentes níveis de seleção. *Revista da Sociedade Brasileira de História das Ciências*. Rio de Janeiro, n. 1, 2003, p. 53-75; CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. op. cit., 1998.

285. STEPAN, Nancy. Op. Cit., 2005, p. 32-33.

286. Idem, p. 33.

Essa associação entre mendelismo e weismanismo, sobretudo no que diz respeito à independência das unidades hereditárias em relação às influências do meio ambiente, foram fundamentais para que os eugenistas concluíssem que a hereditariedade seria formada por características eminentemente associadas à linhagem biológica dos indivíduos, e não à vida social.[287]

Em *Lições de Eugenia*, Renato Kehl dedicou um capítulo de suas 12 lições para discutir o pensamento de August Weismann e sua contribuição para o aprimoramento das ideias eugênicas. Nas palavras de Kehl, Weismann era responsável, ao lado de Darwin e Mendel, pelo conhecimento atual dos fenômenos da reprodução humana, dos conceitos da hereditariedade e da eugenia.[288] Distanciando-se das concepções neolamarckistas que predominavam no pensamento eugênico brasileiro e latino-americano, Renato Kehl explicava que "as objeções contra a hereditariedade dos caracteres adquiridos tornam-se, cada vez, mais incisivas", ressaltando que "[...] quase todos os argumentos empregados em prol da ideia lamarckiana, servem, unicamente, para demonstrar que *há caracteres que se adquirem, mas não existem caracteres que se transmitam hereditariamente*".[289] Como explicava o autor, a hereditariedade deveria ser compreendida da seguinte maneira:

> No nosso modo de pensar, [a hereditariedade] *é a disposição particularíssima da "matéria-viva" de conservar íntegra a sua constituição específica (forma e função) através de gerações sucessivas*. Equivale em outras palavras, à fixidez, à tendência inata, peculiar aos seres vivos, de manterem sempre a mesma morfologia, sempre a mesma fisiologia, a

287. Idem, p. 35.

288. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia.* op. cit., 1929, p. 51.

289. Idem, p. 128 [grifo no original].

> despeito das influências do meio e de outras circunstâncias que atuam, benéfica ou maleficamente, sobre eles.
> A hereditariedade consiste, em suma, num complexo bio-conservador que resiste à tendência evolutiva sem, entretanto, se mostrar absolutamente incompatível com uma lenta evolução dos organismos.[290]

A noção de que a hereditariedade era constituída a partir de tendências inatas e fixas, que independia das influências do meio, distanciava-o consideravelmente das concepções neolamarkistas e, em contrapartida, aproximava-o das teorias deterministas de Weismann. Na verdade, Renato Kehl conhecia parte significativa das ideias de August Weismann desde sua passagem pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando teve seus primeiros contatos com a obra do autor. Todavia, as novas ideias de Weismann sobre hereditariedade, que, durante muito tempo, foram amplamente utilizadas pelos eugenistas alemães, passaram a despertar maior atenção no pensamento de Renato Kehl a partir do final da década de 1920. Pautada por uma visão biologicamente determinista sobre a constituição humana, os pressupostos weismanianos colaboraram profundamente para formar conceitos mais "duros" sobre o modelo de eugenia do qual Renato Kehl vinha se apropriando. Desse modo, entendemos que a simpatia que o eugenista brasileiro nutria pelas medidas eugênicas mais radicais, como a esterilização, o controle da reprodução humana e dos matrimônios, restrição à imigração, além da segregação racial, estava diretamente associada aos pressupostos oriundos das teorias sobre a hereditariedade weismaniana.

As discussões sobre as práticas eugênicas e os fundamentos que constituíam essa ciência, entre um ponto

290. Idem, p. 69 [grifo no original].

de vista mais ambientalista e sociológico e outro estritamente biológico, também seriam motivos de polêmicas e conflitos entre os eugenistas que participavam do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Logo na abertura do evento, o diretor do Museu Nacional, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, cujo nome havia sido escolhido para presidir o congresso, destacava que, apesar de valorizar a higiene e a medicina social como forma de restaurar a saúde racial, era necessário, acima de tudo, "melhorar o patrimônio biológico do nosso povo".[291] Com os olhos voltados para os pressupostos da genética mendeliana, Roquette-Pinto frisava que, durante muito tempo, supunha-se "[...] que o meio dominava os organismos, e que, portanto, a medicina e a higiene resolveriam o problema da saúde; mas a ciência demonstrou haver alguma coisa que independe da higiene: é a semente, a herança, que depende da eugenia".[292] Embora acreditasse que o meio só poderia modificar os caracteres somáticos, esse antropólogo entendia que a qualidade da "combinação racial" formada pela herança mendeliana, conjugada à uma política social de combate às doenças e às péssimas condições de vida da população nacional, determinariam a qualidade racial dos "tipos brasilianos".[293]

Vale destacar que o antropólogo Roquette-Pinto já havia defendido os pressupostos mendelianos em sua obra *Seixos Rolados - estudos brasileiros*, livro de ensaios publicado em 1927.[294] Nessa obra, como destaca Nancy Stepan, Roquete-Pinto "definira a eugenia como um método de seleção artificial

291. ROQUETTE-PINTO, Edgar. Discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. op. cit., 1929, p. 11.

292. Idem.

293. CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Op. cit., 1999, p. 291.

294. ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Seixos rolados – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro. Editora Mendonça, Machado e Co., 1927.

da hereditariedade humana, baseado em três componentes das modernas: genética-citologia, biometria e biologia experimental."[295] Contudo, mesmo compartilhando das noções eugênicas oriundas das discussões sobre a hereditariedade mendeliana e weismaniana, próximas daquelas defendidas por Renato Kehl, Roquette-Pinto procurava se distanciar das medidas eugênicas mais "duras" e racistas, como a segregação racial e a esterilização. Na verdade, o antropólogo do Museu Nacional continuaria a enfatizar medidas sanitárias e higiênicas, não para o melhoramento genético da população, mas das condições atuais de vida.[296]

O geneticista André Dreyfus, que viria a ser um dos pioneiros da genética mendeliana no Brasil,[297] especialmente após a Fundação da Universidade de São Paulo, apresentou, durante o congresso de eugenia, um trabalho intitulado *O estado atual do problema da hereditariedade*, no qual destacou a importância das leis de Gregor Mendel para a pesquisa genética moderna. Em suas palavras, os eugenistas que ainda acreditavam que ambiente favorável, instrução e boa alimentação "seriam capazes

295. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2005, p. 101.

296. Sobre o pensamento antropológico e as ideias eugênicas em Edgard Roquette-Pinto, consultar SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Rio de Janeiro/Natal: FGV/EUFRN, 2015.

297. É necessário destacar que os trabalhos sobre genética mendeliana no Brasil, especialmente a partir do final dos anos 1920, ganharam um forte impulso de cientistas envolvidos com as pesquisas agrícolas. Um exemplo disso pode ser observado pelos nomes de geneticistas como Octávio Domingues e Toledo de Piza Júnior, ambos da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, os quais participaram também como propagandistas da eugenia no Brasil. (Habib, Paula Arantes Botelho Briglia. *Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq)*: os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador Toledo Piza Jr. (1917-1937). Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2010).

de influenciar o patrimônio hereditário", precisariam abandonar seus pressupostos científicos, já que a teoria mendeliana havia provado o contrário, ou seja, que a hereditáriedade era uma função dos caracteres biológicos inatos.[298]

No entanto, o ataque às concepções neolamarckistas não inibiram muitos dos médicos, educadores, higienistas e eugenista que compartilhavam desses pressupostos ambientalistas. O melhor exemplo pode ser encontrado na conferência que o médico Levi Carneiro, que presidiu a seção sobre Educação e Legislação, realizou durante o congresso de eugenia. Carneiro ressaltava que, apesar dos avanços das pesquisas sobre hereditariedade, não era concebível que o meio ambiente, a educação e outras leis sociais não fossem considerados fundamentais para o melhoramento racial da humanidade. Em suas palavras, a educação deve ser compreendida como "o corretivo necessário da hereditariedade em cada indivíduo", cabendo a ela a "educação moral, a ação corretiva, reparadora, saneadora".[299] Ao final da conferência, Levi Carneiro insistia na importante relação que existia entre eugenia, educação e hereditariedade:

> O ensinamento da eugenia é, afinal, o mesmo da educação; a defesa da raça depende, como a do indivíduo – da educação. Só a educação completa a obra estrita da Eugenia. Dá à semente o campo, ambiente em que se desenvolva, floresça e frutifique. A eugenia é uma colaboradora da educação, não uma adversária. Aproveitemo-nos dela.[300]

298. DREYFUS, André. O estado actual do problema da hereditariedade. In: *Actas e Trabalhos* ... op. cit., p. 87-97.

299. CARNEIRO, Levi. Educação e eugenia. In: *Actas e Trabalhos* ... op. cit., p. 111.

300. Idem, p. 116.

No ponto de vista de Levi Carneiro, assim como entendiam muitos dos eugenistas, médicos, educadores e sanitaristas brasileiros, as leis sociais, a higiene e a educação em muito poderiam contribuir para as práticas eugênicas regeneradoras, transformando os homens "amolentados" em "tenazes e intrépidos", os "feios" em "rijos", os "incultos" em "sagazes e inteligentes"; enfim, um "povo verdadeiramente digno de seu habitat".[301] Opinião semelhante apresentou o antropólogo Fróes da Fonseca, para quem as qualidades físicas e morais da população brasileira dependeriam das boas condições de saúde e de um ambiente favorável, o que seria suficiente para "encarar com otimismo o futuro".[302] Para esse antropólogo, respondendo contra os pressupostos pessimistas de eugenistas como Renato Kehl, o problema eugênico do Brasil não era a questão racial ou a qualidade dos imigrantes que aqui aportavam; o "[...] problema fundamental é o da educação em geral e o da higiene em especial".[303]

Dos mais de 50 trabalhos apresentados durante o congresso, a maioria deles estava relacionada às discussões que compunham os temas tradicionais da medicina social e da educação. O conceito de hereditariedade eugênica permanecia, mesmo a contragosto de alguns eugenistas mendelianos ou weismanianos, estreitamente associado ao meio ambiente, à higiene, ao saneamento, à moral, à alimentação e à prática da educação física. Essas divergências intelectuais que se constituíram durante o congresso de eugenia podem ser definidas, em primeiro lugar, como uma luta de interesses pela definição das práticas e das concepções que prevaleceriam

301. Idem.

302. FONSECA, Álvaro Fróes. In: *Actas e Trabalhos* ... Op. Cit. , p. 79.

303. Idem.

como hegemônicas no interior do campo eugênico brasileiro; em segundo lugar, como defesa ideológica e nacionalista de diferentes projetos de políticas públicas voltados para a resolução dos problemas nacionais. Em grande medida, acreditamos que a tradição do pensamento médico sanitarista desejava que a eugenia, vista como uma ciência moderna, continuasse compartilhando do ideário reformista e das políticas públicas dirigidas à ação médico-sanitária e da educação. Num outro ponto de vista, alguns eugenistas, em especial Renato Kehl, procuravam construir um conceito de eugenia restrito, que definisse um espaço mais claro sobre a atuação dessa ciência como ferramenta de intervenção pública. O confronto e as polêmicas em torno do significado da eugenia, portanto, não dizia respeito apenas às discussões sobre a defesa de conceitos científicos; era, antes de tudo, um conflito ideológico pela definição de projetos nacionais, uma luta de poder para estabelecer concepções legítimas dentro do campo científico.

Poucas semanas após o congresso, Renato Kehl passou a julgar que estaria ocorrendo "uma grande confusão em torno da eugenia", tanto entre os intelectuais como entre o público brasileiro em geral. A partir do mês de agosto de 1929, Kehl começou a publicar uma série de artigos no *Boletim de Eugenia* e na imprensa diária, com o objetivo de esclarecer os leitores quanto ao verdadeiro significado da ciência eugênica. Em artigo intitulado "Eugenia e Eugenismo", Kehl lembrava que, para muitas pessoas, mesmo as cultas, a eugenia "[...] é considerada uma doutrina sem fronteiras, envolvendo tudo quanto se refere ao melhoramento do gênero humano".[304] O próprio Renato Kehl, reforçando a mudança que havia ocorrido

304. KEHL, Renato. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, ago 1929, p. 1.

em suas concepções a partir do final dos anos 1920, confessava não ter feito, no início da campanha de propaganda em prol dessa ciência, uma delimitação mais clara quanto suas bases e seus propósitos.[305] Como ele mesmo frisava:

> [...] visando despertar a atenção pública para o assunto, inteiramente novo e, portanto, desconhecido no nosso meio, dissemos, muitas vezes, que 'educar é eugenizar', 'sanear é eugenizar', sem esclarecer a razão dessas afirmativas breves e incisivas. Atualmente, porém, já é tempo de colocar os termos nos seus devidos lugares, evitando que se repitam confusões inconfessáveis.[306]

A ruptura que vinha ocorrendo em seu pensamento não o permitia mais aceitar os pressupostos básicos defendidos durante os primeiros anos de sua campanha eugênica, entre 1917 e 1927. Educar e sanear, como ele fazia questão de ressaltar, não mais corresponderia a praticar a eugenia. Para Renato Kehl, a eugenia deveria ser compreendida como "uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas", tendo como finalidade melhorar e proteger a espécie humana, em especial a proteção das "boas sementes", das células germinais, e de seus portadores. Em suas palavras,

> Poder-se-á definir Eugenia como sendo a ciência que tem por fim preservar e favorecer as boas disposições hereditárias do plasma germinativo. Ela corresponde à higiene específica das células de reprodução ou higiene da hereditariedade. Em outras palavras: Eugenia é a ciência da proteção e da seleção das sementes humanas. A sua finalidade, em relação às sementes, é a defesa da espécie pela manutenção e multiplicação das boas linhagens. No

305. Idem.

306. Idem.

> seu ponto de vista prático constitui uma verdadeira arte ou hominicultura, que se propõe a cultivar os bons espécimes, segundo as regras da hereditariedade.[307]

Seus conceitos científicos estavam, portanto, atravessados pelas noções da hereditariedade weismaniana e pelas concepções sobre a continuidade do plasma germinativo. A eugenia aparecia descrita, nesse momento, como uma prática caracterizada pelo controle da reprodução humana, pela preservação das "boas linhagens" e pela valorização daquilo que Renato Kehl considerava como "qualidades inatas". Por outro lado, ao referir-se à "higiene das células de reprodução" e à "higiene da hereditariedade", termos empregados pelos eugenistas alemães, Renato Kehl indicava o modelo de eugenia do qual estava se apropriando para construir o seu próprio conceito de eugenia.

Em sua compreensão, apesar da importância moral e civilizadora que a educação, o saneamento, a higiene, o esporte e a legislação poderiam apresentar para beneficiar a humanidade, essas práticas não deveriam ser incluídas nos propósitos da eugenia. Segundo Kehl, as medidas sociais e do meio, que não interferiam nas células da reprodução ou no valor da hereditariedade, corresponderiam de maneira geral ao eugenismo. Em outras palavras, o eugenismo consistiria na aplicação da higiene, da educação e da medicina social, cujo objetivo consistia tão somente em "proteger e favorecer o indivíduo em relação a si próprio e ao meio que o cerca", e não em relação à célula da reprodução e da descendência.[308]

307. Idem.
308. Idem.

No mês seguinte, em setembro de 1929, Renato Kehl publicou outro artigo no *Boletim de Eugenia* visando esclarecer as diferenças existentes entre a educação e a eugenia. Os horizontes da educação, em seu ponto de vista, seriam sempre limitados e impotentes porque esbarravam nas características biológicas inatas que constituíam o comportamento dos indivíduos, "não conseguindo domesticar", por exemplo, um "indivíduo indócil", cuja constituição mental seria resultante de um processo hereditário irremovível.[309] Renato Kehl acreditava que, tanto "[...] a individualidade, como a personalidade, - o modo de sentir, de agir, as tendências, os costumes, a capacidade intelectual ou física são reflexos desses caracteres inatos".[310] Assim, tendo em vista que em sua concepção determinista "*quem é bom já nasce feito*", o eugenista entendia que não haveria outro caminho para o melhoramento genético e racial da humanidade além da aplicação de um "recurso certo e radical, o recurso eugênico". Tudo o mais - higiene, educação, conforto, progresso material -, concluía ele, são apenas subsídios para a realização do "grande ideal".[311]

Ao definir, mais precisamente, o seu conceito de eugenia, e de dissociá-lo da higiene, da medicina social e da educação, o que Renato Kehl ambicionava, em suma, era reforçar a sua própria autoridade científica nesse assunto, já que desatrelava a ciência eugênica de outras ciências das quais ele não possuía uma posição hegemônica. Por outro lado, ao estabelecer um espaço disciplinar mais específico para a ciência eugênica, Renato Kehl buscava conquistar, para si próprio, maior legitimidade no interior do campo científico brasileiro.

309. KEHL, Renato. Educação e Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n.9, set 1929, p. 1.

310. Idem.

311. Idem.

Em outras palavras, podemos afirmar que, ao determinar o lugar da eugenia no discurso científico, Renato Kehl almejava encontrar o seu próprio lugar no mundo da ciência.

Contudo, as condições de Renato Kehl nesse jogo de disputas pela autoridade científica não eram muito favoráveis. Ao mesmo tempo em que desejava investir seus novos conhecimentos para definir o espaço de exclusividade que a eugenia deveria ocupar no concerto das ciências, ele precisava também manter seu prestígio e sua legitimidade sem afastar antigos e importantes aliados, sobretudo os intelectuais ligados ao movimento médico-sanitarista. Sua ousadia em definir um conceito de eugenia mais radical, voltado para as discussões sobre reprodução humana e hereditariedade, e sua prudência em nomear as práticas da medicina social e da educação como pertencentes ao eugenismo, converteram-se numa estratégia bastante lucrativa para Renato Kehl, já que não romperia totalmente sua relação com os adeptos da medicina social. Aliás, é preciso ressaltar que toda escolha realizada no interior de um campo científico faz parte de uma estratégia política de investimento dirigida para a maximização do capital científico, isto é, para o reconhecimento dos pares competidores.[312]

Apesar da distinção conceitual que Renato Kehl estabeleceu entre a eugenia e eugenismo, é preciso ressaltar que a educação e a medicina social permaneceram, de alguma forma, como medidas auxiliares da eugenia, enquanto os sanitaristas e educadores continuaram como aliados dos eugenistas. Nesse sentido, em resposta aos incisivos artigos escritos por Renato Kehl, o sanitarista Belisário Penna resolveu contribuir para a discussão ao publicar, também no

312. HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências*: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 210.

Boletim de Eugenia, um artigo sobre as concepções de eugenia e eugenismo. Nas palavras de Belisário, Renato Kehl deve ser considerado o "campeão da eugenia" no Brasil, tendo em vista que a ele se deve "[...] a glória de haver despertado e estimulado a consciência nacional para os problemas de higiene da raça".[313] Contudo, mesmo concordando com a distinção que Renato Kehl fazia entre eugenia e eugenismo, Belisário Penna entendia que a medicina social e a educação não deveriam ser consideradas apenas como práticas auxiliares da eugenia. Antes da aplicação dos preceitos de eugenia, enfatizava ele, "[...] é indispensável praticar o eugenismo, isto é, preparar o ambiente e o indivíduo para a boa geração, para a procriação de filhos física e psiquicamente hígidos".[314]

Ao contrário de Renato Kehl, o sanitarista Belisário Penna procurava manter os pressupostos sociais e higienistas como práticas que deveriam anteceder a qualquer outra medida eugênica. Segundo seu ponto de vista, sem o saneamento, a higiene e a educação, a eugenia perderia seus alicerces, sem os quais ela não poderia ser praticada "se não de modo deficiente, em ambiente muito limitado".[315] Para identificar os problemas que "degradam a nossa gente e degeneram a raça", enfatizava Belisário Penna, era preciso "perscrutar os fatores sociais que criaram, mantêm e incrementam esses flagelos".[316] É por isso que caberia aos higienistas, de acordo com suas palavras,

> [...] o papel de indicar as medidas profiláticas e técnicas de prevenção e combate às doenças e aos vícios, e o

313. PENNA, Belisário. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, out 1929, ano I, n. 10, p. 3.

314. Idem.

315. Idem.

316. Idem, p. 3-4.

> de propagar ensinamentos de higiene e eugenia, mas sobretudo o de perscrutar os fatores sociais, que fertilizam ou esterilizam o terreno, tornando-o refratário ou propício ao desenvolvimento de pragas e ervas daninhas.[317]

Enquanto para Renato Kehl os indivíduos estavam presos à sua constituição biológica, às qualidades hereditárias inatas e irremovíveis, Belisário Penna entendia que os fatores sociais exerciam "[...] muito maior influência na mentalidade e nos costumes do povo, produzindo saúde, vitalidade e bem estar, ou doença, vícios e decadência, do que a raça e as condições naturais".[318] Em seu pensamento político e sociológico, invertendo o quadro pessimista pintado por Renato Kehl, Belisário Penna entendia que o estado de "higidez" dos indivíduos dependeria não das condições biológicas, mas sim das condições sociais e econômicas.[319]

De qualquer modo, apesar dessas divergências intelectuais, Belisário Penna continuaria um importante aliado de Renato Kehl na divulgação das ideias eugênicas, sobretudo no início dos anos 1930. O conflito de ideias significava, antes de tudo, a manutenção de suas posições no cenário intelectual e político brasileiro. Curiosamente, ambos procuravam reafirmar suas lideranças nos movimentos intelectuais que haviam fundado durante a década de 1910. Por um lado, Belisário Penna se esforçava para preservar a hegemonia do pensamento sanitarista e de sua autoridade como o grande líder do movimento reformista. De outro lado, Renato Kehl buscava ocupar um espaço político legítimo que pudesse abrigar um programa mais radical de engenharia racial.

317. Idem, p. 4.
318. Idem, p. 4.
319. Idem.

Ao longo dos anos 1930, Kehl continuaria a divulgação de suas concepções mais extremadas, ao estilo da "eugenia negativa". Em artigo publicado no jornal *Correio da Manhã*, no qual mantinha uma coluna semanal intitulada "Aparas Médicas", Renato Kehl referia-se à incapacidade que as ações do meio social teriam em contribuir para mudar a constituição física e intelectual dos indivíduos.[320] Em sua concepção, "cada indivíduo é escravo da constituição que lhe coube por herança" e, ao contrário do que ocorria com as folhagens de uma planta ou as ogivas de uma catedral, o homem não poderia jamais corrigir o seu caráter e seus instintos pelas simples forças do meio em que vivia.[321] Segundo suas palavras,

> Há um determinismo [...] que é verdadeiro, indiscutível, - é o determinismo biológico. Os estudos modernos sobre hereditariedade, constituição e temperamento demonstram a evidência de que todos nós estamos presos a uma fatalidade orgânica e psíquica, à qual não podemos fugir, e que os nossos atos dependem, essencialmente, da nossa constituição, de nosso temperamento e não da simples influência do meio e de circunstâncias mais ou menos imprevistas.[322]

Desse modo, se para Renato Kehl as influências do meio pouco ou nada poderiam fazer para mudar a constituição orgânica e o temperamento psíquico dos indivíduos, seria somente a partir do controle da reprodução humana que se

320. KEHL, Renato. Aparas Médicas: os homens no ano 2030. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09 ago 1930. (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

321. Idem.

322. KEHL, Renato. Aparas Médicas: criminalidade como destino. *Correio da Manhã*. 19 ago 1930 (Recorte avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

poderia interferir na formação futura da população brasileira. Conforme frisava através do *Boletim de Eugenia*, o nascimento e a preservação de "tipos fortes, belos e moralizados de homem" seriam "frutos de uniões matrimoniais entre indivíduos sadios, portadores, portanto, de sementes eugenizadas".[323] Para ele,

> [...] nunca serão resolvidos os problemas dos crimes, dos males sociais, enquanto não for cuidado, em primeiro lugar, a questão da profilaxia matrimonial. As prisões, as penitenciárias, os manicômios só serão despovoados, quando os homens e as mulheres compreenderem a verdadeira significação do casamento, quando todos, enfim, compreenderem a monstruosidade representada pela procriação de enfermiços, de imbecis, de alienados e de criminosos. As bases do melhoramento dos homens não se assentam em leis, nem em medidas de ordem paliativa, mas no terreno sólido da hereditariedade. Melhorando a hereditariedade, melhoramos a comunidade.[324]

No ponto de vista defendido por Renato Kehl, a "ordem social" estaria assentada, em grande medida, na profilaxia matrimonial. Todo indivíduo que pretender se casar, lembrava ele, deve se preocupar em "[...] escolher a sua 'metade' dentro do círculo de sua comunidade, tendo em mente garantir não só a felicidade do casal como o futuro nível intelectual e social da prole".[325] De maneira explícita, o eugenista indicava a segregação racial e social como medida eugênica, já que, em sua concepção, os "indivíduos eugenizados", principalmente aqueles de "grandes mentalidades", não seriam encontrados entre as

323. KEHL, Renato. Crescei e multiplicai-vos. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, n. 18, jun 1930, p. 02.

324. Idem.

325. KEHL, Renato. Hereditariedade e inteligência. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, n. 6-7, jun-jul. 1929, p. 8.

"classes inferiores". Comentando sobre a relação existente entre hereditariedade e inteligência, Renato Kehl argumentava:

> Acha-se estabelecido em ciência, que o nível intelectual de um indivíduo é determinado em primeiro lugar pelas suas disposições hereditárias. Peters [cientista norte-americano] reuniu as fichas escolares de mais de 1.000 crianças e as comparou com a de seus pais e avós. As crianças de pais 'bem dotados', apresentaram, igualmente, aptidões superiores, enquanto que as de pais 'menos dotados' revelaram na escola aptidões inferiores à média. Kretschmer, prof. de psiquiatria da Universidade de Marburg [Alemanha], declara que as inteligências superiores não surgem acidentalmente senão num pequeno número de casos, em que elas se acham fixadas hereditariamente em consequência de um casamento feito sem escolhas, sendo um dos cônjuges pertencente à classe cultivada e o outro à plebe.
> Os exemplos de grandes mentalidades, que se registram num meio inferior, bem pesquisados demonstram simplesmente 'acidentes' amorosos com individualidades de classes superiores. De quantas notabilidades é ignorada a paternidade?[326]

Assim, segundo o autor, os gênios provindos das "camadas inferiores" da sociedade só seriam possíveis nos casos em que houvesse "acidentes amorosos" envolvendo indivíduos das "camadas superiores". A capacidade intelectual da prole, portanto, dependeria essencialmente da escolha matrimonial feita estritamente entre os indivíduos das classes sociais economicamente privilegiadas. Assim, é possível dizer que a eugenia de Renato Kehl orientava-se tanto por (pré) conceitos raciais quanto de classes, atitudes que não eram

326. Idem.

estranhas, por exemplo, para muitos dos eugenistas alemães, ingleses e norte-americanos.[327]

De maneira geral, os eugenistas atribuíam à mulher um papel essencial no processo de reprodução humana, sendo ela responsável pelo "futuro da raça" e pela preservação dos "bons matrimônios". No final dos anos 1920, Renato Kehl argumentava através do jornal carioca *A Ordem* que, em relação à biologia humana, a mulher representava 75% da determinação sobre a constituição da prole, ao passo que a influência do homem era de 25%.[328] Por outro lado, na concepção patriarcalista desse autor, enquanto o homem representava o "elemento evolucionista por excelência", a mulher era vista como "[...] a garantia da espécie contra a degeneração, visto ser ela o verdadeiro reservatório conservador das energias biológicas".[329] Para Renato Kehl, as políticas eugênicas deveriam, portanto, desenvolver a "consciência de responsabilidade" que recaía sobre a mulher em relação à preservação da descendência, já que, em seu ponto de vista, "[...] são as mulheres fortes que fazem uma raça forte; - são as mulheres belas que garantem a beleza de uma raça forte".[330]

No entanto, o controle matrimonial ou da reprodução humana não incluiriam apenas medidas eugênicas consideradas "positivas", como a educação sexual e outras orientações conjugais de caráter eugênico. Em seu ponto de vista, os eugenistas, médicos e as autoridades públicas responsáveis pelo "futuro da raça", deveriam lançar mão dos métodos considerados "negativos". Além da obrigatoriedade do exame médico pré-nupcial (antiga reivindicação dos eugenistas

327. Este ponto de vista é defendido por KEVLES, Daniel, op.cit., 1995.

328. KEHL, Renato. A moça mais sadia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 26 mai 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

329. Idem.

330. Idem.

brasileiros), do controle matrimonial e da esterilização dos indivíduos considerados perigosos à nacionalidade, dever-se-iam, ainda, aplicar outras medidas para impedir a procriação dos "indesejáveis", como faziam os eugenistas ingleses, alemães e norte-americanos em relação ao *birth-control* (controle dos nascimentos).[331] Conforme ressaltava nas páginas de *Lições de Eugenia*, a política eugênica deveria visar, em primeiro lugar, à qualidade dos indivíduos, para só, depois, preocupar-se com a quantidade, tendo em vista que "[...] o poder de uma nação não se aquilata pelo número, mas pela valia de seus habitantes".[332]

No início da década de 1930, apesar da resistência que essas ideias encontravam para penetrar no meio intelectual brasileiro, sobretudo devido aos valores do catolicismo nacional, parte do movimento eugênico tendia a seguir a radicalização imposta por seu líder, Renato Kehl. Entretanto, o movimento seguia dividido entre aqueles que, como Belisário Penna, defendiam um modelo de eugenia mais "suave", ao estilo da "eugenia preventiva", e aqueles que se sentiam seduzidos pelas medidas mais radicais propostas pelos simpatizantes da "eugenia negativa".

Os principais aliados de Renato Kehl, nesse período, caracterizaram-se por compartilhar um ponto de vista mais extremado sobre as medidas eugênicas, em especial, os higienistas mentais representantes da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM).[333] De acordo com o historiador José Roberto

331. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 201.

332. Idem, p. 184.

333. Pamela Block destaca que, ao lado de Renato Kehl, muitos dos higienistas mentais brasileiros defenderam medidas eugênicas extremadas como a esterilização de indivíduos portadores de "deficiencias mentais", especialmente em mulheres. Segundo a autora, esses intelectuais foram fortemente influenciados pelas concepções eugênicas oriundas dos Estados Unidos,

Franco Reis, muitos dos psiquiatras associados à Liga abraçaram com bastante simpatia as medidas eugênicas mais radicais, em especial a esterilização compulsória dos "degenerados", o controle matrimonial e a proibição para entrada de "imigrantes indesejáveis".[334] Do mesmo modo que Renato Kehl, higienistas mentais como Cunha Lopes, Pacheco e Silva, Henrique Roxo, entre outros, também se referiam constantemente ao modelo de higiene racial desenvolvido tanto pela eugenia quanto pela psiquiatria alemã, em especial às ideias e concepções propostas por Ernest Rudin, diretor do afamado Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas.[335]

Em 1931, com o objetivo de consolidar a institucionalização da eugenia no Brasil, Renato Kehl anunciava a recente fundação da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). Em suas palavras, após acompanhar o movimento mundial em torno dos "problemas de regeneração eugênica do homem" e de ter mantido "intensa correspondência com as principais associações que existem na Europa e na América do

---

da Alemanha e da Inglaterra (BLOCK, Pamela. Sexuality, parenthood, and cognitive disability in Brazil. *Sexuality and Disability*, vol. 20, n. 1, mar. 2002).

334. REIS, José Roberto Franco. op cit., 1994, p. 282-286.

335. Segundo José R. F. Reis, os principais psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental conheceram pessoalmente Rudin e o Instituto de Psiquiatria que ele dirigia na cidade de Munique, na Alemanha. Cunha Lopes, por exemplo, em uma de suas viagens à Alemanha, havia, inclusive, estagiado na seção de psiquiatria dirigida por esse professor alemão (Idem, p. 288-289). Para Reis, a psiquiatria alemã, de vocação autoritária e totalizante, como propunha Rudin, "[...] foi capaz de obter eco, porque veio de encontro às ambições políticas antigas da medicina mental brasileira, tal qual a de se constituir enquanto obra regeneradora, social e racial, da nação (idem, p. 291). De maneira semelhante, Jurandir Freire Costa destaca que o sucesso da psiquiatria alemã e do discurso eugenista junto a LBHM ocorreu devido às funções críticas que estas possibilitavam fazer em relação aos problemas que os psiquiatras brasileiros enfrentavam naquele momento, sobretudo quanto aos impasses raciais e à formação da nacionalidade (COSTA, Jurandir Freire. op. cit., 1989, p. 52).

Norte", convenceu-se de que havia chegado a hora de criar uma sociedade científica voltada para a regeneração da população brasileira.[336] Filiada à Federação Internacional das Associações Eugênicas, a CCBE, assim como deveria acontecer com o almejado Instituto Brasileiro de Eugenia,[337] tinha por modelo a Sociedade Alemã para a Higiene da Raça.

Dentre outras funções, conforme destacava o próprio Renato Kehl, a CCBE dispunha-se não somente "ao estudo e propaganda das questões de caráter eugênico, como se prontifica a colaborar em qualquer projeto governamental que vise interesses eugênicos ou para-eugênicos", como os assuntos relacionados à imigração, ao povoamento, ao saneamento, à educação sexual, às exigências modernas pré-matrimoniais e à fundação de estabelecimentos ou laboratórios para estudos galtonianos.[338] A função da CCBE consistiria, dessa maneira, em contribuir efetivamente para a elaboração de políticas públicas

336. KEHL, Renato. Porque se fundou a C.C.B.E.. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 27, mar 1931, p. 02.

337. Vale ressaltar que a criação de um Instituto Brasileiro de Eugenia, capaz de promover efetivamente as pesquisas eugênicas, era um dos principais projetos idealizados por Renato Kehl ao longo dos anos 1930. Em 1939, dois anos após a instalação do Estado Novo - e exatamente no mesmo ano em que a política nazista para a "higiene racial" se intensificaria na Alemanha com o início da Segunda Guerra Mundial, Kehl argumentava que era imprescindível que o governo brasileiro começasse a pensar na criação de um Instituto de Eugenia, "[...] como os que existem na Alemanha, na Noruega e na Suécia". Para esse eugenista, era inconcebível pensar nos problemas nacionais como o da imigração, da colonização e do "cruzamento racial", "sem um programa de biologia humana, isto é, sem um programa eugênico" seriamente desenvolvido e controlado por um instituto científico (KEHL, Renato. *Pais, médicos e mestres*. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1939, p. 96-98). Contudo, apesar da intensa propaganda realizada por Renato Kehl ao longo dos anos 1930, o Instituto Brasileiro de Eugenia jamais se concretizaria.

338. KEHL, Renato. Uma nova entidade científica que aparece - A Comissão Central Brasileira de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 27, mar 1931, p. 01.

governamentais que visassem ao aperfeiçoamento racial da população. Em outras palavras, a eugenia era concebida como uma ciência a serviço da nação. Com a criação dessa associação, Kehl objetivava reunir tanto os interesses dos segmentos mais radicais do movimento eugênico, quanto a atenção dos intelectuais e das autoridades públicas ligadas ao movimento sanitarista. Entre os membros da Comissão apareciam os nomes de Ernani Lopes e Porto Carrero, respectivamente presidente e vice-presidente da LBHM; o psiquiatra e eugenista Cunha Lopes, da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro; os eugenistas Toledo de Piza Junior e Octávio Domingues, ambos professores da Escola Agrícola Luiz de Queiroz; e o higienista Achiles Lisbôa. A comissão era formada também por intelectuais e autoridades diretamente ligados ao DNSP, como Gustavo Lessa, Caetano Coutinho e o próprio Belisário Penna, nomeado semanas antes pelo Presidente Getúlio Vargas para dirigir o referido Departamento.[339]

Apesar de dividido em diferentes tendências, o discurso eugênico brasileiro chegava aos anos 1930 a plenos pulmões, sustentado, em grande medida, por sua condição institucional. Além da importância do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e da fundação do Boletim de Eugenia em 1929, a CCBE reafirmava a consistência que Renato Kehl procurava imprimir as suas ideias e ao movimento eugênico. A força institucional que a eugenia havia adquirido nesse período possibilitou que as próprias ideias mais radicais defendidas por Renato Kehl, mesmo considerando a falta de consenso entre os próprios eugenistas, encontrassem interlocutores tanto dentro como fora do movimento eugênico. Para alguns intelectuais brasileiros, como afirmava o jornalista Humberto Campos, em

339. Idem.

1932, Renato Kehl deveria ser visto como o "campeão da eugenia", cuja missão era incansavelmente dedicada ao "aperfeiçoamento da raça ou da sub-raça brasileira".[340]

De certo modo, é possível afirmar que a simpatia que a eugenia mais extremada vinha conquistando entre alguns intelectuais, ou mesmo entre parte das autoridades políticas, relacionava-se a dois fatores principais. Em primeiro lugar, era o efeito de uma certa crise do pensamento liberal que atingia o mundo ocidental após a derrocada econômica e social de 1929.[341] Por outro lado, dizia respeito aos próprios problemas nacionais relacionados, em grande parte, às discussões sobre a entrada de imigrantes, à formação da nação e à definição da identidade nacional, temas que passaram a mobilizar parte das elites políticas e intelectuais brasileiras.

De fato, mesmo considerando as fortes críticas recebidas durante o Primeiro Congresso de Eugenia, no início da década de 1930, o projeto eugênico de Renato Kehl lograva alguns sucessos. Em 1932, em correspondência enviada ao eugenista Octávio Domingues, Renato Kehl chamava a atenção para o projeto político que o Partido Republicano Paulista formulava, no qual constava ao menos um artigo especial sobre o problema eugênico.[342] Nas palavras de Kehl, "[...] a entrada desse artigo é uma vitória estupenda para a nossa campanha, porque é o mais antigo e mais poderoso partido político que,

340. CAMPOS, Humberto. O apostolado do Dr. Renato Kehl. *Jornal Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 12 mai 1932 (Recorte Avulso, Fundo Pessoal Renato Kehl, Caixa, DAD-COC).

341. Sobre a crise do pensamento liberal na passagem dos anos 1920 aos anos 1930 ver HOBSBAWM, Eric. A queda do liberalismo. In: _____. *A era dos extremos*: o breve século XX - 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 113-143.

342. Correspondência de Renato Kehl a Octávio Domingues. Rio de Janeiro, 13 jun 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

pela primeira vez, inclui a eugenia no seu programa".[343] Em tom de comemoração, Kehl destacava que, finalmente, "[...] a consciência eugênica parece ter se firmado no espírito de nossa elite política".[344] Nesse mesmo ano, Renato Kehl fora convidado, juntamente com Oliveira Vianna e Roquette-Pinto, para integrar a comissão responsável por elaborar o projeto de imigração e povoamento do governo Vargas. Em 1935, por meio de uma emenda parlamentar à Constituição de 1934, o projeto final acabaria sendo aprovado pelo Congresso Nacional, cujas concepções se baseavam, em parte, nos pressupostos defendidos pelos eugenistas brasileiros.[345] Vale ressaltar que antigos integrantes do movimento eugênico e defensores das políticas de restrição à imigração, como Miguel Couto e Xavier de Oliveira, fizeram parte da Câmara Federal que aprovou a nova lei de imigração seletiva.[346]

Contudo, apesar da legitimidade que o nome de Renato Kehl havia adquirido no campo científico e político

343. Idem.

344. Idem.

345. Em uma missiva enviada à Oliveira Vianna, em 1935, Renato Kehl argumentava estar satisfeito com o resultado final produzido pela comissão responsável por elaborar o anteprojeto da lei de imigração. Após ler o relatório final, preparado por Oliveira Vianna, Kehl afirmava: "Pelo que pude apreender, o referido trabalho condensou, de maneira feliz, muitas das ideias apresentadas e discutidas nas diversas reuniões da comissão sob a ilustre presidência de V. Excia. [...] Faço votos que seja aprovada pela câmara ainda na presente legislatura [...]. O principal já está feito: uma obra simples, clara, concisa e viável. Acredito que, a sua aprovação, ter-se-ão, com relativa facilidade, recursos para por em prática a seleção eugênica a fim de melhorar o povoamento do país por parte dos elementos que aqui aportam como imigrantes" (Correspondência de Renato Kehl a Oliveira Vianna. Rio de Janeiro, 11 nov. 1935 – Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

346. Segundo Nancy Stepan, as cláusulas de restrição à imigração aprovada da Constituição de 1934 - que seriam mantidas pela constituição autoritária de 1937 – estabeleceu cotas raciais de 2% da população total para cada nacionalidade, afetando principalmente a entrada de japoneses e judeus (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005, p. 175-176).

nacional, muitos dos conceitos e das concepções por ele defendidas continuariam causando polêmicas e levantando protestos entre seus pares. As discussões propostas por ele em relação à imigração, miscigenação e segregação racial, por exemplo, se radicalizariam a partir do final dos anos 1920 sempre em direção a posições mais coercitivas e racistas, reforçadas por um ponto de vista pessimista sobre o futuro racial brasileiro e da inserção do Brasil no cenário das nações civilizadas. Cabe investigar um pouco mais detidamente essas questões.

Eugenia, miscigenação racial e imigração

A partir do final da década de 1920, a eugenia brasileira intensificou as discussões que envolviam diretamente a questão racial, em especial o debate sobre miscigenação e imigração. Nas palavras de Nancy Stepan, "[...] em nenhum lugar a mudança para uma eugenia mais pessimista e negativa foi mais notável que na questão de raça". Ao invés de referências à "nossa raça" ou à "raça brasileira", como comumente acontecia, alguns eugenistas passaram a empregar termos como raças branca, negra ou amarela.[347] Entretanto, ao mesmo tempo em que eugenistas mais radicais, como Renato Kehl, Ernani Lopes, Pacheco e Silva, Azevedo Amaral, Xavier de Oliveira, entre outros, defendiam o programa de uma "eugenia negativa" e racista, ao estilo alemão e norte-americano, outros pintavam com tonalidades mais brandas o grande quadro racial brasileiro, especialmente os antropólogos do Museu Nacional e a maioria dos intelectuais ligados ao movimento sanitarista. De maneira

347. STEPAN, Nancy. Op. cit., 2004, p. 368.

geral, essas posições diametralmente opostas disputariam, ao longo dos anos 1930, a hegemonia ideológica entre os intelectuais, educadores, jornalistas e autoridades públicas.

Como já foi apresentado, ao longo das décadas de 1910 e 1920, a obra de Renato Kehl se definiu por uma posição intelectual ambígua, mas caracteristicamente marcada pela aceitação da miscigenação como um caminho "positivo" que conduziria ao branqueamento do Brasil[348]. Suas ideias, na verdade, eram estreitamente compartilhadas com alguns intelectuais, médicos e cientistas nacionais, cuja tradição remontava ao pensamento racial brasileiro do último quartel do século XIX.[349] No entanto, a partir do final dos anos 1920, Renato Kehl passara a conceber de maneira pessimista o processo de miscigenação que vinha ocorrendo no Brasil. Ao invés do tão almejado branqueamento, esse autor temia que a "mistura racial" levasse, ao contrário, à progressiva degeneração.

Essa ruptura que começava a aparecer em seu programa eugênico desde a metade da década de 1920, ganhava formas mais intensas após a publicação da obra

348. Sobre as discussões que envolvem a teoria do branqueamento no Brasil, consultar SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*... op. cit., 1976.

349. Nas palavras de Ricardo Ventura Santos e Marcos Chor Maio, Silvio Romero é o primeiro intelectual de expressão nacional "[...] a formular um discurso científico sobre a sociedade brasileira com base na análise do conjunto de interações raciais específicas". Silvio Romero teria exercido, assim, um papel central no pensamento social brasileiro desse período, abrindo um caminho por meio do qual muitos autores nacionais seguiriam. Nas palavras desses autores, como forma de escapar ao desconforto causado pelas interpretações pessimistas de pensadores europeus como Agassiz e Gobineau, Silvio Romero produziu a fórmula da ideologia do branqueamento, pela qual o problema da "falta de coesão nacional" seria resolvido por longo processo de fusão e seleção racial em que a superioridade branca triunfaria (SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. Injetando sangue no mito da democracia racial? genética, relações raciais e política no Brasil contemporâneo. In: PENA, Sérgio (org). op. cit, 2002, p. 179-180.

Lições de Eugenia, consolidando-se com a publicação de *Sexo e civilização – aparas eugênicas*, publicado em 1933. Em grande medida, a nova leitura que Renato Kehl passara a defender em relação ao "problema racial brasileiro", ligava-se diretamente ao movimento mais amplo que marcou o processo de radicalização de suas ideias eugênicas. Seu encantamento com os programas mais autoritários de eugenia o conduzia, por um lado, às discussões sobre os pressupostos eugênicos que condenavam a prática da miscigenação racial, como ocorria, por exemplo, com a eugenia mendeliana norte-americana; por outro, reforçava as antigas concepções ideológicas racialistas que compunham seu pensamento intelectual, como a crença na existência de hierarquias raciais.

No último capítulo do livro *Lições de Eugenia*, intitulado "Política Eugênica", Renato Kehl dedicou inteiramente sua atenção às questões sobre o problema racial brasileiro, em especial à miscigenação e à imigração. Dessas páginas, seu autor fez emergir um cenário pessimista quanto à formação racial do país, marcado por descrições racistas contra o homem mestiço. Devido ao processo de larga miscigenação racial, o Brasil representava, aos olhos do autor, "um grande laboratório de elementos diversos", onde se processava "uma química morosa e complexa".[350] Em suas palavras,

> Entre nós, os legítimos representantes da raça etíope e da silvícola acham-se um pouco reduzidos, difundindo-se a maioria numa heterogênea mescla racial com tonalidade cromática caprichosamente variada. Existem brancos, pretos, pardos, cabras, cabrochas, fulos, cafusos, cabo-verdes, caribocas, caboclos, zambos, mazombos, mamelucos, caborés, matutos.... Tão variáveis são as cores

350. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 188.

> da cútis, como os demais caracteres antropomórficos, numa confusa promiscuidade de temperamentos psíquicos.[351]

De acordo com suas interpretações, a heterogeneidade racial brasileira produzia, não somente a "promiscuidade de temperamentos", como seria responsável também pela "[...] índole indefinida, a mentalidade imprecisa e inconstante e os vícios políticos e sociais de nossa gente".[352] A miscigenação racial, entendia Kehl, produzia indivíduos híbridos que, devido à incompatibilidade genética, causava doenças e vícios que pertenciam aos ascendentes de "má conformação".[353] Para ele, os caracteres definidos entre os "cruzamentos raciais" são tão incompatíveis que acabam por resultar numa "sub-raça", "um produto não consolidado, fraco, meio caminho dos dois elementos que o constituíram". Assim, devido à heterogeneidade genética, Renato Kehl entendia que os "tipos mestiços" brasileiros davam origem a indivíduos "plasticamente feios", "elementos perturbadores da evolução natural".[354]

Apoiado nos pressupostos segregacionistas da "ciência eugênica" mendeliana, em especial ao modelo que se desenvolvia nos Estados Unidos[355], Kehl afirmava nas páginas de *Lições de*

351. Idem.

352. Idem.

353. Idem, p. 73.

354. Idem, p. 191.

355. De maneira geral, as leis mendelianas foram utilizadas por médicos, geneticistas, biólogos e eugenistas norte-americanos como forma de justificar o racismo biológico e o segregacionismo racial contra os negros, mestiços e os imigrantes considerados "indesejáveis", sobretudo na primeira metade do século XX. (Sobre estas questões, ver WAILOO, Keith. Detecting "Negro Blood": black and identities and the reconstruction of sickle cell anemia. In: _____. *Drawing Blood:* Technology and Disease Identity in Twentieth-Century America. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press. 1997, p. 134-161; KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics*… op. cit., 1995).

Eugenia que as uniões matrimoniais "entre indivíduos de raça branca com a negra, da branca com a selvagem, da branca com a amarela, e assim por diante", eram contra-indicadas em todos os casos, já que não constituiriam "um meio de aperfeiçoamento étnico".[356] Nas páginas do *Jornal do Comércio*, um dos periódicos de maior circulação no país, Renato Kehl escancarava sua visão racista e sua contrariedade ao matrimônio realizado entre indivíduos de diferente formação racial:

> Entendemos que a mestiçagem é dissolvente, desmoralizadora e degradante, prejudicando, portanto, o espírito superior visado pela procriação eugênica. É indiscutível o antagonismo e mesmo a repulsa sexual existente entre os indivíduos de raças diversas. Só motivos acidentais ou aberrações mórbidas fazem unir-se um homem branco com uma negra ou vice-versa. E o produto deste conúbio nasce estigmatizado não só pela sociedade, como, sobretudo, pela natureza; está hoje provado, não obstante o grito de alguns cientistas suspeitos, que o mestiço é um produto não consolidado, fraco, um elemento perturbador da evolução nacional.[357]

Como forma de desqualificar pontos de vistas divergentes, Renato Kehl frisava que os cientistas "que sustentam o contrário não o fazem com fundamento científico", pois os mestiços, quando "[...] colocados em paralelo com os representantes de raças não cruzadas, sem mesclas, não resistem em termos de comparação; só a falsa visão poderá aceitar a sua igualdade ou a sua superioridade".[358] Como essas palavras foram proferidas em 1932, é provável que a provocação de Kehl era

356. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 191.

357. KEHL, Renato. Pelas gerações futuras: esboço de um programa avançado de eugenia nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1932 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

358. Idem.

dirigida aos críticos que, como Fróes da Fonseca e Roquette-Pinto, vinham combatendo severamente, desde o congresso de 1929, os trabalhos que condenavam o processo de miscigenação racial brasileiro. Ao passo que Fróes da Fonseca considerava os conceitos do autor de *Lições de Eugenia* como "fatos ajeitados" de acordo com seus "favônios preconceitos", Kehl defendia-se ressaltando que as concepções contrárias às suas não deveriam ser respeitadas por não possuírem fundamentos científicos. Desse modo, é possível afirmar que a mútua desqualificação que ambas as partes procuravam elaborar contra seus adversários, como já destacamos neste capítulo, visava definir quais seriam os pressupostos científicos e os projetos nacionais dominantes no cenário intelectual brasileiro.

A partir do final da década de 1920 e, ao longo dos anos 1930, Renato Kehl iniciou várias campanhas, sobretudo no *Boletim de Eugenia*, pelo aumento da imigração europeia para o Brasil e a proibição da entrada de "imigrantes indesejáveis", como os japoneses, chineses, árabes e negros. Além disso, Kehl entendia que era preciso incentivar a limitação da natalidade entre os "grupos inferiorizados". Em seu ponto de vista, a "desabalada procriação" que existe entre "esses parasitas", referindo-se a negros, mestiços e indígenas, precisava ser controlada para "não contaminar as classes verdadeiramente produtoras e úteis do país", ou seja, a elite nacional branca.[359] De acordo com o autor, o recenseamento de 1872 demonstrava que havia no Brasil 8.419.675 habitantes livres e 1.510.896 escravos, cuja minoria era formada pela população branca, e uma grande camada de indivíduos provenientes de africanos, indígenas e,

359. KEHL, Renato. Limitação da Natalidade. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, dez 1929, p.1.

sobretudo, de mestiços e mulatos.[360] Assim, de acordo com o ponto de vista de Kehl, considerando o "fraco valor eugênico" da população brasileira, fazia-se necessária uma ampla propaganda de limitação da natalidade entre os "indivíduos inferiorizados" e o aumento da procriação entre aqueles de "boa estirpe".[361]

Em suas palavras, devido à constituição biológica inferior, os mestiços, negros e indígenas seriam presas fáceis de diversas doenças e vícios sociais, como a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo.[362] A tuberculose, por exemplo, apesar de não ser considerada por Renato Kehl como uma doença hereditária, deveria ser compreendida como uma "doença dos fracos", para ele, doença que atingia acima de tudo negros e mestiços.[363] Em *Lições de Eugenia*, o autor fazia uma clara apologia à capacidade selecionadora dessa doença:

> A tuberculose poderia ser considerada, pelos amigos de preposições arrojadas, uma doença eminentemente selecionadora, cujo alfanje está sempre afiado para a eliminação implacável dos fracos. É doença dos intemperantes, dos desregrados, dos débeis, dos deserdados em potências orgânicos [...].
> A tuberculose, perdoem-nos, talvez, o paradoxo, é uma doença, até certo ponto misericordiosa, porque abrevia a vida sofredora de incapazes e defende a espécie da sua influência debilitadora. Não fosse ela, e estaríamos esmagados pela massa colossal de monstruosidades: - ter-se-ia criado uma sub-raça cacoplástica [...].
> A tuberculose é uma doença de caráter mais social do que, propriamente, de caráter individual. Ela tem sido um terrível fator de sofrimento e de mortes. [...] Não podemos negar, porém, ter sido cruel, mas 'útil' flagelo selecionador,

360. Idem.

361. Idem.

362. KEHL, Renato. Lições de Eugenia. op. cit., 1929, p.119-121.

363. Idem, p. 125.

> o único que tem resistido a todos os beneméritos esforços de milhares de instituições humanitárias que, não obstante, prejudicam a seleção natural.[364]

Contudo, Renato Kehl entendia que a eugenia não poderia contar apenas com esses "auxiliares selecionadores". Apesar de a natureza vir cumprindo a sua tarefa de "selecionar os melhores", era preciso administrar e racionalizar esse processo biológico, apressando a seleção natural através da ciência eugênica. Nesse aspecto, do mesmo modo que já vinha acontecendo em alguns países europeus, Kehl almejava que o Estado brasileiro assumisse o gerenciamento racional da população, transformando toda a política, conforme se referia durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, numa "política do futuro, numa política biológica".[365]

Por outro lado, Kehl entendia que, mesmo sendo o controle da natalidade uma medida eugênica eficaz, sem uma política imigratória diretamente controlada pela "política eugênica", dificilmente o Brasil poderia melhorar sua condição racial. Em sua opinião, o Brasil deveria financiar, através dos cofres públicos, a entrada maciça de imigração ariana, de "homens ativos e pertinazes" que poderiam cooperar para melhorar a qualidade genética da nacionalidade brasileira. Com a entrada permanente desses imigrantes, Renato Kehl acreditava que os negros e índios, "e do mesmo modo os produtos provenientes dessa mestiçagem", tenderiam a desaparecer das terras brasileiras. "A nacionalidade embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano", enfatizava ele com otimismo.[366] Em seu livro *Lições de Eugenia*, Kehl explicava que

364. Idem, p. 119-120.

365. KEHL, Renato. A eugenia no Brasil ... op. cit, 1929, p. 50.

366. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., p. 188.

> [...] o problema da imigração é de grande importância eugênica. Merece ser tido em alta conta pelos nossos dirigentes. Precisamos de leis severas que estipulem as condições para a entrada de alienígenas no país. Não basta a simples verificação do estado de saúde e da aptidão para o trabalho. Faz-se mister considerar o valor étnico. Há povos que nos convém, e outros que devemos evitar. *O nosso representa verdadeira salada de raças incompatíveis*. A nacionalidade esté em estado de cólicas: o metabolismo processa-se, irregularmente; os órgãos emunctórios não apresentam capacidade para a desassimilação; cada dia são absorvidos novos elementos inconciliáveis[367] [grifo no original].

Para Renato Kehl, o governo deveria, portanto, proibir que "elementos inassimiláveis" tivessem entrada franca em solo brasileiro, principalmente os indivíduos negros e amarelos, ou os "cretinos e mentecaptos", como ele chamava. Do mesmo modo que vinha ocorrendo nos Estados Unidos, Kehl sugeria a aprovação de leis severas que estipulassem uma política de cotas raciais para a entrada de imigrantes no país. Para ele, as autoridades públicas não poderiam deixar de lançar mão de rigoroso sistema de fiscalização dos portos nacionais, analisando atentamente as características físicas, a saúde e os aspectos psicológicos dos imigrantes, sobretudo os fatores mentais, a inteligência, a emotividade e "outros pontos importantes ao rendimento social". "Basta uma laranja estragada para apodrecer um cento delas", concluía ele.[368]

Acreditamos que a explícita contrariedade de Renato Kehl em relação aos "cruzamentos raciais", encontravam justificativas nas referências que ele buscava numa série de

367. Idem, p. 187.
368. Idem, 193.

intelectuais tanto do final do século XIX, como Paul Broca, Lapouge e Agassiz, quanto em seus contemporâneos, sobretudo em Charles Davenport, Eugen Fischer, John A. Mjöen e Herman Lundborg.[369] Esses pensadores são alguns dos nomes que aparecem citados ao longo do seu livro *Lições de Eugenia*, ou mesmo em artigos publicados no *Boletim de Eugenia* e na imprensa diária. Suas noções eugênicas sobre "mistura racial" eram informadas, em grande medida, pelos pressupostos mendelianos defendidos por eugenistas como o próprio Davenport e Lundborg, assim como os biólogos Werner Simens, De Vries e Julius Bauer.[370] Em *Lições de Eugenia*, por exemplo, as ideias mendelianas, sobretudo a noção de hibridismo e da hereditariedade mendeliana, foram longamente discutidas por Renato Kehl, inclusive com a apresentação de gráficos e diagramas demonstrando os princípios fundamentais da genética mendeliana.[371] De maneira geral, é possível afirmar que Renato Kehl, assim como vários outros eugenistas de sua época,

369. Entre os artigos desses e de outros autores estrangeiros que é possível localizar no *Boletim de Eugenia*, destacamos os seguintes: MJOEN, John Alfred. Cruzamento de raças. *Boletim de eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, p. 1-6, ago. 1931; LUNDBORG, Herman. Cruzamentos de raças. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 1-3, out. 1931.

370. O *Boletim de Eugenia* publicou, por exemplo, entre novembro de 1930 e janeiro de 1931, três longos artigos do eugenista Julius Bauer, da Faculdade de Medicina de Viena, em que comentava detalhadamente as leis mendelianas (BAUER, Julius. As leis mendelianas. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, nov. 1930, p. 1-3; BAUER, Julius. As leis de Mendel em relação aos homens. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, dez. 1930, p. 9-10; BAUER, Julius. As leis mendelianas – fatores pleiatropos. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, jan. 1931, p. 5-7).

371. As discussões sobre a teoria mendeliana aparecem, sobretudo, nos capítulos 6 e 10 dessa obra (KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 76-81; 133-140).

conciliava imprudentemente as teorias mendelianas com suas antigas crenças racistas contra as populações não brancas.[372]

Em fevereiro de 1931, Renato Kehl publicou no *Boletim de Eugenia* um artigo intitulado "Tal pai, tal filho", em que empregava as leis mendelianas para explicar o funcionamento da recessividade e da dominância de fatores hereditários[373]. Nesse mesmo artigo, Kehl se referia, ainda, ao livro *Body-Build and its inheritanc*, do eugenista Charles Davenport, pelo qual procurava demonstrar à importância das leis mendelianas para a análise da combinação genética entre os indivíduos que pretendiam avaliar a escolha matrimonial. Segundo Renato Kehl, as leis mendelianas possibilitariam que os jovens casais pudessem "prever com certa precisão" como seria a sua descendência, evitando o nascimento de "proles indesejáveis".[374]

Desse modo, antes de ser um defensor das ideias neolamarckianas, como sugere a historiadora Nancy Stepan,[375] a eugenia de Renato Kehl foi profundamente influenciada tanto pelos pressupostos de August Weismann

372. Em 1933, Renato Kehl fazia a seguinte afirmação em relação as suas convicções mendelianas: "O 'rigorismo mendeliano' é facilmente defensável e, como verão, reforça o nosso ponto de vista contra tais cruzamentos. Começaremos por dizer que é possível prever as possibilidades hereditárias de um cruzamento humano, tão bem, dentro das naturais exceções, como dentro de um cruzamento animal. Tudo depende, naturalmente, do exame do 'pedigree' dos genitores. [...] Está aceito pelos cientistas, geneticistas e genealogistas, como Ruedin, Siemes, Lentz, que de tais conúbios, tais serão as consequências, tendo em vista caracteres dominantes ou recessivos. A primeira vista parece, entretanto, que na mistura de indivíduos pretos com brancos, a regra mendeliana falha. Puro engano". (KEHL, Renato. S*exo e civilização – aparas eugênicas*. op. cit., 1933, p. 202-203).

373. KEHL, Renato. Tal pai, tal filho. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 26, fev. 1931, p. 2.

374. Idem, p. 3.

375. STEPAN, Nancy, op. cit., 2004, p. 365-369; ibidem, op. cit., 2005, p. 104-105.

quanto pela teoria da hibridização de Gregor Mendel. Todo suporte científico mobilizado por esse autor para construir suas concepções eugênicas, especialmente após a metade da década de 1920, são encontrados, portanto, nessa dualidade teórica entre o weismanismo e o mendelismo. Em nosso ponto de vista, seu contato com a teoria de Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo o aproximou de Mendel, ao mesmo tempo em que o distanciou significativamente das noções ambientalistas que postulavam a hereditariedade dos caracteres adquiridos.[376]

Seguindo essa tendência teórica, a partir do final dos anos 1920, Renato Kehl passara a manter contato mais estreito com os principais eugenistas mendelianos do norte da Europa e dos Estados Unidos. A grande maioria desses intelectuais compartilhava de pontos de vistas comuns sobre as questões raciais, principalmente em relação às concepções "negativas" quanto ao valor eugênico dos "cruzamentos raciais". Em muitas das correspondências encaminhadas a Kehl, é possível perceber um grande interesse dos eugenistas estrangeiros em

376. De todo modo, essa é uma discussão que ainda permanece em aberto e que merece a atenção dos pesquisadores interessados pela história das ciências biomédicas. Acreditamos que a tese da historiadora Nancy Stepan, sobre a predominância do neolamarckismo no pensamento eugênico latino-americano, acabou encobrindo uma reflexão mais ampla sobre a influência de Weismann e Mendel entre os eugenistas da América Latina. Alguns trabalhos mais recentes, realizados no México e em Cuba, demonstram a força dessas ideias entre os eugenistas, sobretudo nas discussões sobre raça e miscigenação racial. Entre esses trabalhos, ver STERN, Alexandra Minna. Mestizofilia, biotipologia y eugenesia em el México post-revolucionario: hacia uma historia de la ciência y el Estado, 1920-1960. In: ARMUS, Diego (org). *Avatares de la medicalización em América Latina (1870-1970)*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2004, p. 275-304; GONZÁLEZ, Armando García. Darwinismo, eugenesia y mendelismo em la enseñanza de la biologia em Cuba: 1900-1959. In: GLICK Thomas F. et. al (org). *El darwinismo em Espanha e Iberoamérica*. México, 1999, p. 199-214.

conhecer os estudos sobre os "cruzamentos raciais" brasileiros e, até mesmo, de outros países da América Latina, considerados como nações amplamente miscigenadas.[377] Nesse período, esses eugenistas fizeram um grande esforço para criar uma rede internacional, se assim podemos conceituar, com o objetivo de trocar informações sobre as realidades raciais das diferentes nações nas quais havia movimentos eugênicos organizados. Essa cooperação internacional na qual Renato Kehl se inseria, e da qual participavam os principais líderes do movimento eugênico mundial, elevou o reconhecimento do seu nome como uma das principais lideranças do movimento eugenista na América Latina. Por outro lado, essa rede o colocou num amplo campo de discussões sobre a questão racial, um tema premente no circuito científico internacional do período.[378]

377. Em 1929, por exemplo, Charles Davenport, Presidente da Federação Internacional de Organizações Eugênicas, solicitava a Renato Kehl o envio de relatório informando: 1) sobre os "cruzamentos raciais" sob o ponto de vista brasileiro; 2) "as raças envolvidas (europeus e negros, europeus e americanos, chineses e malaios, europeus do norte e do sul"); 3) "o número de gerações durante os quais a hibridização tem ganhado uma escala significante". Davenport solicitava, ainda, que o eugenista brasileiro lhe encaminhasse "fotografias de raças ou raças híbridas" dos tipos nacionais. (Correspondência de Charles Davenport a Renato Kehl. Nova York, 28 fev 1929, Fundo Pessoal Renato Kehl). O texto com a resposta do eugenista brasileiro foi publicado em "Questões de Raça". *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 6-7, p. 3-4, jun. – jul. 1929.

378. Vale lembrar que essa rede internacional de eugenistas possibilitou a realização do Terceiro Congresso Internacional de Eugenia, que ocorreu em 1932, na cidade de Nova York. O congresso foi organizado pela Federação Internacional de Organizações Eugênicas e presidida por Charles Davenport. Com grande número de participantes de várias partes do mundo, as sessões foram dominadas pelos eugenistas mais extremados, destacando-se as discussões sobre os problemas da hibridização racial e o controle internacional sobre as imigrações (STEPAN, Nancy, op. cit., 2005, p. 197). Apesar de não comparecer a esse congresso, já que, no período, encontrava-se em viagem pela Europa, Renato Kehl enviou um trabalho sobre *Política Eugênica*, que foi lido ao público pelo próprio Davenport. O mesmo texto seria, inclusive, apresentado em 1932 na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em

Contudo, a despeito do seu contato intelectual com eugenistas europeus e norte-americanos, era no meio intelectual brasileiro que as ideias de Renato Kehl causaram maior ressonância. Se durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia os diferentes pressupostos científicos sobre o significado da ciência eugênica suscitaram divergências, não seria diferente em relação às questões raciais. De maneira geral, os participantes do congresso dividiram-se entre os que comungavam das ideias racialistas defendidas por Kehl, e aqueles que, como Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Belisário Penna, opunham-se às posições eugênicas mais radicais.

A conferência do antropólogo Álvaro Fróes da Fonseca, intitulada "Os grandes problemas da antropologia", opôs-se de forma contundente à visão racista de Renato Kehl. Segundo esse autor, o livro *Lições de Eugenia* representava um ponto de vista racista e distorcido sobre a questão racial brasileira, do qual a ciência antropológica não compartilhava. Ao contrário de Kehl, Fróes da Fonseca explicava que a miscigenação racial e os "tipos mestiços" brasileiros não constituíam um problema nacional, mas antes as condições de saúde e de ambiente desfavoráveis em que estes viviam.[379] De acordo com suas palavras:

> [...] podemos ter como definitivamente assentado que a mestiçagem não nos cria nenhuma condição de inferioridade e não nos oferece nenhum problema insolúvel. Em meios estritamente científicos não se tomam a sério as fantasias

Portugal, à convite do antropólogo Mendes Correa, Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (KEHL, Renato. *Pais, Médicos e Mestres*. op. cit., 1939, p. 102).

379. FONSECA, Álvaro Fróes da. Os grandes problemas da antropologia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso...* op.cit., p. 79.

> dos pregoeiros do *sangue ariano* e a pretensa inferioridade das raças negra e vermelha[380][grifo no original].

Ao referir-se aos "pregoeiros do sangue ariano", Fróes da Fonseca endereçava sua provocação científica diretamente a Renato Kehl e seus seguidores que participavam do congresso. Para o antropólogo do Museu Nacional, seria um absurdo pensar numa intervenção selecionadora, e arianista, que conduzisse "[...] uma população mestiça a um estado de purificação homogeneizante, à formação de um tipo humano padrão".[381] Fróes da Fonseca questionava, ainda, se poderia haver algum tipo de bem para a humanidade ao se praticar a purificação racial. "Cremos, e muito sinceramente, que não", concluía ele enfaticamente.[382]

O trabalho apresentado por Roquette-Pinto, "Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil", seguia a mesma direção dos argumentos defendidos por seu colega do Museu Nacional. Para esses antropólogos, fazia-se necessário desconstruir as concepções eugênicas que preconceituosamente condenavam os "tipos raciais brasileiros" à inferioridade.[383] Utilizando-se da

380. Idem.

381. Idem.

382. Idem.

383. Apesar de destacar a prevalência do meio sobre os atributos biológicos das diversas raças, conforme explica Ricardo Ventura Santos, "[...] isso não quer dizer que ele [Roquette-Pinto] acreditasse numa completa desigualdade de atributos biológicos [...] entre as raças humanas ou na ausência de predisposição biológica para certos comportamentos", como é possível perceber em seu livro *Seixos Rolados*. Para Ricardo Ventura Santos, o pensamento de Roquette-Pinto quanto a esses aspectos eram bastante ambíguos, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que acreditava nas desigualdades entre as raças humanas, negava, por outro lado, a possibilidade de se estabelecerem hierarquizações (SANTOS, Ricardo Ventura. op. cit, 2002, p. 125-126). Segundo esse autor, as ambiguidades que existiam na antropologia física continuaram sendo praticadas pelos antropólogos; mesmo após a Segunda Guerra Mundial,

antropologia física, Roquette-Pinto afirmava que "[...] nenhum dos tipos da população brasiliana apresenta qualquer estigma de degeneração antropológica". Ao contrário, explicava ele, "[...] as características de todos eles são as melhores que se poderiam desejar".[384] Os "mestiços brasileiros" - que os defensores de "ideias pré-concebidas" consideravam como degenerados -, argumentava Roquette-Pinto, são, na verdade, mestiços sem instrução, doentes, debilitados pelas situações patológicas em vivem, por "questão de política sanitária e educativa".[385]

Referindo-se ao questionário que alguns antropólogos norte-americanos (Porteus e Babcock) apresentaram sobre a caracterização psicológica das raças do Hawaí, Roquette-Pinto destacava o brilhantismo dos japoneses em todos os aspectos físicos e mentais, o que contrariava os cientistas que "maldiziam os cruzamentos raciais" com esses povos que, assim como os brasileiros, também foram formados a partir de uma miscigenação diversa.[386] Desse modo, ao mesmo tempo em que atacava os eugenistas brasileiros que faziam campanhas contra a imigração japonesa - como Renato Kehl, Miguel Couto e Xavier de Oliveira - Roquette-Pinto negava os supostos efeitos negativos que derivariam da miscigenação racial. Apoiado nos pressupostos da herança mendeliana, esse autor frisava que a própria expressão "*mistura de raças*" constituiria um absurdo,

quando a categoria "raça" passou a ser substituída pelo conceito de cultura, ou melhor, pelo conceito de "genética de populações" (SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça a população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor & SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 125-138).

384. ROQUETTE-PINTO, Edgar. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.* op.cit., p. 145.

385. Idem, p. 146.

386. Idem, p.143.

pois "a mestiçagem é antes combinação", assim como acontece com certas reações químicas.[387] Como já destacamos, Roquette-Pinto foi fortemente influenciado pelos trabalhos mendelianos desenvolvidos nos Estados Unidos. Em "Notas Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil", o antropólogo brasileiro se referia aos trabalhos do eugenista norte-americano Charles Davenport, um dos pioneiros nos estudos sobre herança mendeliana, para confirmar a importância das leis de Mendel nos estudos sobre a constituição hereditária dos "tipos antropológicos". Roquette-Pinto chegou a afirmar que, entre as explicações de Davenport sobre "a herança mendeliana na espécie humana" e a contestação feita pelo antropólogo Franz Boas (de formação neolamarkista), suas observações o levavam a preferir a primeira.[388] Entretanto, é preciso destacar que, apesar das constantes referências às pesquisas de Charles Davenport, Roquette-Pinto não compartilhava do pessimismo racista expresso no pensamento do eugenista norte-americano.[389]

Nesse sentido, contrariando as interpretações da grande maioria dos cientistas mendelianos, sobretudo os eugenistas norte-americanos, ingleses e alemães, o pensamento mendeliano de Roquette-Pinto apresentava consequência diferente quando empregado na análise sobre o processo de miscigenação racial brasileiro. Em sua concepção, os "cruzamentos raciais" que vinham se processando no Brasil, longe de ser uma fusão ou caldeamento, seguiram leis biológicas,

387. ROQUETTE-PINTO, Edgar. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. op.cit., p. 146.

388. Idem, p. 139.

389. Sobre esse e outros aspectos que envolvem o pensamento de Roquette-Pinto, ver SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Rio de Janeiro: FGV/FIOCRUZ, 2017.

não podendo ser considerada como um fator disgênico[390]. A própria antropologia, dizia Roquette-Pinto aos eugenistas que defendiam um rigoroso controle da imigração, "[...] prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído". Para o antropólogo do Museu Nacional, "[...] o processo geral de adaptação das raças aos diferentes meios brasilianos segue de acordo com o que a ciência pode desejar. A antropologia do Brasil desmente e desmoraliza os pessimistas".[391]

As críticas lançadas por Roquette-Pinto tinham como alvo, portanto, as interpretações equivocadas de eugenistas como Renato Kehl, para quem o atraso, a incivilidade, as doenças e as degenerações deviam-se à "desmoralizante miscigenação" praticada no Brasil. Ao invés da substituição dos nacionais por meio de políticas imigratórias, Roquette-Pinto procurava convencer os eugenistas brasileiros que a erradicação dos problemas nacionais encontrava-se na "correção e cura" dos males sociais e políticos. Em grande medida, é possível afirmar que o discurso científico desse antropólogo se caracterizava por um nacionalismo apaixonado que, assim como outros intelectuais deste período, visava redimir tanto o homem brasileiro quanto a própria nação. Através da antropologia física, explica o antropólogo Ricardo Ventura Santos, Roquette-Pinto acreditava que seria possível não somente "[..] pensar os rumos do Brasil enquanto nação, como também atuar diretamente, através da ciência e da técnica, em busca de soluções para problemas nacionais concretos".[392]

Nesse sentido, tanto Roquette-Pinto quanto Fróes da Fonseca buscavam reforçar uma identidade nacional que

390. Idem, p. 145.
391. Idem, p.147.
392. SANTOS, Ricardo Ventura. op. cit., 2002, p. 118.

se distanciasse daquela que Renato Kehl e outros eugenistas brasileiros visavam traçar. Por outro lado, a sintonia com que esses antropólogos afinavam seus discursos, permite pensar na existência de um projeto político e intelectual que consistia em legitimar e reafirmar a ciência antropológica no cenário científico nacional. Os conflitos que colocavam frente a frente concepções eugênicas radicais e conceitos antropológicos mais "suaves", devem ser vistos, ainda, como parte das lutas de poder que ocorriam nesse período, no interior deste campo científico, cujo objetivo consistia em monopolizar a autoridade científica ou a capacidade legítima de falar. Na verdade, como ressalta Olívia M. Gomes da Cunha, os antropólogos do Museu Nacional almejavam definir o papel da antropologia dentro do projeto eugênico, sobretudo o de popularizar os conhecimentos que deveriam ser os verdadeiros ideais da nação: as reformas sanitárias e a educação.[393]

Como ficou explícito durante o congresso de eugenia, a antropologia se apropriava dos discursos médicos sanitaristas com o intuito de reforçar suas convicções políticas e científicas sobre a realidade nacional. Por outro lado, o discurso antropológico, especialmente o que se formou entre os cientistas do Museu Nacional, acabava realimentando, ao mesmo tempo, os próprios ideais assumidos por médicos, higienistas, sanitaristas e educadores. Irmanados pelos mesmos objetivos, a ciência antropológica e o sanitarismo procuravam afinar suas concepções científicas como forma de construir um modelo de eugenia que se opusesse diametralmente à eugenia coercitiva de Renato Kehl e seus aliados mais radicais.

Entretanto, apesar das críticas levantadas contra esse modelo de "eugenia negativa", as ideias racistas e extremadas

393. CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Op. cit., 1999, p. 295.

encontrariam, ainda, outros ouvintes. Semelhantes aos discursos eugênicos de Renato Kehl, as ideias defendidas por Azevedo Amaral em seu trabalho "O problema eugênico da imigração", proporcionaram um amplo debate e uma clara divisão ideológica. Azevedo Amaral que, além de deputado, era médico e jornalista bastante respeitado pela *inteligentsia* nacional[394], entendia que, devido à importância da imigração para o melhoramento da nacionalidade, a preocupação eugênica deveria "[...] visar muito mais a seleção mental dos imigrantes do que a sua escolha por um critério meramente físico".[395] Os imigrantes da Europa Setentrional, especialmente da Alemanha e dos países da Escandinávia, seriam, para esse autor, os mais "desejáveis", já que se definiam por uma "herança satisfatória". Em seu ponto de vista, a seleção eugênica deveria ser realizada a partir de um exame rigoroso dos casos individuais e não simplesmente dos grupos étnicos.[396]

A conferência de Azevedo Amaral colocava as discussões raciais e antropológicas do congresso em pleno alvoroço ideológico. Sua tese sugeria, em suma, que somente os imigrantes brancos, e de boa constituição hereditária, poderiam ser autorizados a habitar o território brasileiro. Essa concepção, apesar de encontrar fervorosos aliados, feria as convicções de muitos dos eugenistas presentes nessa sessão, em especial daqueles que eram contrários à restrição da imigração por critérios raciais. Azevedo Amaral teria como

394. OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Autoridade Política: o pensamento de Azevedo Amaral. In: GOMES, Ângela de Castro; OLIVEIRA, Lúcia Lippi de; VELOSO, Mônica Veloso. *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p. 48-70.

395. AMARAL, Azevedo. O problema eugênico da imigração. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. op. cit, p. 333.

396. Idem, 338.

aliados, para defesa de suas ideias, o próprio Renato Kehl, além de intelectuais como Miguel Couto, Xavier de Oliveira, Oscar Fontenele e Ernani Lopes, entre outros. A oposição a essa tese era liderada por Roquette-Pinto, seguido por Belisário Penna, Levi Carneiro, Fernando da Silveira, Fróes da Fonseca, Fernando Magalhães, entre outros intelectuais bastante prestigiados dentro do próprio movimento eugênico.

Durante a sessão, o debate fora aberto de forma que todos os participantes pudessem manifestar seus diferentes pontos de vista. Levi Carneiro, por exemplo, argumentava que a tese de Azevedo Amaral deveria ser prontamente recusada, já que aprová-la significava "negar todas as conquistas laboriosamente feitas pelos brasileiros no desbravamento e na ocupação de sua terra". O Brasil, frisava ele, "não é uma vã e sentimental expressão verbal. É uma realidade. É um fato".[397] Nas palavras de Fernando Magalhães, as restrições a determinadas correntes de imigrantes consistiria numa injustiça e num suicídio, "porque todos somos mestiços e assim nos excluímos".[398] Fernando da Silveira concordava, destacando que não havia "raças superiores ou inferiores", e que os governos deveriam aceitar a entrada de todos os imigrantes que quisessem espontaneamente contribuir para o progresso do Brasil.[399]

Segundo Oscar Fontenele, integrante da LBHM, o debate sobre imigração deveria ser levado mais a sério, pois, em sua opinião, o Brasil já havia sofrido bastante por "essa questão de raça", em especial com o "cruzamento de raças diversas".[400] Xavier de Oliveira também pensava dessa maneira e entendia

397. CARNEIRO, Levi. In: *Actas e Trabalhos Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 16-17.

398. MAGALHÃES, Fernando. Idem, p. 20.

399. SILVEIRA, Fernando. Idem, p. 21.

400. FONTENELE, Oscar. Idem.

que a política imigratória deveria privilegiar os imigrantes anglo-saxões, impedindo, por outro lado, a entrada de asiáticos, árabes e negros.[401] Referindo-se aos trabalhos realizados pela Liga Brasileira de Higiene Mental, Ernani Lopes frisava que era necessário, também, impedir a entrada de indivíduos cegos, loucos, paralíticos e portadores de moléstias contagiosas.[402]

Opondo-se à tese de Azevedo Amaral, Belisário Penna procurava explicar que a imigração não deveria ser vista como uma questão de raça, mas sim como um problema político e social. Segundo ele, apesar de reconhecer a importância da imigração italiana e alemã para o progresso de alguns estados brasileiros, citando o estado do Rio Grande do Sul como exemplo, sugeria que essas questões fossem melhor analisadas, já que esses grupos formavam "quistos sociais" que não se misturavam à raça brasileira.[403] Do mesmo modo, Roquette-Pinto entendia que a questão não deveria ser discutida como se o problema fosse racial, afinal "[...] todo o progresso do Brasil foi feito por essa gente proveniente de cruzamentos, ora taxados de inferiores". Ao invés de raça, dever-se-ia entender doença; "é uma questão de higiene", concluía ele.[404]

O debate se prolongou de forma acalorada no segundo e no terceiro dia do congresso. Ao final da sessão, a tese de Azevedo Amaral recebeu reformulações e foi posta em votação separada. O resultado foi 17 votos a favor e 20 contra. Ou seja, as concepções eugênicas mais moderadas, favoráveis a uma política imigratória que não levasse em consideração os fatores raciais, acabaram predominando. Entretanto, a pequena

401. OLIVEIRA, Xavier de. Idem, p. 23.
402. LOPES, Ernani. Idem, p. 24.
403. PENNA, Belisario. Idem, p.18.
404. ROQUETTE-PINTO, Edgar. idem, p. 20.

margem de diferença entre uma opção e outra, demonstrava como essas discussões eram bastante controversas no interior do próprio movimento eugênico.

Mesmo considerando as divergências que a tese de Azevedo Amaral causou entre os eugenistas presentes no congresso, é preciso ressaltar que as críticas mais intensas foram dirigidas mesmo às concepções de Renato Kehl. O livro *Lições de Eugenia*, como já comentamos, foi aplaudido, mas também fortemente contestado. Taxada por alguns como uma obra de cunho racista e preconceituoso, cujo conteúdo se definiu por uma ciência "distorcida e ajeitada" em nome de princípios ideológicos,[405] *Lições de Eugenia* foi o trabalho que encontrou maior número de admiradores e adversários, apesar de ter sido produzida "fora" do congresso.

Renato Kehl parece ter saído do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia bastante perturbado com as críticas a ele dirigidas, principalmente em relação aos ataques lançados por Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca. Dez dias após o encerramento do congresso, Kehl recebeu uma correspondência de seu irmão Wladimir Kehl, com quem parece ter confidenciado sua mágoa sobre os acontecimentos que ocorreram durante o referido evento. Nessa correspondência, Wladimir Kehl procurava animar seu irmão relativizando o poder das críticas a ele dirigidas:

> Você faz muito bem não dando importância à atitude injusta e inamistosa dos tais 'negróides'. Penso que nesse particular (Eugenia) você pode e deve estar perfeitamente tranquilo: todo mundo [...] reconhece que você é o campeão desse jogo no Brasil. Disso eu tenho prova – e quem não tem? – por maior referências elogiosas de pessoas de classes sociais *mais diversas*, não falando dos meios mais cultos. O único

405. FONSECA, Álvaro Fróes da. Os grandes problemas... op. cit., 1929, p. 79.

> prêmio, portanto, que você pode esperar dos seus trabalhos – o reconhecimento pela sociedade dos serviços prestados com a divulgação e pregação dos princípios da Eugenia – esse tem-no você garantido por todo este Brasil. E basta-te isso. Li há poucos dias, não sei se na 'Ordem' ou no 'Diário Nacional' um artigo do Rq. No qual esse doutor de tal modo se desmancha em elogios e gratidões ao C., que me senti envergonhado! Alias, não escapa a ninguém que lê os artigos desse autor sobre questão racial no Brasil, e coisas afins, que ele, como 'negróide', está sempre a batalhar '*pro domo sua*'. Explica-se, pois o caso; e como explicar é perdoar...[406]

Apesar de não existirem vestígios mais precisos, o "negróide" a que preconceituosamente se referia Wladimir Kehl, assim como as iniciais "Rq", provavelmente se dirigiam à Roquette-Pinto (de origem mestiça), um dos principais críticos do racismo biológico de Renato Kehl. De qualquer modo, essa correspondência ajuda a compreender a dimensão pessoal e política que os ataques dirigidos aos pressupostos eugênicos de Renato Kehl ganharam nesse período. Na verdade, essa luta travada em nome da autoridade científica deixaria cicatrizes e acirraria ainda mais o confronto entre Renato Kehl e seus opositores. As divergências e as disputas em torno dessas questões representavam, ainda, a posição que esses eugenistas procuravam ocupar no interior desse campo científico. Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Belisário Penna, entre outros intelectuais que compartilhavam de um nacionalismo otimista, almejavam consolidar suas antigas concepções científicas e políticas sobre a realidade antropológica e social brasileira. Por outro lado, juntamente com Renato Kehl, um outro grupo de intelectuais esforçava-se no sentido endossar

406. Correspondência de Wladimir Kehl a Renato Kehl. Limeira, 20 jul 1929 (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

um modelo de eugenia mais radical que, em suma, representava posições ideológicas que ainda habitavam o imaginário político e intelectual de parte das elites brasileiras.

Em 1932, após uma nova viagem de seis meses à Europa, Renato Kehl radicalizaria ainda mais sua campanha em prol da aplicação de medidas eugênicas mais "duras". Suas posições contrárias à imigração de asiáticos, negros e árabes, seu pessimismo em relação ao processo de miscigenação, bem como a sua propaganda pelo controle matrimonial e em defesa da esterilização dos indivíduos "anormais", ganharia consistência ideológica com a ascensão que as ideias eugênicas mais autoritárias vinham conquistando no cenário internacional. Essas concepções apareciam com cores fortes em seu livro *Sexo e Civilização – Aparas Eugênicas*,[407] publicado em 1933, poucos meses após o retorno da viagem que fizera à Europa. Exatamente nesse ano, o chanceler Adolf Hitler chegava ao poder na Alemanha utilizando-se de um discurso nacionalista que se afirmava pela defesa do arianismo germânico e do racismo biológico, o que possibilitou que as ideias eugênicas ganhassem destaque junto ao governo nazi-fascista.

Contudo, os pressupostos da "eugenia negativa" passariam, nesse período, a perder fôlego entre os intelectuais e as autoridades públicas brasileiras. No mesmo ano em que Kehl lançou seu novo livro, apareceu no Brasil a obra *Casa-grande e Senzala*, do sociólogo e ensaísta Gilberto Freyre,[408] cuja leitura sobre a questão racial brasileira fazia coro com as ideias defendidas por Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca durante o congresso de eugenia de 1929. Juntos, estes autores colocavam

407. KEHL, Renato. *Sexo e civilização – aparas eugênicas*. op. cit., 1933.

408. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: formação da família Brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1933.

por terra as teses racistas de Renato Kehl e de outros eugenistas que compartilhavam de pontos de vistas pessimistas sobre o futuro racial brasileiro. Assim, ao mesmo tempo em que Renato Kehl reafirmava sua simpatia por uma eugenia mais extremada, ao estilo da eugenia nazista, crescia o número de intelectuais que, ao lado de Gilberto Freyre e dos antropólogos Roquette-Pinto e Artur Ramos, introduziam análises mais sociológicas sobre a diversidade racial e cultural brasileira.

CONCLUSÃO

Ao longo deste livro, procurei realizar um estreito diálogo entre a história das ciências e a história intelectual, explorando as diferentes facetas que marcaram a trajetória do médico e eugenista Renato Ferraz Kehl nas primeiras décadas do século XX. Enfatizei a atuação desse personagem na divulgação e organização do movimento eugênico brasileiro, bem como as ideias e concepções que moldaram seu projeto intelectual e político. Por outro lado, analisei as redes de contatos, pessoais, intelectuais e institucionais, nas quais Renato Kehl se inseriu, tanto entre cientistas e instituições nacionais quanto estrangeiras, como forma de mobilizar interesses e esforços em torno da propaganda eugênica. Ao mesmo tempo, busquei traçar a própria história da eugenia no Brasil, descortinando outros personagens e polêmicas que estruturaram a formação do campo eugênico.

Como demonstrei ao longo deste livro, as ideias eugênicas foram introduzidas no Brasil num período marcado pela expansão das teorias raciais e seu estreito diálogo com as ideologias nacionalistas. Após a Primeira Guerra Mundial, conforme a historiografia tem enfatizado, o discurso político e intelectual brasileiro se caracterizou pela ânsia em compreender a nação em seus próprios termos, de encontrar soluções viáveis e bem reais para os problemas que, supostamente, impediam o progresso e a inserção do Brasil no concerto das nações civilizadas.[409] Foi nesse contexto que, em 1918, Renato Kehl e um grupo de médicos e autoridades públicas fundaram a Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira desse gênero em toda América Latina. Sintonizada ao discurso sanitarista e da medicina social como um todo, mas também às questões que

409. SKIDMORE, Thomas, op. cit., 1976; LIMA, Nísia Trindade. Op. cit., 1996; LUCA, Tânia Regina de. Op. cit., 1999; STEPAN, Nancy. op. cit., 2004.

envolviam a formação racial brasileira, a Sociedade Eugênica São Paulo apresentava-se como uma organização científica que visava contribuir para as ações de saúde pública, educação sexual e controle matrimonial, intervindo diretamente no tão almejado processo de regeneração nacional.

Apreendidas como símbolo de modernidade cultural, as ideias eugênicas fascinaram os homens de ciências de tal maneira que muitos passaram a considerá-la como a "nova religião da humanidade", a "ciência do corpo e do espírito". Intimamente articulada ao discurso médico-sanitarista, a eugenia foi vista como um poderoso instrumento de engenharia e reforma do ambiente social. Entretanto, diferentemente dos programas eugênicos mais radicais, como os que se desenvolveram nos Estados Unidos e no norte da Europa, o discurso eugênico brasileiro foi marcado, especialmente nos anos 1920, por um modelo mais moderado de eugenia, muito mais preocupado com as reformas sociais do que propriamente biológicas.[410] Segundo Nancy Stepan, orientada pelas discussões neolamarckistas sobre a herança dos caracteres adquiridos, a grande maioria dos eugenistas brasileiros entendiam que mudanças no ambiente externo poderiam acarretar melhorias raciais que seriam herdadas pelas futuras gerações.[411] Essa caracterização científica da eugenia local acabava por reforçar o sentimento de que os problemas nacionais não seriam eternos e irremovíveis, mas poderiam ser paulatinamente resolvidos com o simples melhoramento das condições de vida da população.

410. Vale ressaltar que, segundo Nancy Stepan, essa foi uma característica que marcou o discurso eugênico em toda América Latina e nos países europeus de origem latina como França, Itália e Espanha (STEPAN, Nancy. op. cit., 2005).

411. TEPAN, Nancy. op. cit., 2004, p. 345-355.

Como o principal ideólogo do movimento eugênico, Renato Kehl fez uma ampla campanha de divulgação da eugenia no cenário nacional, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, os principais centros urbanos e industriais do país naquele momento. Utilizando-se da imprensa escrita, ou mesmo de periódicos e revistas científicas, Kehl procurou mobilizar a atenção de intelectuais, cientistas, políticos e do público leitor, quanto à força reformadora que as ideias eugênicas apresentavam para regenerar a saúde física, moral e intelectual do homem brasileiro. Demonstrei, no segundo capítulo, que as redes de contato que esse autor manteve com outros médicos e eugenistas possibilitaram a expansão da propaganda eugênica não apenas no Brasil mas também na América Latina. Juntamente com os eugenistas Victor Delfino, da Argentina, e Carlos Henrique de Paz Soldan, do Peru, Renato Kehl contribuiu para mobilizar os movimentos eugênicos em outros países da região, como na Argentina, no Peru, na Venezuela e no Paraguai.

É importante ressaltar que o contato estabelecido com eugenistas de outros países colaborou para aumentar o prestígio de Kehl em seu próprio país. No final dos anos 1910, seu nome já era conhecido como o "pai da eugenia no Brasil", garantindo-lhe prestígio e reconhecimento no interior do campo intelectual, sobretudo no campo médico. Na verdade, ao assumir a divulgação da eugenia como a sua missão intelectual, é possível concluir que o próprio Renato Kehl almejava estabelecer uma estreita identidade entre o seu nome e as ideias eugênicas, definindo o seu lugar no mundo da ciência. Nesse sentido, o capital simbólico acumulado pelo intelectual possibilitou, não só a sua liderança dentro deste movimento, mas também a legitimação de sua autoridade científica entre seus pares.

Como procurei destacar, até pelo menos o final dos anos 1920, Renato Kehl assumiu uma estreita relação com os intelectuais ligados ao discurso sanitarista, sobretudo após a sua entrada no Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1920, no qual ficou responsável pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea. Nesse período, realizou várias campanhas de orientação médico-sanitária, chamando a atenção do público em geral para o perigo que as doenças venéreas, o alcoolismo, a tuberculose e os "ambientes disgênicos" representavam para o futuro da população brasileira. De maneira semelhante ao que pensava a maioria dos eugenistas brasileiros, Kehl destacava, em seus livros, artigos e conferências, que sanear e educar representava o mesmo que eugenizar. Defendendo um modelo de eugenia diretamente associado à medicina social, ao estilo da "eugenia preventiva", acreditava que as reformas sociais e do meio ambiente contribuiriam para melhorar as qualidades físicas e intelectuais da população brasileira. Do mesmo modo, previa que o aumento no grau de instrução e as próprias mudanças que ocorriam nos hábitos sociais relacionados à higiene e ao saneamento contribuiriam para reformar o comportamento moral da população e, em consequência, para elevar os valores da civilização nacional.

Além da inconfundível associação com os pressupostos da medicina social, a eugenia brasileira esteve intimamente ligada tanto ao discurso da higiene mental, representado pelos psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental, quanto das concepções defendidas pela medicina legal, lideradas pelos trabalhos de Afrânio Peixoto, Souza Lima e Leonídio Ribeiro. De maneira geral, essas três vias do pensamento científico e intelectual brasileiro estruturavam o complexo campo eugênico nacional, formado por aquilo que o próprio Renato Kehl de-

nominou de "ciência bio-social". Para os eugenistas brasileiros, a eugenia era compreendida como uma ciência sem fronteiras delimitadas, o que lhe possibilitava servir aos mais diferentes saberes, como a medicina social, a psiquiatria e a medicina legal, sendo apropriada inclusive nas formulações de diversos projetos de construção da nação. Apesar de não possuir um espaço exclusivo de atuação, e de ser, ao mesmo tempo, um movimento científico e social, a força do movimento eugênico ganhava destaque exatamente devido a essa capacidade camaleônica de servir aos diferentes saberes "biossociais".

Assim, utilizando-me do conceito de Pierre Bourdieu sobre a noção de campo científico heterônomo, destaquei o caráter polimorfo e multifacetado do campo eugênico no Brasil. Todavia, ao contrário do conceito clássico de campo científico, no qual é possível perceber as regras próprias de funcionamento, o campo heterônomo da eugenia se estruturava a partir de complexas relações de força, num jogo em que as demandas sociais externas interferiam diretamente nas disputas pela definição da autoridade científica e da imposição de um modelo dominante de ciência. Como procurei demonstrar ao longo do segundo capítulo, a rede formada por Renato Kehl junto aos médicos, sanitaristas, higienistas mentais e intelectuais ligados à medicina legal, foi fundamental para definir um grupo de aliados que, de maneira geral, legitimou a eugenia e a própria posição de Kehl como a principal liderança nesse campo. Por outro lado, levando em consideração que a eugenia se constituía como um campo científico pouco autônomo, o reconhecimento do seu nome na arena pública também lhe rendeu um importante crédito científico entre os pares-concorrentes.

No terceiro e no quarto capítulo ,procurei desenvolver os argumentos centrais deste livro. Destaquei que, apesar da

intensa ligação de Renato Kehl com esse modelo polimorfo de eugenia, a partir do final dos anos 1920, seu pensamento passou por um processo de ruptura que o afastou significativamente dos paradigmas eugênicos dominantes no Brasil e na América Latina. Em meu ponto de vista, três fatores principais contribuíram para essa mudança radical que ocorreu no projeto eugênico de Renato Kehl: a própria expansão do movimento eugênico nacional e internacional; sua saída do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1927; e sua viagem de cinco meses ao norte da Europa, sobretudo à Alemanha, em 1928. Enfatizei que o contato desse eugenista com os pressupostos da "higiene racial" alemã despertou sua atenção e simpatia para um amplo conjunto de ideias radicais que vinham se desenvolvendo nos países de língua alemã e inglesa.

Desse modo, ao invés da "eugenia preventiva", foram as medidas mais extremadas e coercitivas da "eugenia negativa" que contagiaram o pensamento desse autor, a partir do final dos anos 1920. Seu livro *Lições de Eugenia*, lançado em 1929, assim como muitos dos artigos publicados no *Boletim de Eugenia* e em jornais e revistas semanais, foram fundamentais para perceber o significado dessa ruptura. Nesse período, ao mesmo tempo em que questionava a capacidade regeneradora das reformas sociais e do meio ambiente, Renato Kehl passara a acreditar que a verdadeira eugenia seria realizada efetivamente a partir de medidas mais extremas, como o controle matrimonial e da reprodução humana, a restrição da imigração, a segregação racial e a esterilização dos indivíduos considerados "inaptos" ou "inferiores". Seus contatos intelectuais, que até então haviam se definido com vistas à formação de uma rede latino-americana de eugenia, estenderam-se progressivamente no sentido de uma maior aproximação com os eugenistas alemães, escandinavos

e norte-americanos. Além da correspondência que passou a manter com eugenistas como Eugen Fischer, Herman Lundborg, Hans Haustein, Hermann Muckermann e Charles Davenport, artigos desses e outros eugenistas estrangeiros eram citados frequentemente em suas obras ou, então, traduzidos no *Boletim de Eugenia*, peiódico dirigido pelo próprio Renato Kehl.

A partir do final da década de 1920, Kehl passou a delimitar o conceito e a área de atuação em que a ciência eugênica deveria intervir. Argumentando que os conhecimentos eugênicos não eram corretamente utilizados pelos intelectuais brasileiros, ele explicava que a eugenia era uma ciência com fronteiras perfeitamente delimitadas, contrariando um ponto de vista que, até então, ele mesmo havia sustentado. Vale ressaltar que, ao definir um conceito mais restrito para a eugenia, Kehl procurava construir um espaço de autonomia para essa ciência em relação a outros saberes. Para o autor, eugenia e eugenismo, ou higiene, deveriam ser corretamente distinguidos. A primeira seria responsável pela preservação da hereditariedade, das células da reprodução; enquanto o segundo deveria restringir-se aos cuidados com o meio externo em geral, com as medidas que, apesar de não interferirem nas futuras gerações, se constituíam como um auxiliar da eugenia. Sintonizado com os argumentos de August Weismann sobre a continuidade do plasma germinativo, Renato Kehl definia a hereditariedade humana como características biológicas inatas e fixas que se encontravam nas células da reprodução. Assim, contrariando as concepções da hereditariedade neolamarckista, o eugenista alertava que os caracteres do meio poderiam ser herdados, mas não transmitidos hereditariamente à descendência.

As próprias discussões sobre raça, miscigenação racial e imigração também ganharam um tom mais radical e racista

no projeto eugênico de Renato Kehl. Se durante os anos 1910 e 1920, esse autor apresentava, de maneira geral, uma concepção otimista e assimilacionista sobre a questão racial brasileira, já que acreditava que o processo de miscigenação conduziria ao branqueamento da nacionalidade, a partir do final dos anos 1920, seus pressupostos eugênicos se caracterizariam por um forte pessimismo quanto ao futuro racial da nação, chegando a contrariar veementemente o processo de miscigenação. Em suas palavras, a "mistura racial" entre indivíduos de "raças diversas", sobretudo entre a "raça branca" e a "raça negra", era desmoralizante e inaceitável, pois formava uma prole mestiça, híbrida e degenerada.[412] Para ele, o principal problema nacional se concentrava exatamente na miscigenação racial que, historicamente, vinha ocorrendo no Brasil.

Assim, preso ao determinismo biológico radical, Renato Kehl ressaltava que não haveria solução para os grandes problemas nacionais sem um programa eugênico voltado para a "política biológica".[413] Esse eugenista entendia que cabia ao estado não somente o controle da natalidade e da mortalidade, mas também a criação de uma política eugênica que pudesse intervir para evitar os matrimônios não aconselháveis e a reprodução dos "anormais", além da restrição à entrada de imigrantes considerados eugênicamente indesejáveis. De maneira geral, Renato Kehl visualizava a nação e a população nacional como um grande corpo biológico que deveria ser guiado de maneira racional tanto pelas forças políticas do Estado quanto pelo saber científico. Desse modo, é possível dizer que essa forma de administração da saúde racial, da natalidade, da imigração, do matrimônio e da reprodução humana, representava, em

412. KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. op. cit., 1929, p. 191.

413. KEHL, Renato. *Esboço histórico e bibliográfico*..., op. cit., 1929, p. 49.

extremo, aquilo que Michel Foucault chamou de biopolítica, ou seja, a prática governamental que visava o gerenciamento efetivo da vida orgânica e social das populações nacionais.[414]

Como procurei ressaltar, o modelo extremado de eugenia defendido por Renato Kehl, somado às suas concepções sobre a questão racial, suscitaram grandes polêmicas entre os intelectuais brasileiros, principalmente após o lançamento do seu livro *Lições de Eugenia* e da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Ao mesmo tempo em que formou um grupo de aliados que legitimavam suas ideias mais radicais, o projeto eugênico de Renato Kehl encontrou uma forte oposição, mesmo no interior do campo eugênico, como as severas críticas levantadas pelos antropólogos Edgard Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca. Para estes e outros intelectuais ligados ao movimento eugênico, os problemas da nação não estavam relacionados à questão racial e ao "estoque genético" da população, já que os "tipos brasileiros" seriam formados a partir de uma "miscigenação eugênica", mas sim às péssimas condições de vida em que se encontrava a grande maioria dos brasileiros.

Apesar da reputação e do reconhecimento que havia adquirido junto a um grupo de eugenistas nacionais e estrangeiros, o projeto da "eugenia negativa" proposto por Renato Kehl não teve força suficiente para se impor como um modelo dominante no interior do campo eugênico. Ao contrário, as ideias extremadas e racistas foram duramente

414. Para Foucault, a biopolítica foi uma importante ferramenta utilizada pelo Estado a partir do século XVIII, para manter a homogeneidade nacional, a ordem social e o controle mais efetivo sobre as forças produtivas das populações. Sobre o conceito de biopolítica, ver FOUCAULT, Michel, Direito de morte e poder sobre a vida. In: _____. *A história da sexualidade*: a vontade de saber – vol. I. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1997, p. 125-149; FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 p. 89-97.

rejeitadas pela maioria dos intelectuais e das autoridades públicas brasileiras que, de maneira geral, continuaram centralizando suas preocupações nas reformas sociais mais amplas, como da saúde pública e da educação. Do mesmo modo, considerando os argumentos mobilizados por seus contendores durante o congresso de 1929, é possível afirmar que, ao mesmo tempo em que Renato Kehl procurava autonomizar a ciência eugênica, eram outros saberes científicos que estavam de fato se autonomizando. É nesse sentido que poderíamos ler, por exemplo, as críticas lançadas por Fróes da Fonseca contra as concepções científicas de Renato Kehl. Por outro lado, é preciso destacar, ainda, a própria refutação de Fróes da Fonseca em relação ao prestígio que Kehl havia adquirido entre o público mais amplo. Naquele momento, o reconhecimento fora do campo científico não apenas o desqualificava como cientista, como depunha contra ele.

Em 1933, meses depois de sua segunda viagem à Alemanha, Renato Kehl lançou o livro *Sexo e civilização – aparas eugênicas*, no qual explicitava, de forma ainda mais intensa, sua aproximação com as ideias eugênicas autoritárias e racistas, ao estilo da "higiene racial" alemã. Nessa obra, Kehl manteria sua crença no pressuposto de que o "*grande mal do Brasil é um mal de raça*".[415] Assim, fortemente influenciado pelo racismo biológico, o autor afirmava:

> Os cruzamentos heterogêneos (entre raças diferentes, por exemplo, entre indivíduos brancos e pretos, entre pretos e amarelos ou bronze, etc), são responsáveis pelo aparecimento de excessivas variações que representam *desvios da norma genética*. *A vida numa sociedade é tanto*

415. KEHL, Renato. *Sexo e Civilização...* op. cit., 1933, p. 204 [grifo nosso].

> *mais intensa, desordenada, prenhe de vicissitudes, de crimes, de degeneração, quanto mais heterozigotos os elementos que a compõem*"[416] [grifo nosso].

Por outro lado, enquanto para Renato Kehl os problemas nacionais eram compreendidos como sendo de origem eminentemente racial, o sociólogo Gilberto Freyre apresentava no prefácio da obra *Casa-grande e Senzala*, publicada também em 1933, uma outra interpretação a essa mesma questão:

> Vi uma vez, depois de quase três anos de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas* pela neve mole do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil, '*the fearfuly mongrel aspect of population*'. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes.[417]

Para Gilberto Freyre, os males que haviam formado aquelas "caricaturas de homens", que ele havia visto andando sobre a neve mole do Brooklyn, não deveriam ser atribuídos à raça ou à miscigenação racial, mas ao estado patológico e às péssimas condições sociais e econômicas em que vivia a maioria da população nacional. Influenciado pelos argumentos do movimento sanitarista, pelos estudos antropológicos produzidos

416. Idem., p. 44.

417. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*... op. cit., 1946 [1933], p. 17-18.

no Museu Nacional e pelas concepções da antropologia cultural de Franz Boas, Gilberto Freyre fazia uma forte oposição às análises racistas como aquelas defendidas por Renato Kehl.[418] De maneira geral, o autor de *Casa-grande e Senzala* pode ser visto como um certo antípoda de Renato Kehl, como um dos intelectuais brasileiros que, ao lado de Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca, opuseram-se diametralmente ao projeto radical e racista defendido Kehl.

418. Sobre a influência de Franz Boas e do pensamento neolamarckista na obra de Gilberto Freyre, ver ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra e Paz*: "Casa-grande & Senzala" e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30: Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

ADAMS, Mark B. Toward a comparative history of eugenics. In: _____ (org.). *The Wellborn Science*. Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 217-231.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral*: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Unesp, 1999.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Guerra e Paz*: "Casa-grande & Senzala" e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

AZEVEDO, Célia Marinho de. *Onda negra, medo branco*: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos*: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz / UFRJ, 1999.

BLOCK, Pamela. Sexuality, parenthood, and cognitive disability in Brazil. *Sexuality and Disability*, Nova York, vol. 20, n. 1, mar., 2002, p. 07-28.

BOARINI, Maria Lucia (org). *Higiene e raça como projetos*: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*: sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

_____. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 183-202.

_____. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus*: a luta contra a sífilis no Brasil, na passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

_____. Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 428-453.

CARVALHO, José Murilo. Brasil 1870-1914: A força da tradição. In: _____. *Pontos e bordados*: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 107-129.

CASTAÑEDA, Luiza Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Revista Episteme*, Porto Alegre, vol. 3, n. 5, 1998, p. 23-48.

CASTRO SANTOS. Luiz Antonio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Dados – Revista de Ciências Sociais*, vol. 28, n. 2, 1985, p. 137-276.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *Brasil e brasileiros de hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1961.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Intenção e gesto*: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1999.

DIWAN, Pietra. *O Espetáculo do feio*: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.

FERREIRA, Luis Otávio. *O nascimento de uma instituição científica*: o periódico médico brasileiro da metade do século XIX. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. In: _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 p.89-97.

_____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: _____. *A história da sexualidade*: a vontade de saber – vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1997, p.125-49.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____ (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro. FGV, 2004. p. 07-24.

GONZÁLEZ, Armando García. Darwinismo, eugenesia y mendelismo em la enseñanza de la biologia em Cuba: 1900-1959. In: GLICK Thomas F.; RUIZ, Rosaura; PUIG-SAMPER, Miguel Ángel (org). *El darwinismo em Espanha e Iberoamérica*. México, 1999, p. 199-214.

GOULD, Steven Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. *Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq)*: os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937). Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2010.

HERSCHMANN, Micael M..; PEREIRA, Carlos Alberto M. O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (org). *A invenção do Brasil moderno*: medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.9-42.

HOBSBAWM, Eric. A queda do liberalismo. In: _____. *A era dos extremos*: o breve século XX -1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 113-143.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.

_____. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências*: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 199-231.

KEVLES, Daniel. *In the name of eugenics*. Genetic and the uses of human heredity. Nova York: Knopf, 1995.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p. 23-40.

_____. Pouca saúde e muita saúva: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 493-533.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: UNESP, 1999.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky*: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.

_____. "A nação no microscópio": intelectuais médicos e ordem social no Brasil. *Siglo XIX – Revista de História*. México, n. 12, jul. – dez., 1992, p. 41-62.

_____. Raça, doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MONTEIRO, Simone; SANSONE, Livio (Org). *Etnicidade na América***:** um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p.15-44.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça*: médicos, educadores e discurso Eugênico. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, Lílian Al-Chueyr Pereira. August Weismann e a evolução: os diferentes níveis de seleção. *Revista da SBHC*. Rio de Janeiro, n. 1, 2003, p. 53-75.

MELO, Luis Correia. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito*: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. Tramas e teias da retórica eugênica em São Paulo. Personagens,contextos e instituições médicas (1916-1954). In: _____ (org). *Eugenia e história:* ciência, educação e regionalidades. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013, p. 201-218.

NALLI, Marcos. *O gene educado*: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2000.

NARI, Marcela M. A. La Eugenésia em Argentina, 1890-1940. *Quipu - Revista Latino Americana da História das Ciências e da Tecnologia*. México, vol.12, n. 3, set.-dez., 1999, p.275-304.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Autoridade política: o pensamento de Azevedo Amaral. In: GOMES, Ângela de Castro; OLIVEIRA, Lucia Lipi de; VELOSO, Mônica (org). *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p. 48-70.

_____. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PROCTOR, Robert. *Racial hygiene*: medicine under the nazis. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.

REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia*. O projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado em História) - Unicamp, Campinas, 1994.

_____. Raça, imigração e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 36, dez., 1999, p. 29-55.

ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social*: São Paulo – 1889-1930. Bauru: Edusc, 2002.

SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, p. 125-138.

_____. Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma Nação: debates em Antropologia Física no Brasil (1870-1930).

In: PENNA, Sérgio D. J. (org). *Homo Brasilis*: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. São Paulo: Funpec, 2002, p. 113-129.

SANTOS, Ricardo Ventur; MAIO, Marcos Chor. Injetando sangue no mito da democracia racial? Genética, relações raciais e olítica no Brasil Contemporâneo. In: PENA, Sérgio D. J. (org). *Homo Brasilis*: aspectos genéticos, linguísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. São Paulo: Funpec, 2002, p. 175-192.

SCHNEIDER, William H. The eugenics movement in France 1890-1940. In: ADAMS, Mark, B. (org). *The Wellborn Science*. Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 69-109.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O spetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. Racial ideas and social policy in Brazil – 1870-1940. In: GRAHAM, R. (org). *The idea of race in Latin America – 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935). Rio de Janeiro: FGV/FIOCRUZ, 2017.

STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

_____. A eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (org). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios

históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 331-391.

_____. *A hora da eugenia*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

STERN, Alexandra Minna. Mestizofilia, biotipologia y eugenesia em el México post-revolucionario: hacia uma historia de la ciência y el Estado, 1920-1960. In: ARMUS, Diego (org). *Avatares de la medicalización em América Latina (1870-1970).* Buenos Aires: Lugar Editorial, 2004, p. 275-304.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *Revista História, Ciência, Saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, maio/ago., 2002, vol. 9, n.2, p. 387-404.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 44, out., 2000, p. 11-34

VENANCIO, Ana Teresa; FACCHINETTI, Cristiana. "Gentes provindas de outras terras" – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista LatinoAmericana de Psicopatologia Fundamental*. Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2, jun. 2005, p. 356-363.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WAILOO, Keith. Detecting "Negro Blood": black and identities and the reconstruction of sickle cell anemia. In: _____. *Drawing Blood:* technology and disease identity in twentieth-century America. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1997, p. 134-161.

WEISS, Sheila Faith. The Race Hygiene Movement In Germany 1904-1945. In: ADAMS, Mark B. (org.). *The wellborn science*. Eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990, p. 08-68.

Fontes Documentais

Arquivos e bibliotecas pesquisados

Fundo Pessoal Renato Kehl – DAC-COC, Fiocruz

Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz

Biblioteca Nacional – Sessão de Obras Gerais

Biblioteca de Obras Raras de Manguinhos

Biblioteca de Manguinhos – Sessão de Periódicos

Biblioteca Geral do Museu Nacional - UFRJ

Livros, teses, artigos e folhetos

AMARAL, Amadeu. Cuidar da infância. *Revista do Brasil*. São Paulo, v.16, n. 162, fev. de 1921, p. 140-41.

AMARAL, Azevedo. O problema eugênico da imigração. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 327-340.

ARMINSTRONG, Charles W. *Melhoremos a nossa raça*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1916.

AZEVEDO, Fernando. Meninas feias e meninas bonitas: eugenia e plástica. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 148-153.

_____. O segredo de Marathona. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 115-135.

BAUER, Julius. As leis mendelianas. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, n. 23, nov. 1930, p. 1-3.

_____. As leis de Mendel em relação aos homens. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano II, n. 24, dez. 1930, p. 9-10.

_____. As leis mendelianas – fatores pleiatropos. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 25, jan. 1931, p. 5-7.

BARRETO, Luis Pereira. Eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 07, n. 28, abr. 1918, p. 415-417.

BARRETO, Castro. O médico e o culto da raça. *Revista Brazil-Médico*, Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, 02 out. 1922, p. 208-209.

BONFIM, Manoel. *América Latina*: males de origem. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor, 1938 [1905].

CAMPOS, Humberto. O apostolado do Dr. Renato Kehl. *Jornal Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 12 maio 1932.

CARNEIRO, Levi. Educação e Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.* Rio de Janeiro, 1929, p. 107-116.

COELHO NETO, H. M. Aviso. *Revista do Brasil*, São Paulo, vol. 12, n. 48, dez. 1918, p. 376-377.

COUTO, Miguel. *A seleção social*. Rio de Janeiro. Irmão Pongetti Editores, 1942.

DELFINO, Victor. A propósito de um livro sobre eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, n. 21, set 1929, p. 4.

DOMINGUES, Octávio. Vamos receber o pioneiro da eugenia no Brasil. *Jornal O movimento*, Piracicaba, 20 jun. 1931.

DREYFUS, André. O estado actual do problema da hereditariedade. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 87-97.

FARANI, Alberto. Como evitar as proles degeneradas? Resposta às objeções da Encíclica *Casti-connubi*. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 34, out. 1931, p. 3-7.

FONSECA, Álvaro Fróes da. Os Grandes problemas da antropologia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro. 1929, p. 63-86.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

HENRIQUE, João. *Do conceito eugênico do habitat brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Besnard Fréres, 1917.

HUERTA, Luis. Hombres nuevos. *Jornal Adelante Madrid*. Madrid, s/d, 1932.

KEHL, Renato Ferraz; MONTEIRO, Eduardo. *O Médico do lar*; dicionário popular de medicina de urgência. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1919.

_____. *Blastomicose*. Tese de Medicina- Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1915.

_____. Movimento associativo. *Jornal O Estado de São Paulo*: São Paulo, 07 set. 1918.

_____. O que é eugenia. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 9, n. 35, nov. 1918, p. 304-305.

_____. Saneamento Rural. *Revista Chácaras e Quintaes*. São Paulo, vol. 18, n. 3, set. 1918, p. 209-211.

_____. Conferência de Propaganda Eugênica. *Annaes de Eugenia* - Sociedade Eugênica de São Paulo. São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 67-79.

_____. Darwinismo social e eugenia. In: *Annaes de Eugenia – Sociedade Eugênica de São Paulo*. São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 177-183.

_____. Sociedade Eugênica de São Paulo. *Jornal do Comércio*. São Paulo, 4 abr. 1919.

_____. As Associações Eugênicas. *Diário Popular*: São Paulo, 5 abr. 1919.

_____. O casamento consanguíneo em face da Eugenia. São Paulo: *Revista do Brasil*, v.11, n. 42, jun. 1919, p. 189-190.

_____. Eugenia. *Diário de Barbacena*. Barbacena, 9 out., 1919.

_____. *Povo são e povo doente*. Rio de Janeiro. Revista do Brasil, 1920.

_____. Eugenia ou eugênica: a luta contra as degenerações. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 6 fev. 1920.

_____. Os problemas da regeneração das raças. *Jornal A Noite*. Rio de Janeiro, 3 jul. 1920.

_____. O primeiro movimento eugenista. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 maio 1921.

_____. O papel da Eugenia na restauração das raças. Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 16 jun. 1921.

_____. As questões de raça. *Gazeta do Povo*, Curitiba, out. 1921.

_____. A cura da fealdade. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 20, n. 78, jun. 1922, p. 179.

_____. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co, 1923.

_____. *Fada Hygia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

_____. O problema do casamento. *Gazeta de Noticias*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1923.

_____. O homem puro-sangue: a possibilidade de sua criação. *Jornal Gazeta de Noticias*. 13 abr. 1923.

_____. A Infância. *Jornal Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 8 jun. 1923.

_____. O ensino da higiene nas escolas primárias. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 jul. 1923.

_____. Higiene rural. *Revista Saúde Pública*. Rio de Janeiro, ago. 1923.

_____. Filhos de luéticos. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 out. 1923.

_____. O cupin da raça. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 21 out. 1923.

_____. A sífilis e o matrimônio. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1923.

_____. Educação e instrução. *Revista Nacional*. Rio de Janeiro, 1923, p. 716-721.

_____. *O perigo venéreo*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Saúde Pública, 1924 [1921].

_____. Os efeitos do alcoolismo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1924.

_____. Da eugenia e o futuro do Brasil. In: *Theses Oficiais, memórias e conclusões do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora, 1925[1922], p. 870-884.

_____. A consanguinidade e a surdo-mudez. *Revista de Higiene e Saúde*. Rio de Janeiro, jun. 1925.

_____. *Bíblia de saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

_____. *Formulário de beleza – fórmulas escolhidas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

_____. O problema da educação sexual (Tese apresentada na Conferencia Nacional de Educação – 1927). *A Folha Médica*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1928.

_____. A Eugenia na Europa e no Brasil (entrevista com o eugenista Renato Kehl). *O Jornal*. Rio de Janeiro, 18 set. 1928.

_____. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929.

_____. A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1929, p. 45-62.

_____. O nosso boletim. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 01, n. 1, jan. 1929, p. 01.

_____. Kleine Nachtichten. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, vol. 01, n. 01, jan. 1929, p. 4.

_____. Discurso na Associação Brasileira de Farmacêutico. *Revista Mundo Novo*. Rio de Janeiro, jan. 1929.

_____. Instituto Brasileiro de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, fev. 1929, p. 01-02.

_____. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. Rio de Janeiro: *Boletim de Eugenia*, v.1, n. 5, maio 1929, p. 01-02.

_____. Campanha da raça. *Jornal A Pátria*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1929.

_____. Hereditariedade e inteligência. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, n. 6-7, jun.-jul. 1929, p. 8.

_____. Eugenia e eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, ago. 1929, p. 01.

_____. Educação e eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, set. 1929, p. 01-02.

_____. Limitação da natalidade. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 12, dez. 1929.

_____. Galton: sábio construtor. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1930.

_____. Aparas médicas: os homens no ano 2030. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.

_____. Aparas médicas: criminalidade como destino. *Correio da Manhã*. 19 ago. 1930.

_____. Crescei e multiplicai-vos. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano II, n. 18, jun. 1930, p. 01-02.

_____. Tal pai, tal filho. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 26, fev. 1931, p.2-4.

_____. Uma nova entidade científica que aparece - A Comissão Central Brasileira de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 27, mar. 1931, p. 01-02.

_____. Porque se fundou a C.C.B.E.. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 27, mar. 1931, p. 02.

_____. Brazilian Central Commitee for the study and propaganda of eugenics. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano III, n. 28, abr. 1931, p. 05-06.

_____. Pelas erações futuras: esboço de um programa avançado de eugenia nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 21 abr. 1932.

_____. *Sexo e civilização* - aparas eugênicas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933.

_____. *Posse do novo acadêmico* - Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro: Tipografia América, 1933.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. In: _____. *Obras completas de Monteiro Lobato* - 1º série, literatura geral. São Paulo: Brasiliense, 1957 [1914].

_____. O problema vital. In: _____. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964 [1918].

LUNDBORG, Herman. Cruzamentos de raças. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 34, out. 1931, p. 1-3.

MAGALHÃES, Alfredo Ferreira. *Pró Eugenismo*. Bahia: Tipografia de São Francisco, 1913.

MAGALHÃES, Bernardo de. Eugenia: seus fins – fatores disgênicos a combater. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

MEIRA, Rubião. Fatores de degeneração de nossa raça: meios de combatê-los. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 49-64.

MENDES, Alcides. Um benfeitor da humanidade. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, jan. 1929.

MJOEN, John Alfred. Cruzamento de raças. *Boletim de eugenia*, Rio de Janeiro, ano III, n. 32, ago. 1931, p. 1-6.

MOREIRA, Juliano. A seleção individual de immigrantes no programa da hygiene mental. *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, mar. 1925, p. 109-115.

MOURA, Olegário de. Saneamento-eugenia-civilização. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 80-92.

_____. Discurso de inauguração da Sociedade Eugênica de São Paulo. In: *Annaes de Eugenia* (Sociedade Eugênica de São Paulo). São Paulo: Revista do Brasil, 1919, p. 07-12.

MUCKERMAN, Hermann. Eugenia e catolicismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, abr. 1929, p. 2-3.

NORTE, João do (Gustavo Barroso). Lições de eugenia. *Jornal A Ordem*. Rio de Janeiro, 4 ago. 1929.

PACHECO E SILVA, A. C. Immigração e criminalidade. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, dez. 1925, p. 27-35.

PEIXOTO, Afrânio. As doenças evitáveis. *Revista Brazil-Medico*. Rio de Janeiro. 05 jan. 1924. Ano XXXVIII, vol. I, n. 1, p. 3-5.

PENNA, Belisário; NEIVA, Arthur. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernanbuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 30, p. 74-224, 1916 [1912].

PENNA, Belisario. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora dos Tribunais, 1918.

_____. *Exército e Saneamento*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes. 1920.

_____. A luta contra o alcoolismo. *Revista Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XXXVI, vol. 11, out. 1922, p. 212-214.

_____. Eugenia e Eugenismo. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, out. 1929, ano I, n. 10, p. 3-4.

PINHEIRO, Xavier. A Fada Hygia. *Jornal O Malho*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1924.

RIBEIRO, João. Questiúnculas. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, fev. 1929.

_____. Resenha da obra Lições de Eugenia de Renato Kehl. *Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro, 17 jul. 1929.

ROCHA, Franco da. Alcoolismo e loucura. *Revista do Brasil*. São Paulo, vol. 8, n. 32, ago. 1918, p. 495-96.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Seixos rolados – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro. Mendonça, Machado e Co., 1927.

_____. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 119-147.

_____. Discurso de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. In: *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 07-12.

ROXO, Henrique. Higiene Mental. *Archivos Brasileiro de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1925, p. 01-09.

SOUZA, João Prudêncio de. *Syphilis e eugenia*. Tese de medicina, Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia, 1923.

TEPEDINO, Alexandre. *Eugenia*. Rio de Janeiro. Tese de Medicina, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1914.

TORRES, Alberto. *O problema nacional*: introdução a um programa de organização nacional. São Paulo: Editora Nacional, 1982 [1913].

Formato: 160mm x 230mm
Tipologia: Minion Pro; Univers 47; Cambria; Weiss BT; Eras Light ITC